

SINNERS *condemned*

SOMME SKETCHER

AVISO

A presente tradução foi efetuada por um grupo de fãs da autora, de modo a proporcionar aos restantes fãs o acesso à obra, incentivando à posterior aquisição. O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os de fã para fã, e disponibilizando-os aos leitores fãs da autora, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto.

Levamos como objetivo sério, o incentivo para os leitores fãs adquirirem as obras, dando a conhecer os autores que, de outro modo, não poderiam ser lidos, a não ser no idioma original, impossibilitando o conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, este grupo de fãs poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que forem lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução dos grupos, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo este grupo de fãs de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar a presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

SINOPSE

Nada de bom vem de uma ruiva em um vestido roubado com suas posses mundanas a seus pés.

Deveria saber que era um problema quando a fumaça e o pecado a seguiram até meu bar e ela me desafiou para um jogo.

Pode ter ganhado meu relógio, mas começou uma guerra.

Enquanto tirava meu *Breitling*[1] do pulso e colocava no dela, ela anunciou alegremente que era a garota mais sortuda do mundo.

Sim, sorte para todos, menos para mim.

Porque no momento em que suas botas enlameadas desceram as escadas e subiram pela minha espinha, meu império começou a desmoronar.

Meu encanto de caxemira está se enrugando.

Minha fachada de cavalheiro está rachando.

Meus inimigos estão se aproximando.

Talvez a cigana tivesse razão: a Rainha de Copas me arrastará para o inferno.

Pelo menos está maravilhosamente quente entre as chamas.

PRÓLOGO

NOVE ANOS ANTES

Rafe

A chama do Zippo ganha vida, aquecendo a parte inferior do meu queixo enquanto acendo outro cigarro. Só fumo quando estou procrastinando.

Este é o meu terceiro em cinco minutos.

Inalo, escurecendo meus pulmões com produtos químicos que não consigo pronunciar. Ao expirar, coloco minha cabeça contra a parede e observo a névoa derreter no céu noturno.

Foda-se.

Vamos todos morrer de qualquer maneira.

Do outro lado da rua, a barraca range, então a porta se abre, lançando um brilho alaranjado sobre o paralelepípedo. Meus olhos deslizam até ela e encontram o olhar de uma cigana irritada.

— Você ficará aí a noite toda? — Ela cruza os braços e se encosta no batente da porta. — Está assustando os clientes.

A última coisa que devo fazer hoje é sorrir. Não sorri no dia em que enterra seus pais, porque não há nada de engraçado em ver a terra suja sendo jogada em cima de sua mãe. Não consigo porém impedir que a diversão entorte meus lábios.

— Aposto toda a minha carteira de investimentos que minha mãe é sua única cliente desde a Grande Depressão. — Carrancuda, ela abre a boca para responder, mas depois faz uma pausa e varre a rua vazia. — Onde está sua mãe, afinal?

Minha diversão se transforma em uma risada amarga, alimentada pela ironia. Largo meu cigarro e o esmago nas pedras com o salto do meu sapato. — Sua bola de cristal precisa de polimento? Ela está a dois metros de profundidade, querida.

Empurro a parede e fecho a distância entre nós, subindo os passos frágeis até a sua barraca, dois de cada vez, e parando a apenas alguns centímetros dela. Ela envolve seu xale mais apertado em torno de si, seu olhar cauteloso saltando para encontrar o meu.

— Andou bebendo.

— Sim? Talvez estivesse errado sobre você ser uma hacker.

— Não precisa ser psíquica para saber — diz, dando um passo atrás na carroça e dando um pequeno aceno de cabeça. — Posso sentir o cheiro no seu hálito. Se você está aqui para uma leitura, bem, não leio para os embriagados. A bebida torna difícil ver a sorte.

Pego meu clipe de dinheiro, tiro algumas notas do rolo e as jogo aos seus pés.

— Certamente, vê dinheiro?

Seus olhos se estreitam. Aproveito seu silêncio e passo por ela. Ergo as calça do terno e afundo no banco baixo em frente à mesa.

Outra risada me escapa, esta com um gosto ainda mais amargo que a anterior. De todos os lugares que deveria estar esta noite, uma barraca cigana na parte suja de Las Vegas

não é um deles. Zombo das luzes de corda e das velas porque não fazem nada para esconder o quão patético é aqui. Colchas e almofadas esfarrapadas com estampas desbotadas, pilhas de cartões com orelhas acumulando poeira.

Atrás de mim, ouço unhas compridas arranhando o assoalho enquanto a cigana pega meu dinheiro. Ela se abaixa no banco à minha frente, seus velhos ossos estalando.

— Lamento saber sobre sua mãe. — Pega um baralho de cartas e o divide em dois. — Mas sou uma cartomante, não um médium.

— Não falo vigarista.

Suas narinas dilatam. — Significa que leio a sorte com cartas de baralho. Não faço contato com os mortos.

— Ainda bem que não estou aqui para bater papo com o fantasma da minha mãe então.

Seus olhos se voltam para os meus, primeiro com surpresa, depois escurecem para um tom mais sinistro. — Então, *está* aqui para uma leitura. Quando veio aqui com sua mãe há três semanas, ofereci-lhe uma leitura e, em troca, você ameaçou queimar minha barraca, junto comigo dentro. — Inclina a cabeça, lançando um olhar suspeito sobre minhas feições. — Mas agora mudou de ideia.

Acho que sim.

Mama era obcecada pelo destino. Viveu toda a sua vida pela virada de uma carta de tarô ou pelo movimento de uma bola oito. Isso a consumiu. Não conseguia nem ir ao *Starbucks* sem tentar entender a borra no fundo do copo de papel.

Eu?? Sou um cético nato, o que é irônico, considerando que possuo um cassino, mas qualquer empresário sensato em qualquer setor sabe que confiar na sorte para ter sucesso é

como fechar os olhos, inclinar-se contra o vento e esperar que o leve na direção certa.

Há habilidade e há probabilidades. É isso. A sorte não é para os otimistas; é para os preguiçosos e desesperados.

Minha Mama era uma exceção; não se enquadrava em nenhuma dessas categorias. Tinha esperança no coração e dinheiro no bolso, o que a tornava um dia de pagamento ambulante para charlatães como esta.

Adivinhos, médiuns, cartomantes: todos são trapaceiros. E não há nada que odeie mais neste mundo do que um trapaceiro. E ainda...

Engulo a pedra em minha garganta e esfrego a nuca em minha mandíbula. E, no entanto, esta velha cigana a minha frente - sabia que minha mãe iria morrer.

— Você sabia.

Ela varre lentamente as cartas espalhadas e as coloca em uma pilha organizada. — Sua mãe desenhou a dupla da morte.

Essa porra de frase. A primeira vez que ouvi isso, tinha rido em descrença. Agora, não acho isso tão engraçado.

Menos de um mês atrás, Mama apareceu em minha suíte na cobertura, carregada com uma mala de viagem e um brilho nos olhos. Ela me presenteou com um relógio para celebrar a abertura do meu primeiro cassino, *Lucky Cat*, mas logo ficou claro que apoiar meu empreendimento comercial em dificuldades não era o único motivo de sua visita a *Sin City*[2].

— Há alguém que eu gostaria de ver — disse timidamente, sentada no meu bar sujo do cassino e segurando um Martini com gotas de limão. — Uma cartomante perto da *Fremont Street*.

Revirei os olhos, mas insistiu. *Ela é a melhor. Ninguém no noroeste do Pacífico lê cartas de baralho. Vamos Rafey, quando em Las Vegas...*

Eu tinha escurecido a porta da barraca durante toda a leitura, com os punhos nos bolsos, certificando-me de que não fosse roubada mais do que ela havia concordado.

Primeiro, ela puxou o Sete de Copas. Uma traição de um ente querido.

Então, o Valete de Ouros. O portador de más notícias.

Por fim, a cigana virou o Ás de Espadas.

A barraca ficou em silêncio. Eventualmente, minha mãe arrastou as palmas das mãos sobre a saia e disse — Bem, então.

Agora, agarro a borda da mesa e lanço um olhar furioso para a cigana. — A Dupla da Morte — repito. — Está me dizendo seriamente que todo mundo que saca o Valete de Ouros, seguido pelo Ás de Espadas, cai e morre?

Ela sobe um ombro. — É uma combinação rara.

— Não é tão raro. A probabilidade de retirar as duas cartas consecutivamente de um único baralho sem substituí-las é de uma em dois mil, seiscentos e cinquenta e dois.

— Fez sua lição de casa.

— Não, fiz as contas. — Enfio a mão no bolso e passo os dedos pelos dados. — São estatísticas. A lei da probabilidade.

— Nem tudo neste mundo pode ser explicado com razão ou lógica. — Há uma presunção em seu tom; uma que me faz querer sufocar a vida dela. — Mas está começando a ver isso, não está? Caso contrário, você não estaria aqui.

Passo a língua pelos dentes. Arrastei meus olhos para as vigas empoeiradas que sustentam o teto da barraca. As chances de minha mãe tirar a suposta Dupla da Morte eram mínimas, mas a série de eventos que aconteceram no mês seguinte é quase impossível de colocar uma probabilidade estatística.

Mama morreu de ataque cardíaco, apesar de ter um bom atestado de saúde. Então, menos de uma semana depois, meu pai morreu de um súbito sangramento no cérebro.

Solto uma risada de descrença. Uma semana. Sete malditos dias; foi o suficiente para acabar com metade da minha família imediata. Sete dias para tirarem o tapete debaixo dos meus pés.

Hoje, foi Angelo quem puxou o último centímetro quadrado do referido tapete com seu anúncio repentino.

Não voltarei para o Devil's Dip.

Estávamos parados na beira do penhasco, a um metro dos corpos recém-enterrados de nossos pais quando nos contou. Não era tanto uma bomba, mas um sussurro venenoso; murmurou as palavras tão baixinho que pensei que o vento estava pregando peças em meus ouvidos, mas com um olhar em seus olhos sombrios, vi turbulência e uma determinação férrea.

Acho que sou um mentiroso. Acredito no destino de alguma forma. Como todo *made man*, meu caminho de vida me foi traçado desde o dia em que nasci. Meu pai era o capo do Devil's Dip, e era certo que, uma vez que morresse, o título seria passado para Angelo, meu irmão mais velho, também era certo que eu me tornaria seu subchefe, e Gabe, nosso irmão mais novo, seu *consigliere*[3].

Aprendi uma dura lição em sete dias. Porque agora Angelo está do outro lado do Atlântico, Gabe sabe-se lá onde, e eu

fico parado no final do meu chamado caminho, *sozinho,* me perguntando onde a estrada foi.

A *Cosa Nostra* é minha vida, e passei a maior parte dos meus vinte e cinco anos me preparando para esse papel de subchefe.

Estágios na *Goldman Sachs* e *JP Morgan*. Possuo mestrado pela *Harvard Business School*. Inferno, a única razão pela qual comprei um cassino em Las Vegas foi aprender as cordas antes de construir meu legado em casa.

Casa. Porra. Sempre pensei que lar é onde minha família está, mas agora não tenho tanta certeza. Sei que sempre posso voltar para *Coast*. Tio Alberto me aceitaria como um *Caporegime*[4] para o grupo *Devil's Cove*, ou se eu quisesse manter minhas mãos limpas, me daria um cargo no conselho de sua empresa de uísque em *Devil's Hollow*.

Ser lacaio contudo não está no meu sangue. Nasci para construir um império, não para assentar os tijolos para o de outra pessoa.

— Dê as cartas.

Minha voz soa mais certa do que sinto. O olhar da cigana permanece no meu, então ela pega o baralho, o embaralha e coloca duas cartas familiares na mesa entre nós.

Da última vez, fez minha mãe chorar e eu estava em busca de sangue. Disse a ela para esperar do lado de fora, então chutei a porta para fechá-la com a ponta do meu *wingtip*. Assim que a chama do meu Zippo ganhou vida, a cigana ergueu as mãos e disse — Espere. Suas cartas continuam gritando comigo.

Bramei algo sobre ela ser uma megera e que não se safaria enganando dois Visconti, especialmente não na mesma porra de dia.

Hoje, no entanto, é diferente. Agora, estou sentado no mesmo banquinho em que minha mãe se sentou há menos de um mês, inquietação borbulhando sob minha pele. Minha mão não está segurando um isqueiro, mas meus dados, e estou apertando-os com tanta força que estão prestes a se fundir com a palma da minha mão.

— Como estava *tentando* dizer da última vez, sua carta ainda não foi distribuída. Seu destino não foi selado. — Respira pesadamente e esfrega as têmporas. — Sim, são definitivamente suas cartas. Estão gritando comigo ainda mais alto do que da última vez. Mal consigo me ouvir pensar.

Uma resposta sarcástica fermenta em minha língua, mas a engulo. Em vez disso, encaro as duas cartas com imagens à minha frente. O Rei de Ouros e o Rei de Copas.

— Explique de uma forma que não me dê vontade de socar a parede — digo, o mais calmamente que consigo. Quando começa a falar, levanto minha mão para silenciá-la. — E só porque estou ouvindo não significa que acredito na merda que sai da sua boca.

Ela endireita a coluna. — Na minha forma preferida de cartomancia — diz cuidadosamente — Acreditamos que cada alma recebe uma carta muito antes de ser trazida a esta terra. Chama-se *Card Calling*. As cartas geralmente são vagas, com cada naipe e valor representando o significado ou propósito mais amplo da vida de alguém. Por exemplo... — pega o baralho, tira a carta do topo e mostra para mim. É o Dez de Paus. — Se uma alma é chamada para o Dez de Paus, geralmente é atraída para viajar. Talvez estejam destinados a trabalhar no exterior ou encontrem o amor em um canto distante do mundo. — Coloca a carta de volta no baralho e me dá um sorriso de boca fechada. — Veja, vago, mas as cartas com figuras — faz um movimento amplo em direção as duas cartas entre nós antes de continuar — são muito mais

específicas. São um reflexo direto de quem uma pessoa se tornará.

A impaciência morde minhas bordas. Posso ter faltado ao velório dos meus pais para estar aqui, mas estou longe de ser um convertido. — Por que tenho duas cartas?

— Porque o destino não pôde decidir que carta dar a você. É muito raro.

— Tão raro quanto minha mãe desenhando a Dupla da Morte?

— Muito mais raro — fala, ou não percebeu meu sarcasmo ou optou por ignorá-lo. — Nunca vi isso na minha vida.

— Mm — resmungo, esfregando minha boca. — Então, posso escolher meu destino. — Meu olhar dispara até o dela. — Se você acredita nessa merda, é claro.

Ela acena com a cabeça. — Claro.

— E se eu não escolher?

Encolhe os ombros, mas o brilho atrás de seus olhos esconde sua indiferença. — O destino escolherá por você no devido tempo. — Ela se inclina, pedindo sem fôlego — Mas não gostaria de saber? Você não preferiria estar no controle de seu próprio destino?

Gosto de estar no controle. Minha vida é regulamentada; sou um homem de rotina. Tenho um terno para cada dia da semana e o meu calendário está marcado a cada minuto.

Minha mandíbula aperta. Está quente nesta porra de barraca. As paredes de madeira rangem contra uma rajada de vento e o motor de um supercarro ruge na direção da pista distante.

Estou ficando sóbrio, rápido.

— Rei de Ouros ou Rei de Copas. Estou destinado a me tornar um homem de negócios ou um amante.

— Então, *estava* ouvindo da última vez. — Diz com um sorriso. Um olhar ardente meu limpa seus lábios murchos em um segundo. — Mas sim. Poder e dinheiro, ou amor e uma família. É simples assim.

Enrolo meus dedos em torno dos dados em meu bolso novamente. — Mas nunca os dois.

— *Nunca* os dois.

Engulo. — E tudo que tenho que fazer…

— É tocar em uma carta para selar seu destino, sim.

Retiro a mão do bolso e a cigana inspira profundamente, um ruído que me arranha a espinha como uma lixa. Da última vez que estive aqui, meu dedo indicador estava a um milímetro de tocar o Rei de Ouros. A ideia de que poderia garantir meu sucesso como homem de negócios era obviamente uma merda, mas a considerei pela mesma razão que os ateus fazem uma oração momentos antes da morte.

Apenas no caso de.

No entanto, no último segundo, me contive. Algo se mexeu sob minhas costelas e não gostei. A verdade é que de repente pensei em meus pais e no que tinham.

Amor verdadeiro. Amor implacável e galvanizado. O tipo que tira você da porra do almoço. Na *Cosa Nostra*, o amor verdadeiro é mais raro do que qualquer suposta Dupla da Morte ou o que quer que seja. Na verdade, meus pais eram as únicas pessoas que conhecia que chegavam perto disso. Há um velho ditado que diz que um homem só se casa por três motivos: negócios, política ou para evitar uma guerra. Assim

como sabia que estava destinado a ser um subchefe, sabia que me casaria com uma mulher por razões pragmáticas.

Enquanto olhava para ambas as cartas da última vez contudo, havia uma voz no fundo da minha mente. *Seria bom, não é? Olhar para uma mulher da mesma forma que meu pai olhava para minha mãe?*

Então, isso foi; isto é agora. Agora, há outra voz que é mais alta, uma que está gritando *foda-se amor verdadeiro.* Agora, meus pais estão sob dois metros de terra e não têm nada para mostrar por seu amor além de uma citação cafona gravada em uma lápide comum.

Agora, meu futuro não é tão certo, e tudo o que pensei que teria está fugindo do meu alcance, graças ao meu irmão idiota.

Estou perdendo o controle.

Limpo minha garganta, sentindo o olhar da cigana cravar em mim. *Dane-se.* Sou o primeiro a admitir que estou ficando desesperado, e ceder a essa merda insensata, apenas uma vez, não doerá. Estico meus dedos, enrijeço minha mandíbula e toco o Rei de Ouros.

O chão não treme. Fogos de artifício não explodem no céu acima de nós. Nada acontece, exceto o tremeluzir das velas e o gemido da carroça.

Aliso minha gravata. — Isso é tudo? Ou também preciso oferecer um sacrifício de sangue?

Ela olha para mim, com os olhos arregalados. — Isso é tudo.

Soltando uma risada, me levanto, esticando-me em toda a minha altura e lançando uma sombra sobre a cigana.

— É uma má notícia, querida. Sabe disso? — Falo lentamente, pegando mais algumas notas e jogando-as sobre a mesa. — Espero que receba o que a espera.

É a sua vez de rir. — Vai me agradecer quando tiver toda Las Vegas a seus pés.

Meu cassino sujo, com seu telhado vazando e problema de baratas, vem à mente. — Se algum dia tiver Vegas a meus pés, você será exterminada junto com o resto dos ratos. — Eu me viro em direção à porta.

— Espere — diz. Cerro minha mandíbula, minha mão pairando sobre a maçaneta da porta. — Há algo mais.

Meus ombros formam uma linha tensa e não consigo evitar que minhas mãos se fechem em punhos. Não é da minha natureza bater em uma mulher, mas Cristo, isto torna isso tentador. — Não estou interessado.

— Não está interessado em saber qual é a sua carta de destruição?

Deixei escapar um silvo de ar pelas narinas. — Vocês charlatães com certeza sabem como vender mais, não é?

— Assim como toda ação tem uma reação, toda carta de destino tem uma carta de perdição. Está familiarizado com...

— Pare. De. Falar. — Minha garganta está seca e meu peito está coçando. Nada além de uma bebida fria e forte irá arranhá-lo. — Apenas me diga a carta.

Uma batida passa. Então, atrás de mim, ouço um *baque surdo* que faz os cabelos da minha nuca se arrepiarem. Sou dono de um cassino há quase um ano e reconheço o som de uma carta de baralho batendo na mesa durante o sono.

O silêncio paira quente e pesado dentro das quatro paredes apertadas da carroça. Com um sorriso de escárnio,

rolo meu pescoço sobre meus ombros e olho para a mesa atrás de mim. Há uma carta solitária no meio dela, as velas bruxuleantes lançando um brilho instável sobre sua superfície brilhante.

É a Rainha de Copas.

— A senhora ruiva — diz a cigana em voz baixa. — Sorte para a maioria, azar para alguns poucos selecionados. E para você? — Solta um assobio baixo. — A Rainha de Copas é prejudicial. Pode ter todo o sucesso do mundo, mas ela vai deixá-lo de joelhos.

Aperto meus molares, mas não digo nada. Sem outra palavra, abro a porta e a fecho atrás de mim. Fico nos degraus frágeis e respiro fundo o ar ameno de outubro.

E agora?

Um cigarro serve, para começar. Depois encontrarei um bar decadente em uma rua decadente onde ninguém conhece o nome Visconti e brindarei um para meus pais. Enfio a mão no bolso e enrolo os dedos no isqueiro.

De repente, algo crepita e estala em meu peito. Borbulha sob minhas costelas e efervesce suavemente sob minha pele.

Arrasto uma junta sobre minha mandíbula e balanço minha cabeça, divertido com meus próprios pensamentos venenosos.

Não. Este não sou eu.

Quando jurei queimar a barraca da cigana no mês passado, era uma ameaça vazia.

Ainda assim, com o estalo do meu pulso, a chama do Zippo dança contra a escuridão, provocando-me com possibilidades. A vingança explosiva é a marca de Angelo, e Gabe, bem, ele é a prova de que muitas vezes os quietos são

os mais psicopatas. Qualquer um deles incendiaria esta barraca sem pensar duas vezes, mas Mama sempre dizia que eu era o cavalheiro de nós três. *Seus irmãos têm punhos de ferro, Rafey, mas você tem a língua de prata e a voz da razão.*

Enquanto coloco o isqueiro de volta no bolso, meus dedos roçam meus dados e outro pensamento sombrio se infiltra em meu cérebro.

Já que a velha bruxa tem tanto a dizer sobre o destino, deixarei meus dados decidirem o dela. Tiro-os do bolso, dou uma boa sacudida e os jogo aos meus pés. Rolam menos de meio metro e depois param preguiçosamente. Olho e rio.

Número sete da sorte.

— Assim seja — murmuro para mim mesmo, afrouxando a gravata em volta do meu pescoço. Eu a tiro e deslizo pelas maçanetas da porta, formando um nó apertado.

Levo meu Zippo até a ponta e acendo fogo.

Nunca gostei de usar gravatas, de qualquer maneira.

01

Penny

O ônibus me deixa no final de *Devil's Cove*, e olho para baixo ao longo de sua faixa chamativa com tudo o que possuo caído aos meus pés. A orla faz uma curva suave para a esquerda, abraçando uma praia branca e, à direita, uma fileira de hotéis, bares e cassinos se estende até onde a vista alcança.

Mesmo sob um cobertor de decorações de Natal, posso dizer que quase não mudou nos três anos que estive fora. Palmeiras. Calçadas de mármore. Otários ricos praticamente me *implorando* para tirar suas carteiras dos bolsos de trás de suas calças sob medida.

Cerrando os dentes, jogo a cabeça para trás e encaro as luzes piscando contra o céu sem estrelas. Lembram-me os símbolos vencedores em uma máquina caça-níqueis: *Ding, ding, ding! Jackpot!*

Pode ter se passado três anos desde que pisei nesta cidade, mas não perdeu seu domínio sobre mim. Posso sentir suas mãos fortes e geladas alcançando meu peito e envolvendo minha alma, tentando trazer à tona a pequena ladra suja que vive dentro de mim. Pensaria que depois de tanto tempo, além do susto que acabei de levar, seria mais fácil ignorar o canto da sirene, mas a tentação faz meu sangue coçar mais do que nunca.

Infelizmente, finalmente aprendi o que a palavra "consequência" realmente significa, então, quando o horizonte de *Atlantic City*, Nova Jersey, derreteu atrás de mim em uma

névoa esfumaçada de minha própria autoria, fiz uma promessa a mim mesma.

Eu, Penny Price, finalmente seguindo em frente.

Isso porém não será possível em *Devil's Cove*.

Viro as costas para a resposta da *Pacific Northwest* a Las Vegas e olho de soslaio para o horário colado na parede dos fundos do ponto de ônibus. Apesar de haver um chiclete cobrindo o "Devil" em *Devil's Dip*, posso ver o suficiente para confirmar que não há um ônibus indo para minha cidade natal por mais uma hora.

Bem, isso não é apenas ótimo. Suponho que as pessoas ricas não dependam exatamente do transporte público regular.

Caindo contra o banco, um gemido cansado deixa meus lábios em uma nuvem de condensação. Fugir dos seus pecados é exaustivo. Meu pescoço dói de tanto olhar obsessivamente por cima do ombro e passar mais de sessenta horas enrolada na parte de trás dos ônibus. Tudo o que quero fazer é chegar ao meu apartamento em *Devil's Dip*, lavar meu cabelo, trocar minha calcinha e rastejar para a cama com *o Excel for Dummies*[5].

Olho para o Pacífico escuro, mas à minha direita, o brilho quente de *Devil's Cove* me atrai. Meu olhar desliza relutantemente para os grupos entrando e saindo de estabelecimentos reluzentes.

Bato meus dedos contra o banco de plástico. Mastigo o interior da minha bochecha.

Bem, tenho um pequeno de um dilema. Peguei três *Greyhounds* e peguei carona com um caminhoneiro, que ficou com um olho na estrada e outro nas minhas coxas, para chegar aqui. A viagem toda me custou 174,83 dólares, que foi

exatamente, até a vírgula, todo o dinheiro que consegui arrancar debaixo da tábua solta do meu apartamento antes de fugir de *Atlantic City*.

Uma risada amarga surge em minha garganta. Claro *que* foi. Sou a garota mais sortuda do mundo, certo?

Meus dedos roçam cuidadosamente o pingente de trevo de quatro folhas que descansa em minha clavícula. Eu costumava dizer isso com tanta convicção, mas agora...

Agora, não tenho tanta certeza.

O vento rói as conchas das minhas orelhas e enfio as mãos nos bolsos. Meus dedos congelados roçam o forro sedoso, lembrando-me de que estão vazios. Bolsos vazios, conta bancária vazia, estômago vazio. Não estou falida; Estou *desamparada.* Sério, não tem nenhum vintém esquecido chacoalhando no fundo da minha bolsa entre os livros da biblioteca que nunca conseguirei devolver.

De repente, me dou conta: estou esperando um ônibus que não posso nem pagar.

Bem, então. Fico de pé e deslizo minha mala pela estrada antes de conseguir me conter. Um último roubo e depois, sério, sigo em frente.

Gostaria de poder dizer que a ideia de enganar mais um homem com seu dinheiro suado parecia uma tarefa árdua. Que o pensamento não faz meu coração acelerar um pouco ou faz minha boca salivar por um motivo diferente de estar com fome, mas estaria mentindo e, bem, estou tentando não fazer mais isso.

Enquanto sigo pelo passeio, uma nostalgia amarga belisca o salto de minhas botas. Espio pelas janelas e fico boquiaberta com os mundos familiares, mas estranhos, do outro lado delas. Ternos sob medida e garrafas de champanhe

de mil dólares guardadas em baldes de gelo. Mesas de jantar com mais talheres do que sei para que servem. Cristo, tinha esquecido. Esta cidade não grita apenas dinheiro; berra dos telhados.

Reduzindo a velocidade, observo um grupo de mulheres sentadas em uma mesa de canto de um bar. Posso praticamente sentir o cheiro do Chanel nº 5 deste lado do vidro e, por alguns segundos, observo com inveja enquanto riem e brincam de uma maneira que só as pessoas que nunca tiveram uma carta de dívida vermelha afixada em sua porta podem. Meu próprio reflexo surrado entra em foco e outra percepção me atinge.

Estou *muito* mal vestida para estar em *Cove*.

Minha jaqueta de pele falsa não enganará ninguém. Por baixo, estou usando jeans rasgados, um suéter e *Doc Martens*. Estou com a mesma calcinha há dois dias seguidos, e meu cabelo está tão emaranhado que não precisa mais de um elástico para ficar preso no coque.

Olhando assim, não passarei por nenhum dos seguranças mal-humorados que mantêm os camponeses fora dos bares, e mendigar por trocados na calçada não parece realmente atraente, especialmente no congelamento do início de dezembro.

Gemendo na gola do meu casaco, sei que terei que cometer um *pouco* mais de furto para ter uma boa aparência. A oportunidade praticamente cai no meu colo quando passo por uma butique reluzente algumas portas abaixo e, por um golpe de sorte, a garota atrás do caixa não é uma das minhas colegas de escola.

É o tipo de butique que tem quatro vestidos em cada prateleira e definitivamente não tem tamanhos de dois dígitos

em estoque, mas talvez me esprema em alguma coisa. Se for elástico.

Quando entro, a garota de aparência entediada atrás da mesa lança um olhar crítico do meu coque às minhas botas e o pontua com um sorriso de plástico.

— Se precisar de ajuda, é só me avisar — fala lentamente, antes de voltar a rolar a tela em seu telefone.

Passo meus dedos sobre veludo e seda. Faço cara feia para as etiquetas de preço. Depois de um mergulho rápido no vestiário, sigo em direção à porta usando um vestido de cetim verde sob meu casaco, meu jeans e suéter enfiados na minha bolsa.

Em algum lugar entre a porta e a calçada, um alarme começa a soar.

— Ei! — Vem uma voz atrás de mim.

Merda.

Aperto minha mala com mais força e começo a correr desajeitadamente. Estou acostumada a correr - dos seguranças das lojas, dos meus problemas, seja lá o que for - mas é muito mais difícil quando está usando um vestido dois tamanhos menor e sobrecarregada com suas posses mundanas.

Dou uma olhada por cima do ombro. A vendedora está cambaleando atrás de mim com saltos impossíveis, o celular no ouvido. Enquanto o puxa para olhar a tela, aproveito a oportunidade para empurrar meu corpo contra a porta mais próxima e sair por ela. Alguns momentos depois, ela passa galopando do outro lado do vidro, uma expressão furiosa estampada em seu rosto.

Deslizo alguns centímetros para baixo na parede e solto uma lufada de ar quente. Derrete-se em uma risada de

descrença.

Merda, essa foi por pouco. Apesar da vitória distorcida cantarolando sob minha pele, sei que foi estúpido. Não deveria estar roubando na melhor das hipóteses, mas agora, preciso manter um perfil discreto mais do que nunca.

— Você entrará ou ficará aí o dia todo?

Uma voz rouca arrepia minha espinha. Quando me viro para localizar seu dono, deparo-me com olhos frios que se enchem de desgosto velado enquanto rolam sobre mim. Pertencem a um homem com um terno elegante e um rosto que ficaria feliz em esmurrar - sabe, se eu não tivesse um metro e setenta e dois tentando ser uma pessoa melhor.

Entrar? Mudo meu olhar ao redor da sala pequena e escura, e percebo que é uma entrada. Ele está guardando o topo de uma escada, e próximo a ele, há uma mesa vazia com um letreiro azul neon atrás dela.

Blue's Den.

Estranho. Não estou dizendo que sou especialista em todos os bares da cidade, mas posso dizer que conheço todos de nome, pelo menos. Deve ser novo. Endireito-me e aliso a frente do meu casaco. — Isso é um bar?

— Um urso caga na floresta?

Eu o encaro por alguns instantes, deixando minha réplica ondular através de mim como uma onda silenciosa. Só quando sai do meu sistema é que pego minhas malas e passo por ele.

— Um sim teria bastado, idiota. — Murmuro.

Não pude resistir.

Não sou muito gentil com homens com problemas de atitude - nunca fui. Acho que é hereditário, porque minha mãe era igual. Cresci debaixo das mesas de pôquer do *Visconti Grand Casino*, onde meus pais trabalhavam. Minha mãe como traficante e meu pai como segurança. Se um patrono desse à minha mãe o menor sinal de insolência do outro lado de uma mesa de veludo, estariam de bunda, sem suas fichas, muito antes de conseguirem pegar sua jaqueta na chapelaria.

Nosso ódio pelos homens era a única coisa que minha mãe e eu tínhamos em comum. Mesmo no departamento de aparência, parecíamos apenas levemente relacionadas se fechasse um olho, semicerrasse o outro e inclinasse a cabeça para o lado. Ela e meu pai eram altos e magros. Sou baixa e meio atarracada. Eles eram bronzeados e tinham cabelos escuros, mas estou em uma cartela de cores *Pantone*[6] totalmente diferente. Nos meses de inverno, sou quase translúcida e, no verão, sou um tom constante de rosa pálido. Meu cabelo é cobre, o que, de acordo com a lógica estúpida da minha mãe, é porque ela comeu tomate demais durante a minha gestação.

Meu pai costumava brincar que eu era filha do leiteiro. Essa piada se transformou em uma crença amarga quando ele e minha mãe passaram de refrigeradores de vinho e cervejas artesanais para bebidas destiladas. No momento em que foram mortos, eu desejava ser filha *de alguém,* menos deles.

Descer o último degrau é como pisar em seda. O jazz suave e a luz baixa acariciam minha pele fria, e os aromas de tabaco e loção pós-barba despertam memórias nostálgicas que não sabia que tinha.

Ao contrário da rua acima, este bar não grita *dinheiro*; sussurra *riqueza.*

Vou direto para um assento no canto que tem uma bela vista do bar. Enquanto deslizo entre as mesas, meus olhos se movem da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, examinando a clientela. Meu cérebro vasculha minha lista de verificação bem gasta.

Vestindo ternos no meio da semana? Check.

Beber licor forte em vez de cerveja? Check.

Sentada sozinha? Check.

Uma pontada de excitação percorre minha espinha, e a cicatriz em meu quadril *queima.* Sempre acontece quando acerto o *jackpot*[7]. Há uma dúzia de homens aqui, e todos marcam uma boa nota.

Por onde começar? A bancada, claro. Depois de três anos pescando alvos em *Atlantic City*, notei que os homens que se sentam perto do bar são mais propensos a morder minha isca. Talvez seja porque a curta distância entre eles e o barman significa que é mais provável que fiquem bêbados e estúpidos.

Meu olhar desliza para o bar e a figura solitária encostada nele. A iluminação suave o evita; tudo, exceto os planos largos de seus ombros e as linhas nítidas de seu terno, está oculto, mas no momento em que vejo um lampejo de âmbar em seu copo e um brilho de prata em seu pulso, sei que não importa como ele é.

Chuto minha mala debaixo da mesa e caminho em direção ao bar, tentando uma pose sexy, o que é muito difícil em *Doc Martens*.

Chegar ao bar é como pisar no palco. Sou atriz e, embora o protagonista seja sempre diferente, esse papel é *meu.* Desde que fiz dezoito anos e percebi que, como uma aluna que abandonou o ensino médio, a alternativa para colocar minhas

habilidades de vigarista em uso era virar hambúrgueres enquanto um homem gritava ordens por cima do meu ombro, tudo pelo privilégio de sete-vinte e cinco por hora.

Apesar de sentir aquele burburinho familiar de excitação pouco antes de a cortina subir, há uma tristeza mordendo minhas bordas, porque sei que esta será minha última apresentação.

Eu farei o meu melhor.

Primeiro Ato: Envolver o alvo na conversa.

Paro a dois assentos de onde meu alvo recém-nomeado está encostado. Sem sequer olhar em sua direção, tiro meu casaco e deixo-o deslizar lentamente pelos meus ombros até meus quadris, antes de pendurá-lo nas costas do banco. Antes de começar a usar os livros *For Dummies* para ajudar na minha Grande Missão, minha missão de encontrar uma carreira fora de roubar homens estúpidos, trabalhei em um clube de *strip-tease* por um tempo. Tudo ia bem até que um idiota cutucou minha barriga e perguntou se menti sobre meu peso no formulário de inscrição. Não desisti por causa de sua observação - fui demitida porque afundei meus dentes na mão com a qual me cutucou.

Foi então que decidi que provavelmente não tinha autocontrole suficiente para sacudir minha bunda para homens ingratos, mas toda a experiência não foi uma completa perda de tempo. Não só tive amigas de verdade por um tempo, mas também aprendi esse truque do casaco.

Imediatamente, sei que funcionou, porque de repente parece que estou diante de uma chama aberta.

Seu olhar é caloroso, assim como a satisfação que se acumula na parte inferior do meu estômago. Aquece minha bochecha antes de deslizar pelo meu lado e parar na fenda

alta do meu vestido. Como sempre, finjo que nem notei sua presença, muito menos senti seu olhar.

Deslizo minhas coxas pelo assento de couro macio e sorrio para o barman. Cabelos escuros, feições suaves e um sorriso feito para o atendimento ao cliente. Leva alguns momentos de reconhecimento enferrujado até que percebo que é Dan. Estávamos no mesmo ano escolar em *Devil's Dip High*, e eu costumava copiar seu dever de ciências. Ele leva alguns segundos para me reconhecer também, e quando sua boca se abre para iniciar uma conversa, dou um pequeno aceno de cabeça.

Felizmente, ele fecha a boca, lança um olhar para o homem ao meu lado, então esboça aquele sorriso educado de volta. — Ei. O que posso lhe oferecer?

Ufa. Olho para baixo à minha esquerda, para o antebraço grande e adequado descansando contra o bar. Algo se agita dentro de mim e é muito ao sul para parecer apropriado. Quero acreditar que é por causa do *breitling* caríssimo em seu pulso, um com um fecho que poderia abrir enquanto dormia, e não porque sua mão morena é tão grande que faz o copo de uísque que está segurando parecer a porra de um dedal.

Cristo. Quase esqueço minha próxima linha.

— Quero que ele está bebendo.

Silêncio. O tipo tão denso que, se o ouvisse do outro lado de uma ligação, olharia para o celular, franziria a testa e diria "Alô?" Parece uma eternidade até Dan parar de olhar para mim. Ele pigarreia e se vira para a parede de bebidas para preparar minha bebida.

O copo de cristal. Louis Armstrong se infiltra pelos alto-falantes e a inquietação escorre pela minha corrente sanguínea. Este é o momento em que o alvo deve falar. No momento em que diz algo machista, como, *Ah, pensei que*

garotas não bebiam uísque? Ao que eu jogaria meu cabelo por cima do ombro, piscaria meus cílios e responderia com algo igualmente clichê. *Bem, não sou como as outras garotas.*

Nada... no entanto. Meu peixinho nem demonstrou interesse na minha isca, muito menos deu uma mordida. Prendo minha coragem pelo tempo que leva para Dan deslize sobre um copo baixo e um guardanapo, e então me viro para encarar meu alvo.

Puta merda.

Não foi feito para parecer assim.

Nossos olhares se chocam e, imediatamente, sei que não sou a primeira mulher a olhar para este homem e perder seus batimentos cardíacos. Ele não é apenas bonito; é lindo e de uma forma que não está em debate, independentemente da preferência pessoal.

Pele bronzeada, cabelo preto desbotado até a perfeição e maçãs do rosto que poderia tirar gelo.

É provável que o seu olhar também me cause queimaduras de frio.

— Não estou interessado.

Pisco. — Desculpe?

— Desculpas aceitas.

Ele volta sua atenção para o celular, pegando-o no balcão e destravando-o com um rápido toque do polegar.

Espere, o quê?

Por alguns instantes estranhos, meus olhos disparam entre o e-mail que está digitando em seu telefone e o conjunto indiferente de sua mandíbula forte. Perceber que esse homem era mais jovem, mais alto e *mais gostoso* do que meus alvos

normais fez meus pensamentos se espalharem como bolinhas de gude, e agora estou escalando para pegá-los e colocá-los de volta na ordem certa.

Abro a boca e a fecho novamente. A confusão logo dá lugar a um caloroso embaraço, que então se transforma em aborrecimento.

Que mal-educado do caralho.

Quer dizer, não sou fã de homens na melhor das hipóteses, muito menos quando estão sendo idiotas arrogantes. Crescendo em um cassino e passando minha adolescência aprendendo a enganar os homens que os frequentam, percebi muito mais jovem do que deveria que os homens têm duas configurações: desdenhoso ou predatório.

Por mais que preferisse que um homem me dispensasse do que me atacasse, conforme meus seios cresciam e minhas habilidades de fraude eram aprimoradas, percebi que poderia usar seu comportamento predatório para bater em seus bolsos. E quando estou tentando bater no seu bolso, não gosto de ser dispensada.

Especialmente não no Primeiro Ato.

Coloco minhas mãos em cada lado do meu copo e olho para a parede espelhada atrás do bar.

— Eu não estou dando em cima de você.

— Claro.

A palavra escorre de sua boca, fácil e definitiva.

— Sério — murmuro, as bochechas ficando quentes. — Prefiro cagar nas mãos e bater palmas.

A digitação para. Lentamente, ele levanta a cabeça e encontra meu olhar no espelho. Verde-escuro e intenso. Os

cabelos da minha nuca se arrepiam, e desviar o olhar parece autopreservação, mas, como sempre, a teimosia me mantém em um estrangulamento, e agarro a borda da balcão para me forçar a manter contato visual.

— Desculpe?

— Desculpas aceitas — Falo de volta.

Triunfo. Torna-se crepitante e cintila na boca do meu estômago, mas no momento em que o telefone do meu alvo escurece e ele o coloca sobre a mesa, seu olhar pesado extingue minha presunção como água em uma chama.

Ele desliza o antebraço para fora do balcão e enfia a mão no bolso. — Diga isso de novo.

Por alguma razão, seu tom faz as palavras *oh* e *merda* piscarem atrás de minhas pálpebras. É amanteigado e indiferente. Quase *educado.* Então, por que sinto a necessidade de enrijecer minha coluna quando me viro para encará-lo? Agora, tenho toda a sua atenção e não gosto da sensação que sinto contra a minha pele. Seus olhos verdes brilham enquanto rolam preguiçosamente sobre minhas feições, e quando encontram os meus novamente, um pequeno sorriso se instala na curva de seus lábios.

Ele espera.

— Eu disse, prefiro cagar nas mãos e bater palmas do que me atirar em você.

— Isso está certo?

— Uh-huh.

— Estou vendo.

E com isso, toma um gole de uísque e volta para seu e-mail. Enquanto seus dedos voam sobre o teclado na tela, é

como se nunca tivéssemos trocado nada.

Do canto do bar, Dan limpa a garganta. Sangue bate em minhas têmporas.

O que agora?

O Primeiro Ato foi incendiado. Esqueci minhas falas e meu alvo é um péssimo ator. Preciso começar o show do topo, mas com um elenco diferente. Ah, e *definitivamente* um roteiro diferente, porque não acho que a conversa sobre o banheiro funcione.

Tentando agir com naturalidade, me afasto do balcão e apoio os cotovelos na superfície atrás de mim. Sutilmente olho ao redor da sala, avaliando todos os outros homens que eu *poderia* ter escolhido ao invés desse idiota. Distraidamente, meus dedos roçam o trevo de quatro folhas pendurado em meu pescoço.

Está bem. Está tudo bem. Ainda tenho sorte, só preciso de um reset. Há anos que não roubo em *Devil's Cove*. Talvez as regras tácitas sejam diferentes por aqui, e na verdade são os homens sentados nas sombras que tiram notas melhores. Olhando para a direita, travo os olhos com um homem mais velho e *menos atlético* no canto.

Ele coça o nariz e sua aliança de casamento brilha.

É mais assim.

Abro um sorriso para ele e arqueio as costas para pegar meu copo de uísque atrás de mim. Enquanto levo minha bebida aos lábios, a digitação ao meu lado para.

— Esse uísque custa cem dólares.

Meus olhos deslizam para o meu alvo descartado. Ainda está olhando para o celular, e se não fosse pela maneira como

seu sotaque profundo escorria pela minha espinha, teria jurado que o imaginei falando.

— Cem dólares?

— Sem *IVA*[8].

— E-espere, uma *garrafa?*

Seu olhar finalmente chega até mim, irritação e diversão lutando por espaço em suas sombras.

— Um copo.

Olho para o líquido âmbar em descrença. Em resposta, me chama de pobre em quatro idiomas diferentes. Talvez tenha sido um pouco... *espontâneo* de minha parte presumir que meu primeiro alvo jogaria bola e que pagaria minha bebida. Geralmente funciona, mas, novamente, não estou mais em *Atlantic City*.

A pior parte é; odeio uísque com paixão. Olho para Dan, que está ocupado limpando o outro lado do bar, mas pela linha de seus ombros, é óbvio que está ouvindo. Eu me pergunto se ele vai jogá-lo de volta na garrafa para mim e me dar algo mais no meu orçamento?

Como água. Da torneira.

Posso sentir duros olhos verdes me provocando, e o prazer silencioso que fervilha por trás deles irrita meu orgulho. Sou impulsiva ao extremo, teimosa como se fosse uma doença, e antes que possa me agarrar a qualquer senso comum, coloco um sorriso doce e bato meu copo contra o dele.

— Um brinde por não estar interessado.

Seu sorriso é a última coisa que vejo antes de jogar minha cabeça para trás e beber o uísque em um gole.

Porra. Minhas narinas ardem, meus olhos lacrimejam e, quando o copo vazio bate contra o bar, de repente me lembro por que odeio tanto uísque.

Foi a última coisa que meus pais beberam. Não porque finalmente ficaram sóbrios, mas porque tiveram suas cabeças estouradas com um revólver antes que pudessem servir outro copo.

O ácido de cem dólares borbulha em meus dutos e agarra minha caixa de memórias, tentando abrir a fechadura e me trazer de volta àquele dia. Quando fecho os olhos para impedi-los de lacrimejar, posso ouvir os apelos gargarejados de meu pai e sentir o sangue quente e úmido de minha mãe na parte de trás das minhas coxas, onde escorreguei em uma poça.

Sabe o quão sortuda é, garota? Você é uma em um milhão.

— Não engasgue.

Ofegando por ar que não tenha gosto de alvejante, abro uma pálpebra e olho para o homem. Sua expressão é tão impassível quanto seu tom de voz, e está claro que não se importaria se eu ficasse azul e caísse ao seu lado. Se tivesse, pelo menos não teria que me preocupar em como pagarei o veneno que me matou.

Limpo minha boca com as costas da minha mão. — Por quê se importa? Achei que não estava interessado.

Ele verifica preguiçosamente as horas em seu relógio de pulso caro. — Não estou. É exatamente o que se diz a alguém que está engasgando.

Ele leva seu próprio copo aos lábios e afunda o líquido restante em um gole, sem hesitar. Odeio como meus olhos são atraídos para o grosso tronco de sua garganta enquanto balança. Desliza o copo vazio pelo bar com um movimento

brusco do pulso e, alguns momentos depois, Dan aparece com outro uísque e um copo d'água. Ele coloca a água na minha frente e bebo com gratidão.

Espero em Deus que seja grátis.

Por alguns minutos, ficamos sentados em um silêncio abrasador, mas não há dúvida de que sou a única a sentir seu calor. Pelos meus olhares esporádicos para seu reflexo na parede espelhada, posso dizer que já esqueceu que estou aqui. Ele responde mensagens de texto e e-mails no celular, parando apenas para tomar um gole de uísque e esfregar o queixo com a palma da mão grande, como se isso o ajudasse a pensar.

Meu coração cai letargicamente para o meu estômago, como um balão vazando hélio. Se eu não fosse uma idiota tão teimosa, já teria ido embora há muito tempo, mas agora é tarde demais. Estou acorrentada a este lugar por uma conta de cem dólares - *sem IVA incluído* - e tentar a minha sorte com um dos outros clientes aqui seria simplesmente embaraçoso. Todos acabaram de me testemunhar engasgar com sessenta mililitros de líquido, pelo amor de Deus.

Atrás de nós, uma iluminação suave inunda a escada. Sapatos brilhantes aparecem e, segundos depois, o homem de terno a quem pertencem aparece. Ele tem uma pilha de arquivos debaixo do braço e vai direto para o idiota arrogante ao meu lado. Observo pelo espelho do bar enquanto murmura algo em seu ouvido, desliza as pastas à sua frente e espera. Um breve aceno de meu alvo anterior parece ser sua permissão para sair.

Então, ele é um empresário. Um importante, a julgar pela quantidade de papelada empilhada na sua frente em uma quinta-feira à noite, e o fato de que gastou pelo menos duzentos dólares em bebida. Ele abre o primeiro arquivo, verifica o documento e tira uma caneta do bolso da camisa.

Por alguma razão, a maneira como passa o polegar pela ponta da língua antes de virar a página deixa meu sangue meio grau mais quente.

Cristo. Meu coração pode estar frio como pedra, mas ainda sou uma mulher, acho. Limpo minha garganta em uma tentativa de recuperar a aparência e percebo que seus ombros se contraem. Ele encontra meus olhos na parede espelhada, como se soubesse exatamente onde encontrá-los.

— Quanto?

— Eu... o quê?

— Quanto? — Repete calmamente. Meu olhar vazio faz um músculo apertar em sua mandíbula. — Para você ir embora. Quanto tenho que pagá-la?

Há aquele aborrecimento novamente, roendo meu peito. Desta vez, não estou apenas chateada com a sua dispensa, mas também comigo mesma. *Grifting*[9] é a única coisa em que sou boa.

Tenho um pouco de talento e muita sorte. Inferno, costumava dizer que poderia enganar um homem com os olhos vendados. Provavelmente algemado também. E ainda...

E, no entanto, desde o momento em que entrei neste bar, tenho estado fora de mim. Talvez ainda esteja abalada com o que aconteceu em *Atlantic City*, ou talvez seja porque meu alvo é bonito e cheira a indiferença, mas e daí? Já lidei com coisa pior. Esta é a última vez que lido com este tipo de situação, e serei amaldiçoada se sair com um estrangulamento e um gemido.

Com um suspiro baixo, o homem pega um clipe de dinheiro, arranca algumas notas e as joga entre nós no bar.

— Isso cobrirá a bebida com a qual se engasgou. — Volta ao seu documento. Observo sua caneta rabiscar uma longa e complicada assinatura com perfeita precisão.

— Mais *IVA*?

Ele faz uma pausa, lutando contra o sorriso puxando os cantos de sua boca. Talvez sejam as sombras e a falta de sono pregando peças em mim, mas juro que vejo um par de covinhas. Sem erguer os olhos, pega mais cem e joga na pilha.

Encaro o olhar crítico de Franklin e engulo. — Mais gorjeta?

Desta vez, o maxilar do homem cerra, mas não diz nada. Em vez disso, pega outra nota e a joga contra o bar. O *baque surdo* é mais alto do que esperava e ecoa atrás das minhas costelas.

Silêncio. É salpicado com jazz sensual e o som de uma caneta arranhando o papel.

— Ainda está aqui — finalmente reflete. — Por que mesmo? — Joga uma pasta de lado e abre outra. Lá está aquela lambida no polegar de novo, e não tenho ideia de por que isso faz minha visão tremer assim.

Engulo o caroço preso em minha traqueia, deslizo para fora do banco e diminuo a distância entre nós, parando no pequeno espaço entre ele e o bar. A superfície fria beija minhas costas nuas enquanto pressiono contra ela, um forte contraste com o calor que irradia de seu corpo.

Ele para. Com as narinas dilatadas, relutantemente iguala meu olhar com o seu. Qualquer traço de humor já se foi. Agora, é um mar calmo e verde, e não consigo me livrar da sensação incômoda de que há uma corrente forte e perigosa correndo sob sua superfície.

Eu me pergunto quantas mulheres ele enganou para mergulhar.

— Não quero o seu dinheiro — digo, tentando – e falhando – corresponder a sua indiferença. Seu olhar estreito cai para a minha mão, seguindo-a enquanto a deslizo pela superfície do balcão em direção ao seu pulso. — Quero o seu relógio.

A ponta do meu dedo roça a tira de couro e uma faísca de excitação acende na parte inferior do meu estômago.

Contra todas as probabilidades, chegamos ao Segundo Ato: A Proposta.

— Quer meu relógio — repete com sarcasmo, como se dizer minhas próprias palavras de volta para mim me fizesse perceber o quão estúpida soam, mas não desisto. Claro, poderia pegar algumas notas de cem dólares no bar, pagar minha conta e fugir, mas onde está a diversão nisso? Pus os olhos naquele *Breitling* antes de ver a quem pertencia e não vou embora sem ele.

Hora de dobrar.

Quando me viro para encarar sua mão esquerda apoiada no bar, o tecido de sua jaqueta roça meu ombro nu, fazendo minha pele crepitar como estática. Eu me forço a ignorá-lo, concentrando-me em seu relógio.

Jesus. O calor sobe pelo meu pescoço e inunda meu rosto. Sua mão parece ainda maior de perto. Pulso largo, pele lisa e bronzeada e uma mecha de cabelo escuro aparecendo por baixo da pulseira do relógio. Dedos grossos seguram sua caneta com tanta força que, brevemente, me pergunto se seu comportamento frio e despreocupado é uma encenação, e ele está realmente planejando enfiar aquela *Mont Blanc* no meu pescoço.

Enrolo meus dedos em um punho e o afasto.

— O *Mulliner*. Faz parte da colaboração da *Breitling* com a *Bentley*, acredito. Tem um turbilhão voador automático que bate mais de vinte e oito mil vezes por hora.

Seus lábios se contraem. São carnudos e rosados, com um profundo arco de cupido que, irritantemente, me dá água na boca. — Impressionante. Talvez consiga um emprego na *Breitling*, então poderá pagar suas próprias bebidas.

Eu me inclino contra o bar, em parte porque de repente senti um sopro de seu cheiro - um coquetel de colônia cara e menta, e isso está me deixando muito mais embriagada do que eu - mas também em parte porque estou esperando que seu olhar caia para o meu decote.

Não vai.

— Não quero um emprego. Quero seu relógio.

Ergue uma sobrancelha. — Bem, já que pediu tão gentilmente. — Ele se volta para sua papelada.

Bato minha mão contra seu arquivo, enviando sua marca de caneta voando pela página. Um aborrecimento sombrio atravessa suas feições, mas apenas por meio segundo, antes que aquela expressão entediada volte.

— Você é incrivelmente irritante — diz em voz baixa.

— Foi o que me disseram.

— E, neste ponto, daria a você a camisa das minhas costas para fazê-la sair.

Olho para baixo em sua camisa. Como todas as outras partes dele, parece *cara.* Fresca, branco, moldada ao seu corpo como uma segunda pele. Renunciou a uma gravata em favor de um alfinete de colarinho com dois dados de ouro pontuando cada ponta do colarinho. Uma corrente fina os conecta. A contragosto, gosto disso.

— Sua camisa, mas não seu relógio.

— O meu relógio, não.

— E se eu ganhar?

Olho para o seu rosto bem a tempo de testemunhar sua mudança. Uma centelha de alguma coisa, intriga talvez, dança dentro das paredes de sua íris. Agora, todo o peso de sua atenção pressiona fortemente contra o meu corpo.

A caneta escorrega de sua mão e cai sobre os arquivos com um baque surdo. — Ganhar? Quer fazer uma aposta?

Com o canto do olho, Dan fica quieto. Deveria tomar isso como um sinal de alerta, eu sei, mas antes que possa processar, meu alvo sorri.

Puta merda. É como olhar para o sol. Não porque seus dentes perfeitos sejam ofuscantes, mas porque parece perigoso. Como se eu olhasse por muito tempo, o punhado de moral que me resta virará uma nuvem de fumaça. Linhas tênues emolduram seus olhos, me fazendo perceber que, apesar de sua irritação comigo, provavelmente sorri com bastante frequência.

E ele *tem* covinhas.

— Que aposta? — Ele me imobiliza com um súbito encanto de veludo que rouba o ar de meus pulmões. Aposto que garante negócios multimilionários e faz as mulheres largarem a calcinha sem pensar duas vezes. Inferno, se eu não tivesse uma centena de problemas, poderia me ver sendo um deles.

— Um jogo de minha escolha.

— Hum. — Passa a palma da mão sobre a mandíbula e uma abotoadura de dados de diamante pisca para mim. — Quais são as chances de ganhar?

— Dez a um.

— Acabou de inventar isso.

Engato um ombro e bato meus cílios. — Talvez.

Seu olhar crepita e brilha com diversão, permanecendo no meu por um tempo muito longo. Estou quase agradecida quando um zumbido corta o ar. Sua atenção se volta para o celular ao meu lado. Olho para baixo e vejo o nome Angelo piscar na tela.

— Dê-me licença por um momento. — Diz suavemente. Ele leva o celular ao ouvido, enfia a outra mão no bolso e caminha para as sombras.

Com a distância entre nós, percebo o quão rápido meu batimento cardíaco está. É alimentado por adrenalina e algo um pouco mais... *confuso* nas bordas. Eu me viro para pegar meu copo de água e ficar cara a cara com Dan.

Aquele sorriso de atendimento ao cliente está longe de ser visto. Ele diz alguma coisa, mas não entendo, porque sua boca mal se move.

— O quê?

Seus olhos varrem a sala atrás de mim, cautelosos e selvagens. Quando fala novamente, é apenas uma fração mais alto.

— Eu *disse,* esteve em uma instituição mental nos últimos três anos?

Pisco. — Er, não? Por que?

Ele olha na direção em que meu alfo foi. — Porque só um maluco teria coragem de dar um golpe no Raphael Visconti.

Visconti.

Rafael Visconti.

Bem, merda.

02

Penny

Há uma regra não dita em *Devil's Coast*. Está gravada em cada penhasco escarpado e polui cada sombra sombria.

Não brinque com os Visconti.

É senso comum, sério. Não irritar a máfia - especificamente, a *Cosa Nostra* - é uma lei tão antiga quanto o tempo.

Os Visconti dominam o litoral. Na verdade, apostaria meu rim esquerdo que poderia girar minha cabeça em trezentos e sessenta graus como uma maldita coruja, e tudo que meus olhos tocassem seria propriedade de Visconti. Cada bar, hotel, cassino e restaurante em *Cove, Hollow e Dip*, além de todas as almas tristes dentro deles.

Eu, de todas as pessoas, deveria ser capaz de identificar um Visconti. Não é como se tivesse tropeçado em um ônibus *Greyhound* e entrado em partes desconhecidas. Cresci, literalmente, sob o seu teto no *Visconti Grand Hotel e Casino*. Aprendi a engatinhar entre seus mocassins *Brioni* debaixo das mesas de pôquer; comecei meu período em um de seus cubículos de banheiro dourados. Tive meu primeiro gosto de licor em um de seus bares. Inferno, um deles até me ensinou tudo o que sei sobre jogos de azar e fraudes.

Segurando a borda do bar, lancei um olhar rebelde para a figura sombria no canto. A tela de seu celular ilumina um caminho ao longo de seu queixo enquanto o segura em seu

ouvido e, quando se vira em um círculo preguiçoso, seus olhos brilham verdes sob um holofote suave.

Contra todas as probabilidades, cheguei aos vinte e um e credito essa conquista à sorte e sempre ouvindo meus instintos, mesmo que apenas sussurrem. Neste momento, meus instintos não estão sussurrando; estão gritando a plenos pulmões.

Corra.

Dan passou a recolher os copos das mesas. Pego as notas no bar e deixo uma para pagar minha bebida. Infelizmente, terei que dar uma péssima gorjeta esta noite, mas, como residente do *Devil's Coast*, tenho certeza de que Dan entenderá. Deslizando para longe do bar, visto meu casaco e vou em direção à mesa para a qual chutei minha mala.

Lenta e constante. Legal e calma. Apesar da terrível sensação de pavor pressionando meus ombros, meus movimentos são relaxados e naturais; qualquer outra coisa chamará atenção indesejada. Sou apenas uma garota saindo de um bar após engasgar com uma bebida cara demais. Nada demais.

No último degrau, abaixei-me para pegar minha mala quando uma voz corta o ar como uma faca quente em um bloco de manteiga.

— Saindo tão cedo?

Merda.

— Sim — digo, tão alegremente quanto posso reunir. — Tenho um trem para pegar.

— Não há trens em *Devil's Coast*.

Merda dupla. — De manhã, quero dizer. De uma cidade diferente. Tenho que acordar cedo para chegar lá, então

provavelmente devo…

Três passos lentos, cada um mais próximo que o anterior. O peso por trás deles faz com que minha desculpa se esvaia no nada.

Fechando minhas mãos em punhos, olho escada acima para a pequena lasca de luz no topo delas. Se eu sacrificar meus pertences, poderei sair antes que me pegue?

Sangue bate em meus ouvidos. Outros dois passos reverberam no teto baixo, então o calor roça minha nuca. Apenas uma batida do coração gaguejando depois, o cheiro de uísque quente e menta fresca flutua sob meu nariz.

Cristo, ele está perto. Arrepios percorrem os comprimentos dos meus braços e meus joelhos ameaçam dobrar sob mim.

Sua voz grossa e tranquila flutua sobre meus ombros. — Vamos jogar o seu jogo.

É um comando disfarçado de sugestão, entregue com o toque agudo de um aguilhão de gado.

Isso deveria me assustar, mas só me irrita. Nunca gostei muito de ouvir o que fazer, especialmente de um *homem,* mesmo que esse homem seja um Visconti.

Rafael Visconti. Jesus. Apesar do meu aborrecimento, não acredito que tive a ousadia de chamar *Raphael Visconti* de alvo, mesmo na minha cabeça. É o irmão do meio *Devil's Dip* e, ao contrário das famílias *Cove* e *Hollow*, não têm presença em Coast há anos, desde que seus pais morreram quando eu tinha cerca de onze anos. Minhas lembranças dele em particular são nebulosas, provavelmente porque é muito mais velho do que eu. Ele existe em lampejos de alfaiataria afiada e sorrisos encantadores. Nunca tive mais do que um breve vislumbre dele antes que desaparecesse atrás de um mar de ternos ou de uma porta trancada.

Tudo o que sei sobre Raphael Visconti não vem das minhas memórias de infância, mas de boatos nas mesas de *blackjack* em *Atlantic City*. Seu nome sempre foi pronunciado em um sussurro ofegante, muitas vezes com um boato ligado a ele. Jogos de pôquer apenas para convidados e festas que rivalizavam com as de *Jay Gatsby*[10]: esse tipo de coisa. É difícil saber o que era verdade e o que não era.

Há apenas duas coisas que sei que são fatos.

A primeira é que Raphael possui a maioria dos grandes cassinos de Las Vegas.

A segunda é que seria estúpida se enganasse um homem que é dono da maioria dos grandes cassinos de Las Vegas.

Preciso sair dessa confusão, e rápido. Com uma falsa confiança, giro com uma cláusula de saída na minha língua. Ele está mais perto do que pensava e isso me pega de surpresa. Tropeço para trás, os calcanhares batendo no último degrau, mas antes de cair de bunda, uma mão forte se estende e envolve meu antebraço.

Meu desafio pisca como uma vela ao vento. É alto. Muito alto, e agora que sei quem é, ele também é muito *grande.* A linha dos meus olhos mal atinge o terceiro botão da sua camisa.

Estar em sua sombra me deixa desconfortável, então subo o último degrau e cruzo meus braços em uma tentativa de nivelar o campo de jogo.

Ele sorri.

— Com certeza é persistente para um homem que não está interessado.

Seu olhar cai para a minha boca. — Ah, estou interessado.

Um calor súbito queima contra o revestimento do meu estômago e solto uma pequena lufada involuntária de ar. Algo sobre a intensidade de seu olhar e a maciez de seu tom parece... *inapropriado.* Não duvido que tenha mulheres pulando para seu quarto com muito menos esforço.

Finjo um bocejo. — Desculpe. Tenho que ir.

Embora sua imobilidade seja magnética, consigo me afastar por tempo suficiente para me abaixar, pegar meus pertences e me virar para a entrada no topo da escada.

Um passo. Então outro. Minha bota está pairando sobre a terceira quando a escuridão me envolve. Faço uma pausa para apertar os olhos na penumbra e vejo um segurança, aquele com cara de soco e perguntas retóricas. Está se aproximando no topo da escada, bloqueando a saída.

Porra.

Como se fosse me dar respostas, olho de volta para Raphael. Ele está parado no mesmo lugar, com o mesmo sorriso tenso puxando seus lábios, as mãos descansando facilmente nos bolsos de suas calças.

Minha atenção se volta para seu ombro, e é aí que minha confusão se transforma em algo mais denso. Os outros homens no bar agora estão de pé, todos olhando para mim. Um entra no caminho de um holofote e vira a cabeça.

Avisto seu fone de ouvido, e a compreensão me dá um tapa no rosto.

Vestindo ternos no meio da semana. Sentado sozinho. As coisas que costumo ver como cheques verdes são, neste caso, grandes bandeiras vermelhas. Não era por acaso que estavam sentados separadamente, porque são todos guarda-costas. Estão *trabalhando.* E tudo por...

Meus olhos caem de volta para o Visconti. Suas covinhas se aprofundam. Charme de caxemira e um sorriso afiado.

— Receio ter que insistir.

Pavor gelado escorre em minha corrente sanguínea. *Porra.* Menos de dez minutos atrás, pensei que esse cara era um peixinho que não morderia minha isca, e como estava errada.

Ele é um grande tubarão branco prestes a me engolir inteira.

Meu pulso bate na garganta e minhas mãos ficam úmidas. *Duas merdas em uma semana.* Isso é uma probabilidade terrível para uma garota tão sortuda quanto eu.

Com a derrota pesando em meu estômago, largo minhas malas no degrau e aliso o cetim do meu vestido roubado. Exteriormente estou calma, mas internamente todos os meus órgãos estão chocalhando com um novo plano. Meu jogo original não funcionará mais - preciso de algo menos decadente. Algo menos provável de me jogar do *Cove Pier* em um saco para cadáveres.

Acho que estou indo para o Terceiro Ato.

— Bem, já que *insiste* — respondo em um tom que não reflete o pânico subindo pela minha garganta. A diversão de Raphael queima minha bochecha enquanto volto para o bar e me sento.

Dan chama minha atenção e dá um pequeno e triste aceno de cabeça, transmitindo o que já descobri: estou bem e verdadeiramente fodida.

As grandes mãos de Raphael agarram o banquinho ao meu lado, então o puxa para longe do bar como se não pesasse nada. Ele levanta a calça e se empoleira na beirada do banco. Com um pequeno e inexpressivo aceno de cabeça

para Dan, descansa os antebraços nos joelhos, junta os dedos e me banha com sua atenção.

— Conte-me mais sobre este jogo.

Meus olhos deslizam a contragosto para ele. Seu próprio brilho com prazer silencioso e, de repente, lembro-me da época em que aprendi *Biologia Marinha para Dummies* na biblioteca. Havia toda uma seção sobre os grandes brancos e como podem detectar batimentos cardíacos na água. Pode ouvir o meu batendo de medo e ele *aprecia* isso.

Apesar de me encontrar no fundo de um poço sem escada, meu orgulho se inflama como uma erupção feia. Cerro minha mandíbula e me levanto. Sem interromper o contato visual, tiro meu casaco novamente e, desta vez, realmente *vejo* seu olhar aquecer o comprimento do meu corpo. Ele enrola das alças finas em meus ombros até a curva do meu quadril, desce pela extensão da minha perna direita exposta e para na minha bota *Doc Marten*. Cada centímetro que absorve coloca outro tijolo de confiança em meu núcleo. E uma sensação de agitação no estômago, mas estou tentando ignorar isso.

Ele é apenas um homem, pelo amor de Deus. Claro, um homem com um sobrenome infame e cercado por guarda-costas que podem me cortar e me enfiar na minha própria mala, mas, mesmo assim, um homem. E sob a superfície, são todos iguais.

Eu me inclino contra a balcão e corro meu colar para cima e para baixo em sua corrente. *Jogo. Certo.* Vou para minha tática menos decadente e esperando o melhor.

— É menos um jogo e mais um... *quiz.*

Dan coloca dois drinques na mesa. Um é um uísque, o outro é amarelo brilhante e está em um copo de coquetel. Encaro a cereja vitrificada e o canudo rosa encaracolado. — Mudou sua bebida?

— Mudou a sua. Martinis com gotas de limão oferecem menos risco de asfixia.

— Delicioso — retruco secamente. Não poderia me importar menos com a bebida. Além disso, tenho uma suspeita legítima de que, se eu tomar um gole, há uma boa chance de acordar acorrentado a um radiador em algum lugar escuro e úmido.

— Um *quiz.* Diga-me mais.

— Cinco perguntas. Se você responder errado a qualquer uma delas, fico com o seu relógio.

Ele ergue uma sobrancelha. Sorrindo malicioso de uma forma que já passei a odiar. — E se eu acertar?

— Não vai.

Uma risadinha rouca escapa de seus lábios e, enquanto esfrega as mãos grandes, suas abotoaduras com dados de diamante me provocam. *Como não percebi quem ele era antes?* — Você é uma coisinha confiante.

Coisinha. Um arrepio de desprazer percorre minha espinha. *Coisinha* cai na mesma categoria que *garota* e *querida.* Expressões paternalistas usadas por homens para derrubar algumas mulheres. Isso me faz querer bater em seus bolsos o mais forte que puder.

— Vamos começar. — Ele está, claro, confiante.

— Não quer ouvir a pegadinha?

— Existe uma pegadinha?

— Sempre há uma. — Digo suavemente, ignorando a maneira como sua voz escurece um pouco. — Nenhuma das minhas cinco perguntas são perguntas capciosas. Na verdade, a resposta para cada uma é muito simples. No entanto, o

problema é que deve responder a cada pergunta *errada.* Se responder corretamente, você perde, e eu fico com aquele lindo relógio em seu pulso. — Deslizo minha mão para o espaço entre nós. — Ficaria bem em mim; não acha?

Ele olha meu braço com leve desinteresse, então olha para mim. A impaciência pisca como chamas em suas íris. — Tudo bem.

— Já jogou este jogo antes?

Sua bebida está a meio caminho de seus lábios quando se acalma. — Não seria inteligente de sua parte me tomar como um tolo, querida.

Um arrepio percorre meu corpo. — Ainda não começamos. Pode responder com sinceridade.

Ele pensa por um momento. Seu gole se transforma em um gole, então ele coloca o copo no bar. — Então não, eu não joguei.

Uma onda inebriante percorre minha pele, uma mistura de excitação e perigo.

— Pergunta um. Onde estamos agora?

Ele hesita. — A lua.

— Pergunta dois. Qual é a cor do meu cabelo?

Seu olhar desliza até meu coque bagunçado. Sua garganta balança e murmura algo que mal sai de seus lábios. *O quê?* Antes porém que eu possa colocar peso nisso, ele dá uma resposta. — Azul.

— E a cor do *seu* cabelo?

— Loiro.

— Foda-se, você é bom nisso — murmuro, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Eu sou bom na maioria das coisas.

A insinuação rouca em seu tom faz meu pulso parar por um segundo. Algo quente arranha meu joelho e, quando olho para baixo, percebo que é o seu. *Ele estava sentado tão perto um minuto atrás?*

Ignorando o calor subindo em meu rosto, continuo. — Muito bem, quantas perguntas fiz a você?

Ele dedilha um dedo grosso contra o balcão em um ritmo três vezes mais lento que meu batimento cardíaco. Corta uma junta ao longo de sua bochecha antes de dizer com finalidade — Doze.

Expiro com tanta força que os cabelos soltos emoldurando meu rosto esvoaçam. — Merda. — Murmuro baixinho, examinando a sala.

Raphael me olha com alegria silenciosa. Pega seu copo, agita o líquido girando lentamente o pulso. — Sentindo o calor?

— Sim, porque é um trapaceiro do caralho. — Retruco.

O redemoinho para. — Desculpe?

Pelo calafrio em suas palavras, sei que responder com um pedido de *desculpas aceitas* não seria a decisão mais inteligente. — Você ouviu. É um trapaceiro.

Ele abaixa o copo. — Diga de novo — diz suavemente, mas seu olhar é tudo menos suave.

Luto contra a vontade de me desculpar, mesmo que seja apenas para aliviar a tensão acumulada sob minhas costelas,

mas isso só funciona se eu dobrar. — Eu *disse,* você é um trapaceiro, e também um mentiroso.

Seus espasmos musculares na mandíbula. — Um mentiroso.

— Uh-huh. Você me disse que nunca jogou este jogo antes, mas jogou, não é?

— Eu já disse que não.

Uma batida passa. Transforma-se em dois. Olhamos um para o outro enquanto a percepção espessa e pegajosa escorre para o pequeno espaço entre nós.

Essa foi a minha quinta pergunta.

Eu me pergunto se ele pode ouvir o pulso batendo contra minhas têmporas, ou a borda irregular da minha respiração. Se o puder, os planos duros de seu rosto não o mostrarão.

Amo vencer. A sensação de superar o alvo é tão viciante quanto qualquer droga, mas esta noite, minha euforia é arrebatada pela sensação das paredes se fechando. Quando olho para cima, percebo com horror crescente que não são as paredes, mas a equipe de segurança de Raphael formando um círculo lento e em movimento ao nosso redor.

Ah Merda.

No entanto, Raphael levanta a mão. É um movimento tão sutil que não teria notado se não fosse pelo brilho de seu anel de citrino, mas faz toda a equipe parar imediatamente.

— Você me enganou. — Diz simplesmente.

— Eu não. Antes de começarmos, perguntei se já havia jogado antes e você disse...

— Não — termina pensativo.

Seu silêncio grita. Meu triunfo *sussurra.*

Considero sua expressão inescrutável com cautela enquanto esvazia sua bebida e esfrega o polegar sobre o lábio inferior. Apoia o antebraço no balcão.

Por um breve segundo, acho que talvez, *apenas talvez,* poderia ter me safado, mas então...

— Dan, me passe o martelo.

Ele diz isso de forma tão impassível. Como se tivesse apenas perguntado as horas, não porque tem um lugar para ir, mas simplesmente para puxar conversa.

Meu sangue congela rapidamente. — O quê? Por que?

Ele me ignora. Dan me lança um olhar entre um pedido de desculpas e um *eu-te-avisei,* então se curva atrás do bar e volta com um pequeno martelo, do tipo que quebra gelo.

Ou rótulas.

Não espero para descobrir.

Alimentada pela autopreservação e pela adrenalina, combino as duas tarefas de vestir o casaco e caminhar de costas em direção à escada. A sala é uma névoa de âmbar, calor e medo; tudo embaçado, exceto o martelo e a mão grande enrolada em torno do cabo.

Meus pés atingiram o último degrau, mas desta vez nenhuma mão forte surgiu da escuridão para me impedir de cair. Quando caio de costas, o impacto reverbera na minha espinha, puro terror me perseguindo.

Seus pecados acabarão alcançando-a, Little P. Sempre alcançam.

As palavras de despedida do primo de Raphael soam em meus ouvidos como fantasmas de calor negro sobre meu

peito. É uma sombra, da qual brilham uma garra de aço, um mostrador de relógio brilhante e um anel de citrino.

— Por favor — sussurro na escuridão. A última vez que disse *por favor* com tanto desespero foi quando tinha dez anos, no beco atrás do *Visconti Grand Casino*. Isso não impediu que as mãos caíssem sobre mim naquela época, e não impede agora.

Uma palma áspera com um toque suave desce na minha coxa. O tecido sedoso do meu vestido cai na abertura profunda e, instantaneamente, meu estômago cai para minhas botas.

Alguém já tocou no que está sob esse seu lindo vestido?

O medo corre para a fúria, ardente e perigoso.

Não.

No entanto, tudo acontece tão rápido. Cerro os dentes, fecho os olhos com força e agarro o trevo de quatro folhas em volta do pescoço enquanto o martelo desce à minha esquerda.

Crack. Sem dor. Nenhum osso quebrado. Abro uma pálpebra e olho para a minha fenda lateral, e um constrangimento incandescente imediatamente inunda minha corrente sanguínea.

Uma etiqueta de segurança preta. Está em cacos de plástico esmagados ao lado da minha coxa trêmula. Não sabia que este vestido tinha uma, mas é claro que tinha. É por isso que a porra do alarme disparou quando saí da loja.

Levo três longos segundos para me lembrar de respirar. Respiro profundamente, e quando deslizo meus olhos para cima para encontrar os de Raphael, solto em uma expiração raivosa.

O humor brilha por trás de seu olhar, como se tivesse acabado de ouvir uma piada e estivesse olhando direto para a piada. — Você teve sorte.

— Sim? — Retruco.

— Milímetros. Às vezes colocam tinta nessas coisas.

Olho para ele. É um gole de água fresca para o meu inferno ardente. Um mar calmo e verde para minha tempestade agitada.

Eu o odeio *pra* caralho.

Antes que tenha a aparência de morder de volta, ele estende a mão e me puxa para os meus pés. Minhas pernas estão tremendo de adrenalina restante. Sem interromper o contato visual, entrega o martelo ao guarda mais próximo e desafivela o relógio em um movimento rápido. Inclina-se para a frente, perto o suficiente para enfiar a mão no bolso do meu casaco, e desliza o *Breitling* dentro dele; caindo como um peso morto no fundo.

— Cuide dele. — Algo lindamente melancólico passa por seu olhar e, apesar de eu querer agarrar aquele martelo de sua guarda e acertá-lo na cabeça com ele, sua expressão ecoa nas câmaras ocas do meu peito.

Ele se foi em um piscar de olhos escuro, substituído por aquela diversão sempre presente.

Um comentário atrevido sai da minha boca antes que possa impedir. Apesar de ter conseguido um dos dias de pagamento mais altos da minha vida, odeio sentir que um homem me enganou. Deve ser uma reação instintiva para nivelar o campo de jogo.

— Quer jogar de novo? — Pergunto com toda a indiferença que posso reunir. — Eu meio que gosto da aparência desse anel em seu dedo.

Ele sorri com força. — Prefiro cagar nas mãos e bater palmas.

Eu riria de sua referência à minha observação grosseira anterior, se não estivesse a meio caminho de um ataque cardíaco. Sim, acho que forcei minha sorte ao limite esta noite. Uma batida pesada passa, então ele aponta o queixo para a escada atrás de mim. — Vá.

Um comando suave e simples, ao qual estou mais do que feliz em me submeter. Pego meus pertences e corro escada acima, tentando ignorar o olhar queimando minha nuca. Parece que faz uma vida inteira que estava nesta entrada, me escondendo de um balconista irritado. É uma loucura que pensei que seria o maior drama que encontraria esta noite.

O guarda de cara azeda me observa até chegar à porta, então sua voz áspera passa por cima dos meus ombros. — Não tem ideia da sorte que tem.

Faço uma pausa com a mão na maçaneta. De repente, o trevo de quatro folhas em volta do meu pescoço pesa mais do que o relógio de seis dígitos no meu bolso.

Solto uma risada amarga.

— Acredite em mim, é *você* que não tem ideia.

03

Penny

Passa da meia-noite quando estou arrastando minha mala pelas calçadas da rua principal de *Devil's Dip*. Embora seja apenas uma viagem de ônibus de quarenta minutos ao longo de uma estrada costeira sinuosa, não poderia ser mais diferente de *Devil's Cove*. O céu está negro e as ruas silenciosas, exceto pelo vento forte e salgado batendo contra meu rosto como um chicote.

Dip é como o primo desalinhado de *Cove*. Aquele que foi deserdado do testamento e não é mais convidado para reuniões familiares. É mais sujo, mais escuro. Até o brilho ao redor das luzes de Natal é mais escuro. Não há dinheiro em seus bares e restaurantes, apenas homens velhos e cansados caídos sobre suas cervejas e jantares de frango gordurosos depois de um longo dia de carga no porto.

Como mariposas para uma chama, a maioria dos residentes gravita para as luzes brilhantes de *Cove* em busca de emprego, assim como meus pais fizeram. Pegam o ônibus seis-um-oito em frente à velha igreja no topo do penhasco, trabalham doze horas servindo os ricos e rudes, depois voltam para as favelas com um avental cheio de gorjetas e pés doloridos.

Não me juntarei a eles agora que estou me endireitando. Em *Cove*, a tentação e o perigo vivem na luz, tornando quase impossível errar. Em *Dip,* as únicas coisas que podem me machucar são as memórias trancadas na casa vitoriana a cinco ruas de distância.

Não voltei lá desde o assassinato e não pretendo mudar isso.

Paro do lado de fora de uma porta verde descascada. Está entre uma loja de bicicletas e uma casa funerária e, se não fosse pelo brilho bruxuleante de um poste de luz próximo, a maioria dos carteiros perderia totalmente o número oito esculpido em sua madeira.

Ela se abre com um pequeno empurrão da minha bota. Quando o corretor de imóveis me entregou as chaves uma semana depois do meu aniversário de dezoito anos, mencionou que a porta principal estava quebrada, mas o dono do prédio iria consertá-la imediatamente.

Acho que temos interpretações diferentes do que significa “imediatamente”.

Subo a escada estreita até o segundo andar, jogo minha mala e bolsa sobre os ladrilhos de linóleo e caminho até a porta do 8A. Bato meu punho contra ela e olho para o tapete em descrença.

Oi, sou o Mat.

Passos abafados, o giro de uma fechadura, então um cara alto e loiro escurece a porta. Está vestindo shorts de basquete e uma carranca irritada. Ele se suaviza em um sorriso torto quando olha para mim.

— Bem, bem, bem. Olha que mosca resolveu voltar para o lixão.

Eu o ignoro. — Perdeu uma aposta?

Ele franze a testa. — Não?

— Então comprou este tapete de boas-vindas voluntariamente?

Nós dois olhamos para o chão e Matt ri. — Não acha engraçado?

— Acho que faz você merecer ser assaltado.

— Mas é um trocadilho com meu nome. Caramba. — Passa a mão pelo cabelo bagunçado. — Você, *Penny Price*, não reconheceria uma boa piada se lhe desse um tapa na cara.

A irritação sobe pela minha espinha. — Eu tenho uma boa piada.

— Sim?

— Uh-huh. *Toc, Toc.*

Seus olhos se estreitam. — Tudo bem. Quem está aí?

— Sua vizinha favorita, e está prestes a atear fogo no seu tapete de boas-vindas se não pegar a chave do apartamento dela nos próximos cinco segundos.

Matt franze a testa, então abre um sorriso fácil. — Ainda uma idiota, hein?

— Infelizmente.

Com um pequeno aceno de cabeça, caminha pelo corredor e me convida a entrar com um movimento preguiçoso de sua mão. — Entre e fique à vontade. Encontrar esta chave pode levar algum tempo.

— Por que? Ficou bagunceiro? — Quando paro na pequena e familiar sala de estar porém, sei que não ficou. É tão bonito e arrumado quanto me lembro, cheio de móveis cinza e creme.

— Não, Penny, mas me deu sua chave... o quê, quase três anos atrás? Bem, não me *deu.* Você a deixou na minha porta sob uma caixa de cerveja e depois desapareceu sem deixar vestígios. — Desaparece na cozinha e começa uma busca

pontuada por metais. — Tem sorte que ainda a tenho. Está *naquela* gaveta da cozinha. Sabe, aquela em que joga tudo que não tem um lar? — Mais barulho. — Puta merda — resmunga. — Eu tenho carregadores de telefone, cartões SIM, parafusos para sabe-se lá o quê. — O barulho para. — Uau, acabei de encontrar um *Walkman*. Lembra deles?

— Não, porque tenho vinte e um anos.

— Ei! Sou apenas alguns anos mais velho que você, garota.

Reprimo um sorriso e caio no sofá. Péssima ideia. Almofadas macias e nostalgia calorosa envolvem meus músculos doloridos como um abraço e, por um breve momento, minhas pálpebras se fecham. Depois de três anos morando em um estúdio de merda que divide uma parede com um covil de crack, agora posso apreciar como foi bom ter Matt como vizinho nos poucos meses que morei aqui. Na noite em que peguei as chaves da minha casa, ele bateu na minha porta armado com cerveja e um monte de histórias sobre o casal tóxico que morava no andar de cima. No que diz respeito aos homens, é ótimo. Fácil de conversar, não tem olhos errantes e fica chapado em tranquilidade na maioria dos fins de semana. Ensina Educação Física e hóquei no gelo na elegante academia em *Devil's Hollow*, e se eu apostar um milhão de dólares com um estranho se ele adivinhar sua profissão em três tentativas, ficaria com uma dívida enorme. Tem cabelo de surfista, gosta de roupas largas e com a marca da NHL e diz coisas irritantes como: “Apenas relaxe, cara”.

Na tentativa de ficar acordada, forço meus olhos a se abrirem e me concentro na tela da televisão no canto da sala. Há um repórter falando comigo, com expressão e tom sinistros. Meu olhar se fixa na cena em que ela está diante. No prédio em chamas e nos grossos fios de fumaça derretendo no céu escuro acima dele.

Imediatamente, minha garganta aperta.

Matt aparece na porta, um molho de chaves pendurado em seu dedo indicador. Olha para a tela. — Incêndio em um cassino em *Atlantic City.* Acha que alguém gastou muito nas máquinas caça-níqueis e queria vingança?

Meus dedos arranham o assento pastoso de cada lado meu. *Virou notícia nacional? Merda. — Mm.* Talvez.

— A polícia parece concordar comigo.

— O quê?

— Mais cedo, estavam dizendo que suspeitavam que fosse incêndio criminoso, não tipo, fiação incompleta ou qualquer coisa.

Minhas palmas podem estar suadas, mas meu sangue corre gelado. — Incêndio culposo.

— Não sei, mas tenho certeza que descobriremos em breve. — Sua risada áspera flutua pela sala e toca minha pele úmida. Sua boca ainda está se movendo, mas não estou ouvindo, porque agora, de repente, estou muito consciente do meu fedor - um coquetel de fumaça e pecado. Porque agora, tudo o que posso ouvir são aquelas palavras estúpidas de novo.

Seus pecados acabarão alcançando-a, Little P. Sempre alcançam.

Não. Estou segura aqui. *Dip* está quieto e ninguém me viu sair, muito menos para onde fui.

— Ei, você está bem?

Consigo um aceno de cabeça, murmuro algo sobre estar cansada, e me levanto.

— Aqui, deixe-me pegar suas coisas — diz, pegando minha mala.

Eu o sigo pelo corredor, meio ouvindo à medida que diz algo sobre a fechadura estar emperrada, e então estamos parados na entrada do meu antigo apartamento.

O punho de Matt bate em um interruptor de luz, inundando o espaço com um brilho amarelo velho. Observo tudo através de um olho cauteloso, me preparando para o pior. Está intocado há três anos, por isso estou meio que esperando que o teto tenha afundado ou que os ratos tenham tomado conta do quarto.

Em vez disso, está congelado no tempo sob uma fina camada de poeira. Nada mudou. O corredor ainda é do tamanho de uma cela de prisão e pintado ao acaso. Isso leva à sala de estar, que não é muito maior. O sofá de dois lugares que comprei no *Craigslist* resistiu bem; de frente a um aparelho de televisão tão antigo que tem um dial na sua frente. Deixo cair meu olhar para o carpete cinza manchado e faço uma promessa de passar um bom aspirador antes de andar descalço.

— Está do jeito que deixei — anuncio, alívio quente queimando dentro da minha caixa torácica.

— Está? Jesus Cristo — Matt murmura.

Eu me viro para vê-lo encostado no batente da porta, a perplexidade estampada em seu rosto. — Poderia ter me dito que invasores ocuparam o lugar e eu teria acreditado em você. Tinha esquecido como... *merda* era aqui.

Eu rio e balanço a cabeça. Quando o alcoolismo tomou conta de meus pais, nossa casa começou a apodrecer. O papel de parede floral murchou e os balcões de granito da cozinha perderam o brilho, não importa quantas vezes os tocasse com água e sabão. Fiz o que pude com produtos de

limpeza roubados e um pouco de graxa, mas há poucas vezes que se pode esfregar o enjoo da sua mãe no carpete da sala antes que deixe um cheiro persistente. Houve tantas vezes que também poderia me forçar a me importar.

Depois que foram baleados, pulei entre lares adotivos pelos cinco anos seguintes, ficando em quartos estéreis feitos para hóspedes ocasionais, não para adolescentes órfãos. No dia em que fiz dezoito anos, recebi um telefonema de um advogado. Entre as doses de vodca e as discussões incoerentes, meus pais não tiveram tempo de escrever um testamento, mas, aparentemente, tiveram inteligência suficiente para colocar dinheiro em uma conta bancária no exterior para quando eu atingisse a maioridade. Era uma história de merda, mas não me importei em aprofundar, porque havia dinheiro suficiente para comprar este lugar. Fiquei apenas alguns meses antes de arrumar minhas coisas e levar um *Greyhound*[11] para novos pastos. Segui as luzes brilhantes de uma costa a outra e acabei em *Atlantic City*. Meu apartamento tinha o tipo de mofo que faz seus pulmões queimarem pela manhã, por isso estou feliz por estar em casa.

O olhar de Matt me segue enquanto atravesso a sala e passo a mão sobre a mesa de jantar de vidro encostada na parede oposta. Afasto a cortina e espio a rua de paralelepípedos abaixo. Há a padaria em frente e, se eu encostar o nariz no vidro e olhar para a direita, consigo distinguir as cabines de plástico vermelho da lanchonete.

Essa é a coisa sobre *Devil's Dip*. Nada nunca muda.

— O que a trouxe de volta à cidade, afinal?

Os músculos das minhas costas tensionam. A verdade é que, quando enfiei minha vida em uma mala e deixei *Atlantic City*, voltar para *Coast* era a última coisa em minha mente. Não pensei nisso até descer do ônibus que me levou até

Portland. Tremendo sob um abrigo de ônibus e sem saber para onde ir em seguida, digitei no Google *as cidades mais tranquilas da Costa Oeste. Devil's Dip* foi o número três no blog de viagens de *Wendy Wanderlust*. Coincidentemente, havia um ônibus saindo para *Devil's Cove* em menos de trinta minutos, e o preço da passagem era exatamente o troco que tinha no bolso.

Esse é o tipo de sorte que resumiu minha vida.

— Perdi o clima incrível — eu respondo secamente.

Ele ri. — Sim? Já conseguiu um emprego?

Esse é o meu próximo obstáculo: encontrar um emprego em *Devil's Dip*. Será quase impossível, porque em uma cidade pequena, há apenas um de tudo. Uma mercearia, uma lanchonete, uma pizzaria. Parece que as pessoas que trabalham nesses estabelecimentos se apegam a seus empregos por toda a vida, e a única vez que há uma vaga é quando alguém morre ou se aposenta.

— Não, mas se souber de qualquer coisa, vai me avisar?

— Ah, tenho certeza de que há um milhão de bares e restaurantes em *Cove* que terão...

Eu o cortei, firme e rápido. — Quero permanecer local, então estou procurando apenas em *Devil's Dip*.

Sem *Cove*, sem *Hollow*. Seria tentador demais enfiar as mãos em bolsos fundos, e estou tentando não fazer mais isso.

Eu me viro bem a tempo de ver a suspeita passar pelo olhar de Matt. Ele abre a boca, sem dúvida com uma enxurrada de perguntas em sua língua, mas chego lá antes que possa. — Obrigada por me ajudar com minhas coisas. Talvez nos encontremos neste fim de semana, se estiver por perto?

Uma dica que nem mesmo um idiota poderia perder. Ele se empurra para fora do batente da porta e dá dois passos para trás nas sombras do corredor. — Claro, vou deixá-la com isso. — Faz uma pausa na porta da frente. — Tem planos para amanhã?

— Depende do que está prestes a propor.

— Um casamento. Comida de graça, bebida de graça e diversão. O que diz?

Franzo a testa. — Quem se casará?

— Lembra de Rory Carter?

Gemo. Não porque não goste de Rory – muito pelo contrário, na verdade. Ela é uma das garotas mais legais de *Coast*. Estudou na única outra escola em *Devil's Dip* e também trabalhava no turno da noite em uma lanchonete no final da rua. Toda vez que eu entrava, me dava uma porção extra de batatas fritas ou um chocolate quente por conta da casa, e eu fazia companhia enquanto ela limpava as mesas e verificava o estoque. Provavelmente só foi legal comigo porque meus pais foram mortos, mas ainda assim, era a coisa mais próxima que tinha de uma amiga.

Não. Gemi porque Rory tem a mesma idade que eu, o que significa que estou na idade em que as pessoas têm suas merdas resolvidas.

Eu, por outro lado, estou muito longe de ter minhas merdas resolvidas.

— Com quem ela se casará? Alguém que eu conheça?

Matt ergue a cabeça em pensamento. — Não, não pense que o conheceria. Então o que diz? Quer ser meu par?

Mastigo o interior da minha bochecha e reflito sobre isso. Acho que seria bom ver alguns rostos antigos, e

provavelmente tenho um vestido adequado juntando poeira no meu armário. Além disso, talvez encontre alguém que esteja contratando.

— Estou dentro, contanto que não me chame de sua acompanhante.

— Não, não é meu encontro, é minha parceira. Essa garota de quem gosto irá.

— E daí? Quer que eu cante seus louvores para ela no banheiro?

— Não; Quero que me olhe mim como se estivesse apaixonada por mim e finja que ri das minhas piadas. Depois, quando ela perceber como fico gostoso de smoking, preciso que se afaste.

Eu o encaro incrédula. — Isso já funcionou para você antes?

Ele pisca para mim. — Não sei, nunca experimentei. Pego você às duas da tarde.

Ele sai do meu apartamento, deixando-me com nada além de meus pensamentos e o zumbido barulhento da unidade de aquecimento.

Banho. Depois de quase três dias no fundo de ônibus fedorentos, cheirando a cinzeiro ambulante e falante, a ideia de um banho é minha ideia de paraíso, mesmo que esteja frio, porque ainda não liguei o aquecedor de água. Jogo meu casaco no chão e tiro esse vestido muito apertado. Mesmo sendo mais caro do que todas as minhas outras roupas juntas, mal posso esperar para jogá-lo fora. O resto de mim pode cheirar a fumaça e suor, mas este vestido *fede* a uísque e quase nada, e nunca mais quero vê-lo novamente. Além disso, faz parte do meu passado. Amanhã vou acordar e ficarei *bem.*

A água gelada escorre pelo meu corpo, umedecendo meu cabelo e mordendo a tensão entre minhas omoplatas. Apesar disso, sinto-me mais relaxada porque a promessa de uma nova vida está no horizonte. Voltar para *Devil's Dip* me deu uma segunda chance e um lugar para recomeçar. Em algum lugar onde Martin O'Hare nunca me encontrará.

Vou me endireitar.

Encontrarei um emprego e vou mantê-lo por mais de uma semana.

E finalmente descobrirei o que me interessa neste mundo, além de pegar o dinheiro dos homens.

No momento em que sequei e desembaracei meu cabelo, um pequeno sorriso de contentamento surge em meus lábios. Calço meias fofas e sigo pelo corredor em direção ao quarto, onde uma cama de solteiro com uma lâmpada pendurada no teto acima me cumprimenta. Suspirando, jogo minha trouxa de roupas no fundo, e alguma coisa cai do bolso do casaco, no assoalho.

O relógio de Raphael Visconti. Sento-me na beirada da cama e pego-o. Passo o polegar pela superfície lisa de cristal e pelas tiras de couro.

Estranhamente, ainda está quente, como se ele tivesse tirado de seu pulso grosso e colocado no meu bolso momentos atrás. Talvez seja o cansaço extremo, ou talvez seja apenas uma psicopata certificada agora, mas por algum motivo, levo-o ao nariz e inalo seu cheiro. O coquetel picante de couro e loção pós-barba persistente acende uma pequena chama bruxuleante na boca do meu estômago e, por um momento sombrio e perigoso, estou de volta ao bar. Cercada por redemoinhos lentos de âmbar, lampejos de prata e verde brilhante.

Eu reflexivamente aperto minhas coxas.

Cristo, devo estar cansada, porque foda-se ele. Não me importo com quem é ou quantos guarda-costas tem, ele veio até mim com um *martelo*. A pior parte? Parecia ser algum tipo de *piada* para ele.

Caio de costas na cama e solto uma pequena risada. Não posso evitar, porque, apesar de estar petrificada na hora, ainda estou inebriada com a adrenalina de tudo isso. Grandes vitórias só vêm de grandes riscos e, bem, definitivamente arrisquei tudo esta noite. Minha diversão se instala na minha pele como poeira e dá lugar a uma dor surda atrás do meu peito. Para ser honesta, sentirei falta dos meus modos enganadores. Não estou desistindo do jogo porque estou entediada, mas porque é a coisa certa a fazer.

Sempre soube que era errado, e é por isso que passei os últimos três anos tentando encontrar a carreira *certa.* Quando cheguei a *Atlantic City*, a primeira coisa que fiz foi pesquisar os cassinos e a segunda foi assinar um cartão de biblioteca. Toda segunda-feira, ficava em frente à seção *Para Leigos,* fechava os olhos e passava o dedo indicador pelas lombadas. Qualquer livro que escolhesse, tinha que ler, não importa o quão chato fosse o assunto. Minha lógica era que talvez, apenas *talvez,* encontrasse algo nas páginas que iluminasse a escuridão dentro de mim. Algo que se aproximava da emoção de contar cartas, classificar bordas ou tirar uma carteira da calça de um homem enquanto estava distraído com meus seios. Até agora porém, sem dados. Gramática alemã. Imobiliária. *Trainspotting.* Cada livro que peguei me deixou entediada até as lágrimas.

Levanto-me da cama e vou até minha mala para guardar o relógio no bolso da frente. Descobrirei como vendê-lo amanhã.

Enquanto pego uma pilha de roupas da cama, algo debaixo dela chama minha atenção.

Um cartão.

Eu o pego e viro.

Sinners Anonymous. As letras são gravadas em ouro e, embaixo, há um número impresso em dígitos pretos acetinados. Fico olhando para ele por alguns segundos pesados, e então, sem pensar, pego o telefone descartável que comprei em uma parada de caminhões em algum lugar no Centro-Oeste e digito o número.

A linha toca três vezes e depois vai para o correio de voz.

— Ligou para *Sinners Anonymous* — diz a voz robótica de uma mulher. — Por favor, deixe seu pecado após o sinal.

Há um bipe longo, seguido por um silêncio estático.

Afundo na cama. Fecho os olhos e respiro fundo.

— Olá, velho amigo. Faz algum tempo.

04

Penny

Luzes coloridas, bandejas de prata e taças de champanhe piscam contra o céu cinza-perolado. À beira do lago gelado, salgueiros-chorões estremecem ao vento e, no meio, uma miniorquestra dedilha cordas e pratica melodias em uma plataforma flutuante.

O coração da *Devil's Preserve* foi transformado no epílogo de um romance gótico, um retrato perfeito de Felizes para Sempre, mas nenhum romantismo pode tirar o fato de que está *congelando.*

Matt coloca uma taça de champanhe na minha mão. — Sabe; acho que me casarei na Riviera Francesa.

Arrasto meu olhar das fileiras de cadeiras brancas vazias e observo meu vizinho. Está encostado no tronco de um carvalho, apreciando a vista por cima da borda de uma garrafa de cerveja. A cerimônia só começa em quinze minutos, e já afrouxou a gravata borboleta.

— Não sabe nem soletrar Riviera Francesa, idiota.

Ele me dá um sorriso de lado. — Ficará puta a noite toda? Já disse que sinto muito.

— Seu lamento não impedirá que meus mamilos congelem.

Matt falhou em me dizer que o casamento era *ao ar livre* quando me convidou ontem à noite. Não pensou em mencionar isso quando me viu sair em nosso corredor

compartilhado em um vestido azul sem costas, com meu casaco pendurado no braço também. Agora, apesar de estar com calor e se incomodar, não me dará sua jaqueta caso a garota por quem está aqui tenha uma ideia errada.

— Pode ficar com minhas meias. — Ofereceu depois que o submeti a um olhar feroz. — Não são caxemira, mas com certeza parecem.

Recusei sua oferta encantadora, em vez disso decidindo enterrar meu queixo na gola do meu casaco de pele falsa e dançar dois passos constantes.

— E você?

— Huh?

— Onde quer se casar?

— *Não* quero me casar. — Resmungo. Minha resposta é um reflexo involuntário. Uma decisão tão firme que está praticamente incorporada ao meu DNA.

— De jeito nenhum?

— Não.

— E se você se apaixonar?

Dou um gole no resto do meu champanhe, coloco a taça vazia em uma bandeja que passa e pego uma nova. — Não vou.

— Não pode saber disso.

— As mulheres não se apaixonam, Matt. Caem em armadilhas. São atraídas por doces mentiras e promessas suaves. Então, anos, talvez *décadas* depois, percebem que estão amarradas a um estranho, suas correntes tornadas mais pesadas por coisas como bebês e hipotecas e sogras com

obsessões doentias por seus filhos. Algumas se divorciam; algumas decidem que é mais fácil apenas ficar algemada.

Silêncio pesado assobia ao vento. Eu me viro para Matt e sorrio de sua expressão. — O quê? Demais?

— Foda-se, Pen. Quem a machucou?

Rio desta vez, ignorando como meu colar formiga com a pergunta. Minha teoria não deriva apenas do homem que me machucou, mas também da minha experiência de fraude. Diria que oitenta por cento dos homens que me abordam em bares ou cassinos são casados. A cada mão com anel que chegava à minha coxa, outra cicatriz desgastada se formava em meu coração. Claro, tornava mais fácil acertar seus bolsos, mas também me fazia sentir um vazio por dentro. Porque por trás de todo homem casado existe uma mulher que não percebe que ele é um babaca.

Uma sinfonia letárgica deriva do lago e se infiltra na multidão reunida como uma névoa baixa. Enquanto os olhos de Matt funcionam como drones, examinando os convidados que chegam em busca de qualquer sinal de sua paixão, bebo preguiçosamente em nosso entorno. As mulheres no bar bebendo martinis e arrulhando sobre uma de suas bolsas de grife como se fosse um bebê recém-nascido. Homens bebendo uísque em grupos compactos de três, murmurando em uma língua que não entendo.

Uma língua que não entendo.

Minha taça está a meio caminho dos meus lábios quando um mal-estar gelado me congela no local. Com o olhar aguçado sobre as bolhas borbulhando na minha taça, olho para as mulheres no bar e semicerro os olhos. A bolsa que estão passando não é só de grife, é a porra de uma *Birkin*. Aquela com uma lista de espera de seis anos.

Engulo e dou um leve aceno de cabeça. *Não. Certamente não.* Volto minha atenção para os homens mais próximos de nós e corro um olhar frenético sobre seus trajes. Estão todos vestindo *smokings* pontuados com lenços de bolso de seda. Padrão para um casamento, mas então me concentro em um homem em particular, separando seus detalhes. A corrente de ouro desaparecendo sob o colarinho de uma camisa. A grande cruz tatuada nas costas de uma mão bronzeada e o *Rolex Daytona* que fica acima dela.

Então algo muda em minha visão periférica, e meu estado elevado faz minha cabeça se erguer para capturá-lo. Entre dois carvalhos do outro lado da clareira, um homem espreita nas sombras. Só é detectável por seu corpo largo e pelo brilho de seus olhos conforme varrem a multidão. À esquerda, outra sombra, outro olhar concentrado.

Um anel de ferro de seguranças. E só há uma família nesta costa que precisa disso.

— Matt — digo com firmeza. — Com quem disse que Rory se casaria de novo? — Sou recebida pelo silêncio. — Matt?

Eu tiro meus olhos das sombras para olhar para ele, mas está fixado em outra coisa. Com a coluna rígida, está observando uma mulher de cabelos escuros em um vestido vermelho deslizar no meio da multidão e se juntar a um grupo conversando atrás da área de estar.

— Pen, traga-nos mais algumas bebidas — murmura, sem tirar os olhos dela.

— Mas sua cerveja está cheia e a minha também...

Ele pega a taça da minha mão e derrama nossas bebidas em uma poça lamacenta a seus pés. Minha boca se abre por instinto para lhe responder, mas meu cérebro decide contra isso. Julgando por seu olhar estúpido, conseguiria mais

informações do grosso tronco contra o qual está encostado, de qualquer maneira.

Vou para o bar, a pele zumbindo com a consciência, os ouvidos se esforçando para pegar trechos de cada conversa que passo. Rory Carter não pode se casar com um Visconti. Não tem como. Seu futuro marido deve ser um de seus funcionários favoritos, talvez um gerente em um dos clubes ou restaurantes em *Cove* ou algo assim. Porque, crescendo, tenho certeza de que ela nunca foi uma *daquelas* garotas de *Devil's Dip*, aquelas que esticavam o pescoço quando um carro escurecido rolou sobre as pedras da *Main Street*. Não consigo imaginar que ela tenha escrito o nome de Dante Visconti dentro de um coração em seus livros didáticos, ou tentado entrar em um dos clubes de Tor Visconti com uma identidade falsa, na esperança de avistar o próprio homem atrás de uma corda de veludo.

Chego ao bar e espero pacientemente enquanto a garota atrás dele descobre como abrir uma garrafa de champanhe. Estou inquieta, meu olhar vagando com cautela e intriga, e não apenas porque estou cercada por homens com mais sangue nas mãos do que toda a população da Penitenciária Estadual de Washington junta. Não, é porque estou de olho em dois Visconti. Um só conheci ontem à noite, e o outro conheço há anos.

Como se soubesse que estou pensando nele, uma voz profunda e suave toca minhas costas. — A última vez que vi esse casaco, me deu um grande desconto.

Agarro a borda do balcão e minhas pálpebras se fecham. Não me viro, ainda não. Em parte porque a emoção subindo pela minha garganta é muito grossa para esconder, e em parte porque não quero ser confrontada com a rapidez com que o tempo passa.

Nico Visconti nunca foi um mentiroso, mas está mentindo sobre este casaco. A última vez que o viu foi quando me deixou na rodoviária de *Devil's Cove* às duas da manhã, algumas semanas depois do meu aniversário de dezoito anos.

Esse é o problema em Coast. Meu passado se esconde em todas as suas sombras, ameaçando pular e me sufocar quando menos espero.

O calor de seu corpo orbita o meu, parando ao meu lado. Viro meu pescoço para a direita e encontro olhos cinza-tempestade sublinhados por um sorriso preguiçoso. Meu coração se parte em dois e desvio o olhar novamente, fingindo estudar as garrafas de uísque alinhadas no bar.

— Quanto tempo sem vê-la, *Little P*.

Seu apelido para mim acende um fósforo na escuridão sob minhas costelas. Odiava crescer. Parecia condescendente - piorado pelo fato de ele ser um pouco mais velho do que eu. Apenas alguns anos de diferença de idade, mas sempre fomos destinados a ser mundos diferentes.

Conhecia Nico desde que conseguia me lembrar, mas apenas de vista. Era o garoto quieto e desengonçado que se sentava no canto do *Visconti Grand Casino* com uma Coca Diet e um bloco de notas. Soube por minha mãe que ele era sobrinho de Alberto Visconti, e seu pai era o dono da empresa de uísque em *Devil's Hollow*. Conversamos pela primeira vez no vestiário. Eu tinha dez anos, ainda me acostumando com o peso do novo pingente de trevo de quatro folhas em volta do meu pescoço. Comecei a jantar entre as prateleiras de casacos caros, porque acabei de aprender da maneira mais difícil que os homens que jogavam pôquer na outra sala não eram realmente meus amigos.

Nico rastejou ao meu lado e olhou para minha lasanha reaquecida pelo que pareceram minutos. Depois fez uma

pergunta silenciosa. — Por que começou a cobrar um dólar dos homens para apostar em seus dados?

Engoli o verdadeiro motivo e lhe contei no que queria desesperadamente acreditar. — Porque tenho sorte.

Ele ergueu o bloco de notas que estava sempre colado em sua mão e bateu nele com um dedo fino. — Pessoas estúpidas confiam no acaso; pessoas inteligentes sabem que a sorte pode ser otimizada pela habilidade.

E então abriu seu livro e me apresentou ao mundo do jogo de vantagem. — Não é enganar a casa — sussurrou. — É usar probabilidade estatística e observações calculadas para mudar as chances de vitória a seu favor. — Olhou para a porta enquanto falava, e depois se inclinou um pouco mais perto. — Mas ainda assim, tem que prometer não contar a ninguém.

Não contei. Nos quatro anos seguintes, nos encontrávamos no vestiário três vezes por semana e praticávamos contagem de cartas, classificação de bordas e rastreamento de embaralhamento, e nunca contei a ninguém. Nossa rotina foi interrompida pelo assassinato de meus pais. Depois que a poeira baixou e a polícia recuou, fiquei inquieta com as noites passadas olhando para o teto dos quartos de hóspedes em lares adotivos e comecei a fugir para o cassino. Na primeira noite em que apareci, Nico me fez outra pergunta simples.

— Quer falar sobre isso ou quer se distrair?

Escolhi a distração, e foi aí que ele me ensinou a bater carteiras. Nós nos graduamos em truques de bar e esquemas de distração, e quando fiz dezoito anos, o aluno era melhor que o mestre.

Inspiro uma lufada de ar gelado e finalmente encontro coragem para olhar para Nico corretamente. Jesus. Sabia que

ficaria diferente, mas não *tão* diferente. Seu corpo esguio cresceu e enrijeceu em uma silhueta imponente, e seu sorriso infantil se transformou em um belo sorriso. Ele se transformou de um *geek* obcecado por números em um sinal de alerta tatuado. Tudo, desde sua enorme estatura até o dragão cuspindo fogo em seu pescoço, grita *perigo, perigo.* Não foram os três anos em Stanford que fizeram isso com ele, com certeza.

— É bom vê-lo, Nico — digo com um pequeno sorriso.

Ele acena com a cabeça, e então esperamos em um silêncio confortável pela *barmaid.* Ela olha para cima e deixa a garrafa de champanhe cair no balcão. — Sinto muito, Sr. Visconti. O que posso lhe oferecer?

— Um *Smugglers Club* e uma vodca com limonada. — Vira-se para mim, sobrancelha erguida. — A menos que seja mais civilizada hoje em dia? — Balanço a cabeça e ele sorri. — Vodca e limonada é isso.

Com um leve tremor, a *barmaid* serve um uísque e prepara minha vodca. Coloca uma rodela de limão para garantir, e isso me lembra minha mãe, porque era isso que ela fazia antigamente - acrescentava uma rodela de limão ou lima ou uma borda de açúcar às suas bebidas para fazer seu alcoolismo parecer mais sofisticado. Abandonou o fingimento bem rápido; no final, estava bebendo licor direto da garrafa. Tento não pensar nos meus pais quando bebo. Se eu mudasse meus hábitos por precaução, teria que admitir que sou como eles. E não sou *nada* como eles.

— Então. — Nico desliza meu copo pelo balcão e apoia o antebraço contra ele. — O que está fazendo aqui?

Minha boca se abre para dar a mesma desculpa idiota que dei a Matt, mas Nico era como um irmão mais velho para mim; devo a ele mais do que isso.

— Porque estava certo. — Seu maxilar tenso desaparece atrás da borda do meu copo enquanto tomo um grande gole.

Quando fiz dezoito anos e percebi que era impossível manter um emprego sem pedir demissão ou ser demitida em uma semana de treinamento, decidi colocar tudo o que aprendi em prática e jogar nas mesas em *Cove. Blackjack* era meu jogo preferido, e contar cartas sempre foi o que fazia de melhor. É claro que evitei o *Visconti Grand* como uma praga, mas Nico não demorou muito para descobrir o que eu estava fazendo de qualquer maneira. Estava *furioso.* Porque, embora a contagem de cartas não seja ilegal, é altamente desaprovada nos cassinos. E em um cassino Visconti? Você também pode ficar de joelhos e implorar para colocar uma bala na sua cabeça. Estava deixando a cidade para estudar matemática em *Stanford* e me disse que se eu quisesse continuar com minhas travessuras, deveria fazer o mesmo. Ele me levou até a rodoviária, me entregou um bloco de notas e me deixou com uma mensagem de despedida.

— Lembre-se, não importa o quão sortuda pense que é, seus pecados acabarão alcançando-a eventualmente, *Little P*. Sempre alcançam.

Agora, Nico absorve o mar de convidados por cima da minha cabeça. — Está fugindo? — Murmura, apenas alto o suficiente para eu ouvir.

— Não. — *Talvez.*

— Alguém está procurando por você?

— Não. — *Espero que não.*

— Está planejando ir a *Cove* agora que está de volta?

Este é o único "não" que posso dizer com confiança. — Estou me endireitando.

Seus olhos caem de volta para os meus, um sorriso brincando em seus lábios. — Sim?

Concordo. — Estou de volta ao meu apartamento em *Devil's Dip* e procurando um emprego regular.

— Boa ideia. *Cove* não é segura agora, de qualquer maneira. Então me faça um favor e evite tudo de uma vez, sim?

— Por que?

Sua atenção se volta para trás da minha cabeça novamente. Desta vez, sigo seu olhar e encontro Tor Visconti sentado na última fila de cadeiras, com o celular no ouvido.

— Drama familiar.

Engulo minha bebida para esmagar o arrepio que percorre minha espinha. Sim, não quero saber, nem mesmo para ser intrometida. Tive drama suficiente na última semana para durar uma vida inteira. Conversamos por mais alguns minutos, descascando as camadas dos últimos três anos, quando um súbito mal-estar percorre meu corpo como uma maré que se move lentamente. A anedota que estou contando a Nico escorre. Estou muito consciente, muito *distraída,* com a sombra fria roçando minha nuca.

No momento em que percebi que este casamento estava poluído pelos Visconti, sabia que era apenas uma questão de tempo antes de ter a infelicidade de encontrar Raphael novamente. É obviamente a razão pela qual está visitando *Coast.* Ainda assim, mesmo sabendo que era inevitável, não estou preparada para a forma como a sua voz cai sobre meus ombros como um cobertor de seda.

— Nico, a cerimônia está prestes a começar, por isso tenho medo de ter que roubá-lo de sua namorada aqui.

Engulo à medida que a frieza muda e então está na minha visão periférica. Uma visão nebulosa de marinho, branco e dourado. Uma estátua embrulhada em cetim que não tenho coragem de olhar. Em vez disso, ignoro as batidas em minhas têmporas e o olhar empolando minha bochecha para olhar para meus saltos agulha abertos lentamente afundando na lama.

— Mas é claro, seria rude de sua parte não nos apresentar primeiro.

Apresentar-nos? Aborrecimento sobe pelo meu pescoço, coceira e calor. Como não se lembra da garota que tirou um relógio de seis dígitos de seu pulso há menos de vinte e quatro horas? A garota que perseguiu com um *martelo?* Não só estou irritada, como percebo que também estou parcialmente ofendida. Estúpido, realmente, mas pensei nele a noite toda e, ainda assim, ele claramente não pensou em mim.

— Penny, Rafe. Rafe, Penny. — Nico diz preguiçosamente, passando a mão flácida entre nós dois. Está encostado no bar, mais uma vez distraído por algo atrás de mim.

Quero lhe dizer que já nos conhecemos, mas então ele perguntará como, e não acho que gostará muito de descobrir que enganei seu primo ontem à noite. Especialmente *este* primo. Não combina bem comigo apenas dizendo a ele que mudei.

Incapaz de adiar por mais tempo, cerro meus molares para ganhar coragem e volto minha atenção para cima. Meus olhos começam no par mais brilhante de *wingtips* de couro marrom que já vi. Sobem pela dobra frontal afiada da calça azul-marinho, pelos botões dourados de um colete e pousam em um olhar tão intenso que rouba minha respiração.

Puta merda. Talvez seja porque suas arestas não são mais suavizadas pela bebida e pela iluminação ambiente, mas sua

presença é ainda mais imponente do que me lembro. Elevando-se sobre mim, é uma rede de linhas retas e limpas, desde o corte de seu terno até o ângulo de suas maçãs do rosto e mandíbula. Cada vinco em sua roupa é intencional; cada cabelo preto azeviche em sua cabeça em seu lugar.

Raphael Visconti é uma imagem de perfeição polida. E algo sobre isso... bem, isso me faz sentir mal.

Ele sorri e uma emoção elétrica crepita na minha espinha. Lembra-se exatamente de quem sou. — É um prazer conhecê-la, *Penelope.*

Minhas bochechas ficam quentes ao som do meu nome completo. Ele acabou de saber que meu nome é Penny, e ainda assim assumiu que é a abreviação de alguma coisa. *Idiota arrogante.* Eu me recuso a corrigi-lo, porque parece que ele estaria ganhando alguma coisa se o fizesse. Em vez disso, sustento seu olhar e tento igualar seu tom sedoso.

— O prazer é todo meu, *Raphael.*

Triunfo. Ele pisca em meu peito quando um resquício de aborrecimento precede seu sorriso educado. Foi passageiro, e se eu tivesse piscado, teria perdido. Estou feliz por não ter piscado.

Minha euforia desaparece quanto mais ele segura meu olhar. Seu olhar é fácil e inabalável, mas o seu calor me deixa com a sensação de estar passando a mão em uma torneira quente. Fica cada vez mais quente até que não consigo suportar a queimadura e tenho que desviar o olhar. Volto minha atenção para Nico, em parte para me acalmar e em parte na esperança de que ele me salve.

— Eu tenho que ir — ele resmunga, tirando o copo de uísque do balcão. — Benny está prestes a pegar uma acusação de assédio sexual se apoiar aquele servidor ainda

mais naquele canto. — Ele para ao meu lado e aperta meu ombro. — Vamos conversar depois da cerimônia, Little P.

— Espere...

No entanto, é muito tarde. Viro-me para vê-lo deslizar no meio da multidão em direção ao irmão mais velho, e meu estômago afunda como um balão murchando. Com aquele olhar implacável ainda nas minhas costas, sei que não tenho escolha a não ser deixar crescer um par de bolas femininas e me virar.

Rafael pisca. Franzo a testa. Então ele se empurra para fora do bar e dá um passo à frente. Antes que possa retirar uma, tira a mão do bolso e alcança a abertura do meu casaco.

Prendo a respiração enquanto lentamente abre um lado do meu casaco, revelando mais do meu vestido azul por baixo. Seus dedos roçam levemente minhas costelas através do meu vestido fino, criando um estalo de eletricidade que contrasta com o frio intenso de dezembro que agora se espalha sobre meu quadril.

Mordo um arrepio e volto minha atenção para seu rosto, bem a tempo de ver seu olhar cair no comprimento do meu corpo. Sua expressão é indiferente, observadora, como se estivesse comprando roupas e só parasse para me olhar porque estou em liquidação, não porque sou seu estilo. Embora, aposto cada centavo que tenho que este homem nunca fez compras de liquidação em sua vida.

Seus olhos se movem de volta para os meus, humor suave por trás deles. — Bonito vestido. Roubou este também?

Pisco. Então, voltando aos meus sentidos, arranco meu casaco de sua mão e dou um passo para trás. — Sim — digo. Quero dizer, provavelmente.

Suas covinhas se aprofundam, como se estivesse satisfeito com a minha resposta. — Ah.

Queimando com o desejo de insultá-lo de volta, abro minha boca gorda antes que possa considerar as implicações do que está prestes a sair dela.

Aceno para o *Omega Seamaster* em seu pulso. — Belo relógio. Gostaria também de perder esse?

— O quê? Já vendeu meu outro por crack?

Eu... o quê?

Seu retorno é rápido e inesperado, em desacordo com seu tom amanteigado. Perplexa, olho em volta para ver se algum outro convidado do casamento ouviu, como se alguém chamar minha atenção e levantar as sobrancelhas para confirmar que não imaginei sua resposta rude, mas não há nada além de olhares curiosos e sussurros sobre copos de cristal. Antes que tenha a aparência de pensar em uma reviravolta, ele se vira para a bancada e apoia os antebraços contra ela. Não sei por que faço isso - talvez seja um glutão por punição, ou talvez goste de representar o papel de um cachorrinho chutado - mas deslizo ao seu lado.

— Amanda, permita-me.

Desvio meu olhar de seu perfil por tempo suficiente para perceber que a garota do bar *ainda está* lutando com a garrafa de champanhe. Ela congela, fica escarlate e relutantemente entrega a Rafe.

— Primeiro de tudo, precisa remover o papel alumínio. — Para minha surpresa, leva a boca da garrafa à boca e *arranca o papel alumínio com os dentes.* Cristo. Algo ardente e primitivo queima entre minhas coxas. Vou cada centímetro do meu rosto para não mostrar isso. — Segure a tampa... — envolve uma mão grande em volta do gargalo da garrafa e

coloca a outra na metade — ...e o *truque,* Amanda, é torcer o corpo, não a rolha.

Um tendão em sua mão grande e bronzeada se flexiona. O *pop* é tão sofisticado quanto ele. Um pequeno silvo de ar escapa dos meus lábios conforme ele gentilmente passa a rolha em volta da borda, acomodando o gás que sai dela. Devolve a garrafa a Barmaid, que murmura algo incoerente.

— Amanda?

Ela olha para cima, sua expressão de quase dor silenciosamente transmitindo, *não me torturou o suficiente?*

Com um giro do pulso, Rafe apresenta a rolha entre o dedo médio e o indicador. — Sempre abra longe do seu rosto. Essas coisas podem lhe arrancar um olho. — Inclina a cabeça. — E com olhos como os seus, isso seria um problema, não é?

Ele joga a rolha para o alto, a pega e a enfia no bolso. Jesus Cristo. Este homem é mais liso do que um chão recém-encerado.

Ele toma um gole preguiçoso de uísque e verifica o relógio por cima da borda. Então, como se pudesse ouvir minha pulsação acelerada e se perguntasse de onde vem o barulho, seus olhos vêm em minha direção. Correm pelo meu cabelo e pela repartição do meu casaco, antes de pararem nos meus saltos agulha abertos. Seus lábios se inclinam em diversão, porque até mesmo esse idiota sabe que é estúpido usar saltos abertos tão perto do Natal. Quando seu olhar volta para o meu, passa os dentes pelo lábio inferior.

— Foi um prazer, *Penelope*.

Um pouco tonta, e irritada comigo mesma por ter uma espinha feita de gelatina de repente, pego minha bebida do

bar e endureço meu olhar. — Claro, faremos isso de novo algum dia.

Ele sorri fortemente com o meu sarcasmo e passa a mão grande na frente de seu colete enquanto seu olhar passa por cima da minha cabeça e para os convidados do casamento ao nosso redor. Com um olhar sutil para Amanda, que agora está servindo champanhe em taças com as mãos trêmulas, curva o dedo indicador em direção ao peito.

Eu o encaro incrédulo. Certamente não. Certamente, não está me *chamando?*

A raiva explode dentro de mim como uma erupção feia. Não sou uma de suas malditas empregadas, nem um dos asseclas de terno que convoca com um movimento de seu pulso.

Abro minha boca para dizer isso a ele, mas quando nossos olhos se chocam, meu protesto evapora. Seu olhar verde-mar cintila com algo sombrio e sedutor. Algo que apela para o espaço obstinado entre minhas coxas. Meu cérebro está muito nublado por causa do álcool e dos insultos cobertos de veludo para colocar um nome em sua expressão, mas sei, sem dúvida, é feito sob medida para mim.

Apesar do desejo feminista de chutá-lo na virilha, descubro que estou dando um passo à frente e cedo à sua atração gravitacional. Uma vez em sua órbita, seu calor e cheiro suave de sabonete, colônia e menta me lavam, varrendo minha próxima respiração. Coração colidindo com minha caixa torácica, aperto minhas mãos em punhos e me concentro na gravata borboleta com ponta de ouro ao redor do grosso tronco de sua garganta. Que está perfeitamente barbeado, é claro. Não sou corajosa o suficiente para olhar para cima, porque estou muito perto para sobreviver a um contato visual tão intenso. Endureço conforme se inclina, e quando sua mandíbula dura roça a minha, isso me deixa

mais inebriante do que qualquer bebida poderia. Então sua voz profunda vibra suavemente contra o lóbulo da minha orelha.

— Prefiro enfiar o pau na porta de um carro do que fazer isso de novo, *Penelope.*

Uma lufada de ar frio acaricia meu pescoço enquanto retorna à sua altura total.

O quê?

Estupefata e abalada, tudo o que posso fazer é observar seu imponente corpo deslizar pela multidão sem ao menos olhar para trás.

Fico ali por alguns minutos, tentando recuperar o controle do meu pulso. À medida que aparência retorna a mim, traz uma emoção perversa. Parece que acabei de descobrir um segredo profundo e obscuro.

Raphael Visconti pode parecer um cavalheiro, pode falar como um cavalheiro.

No entanto, ele é tudo *menos* um cavalheiro.

05

Penny

Casamento é uma aposta louca quando se pensa sobre isso. Está apostando metade de tudo o que possui que ficará com essa pessoa pelo resto da vida. Como alguém pode ter tanta certeza?

Rory parece certa.

Sentada algumas fileiras atrás com Matt ao meu lado, observo Rory cumprir seus votos, em parte sem acreditar que se casará com o irmão mais velho *Devil's Dip*, e em parte com admiração, porque está tão bonita. Ela é uma visão de branco, embora não esteja vestida como uma noiva típica. Seu vestido é elegante e simples, a maior parte escondido por uma enorme jaqueta. E quando fica na ponta dos pés para tirar uma mecha de cabelo do rosto de seu futuro marido, juro que vislumbro um tênis Nike.

No momento em que percebi que era Angelo Visconti parado no topo do corredor, meu coração ficou pesado de pavor. Acontece que Rory não está se casando com qualquer Visconti, mas com aquele com o apelido mais ameaçador: Vicious.

Curiosamente, Angelo está no epicentro de uma das minhas memórias de infância mais viscerais. Até hoje não sei por quê, mas me lembro de meu pai me arrastando para o funeral conjunto de Alonso e Maria Visconti quando tinha onze anos. Ele me acordou antes do sol nascer, puxou um suéter rosa pela minha cabeça e nos levou até a igreja no penhasco. Deu-me uma garrafa térmica com chocolate quente

e tomou um gole de algo mais forte. E então, junto com outros moradores em roupas brilhantes, assistimos do ponto de ônibus do outro lado da rua enquanto os irmãos *Devil's Dip* enterravam seus pais.

Em algum momento, Angelo Visconti olhou em nossa direção e claramente não gostou do sorriso maroto e bêbado no rosto de meu pai. Então, sacou uma arma.

Um arrepio percorre meu corpo com a memória.

— A oferta de meias ainda está de pé — Matt sussurra em meu ouvido.

— Aposto que tem os pés mais fedorentos do planeta — murmuro de volta. Eu sorrio para sua risada e volto minha atenção para a frente.

Até a noiva entrar no altar, tinha noventa e nove por cento de certeza de que esse casamento não era consensual, mas então Angelo passou as mãos pela cintura de Rory e murmurou algo contra sua testa, e o jeito que ela riu foi tão doce que me deu dor de dente. Agora, enquanto Angelo repete seus votos, outra parte do meu corpo dói.

Ele fala baixo e suave, como se não desse a mínima para que ninguém além de Rory pudesse ouvir seu juramento. A maneira como olha para ela confirma isso. É como se ela fosse a única pessoa na Preserve, no *mundo,* e se fosse assim para o resto da sua vida, estaria perfeitamente contente com isso.

Trazendo minha mão ao meu peito, lembrando meu coração do monólogo cansado que vomitei para Matt antes. *O amor é uma armadilha.* Não posso deixar de me perguntar; alguns anos de felicidade ignorante seriam realmente piores do que nunca sentir felicidade?

— E pelo momento que todos esperamos, senhoras e senhores. — O oficiante levanta os olhos de seu iPad e faz uma pausa para um efeito dramático. — Agora pode beijar a noiva.

Em um mar de aplausos e gritos, a mão de Angelo encontra a nuca de Rory e seu sorriso se derrete nos lábios dela. O seu beijo é tão intenso, tão *caloroso,* que parece que estou assistindo através de uma webcam escondida no seu quarto. Com desconforto formigando em minhas bochechas, me mexo na cadeira e desvio meu olhar para a direita.

Ao lado do caramanchão, encontro um par de olhos já sobre mim, cheios de encanto verde que faz o barulho ao meu redor desaparecer como se viesse da casa de um vizinho. Sou puxada por menos de meio segundo antes de desviar o olhar, enfraquecida pelo veneno de seda que injetou em meu ouvido antes. Pegando-me, olho para trás quase imediatamente, mas é tarde demais. Ele passa o polegar sobre seu sorriso triunfante e se vira para murmurar algo no ouvido de Nico.

Por que parece que acabei de perder um jogo que não sabia que estávamos jogando?

Por que dei um passo em sua direção quando me chamou?

Apertando minhas mãos em punhos, me levanto e empurro contra a maré que corre em direção aos recém-casados. Por mais que adoraria parabenizar Rory por seu casamento agora, ir em direção ao caramanchão significaria ir em direção a Raphael Visconti, e prefiro não estar dentro de um raio de cinco metros de sua órbita. Porque no bar, claramente tive problemas para resistir à sua atração gravitacional.

Apesar de sorrir e rir em todos os lugares certos durante a cerimônia, passei muito tempo vasculhando as profundezas

mais escuras do meu cérebro na tentativa de localizar Raphael em minhas memórias de infância.

Não entendo como mal me lembro dele. Nem mesmo do funeral de seus pais. Ele não é exatamente... *inesquecível.* Claro, eu era jovem e ele devia ter vinte e poucos anos - ainda mais velho do que sou agora. Lembro-me de Angelo porque ninguém esquece um rosto atrás de uma arma, e me lembro de Gabe, o irmão mais novo deles, porque quem diabos poderia dizer que não se lembra de Gabe?

Enquanto o smoking e o cetim roçam meus ombros, olho para Gabe e imediatamente desejo não ter feito isso. Cristo, ele realmente é algo saído de um pesadelo. É ainda mais alto e mais largo do que seus irmãos, e a tinta escorre sem remorso por baixo de cada bainha, gola e punho de seu terno. Não sorri, nem mesmo no casamento do irmão. Acho que também não sorriria se tivesse uma cicatriz que ia da sobrancelha ao queixo.

Estremeço e saio para o corredor. Vou até o bar, pego uma bebida para Matt e para mim e espero até que a multidão diminua para estender meu...

— Penny! — O vento traz um trinado feminino aos meus ouvidos, e me viro para ver Rory se espremendo entre os corpos para chegar até mim. Nós nos olhamos e ela abre um enorme sorriso. — Pensei que era você. Reconheceria esse cabelo ruivo em qualquer lugar.

Puxo-a para um abraço caloroso, respirando seu perfume doce. — Você está tão bonita! Parabéns pelo seu casamento.

— Sim, sim, obrigada. — Está sem fôlego e o movimento preguiçoso de sua mão sugere que teve essa conversa um milhão de vezes hoje. — De qualquer forma, não fazia ideia de que estava de volta à *Coast*. Eu teria convidado você se

soubesse! — Olha ao redor com curiosidade. — Com quem está aqui, afinal?

— Matt Collins. — Rory conhece Matt da escola, e ele também costumava ajudar o pai dela na *Preserve* com biscates, como catar lixo e reabastecer alimentadores de pássaros. Quando um sorriso diabólico se espalha em seus lábios, reviro os olhos. — Ele é meu vizinho, não tenha uma ideia errada.

— Matt é super legal, então talvez seja a ideia *certa.*

Eu rio, sem me preocupar em sobrecarregá-la com o fato de que estou aqui como substituta até que a paixão de Matt finalmente o perceba. — Que tal se concentrar em sua própria história de amor hoje? Você pode se preocupar com o amanhã de outra pessoa.

Seus olhos brilham quando se movem sobre meu ombro. Sigo seu olhar e encontro Angelo Visconti olhando para ela com adoração. — Amanhã não. — Murmura, dando-lhe um sorriso tímido. — Amanhã estaremos a caminho de Fiji para nossa lua de mel. — Arrasta sua atenção de volta para mim. — Estarei de volta em duas semanas. Ainda estará aqui?

Depende se eu conseguir encontrar um emprego aqui; se meus pecados permanecem em *Atlantic City* ou atravessam as fronteiras estaduais. Claro, não sobrecarrego a noiva com isso. — Claro — digo brilhantemente.

— Então devemos recuperar o atraso quando eu voltar. Estou muito ansiosa para saber o que está fazendo ultimamente. — Olha para mim através de cílios grossos e falsos, e o vazio do meu peito se enche de calor. Rory sempre foi tão legal e realmente merece toda a felicidade do mundo.

Só espero que um Visconti possa dar a ela.

— Aurora! — Uma voz dispara da multidão. As pálpebras de Rory se fecham, então dá um sorriso de desculpas. — É melhor eu fazer as rondas. Espero encontrá-la na pista de dança mais tarde?

Ela beija minha bochecha e depois flutua para longe.

Antes que ela possa sair do alcance do braço, eu rapidamente estendo a mão e agarro seu braço. — Qual é a sensação?

Ela pisca. — O quê?

— Estar apaixonada?

Mal acredito nisso, então não tenho ideia de por que me sinto compelida a fazer a pergunta. Curiosidade mórbida, talvez. Como um homem perguntando a uma mulher como é dar à luz; é uma visão de algo que ele nunca experimentará.

Surpreendentemente, Rory não me dá uma resposta de uma palavra. Arrasta os olhos para o céu que escurece e morde o lábio inferior.

— Parece que seu coração está saindo do seu corpo. — Seu olhar encontra o de Angelo novamente, e observo fascinada enquanto um rubor rosa rasteja por baixo de seu colar. — Meu coração agora usa Armani e tem uma Glock para cada dia da semana.

Meus dedos deslizam para fora de sua jaqueta e ela se afasta.

06

Penny

— Somos amigos, certo? — Empurro o bolo de lava de chocolate para fora do alcance do meu garfo e seguro meu estômago. É o prato final de um jantar de oito pratos, e se eu comer algo um, o zíper do meu vestido vai desistir de tentar.

— Claro. — Matt diz isso em um tom monótono que sugere que não ouviu uma palavra do que eu disse. Está muito ocupado olhando para sua paixão, que agora sei que se chama Anna. Ela está sentada três mesas abaixo com um grupo de amigos, e nenhum deles tocou em um único prato. — Tudo bem, que tal isso. Quando ela for ao banheiro, você também vai. E então finja estar ao telefone e fale sobre o tamanho do meu pau ou algo assim.

Dou a ele alguns segundos para sorrir ou rir, *qualquer coisa* que mostre que está brincando. Não vem.

— Você acha que conseguirá a garota?

Seu olhar se inclina. — Garotas gostam de paus grandes, certo?

— Jesus Cristo, Matt. — Puxo o bolo para mim novamente. Só mais uma mordida. — Por que você simplesmente não vai falar com ela?

— Bateu a cabeça? Ela pensará que sou um esquisito.

Escolho outra boca cheia de bondade pegajosa em vez de apontar o óbvio. O chocolate tem um gosto melhor do que a

verdade. Inferno, às vezes o veneno de rato tem um gosto melhor do que a verdade.

A escuridão chegou em algum lugar entre as vieiras e o cordeiro: agora tochas tiki, lâmpadas de calor vermelho e o calor de uma história de amor lançavam um brilho nebuloso sobre a clareira. A batida baixa e fácil da miniorquestra aumentou o ritmo e introduziu um saxofone. Enquanto saltos altos brilhantes se movem para a pista de dança e mocassins de couro relutantes seguem, a noite crepita com um bom tempo.

Um garçom reabastece meu champanhe. Viro-me para agradecê-lo, mas meus olhos são atraídos para uma figura escura sobre seu ombro. Raphael Visconti está encostado no bar, mais *uma* mulher zumbindo à sua volta como uma mosca na merda. Estiveram indo e vindo a noite toda - vestidos diferentes, penteados diferentes, mas o mesmo comportamento de encolhimento dos ossos.

Como todas as mulheres antes dela, seus gestos são largos e sua risada alta. Em contraste, Raphael é calmo e suave. Inclina a cabeça para ouvir o seu monólogo; corre o polegar sobre um sorriso bem-educado.

Raphael Visconti é o cavalheiro perfeito. É também o mentiroso perfeito.

A palavra *mentiroso* vibra na ponta da minha língua como um doce azedo. Chame isso de instinto, ou de bom senso; meu instinto sabe que esse ato cavalheiresco nada mais é do que fumaça e espelhos.

Como se de repente ele pudesse sentir o veneno em meus pensamentos, o olhar de Raphael se levanta do chão e trava no meu. Pisca com diversão sombria, e a maneira como diz *Penelope,* estendendo todas as quatro vogais em um *sotaque caxemira*[12], sussurra ao vento.

Com o coração acelerado, giro na minha cadeira em uma tentativa de salvar a cara. *Realmente* tenho que parar de olhá-lo, porque ele começará a pensar que estou com ciúmes ou algo assim. E *definitivamente* não estou com ciúmes.

Eu me concentro em um casal dançando uma valsa bêbado na pista de dança. — Ei — chuto Matt por baixo da mesa para chamar sua atenção... — diga-me o que sabe sobre Raphael Visconti. Idiota, certo?

Ele franze a testa, então olha por cima do meu ombro. Sei que vê um homem bonito conversando com uma mulher sob um brilho romântico, porque seu rosto se transforma em um sorriso comedor de merda. — Vai tentar a sorte?

— Não. — Abro o primeiro botão do meu casaco e o olhar de Matt cai para a abertura.

— Pensou que estava com frio?

Eu o esmago com minha bolsa. — Responda à pergunta. Diga-me o que sabe sobre Raphael Visconti, senão direi a Anna que tem caranguejos.

Minha ameaça não diminui sua alegria, porque ele repete meu conselho anterior com uma voz esganiçada, que presumo que seja para imitar a minha. — Por que simplesmente não vai falar com ele?

Não sei por que não contei a Matt sobre a grosseria de Rafe antes. Acho que é pela mesma razão que não contei a Nico sobre nos conhecermos antes; teria então que explicar toda a fraude. Matt não sabe nada sobre isso e, como meu único amigo em *Coast*, continuarei assim. Além disso, por alguma estranha razão, gosto de ser a único a conhecer o segredo de Raphael.

Antes que possa dizer ao meu amigo que prefiro pular do topo do penhasco de *Devil's Dip* quando a maré está baixa, o

arrastar de uma cadeira faz sua cabeça girar em um ângulo de noventa graus. Nossos olhos seguem Anna enquanto ela se levanta, alisa o vestido e cambaleia com botas de salto alto pela pista de dança em direção ao bar.

Não consigo explicar por que minha garganta fica mais apertada com cada balanço sensual de seu quadril.

O tom de Matt diminui o humor e aumenta o pânico. — Não, sério. Vá falar com ele.

Como se cronometrada com precisão, Anna desliza para o espaço ao lado de Raphael, meio segundo depois que a outra garota o desocupa.

Minha mão se fecha em punho ao redor de um guardanapo manchado de chocolate. — Por que? Preocupado que ele roube sua garota?

— Claro que estou preocupado, porra, *olhe* para ele. — Relutantemente, olho, e no momento mais infeliz. Algo que Anna disse foi engraçado, aparentemente, porque inclina a cabeça para a varanda cintilante e *ri.* Não apenas uma risada educada, mas do tipo que vem do fundo das paredes duras de seu estômago. O tipo que é difícil de fingir.

Acho que ele é um mentiroso melhor do que eu pensava, porque por um segundo maluco, quase acredito nisso.

Jesus, devo estar bêbada.

— Não respondeu a minha pergunta. Ele é um idiota, certo?

Matt parece surpreso. — Rafe? Um idiota? De jeito nenhum. Por mais que eu queira dizer que é um idiota, porque um homem bonito *assim* precisa de alguns defeitos, ele não é. Seu programa de bolsas de estudos paga cem crianças desfavorecidas para obter uma carona completa para a *Devil's Coast Academy* todos os anos. Financia a fundação

Make a Wish do hospital, e lembra quando aquela estranha nevasca atingiu Dip há quatro anos? — Relutantemente, aceno. — Ele pagou do próprio bolso todos os reparos e danos. Deve ter custado *milhões a ele.* É um cara legal, ao contrário de alguns dos outros Visconti…

Sigo seu olhar aguçado para o outro lado do bar, onde Benny está tentando impressionar uma loira derramando fluido butano de seu Zippo na palma de sua mão. Fecha o punho, segura o isqueiro embaixo dele e então *sopra.*

Matt grita um palavrão enquanto uma bola de fogo ilumina o céu noturno, suas chamas cruéis dançando muito perto das sobrancelhas da garota para conforto.

— Que tal? O incêndio criminoso pega garotas? — Murmura, o tom misturado com sarcasmo.

Uma forte rajada de vento traz uma risada alta, limpando o humor de meus lábios. Matt se aproxima, me cutucando com sua coxa, e como duas cabeças da mesma cobra, olhamos enquanto Anna ri e murmura sobre algo que Raphael diz. A risada sacode seu corpo esbelto com tanta violência que ela cambaleia para trás, e quando o braço de Raphael desliza em volta de sua cintura para firmá-la, ambos também sibilamos como cobras

Enterro o meu sob outro bocado de bolo de chocolate.

— Na verdade, estou te *implorando* agora. Por favor, vá separá-los.

— Sem chance.

— Apenas lhe peça para dançar…

— Não há nenhuma maneira no inferno…

— Eu lhe dou cem dólares.

A oferta me dá uma pausa. Quer dizer, estou falida *pra* caralho agora. *Comer ramen*[13] *que está no meu armário há mais de três anos* meio que quebrou.

Ontem à noite, enquanto inalava a pulseira de couro picante do relógio de Raphael, estava chapada com os cifrões, mas agora voltei à terra e percebi que provavelmente terei que deixar *Coast* para vender um relógio Visconti, porque as chances de um penhorista arriscar a vida para aceitá-lo aqui são quase nulas. E quem sabe quando conseguirei um emprego?

— Pague duzentos.

— Ah, vamos. Sou professor.

— *Boo-hoo* — retruco. — Você ensina em uma escola com uma taxa de frequência de quarenta mil por ano. Não está exatamente juntando centavos para comprar seus próprios lápis de cera, está?

Matt faz uma pausa. — Muito bem. Um-sete-cinco.

— Um-sete-cinco e se livra de seu tapete de boas-vindas.

— Droga. Duzentos e fico com ele.

— Combinado.

Fechamos com um aperto de mão, mas o *triunfo* que desce pela minha espinha é seguido por um pavor espesso e pegajoso. Típico. Estava muito cega pelo dinheiro para ver a tarefa em mãos, e agora tenho que ir até Raphael Visconti, *voluntariamente,* e puxar conversa com ele. O homem que me disse especificamente que preferia bater o pau na porta de um automóvel antes de falar comigo novamente.

O mocassim de Matt cutuca meu tornozelo. — *Mova-se.*

— Cala a boca, estou indo — assobio. Esvazio minha taça de champanhe em três goles, em parte para abafar o friozinho na barriga que não tem nada a ver com isso, e em parte para me dar uma desculpa para ir ao bar.

A mesa vibra quando me levanto. Porra, bebi muito rápido e não sei por quê. Não é como se precisasse de coragem líquida, porque tenho *sorte.*

Sorte. Certo. Eu tinha esquecido da minha sorte.

Jogando os ombros para trás, toco o trevo de quatro folhas em volta do pescoço e me livro da energia nervosa. Ele é apenas um homem, pelo amor de Deus. E este é apenas um show pago.

Com uma nova onda de confiança, caminho em direção ao bar, meus olhos treinados em meu alvo. Talvez ele possa ouvir a batida determinada de meus saltos em sua direção, ou talvez tenha desenvolvido um sexto sentido para problemas durante a noite, mas seus olhos deslizam para cima de seu copo quando me aproximo. Mesmo na contraluz pelas luzes brilhantes do bar, posso ver seu olhar rolar sobre meus saltos pretos, subir na separação do meu casaco e vir para o meu. Algo dentro dele ganha vida e, estranhamente, sinto isso em meu próprio pulso.

A anedota de Anna se dissolve na minha chegada, e sua expressão cheia de luxúria endurece em algo que me escaldaria se fosse tangível. Ela é irritantemente bonita. Cabelo preto meia-noite, feições felinas e um corpo que tenho certeza que faz qualquer um com olhos olhar duas vezes.

— Sinto muito, querida. Importa-se?

Ela me encara. — Importa-se o quê?

— Se eu roubar Raphael por alguns minutos.

Ela não mostra sinais de movimento, até que o tom sedoso de Raphael corta a tensão.

— Foi ótimo recuperar o atraso, Anna.

Uma emoção inebriante percorre meu corpo como uma corrente elétrica. Até mesmo um idiota poderia entender a dica, e Anna sai andando. Definitivamente fiz um novo inimigo em *Coast*, o que é uma pena, porque gostaria de ter feito amigos primeiro, mas me preocuparei com isso depois. No momento, estou muito concentrada em tentar fingir que não consigo sentir a presença de Rafe enquanto peço uma bebida.

— Sabe, estou começando a achar que tem uma queda por mim.

Minha mandíbula aperta, e mantenho meus olhos treinados no rabo de cavalo da *barmaid* enquanto prepara minha vodca com limonada. — O que diabos lhe daria essa ideia?

— Porque não consegue me deixar em paz.

Irritação, constrangimento e algo mais *vibrante* formigam em meu rosto como alfinetes e agulhas. É ridículo, eu sei, mas saber que não há como ele falar com outras mulheres assim me deixa arrepiada. Patético. Porque é claro que ele fala assim comigo - roubei a porra do seu relógio.

— Ou talvez eu só queira vê-lo enfiar o pau na porta de um carro.

— Ou talvez você só queira ver meu pau.

Congelo, então viro minha cabeça para encará-lo. Quando permito que um silêncio atordoado passe, os lábios de Raphael se inclinam antes de desaparecer atrás de um gole preguiçoso de uísque. Acha que *ganhou.* Minhas bochechas

ficam mais quentes do que a lâmpada de calor acima da minha cabeça, e solto uma risada sardônica.

— Curioso. Todo mundo parece pensar que é um cavalheiro, mas falar tanto sobre seu pau não é exatamente um hábito cavalheiresco.

A única coisa que se move é o músculo contraindo sua mandíbula. E então, com a mesma relutância que se tem ao sair da cama pela manhã, arrasta o olhar para o meu.

— E você? O que acha?

— Acho que não sou tão facilmente enganada.

Seus olhos caem para os meus lábios, um sorriso lento e diabólico se espalhando por ele. Embora seu sorriso seja frio, cria um calor no meu âmago, que flutua como uma brisa de verão entre minhas pernas.

— E você, Penelope? É uma dama?

Não gosto do tom zombeteiro em seu tom. A seda manchada com sarcasmo me deixa de volta. Inclino meu queixo e endureço meu olhar. — Sim.

Passa a mão pelo rosto, enxugando uma pitada de diversão. — Ah.

— Ah, *o quê?*

— Também não sou tão facilmente enganado.

Seu tom é baixo e suave, como se projetado apenas para os meus ouvidos. Uma energia nervosa rola sobre os meus ombros, e pressiono as palmas das mãos no bar para suportar o seu peso. Claro que ele não acha que sou uma dama. Eu *não sou.* Nenhuma dama usa vestidos com as etiquetas de segurança ainda colocadas, nem ganha a vida enganando os homens em uma quinta-feira à noite.

Solto um suspiro trêmulo e o olhar de Raphael se estreita no sopro de condensação flutuando entre nós. — O que queria, de novo? Para jogar outro de seus jogos cafonas?

— Se você for corajoso o suficiente.

Não sei por que digo isso - sendo direta - mas sai da minha boca antes que possa impedir. Uma reação instintiva a um insulto, suponho, cravada profundamente dentro de mim como o resto das minhas falhas.

— Não.

O tom de Raphael é cortado e pontuado com um gole de uísque. Volta sua atenção para o espaço acima da minha cabeça, como se procurasse outra pessoa, *qualquer outra pessoa,* para conversar.

Ele me deu uma saída fácil, mas sou orgulhosa demais para aceitá-la. — Tem medo de perder de novo?

— O que lhe dá tanta certeza de que ganhará? — Fala lentamente, a diversão suavizando suas arestas novamente.

— Porque eu tenho sorte.

Seu sorriso mantém a forma, mas não perco a onda de desprazer que passa por seu olhar como uma corrente oculta. Três batidas pesadas de silêncio se passam. Ele coça a garganta e olha para o céu sem estrelas enquanto toma o último gole de uísque. Com um movimento brusco de seu pulso, desliza o copo vazio pelo bar e me aquece com o calor de sua atenção.

— Tem um jogo em mente?

— Sim. — *Não,* mas se três anos fazendo esta dança me ensinaram alguma coisa, é que tem que estar no controle. Se eu permitir que ele escolha um jogo, minhas chances de perder aumentam cem vezes.

Tomo um gole lento da minha bebida, ganhando tempo para vasculhar minha lista mental de jogos de bar. Demora mais do que o normal, porque é difícil me concentrar na voz que grita para eu ir embora. Assim como o questionário, precisa ser algo seguro, em vez de trapaça. Escolho um da minha lista e coloco meu copo no bar com um baque satisfatório.

— Pronto?

Raphael ergue a palma da mão. — Não decidimos uma aposta.

— Se eu ganhar, também ganho o relógio. — Aceno para o *Seamaster* em seu pulso. O pensamento de enganar *Raphael Visconti* em *dois* de seus relógios me dá água na boca.

— E se eu ganhar?

A densidade repentina de seu tom levanta os cabelos na parte de trás do meu pescoço. Olho de seu pulso para seu rosto e imediatamente desejo não ter feito isso. Não estava preparada para o perigo que dança entre as paredes de suas íris.

Engulo o nó na garganta, de repente muito consciente dos meus mamilos endurecendo sob o tecido fino do meu sutiã. *Ele é apenas um homem. É apenas um homem. É apenas um homem.*

— Bem, o que quer? — Sussurro.

Ele segura meu olhar por um tempo longo demais. Lambe os lábios, e o menor vislumbre de algo *muito* pouco cavalheiresco passa por seu olhar verde. Apenas quando sinto que a tensão pode me sufocar, ele dá um pequeno aceno de cabeça. — Que vá embora.

Eu pisco. — O quê?

Ele sorri com a minha surpresa. — Gostaria de aproveitar o casamento do meu irmão em paz, sem que fique me mordendo os calcanhares. — Seus olhos pousam em algo atrás de mim e solta um suspiro irônico. — De alguma forma, não acho que seu acompanhante se importará.

Sigo sua linha de visão até Matt. Nos últimos cinco minutos, de alguma forma conseguiu criar um par de bolas e se mover para a mesa de Anna. Está sentado em frente a ela, entre dois amigos, e a encara com a intensidade de um assassino em série. Olho para trás em nossa própria mesa e vejo quatro copos vazios perfeitamente alinhados em seu lugar.

Figura.

— Combinado. — Digo alegremente. Foda-se, não vou vê-lo depois desta noite. Ele voltará a seu jato particular e de volta para Las Vegas, então talvez apareça na Páscoa, ou algo assim. Estarei muito longe até então - espero.

Mais uma fraude. Só uma... e então me endireitarei como disse que faria.

Peço dois copos grandes de água e olho para Raphael por baixo dos meus cílios postiços. — Qual é a sua bebida favorita?

— Uísque, claro — diz, divertido.

Aceno para o barman. — Três doses de *Sambuca*, por favor.

Minha bochecha esquenta sob sua risada suave. É delicioso e fácil e de repente entendo por que as mulheres riem tanto perto dele.

— Tudo bem. — Alinho as duas águas à minha frente e coloco as três doses de *Sambuca* na sua frente. — Aposto que

posso beber esses dois copos enormes de água antes de você beber essas três doses.

Raphael apalpa sua mandíbula, seu olhar estreito avaliando minha água e suas doses. — Não tem como fazer isso. Qual é o truque?

— Tudo o que peço é uma vantagem. É muito líquido, não é?

A suspeita brilha em seus olhos. — Quanto de uma vantagem inicial?

— Hum, digamos, um copo?

Ele considera por alguns segundos, então encolhe os ombros. — Parece justo. Regras?

— Apenas uma: não tocar no copo uns dos outros - sabe, derrubá-los ou removê-los. Pronto para eu começar?

Observando-me com cuidado, ele acena com a cabeça.

Bebo meu primeiro copo de água em goles rápidos e fáceis. Amo esse jogo por dois motivos. A primeira é que bater toda essa água é uma ótima maneira de evitar uma ressaca. A segunda é que é um truque tão simples, mas ninguém consegue decifrá-lo.

A vantagem libera um dos meus copos, e no segundo em que Raphael começar a beber, colocarei o copo de cabeça para baixo em uma de suas doses. Ele não terá permissão para mover meu copo de acordo com a regra de não tocar, e eu beberei alegremente o segundo copo de água com um sorriso presunçoso nos lábios e um novo relógio de seis dígitos no pulso.

Limpando a mão no fundo da boca, coloco o copo vazio na mesa e me viro para Raphael. — Obrigado pela vantagem. — Digo docemente.

— A qualquer momento.

— Pronto?

Seu olhar brilha. Olhando para o meu lábio inferior molhado, balança a cabeça lentamente, mas o que ele faz a seguir é muito mais rápido. É tão suave e eficiente que meu cérebro movido a álcool demora um pouco para alcançá-lo. Ele junta os três copos, de modo que a circunferência combinada é maior do que a borda do meu copo vazio. Antes que possa pegar minha água em uma última tentativa de vencer este jogo de forma justa - impossível, é claro - há um lampejo de metal, um *clunk* e um *plop,* e então estou olhando para uma arma submersa na água.

Minha água. *Sua* arma.

Meu pulso salta na minha garganta e cambaleio para trás. Enquanto olho para a arma, com o cano balançando entre os cubos de gelo e o punho apoiado na borda em que estava prestes a colocar meus lábios, tudo em minha periferia escurece. Já estive tão perto de uma arma duas vezes na minha vida. Na primeira vez, estava levantando a bainha do meu vestido em um beco escuro e, na segunda, estava pressionada contra minha têmpora.

Silvo. Clique.

Sabe o quão sortuda você é, garota? É uma em um milhão.

O som alegre da orquestra desaparece e meu coração fica mais alto. Sua batida ressoa na cavidade do meu peito sob um manto de dormência. Não poderia me mover se eu tentasse.

A arma se move em um flash de citrino e seda. Recupero a compostura suficiente para seguir a arma enquanto Raphael a puxa para fora do copo e a limpa com o lenço de bolso. Seu

paletó se abre e, assim, a ameaça desaparece, sumindo atrás da cortina de veludo.

Ele apoia o antebraço no bar e desvia a atenção para algo no horizonte. Quando fala, há uma calma em sua voz que pouco ajuda a descongelar o gelo em meu sangue.

— Vê o problema com sorte, Penelope, é que tem o péssimo hábito de desaparecer quando se apoia nela. — Sua abotoadura de dados pisca para mim enquanto acerta uma dose. — Deveria considerar confiar em algo um pouco mais resistente. — Outro dose, outro baque. — Como inteligência ou conhecimento. — Seu olhar cai para os meus lábios. — Ou, se não tem nenhum desses, talvez esse seu lindo rosto. — Bate o último copo no bar e enxuga o sorriso com as costas da mão, antes de caminhar para frente até ficar ombro a ombro comigo.

Tento ignorar como o calor de seu braço queima meu casaco, ou como o cheiro ardente de alcaçuz de seu hálito provoca minha perda. Em vez disso, concentro-me na parede de bebidas atrás do bar, tentando controlar minha respiração.

Ele se abaixa, sua bochecha afiada e fria acariciando a minha. — A saída está à sua direita. — Então desliza uma grande mão em volta do meu pulso. É quente e dominante e, *juro,* posso praticamente ouvir minha pele chiar onde me agarra.

Eu troco tentando controlar minha respiração em favor de não respirar.

— Tenha cuidado na floresta, Penelope. — Seu aperto escorrega do meu pulso, e seus dedos queimam uma trilha lenta ao longo da palma da minha mão, antes de me soltar. — Coisas ruins se escondem onde não pode vê-las.

E então desaparece, camuflando-se entre o mar de ternos.

Não fico por aqui. Apesar de lutar para manter a calma, o piloto automático assume o controle do meu corpo, e viro, pegando minha bolsa da mesa. Não consigo olhar para Matt e espero que ele também não perceba minha saída.

Começando uma meia corrida, desapareço entre as árvores e nas sombras. A segurança diminui e a floreta engrossa, até que a escuridão consome tudo. O timbre animado da orquestra finalmente se desfaz, e o silêncio é um lembrete assustador de que estou sozinha.

Meu gemido o atravessa, pintando a noite de cinza.

Tive sorte desde a noite em que aquela senhora apareceu no beco e me deu seu colar. Sorte a ponto de ser praticamente meu único traço de personalidade. Estava preocupada que tivesse me deixado quando fui pega em *Atlantic City*, mas considerei isso um golpe de infortúnio. Afinal, tive a sorte de voltar a *Coast* com todo o dinheiro que me restava e garantir um relógio de seis dígitos na mesma noite.

Talvez porém tenha sido também outro golpe de desgraça, porque me levou a Raphael Visconti.

Acelerei o ritmo sem nem perceber. Meus pulmões queimam e meus olhos ardem com lágrimas que sou teimosa demais para derramar. Enquanto passo meus dedos sobre a casca áspera de uma árvore e estendo a mão para outra, meu pé se prende em uma raiz, rolando meu tornozelo debaixo de mim.

— Foda-se. — Sibilo para a escuridão.

Que azar o meu.

Tornozelo gritando em agonia, manco. Não paro, não até que as árvores se espalhem e um brilho alaranjado nebuloso atravesse a clareira. Alguns segundos depois, um único poste de luz aparece e o chão endurece sob meus saltos altos

enlameados. Agora que posso ver por onde estou caminhando, tiro os saltos e começo uma descida trêmula pela colina íngreme, ficando perto da beira da estrada sinuosa que leva de volta à cidade principal. Quando meus pés doem, coloco os saltos de volta, o que é uma melhora duvidosa.

À medida que a adrenalina que corre em minhas veias cai de um zumbido para um zumbido baixo, abre espaço para outro sentimento: inquietação.

Seus pecados acabarão alcançando-a, Little P. Sempre alcançam.

As palavras de Nico sussurram no fundo do meu cérebro como uma memória que estou tentando suprimir. Talvez tivessem um significado mais profundo, um que ele desconhecia. Talvez os pecadores não tenham sorte. Talvez boa sorte aconteça com pessoas boas e má sorte com pessoas más.

Não tenho sido boa desde que tinha dez anos. Por que *deveria* ter sorte? O que fiz para ter boa sorte nesta vida, além de enganar as pessoas e roubá-las de seu dinheiro?

Estou tão perdida no pântano de meus próprios pensamentos que não percebo que perdi a curva para a *Main Street* até que uma rajada de ar salgado me bate no rosto.

Estou no porto. Meus dentes batem enquanto olho para a clareira repentina. Apesar do tempo, é um burburinho de atividade. Em primeiro plano, caminhões apitam e jaquetas refletivas piscam em seus faróis, e atrás deles, navios de carga balançam e sacodem sobre as ondas agitadas do Pacífico.

Meu olhar cai para os meus sapatos. Estão cobertos de lama e não consigo sentir os dedos dos pés. A ideia de voltar trotando pelo penhasco para o meu apartamento me faz

gemer alto, então decido descansar contra um prédio administrativo atarracado por alguns minutos.

Deixo cair minha cabeça contra a alvenaria, a emoção sufocando minha garganta enquanto observo os homens trabalhando. Normalmente não sou uma pessoa emotiva, mas tendo *a* ficar um pouco chorosa quando estou cansada.

Preciso de alguém para conversar. Preciso de um amigo.

Pesquei meu celular na bolsa e, com as pontas dos dedos congeladas, disco o único número que conheço de cabeça.

A linha toca três vezes e, em seguida, o correio de voz é ativado.

— Ligou para *Sinners Anonymous*, por favor, deixe seu pecado após o sinal.

Inalo profundamente; exalo-o contra o céu sem estrelas.

— Ei, eu de novo. Eu sei, eu sei. Duas ligações em menos de vinte e quatro horas. Louco, considerando que não tem notícias minhas há três anos, certo?

Fungo para nada além de estática, piscando para conter as lágrimas. Abro a boca, mas a fecho novamente, percebendo que não quero que meu amigo mais antigo e único pense que sou uma idiota. Sim, mesmo que seja apenas uma linha direta automatizada. Suspirando, clico *End* e coloco meu celular de volta na bolsa.

— Se isso é carma pelo que fiz no cassino *Hurricane*, então me dê um sinal. — Murmuro para o universo.

Uma luz brilhante repentina passa pelo meu rosto. Semicerro os olhos e coloco a mão sobre, estudando um caminhão grande se aproximando do galpão de trânsito, com os faróis acesos.

Um caminhoneiro barrigudo de cerveja salta da boleia e um portuário sai do galpão de trânsito, rádio em uma das mãos e prancheta na outra. A sua conversa é salpicada de olhares confusos para as pranchetas e goles preguiçosos de canecas isoladas.

Eventualmente, o trabalhador bate no ombro do caminhoneiro e se vira em minha direção. Os faróis do caminhão brilham como uma aura atrás dele.

Essa é a última coisa de que me lembro antes do calor escaldante e do estrondo ensurdecedor. A última coisa que vejo antes do céu noturno se iluminar em laranja, e então meu mundo sangrar para preto.

Esse é o meu sinal, suponho.

07

Rafe

Whiskey Under the Rocks, *Devil's Hollow*.

A tensão escorre do teto escarpado e, por baixo dele, faz os homens planejarem vingança contra um dos seus.

As vozes são baixas e as expressões sombrias. Inclinar-me contra o bar me dá uma visão do clube através de uma lente grande angular, e bebo tudo sobre a borda do meu copo baixo.

— Como se chama uma boate cheia de tranquilos Visconti?

Meu olhar desliza para a esquerda, onde Castiel, meu primo mais velho e futuro capo de *Devil's Hollow* - se é que o tio Alonso alguma vez dá uma olhada - está servindo dois dedos de uísque.

Inclino minha cabeça e considero a piada. — Nenhuma ideia.

— Eu também. Nunca vi isso antes.

Ele sorri e solto uma risada sardônica. Bebo o resto do meu uísque em um, mas antes de bater o copo contra o balcão, ele o pega da minha mão.

— Calma aí, *cugino* — fala lentamente. — Este bar top é *African Blackwood*. Mandei instalar na semana passada.

Meus olhos caem em sua mão com anel acariciando o veio da madeira. — Se você tocasse sua mulher assim, poderia

não estar sentada no canto atacando todos os homens do Tinder.

Nós dois olhamos para Alyona. É a herdeira de pernas longas da maior destilaria de vodca da Rússia e noiva relutante de Cas. Pelo jeito que está olhando para ela, não duvido que o sentimento seja mútuo. Ela se senta de pernas cruzadas em uma cabine de veludo com um rosto de bunda espancada, olhos grudados em sua tela. Com certeza, seu polegar está fazendo hora extra.

Cas resmunga e enche meu copo com uísque *Smugglers Club*. Às vezes, me pergunto se ser o CEO da empresa significa que se cansa de beber. Ele gentilmente desliza um guardanapo pelo bar e coloca meu copo em cima dele, antes de levar o dele aos lábios. — Gostaria que Dante tivesse me avisado que ele explodiria o porto hoje à noite. — Murmura para o líquido âmbar. — Eu a teria deixado cair no meio disso.

— Um romântico incorrigível.

— Deixarei esse título para Vicious. — Seu celular vibra em seu bolso. Depois de retirá-lo, olha para a tela e se afasta com ele no ouvido.

Pego minha bebida fresca e olho para meu irmão Angelo e sua nova esposa com o mesmo nível de interesse que se tem ao assistir a um documentário de *David Attenborough*. Estão parados no centro da sala, alheios às conversas tensas ao seu redor. As mãos de Angelo estão firmemente em volta da mandíbula de Rory enquanto murmura algo apenas para os seus ouvidos. O seu paletó está jogado sobre os ombros dela, escondendo a maior parte do vestido de noiva.

Leves arrepios de diversão na minha pele. O apelido de Angelo não é Vicious à toa. Está forçando um exterior calmo pelo bem de sua esposa, mas a veia latejando em sua têmpora

esquerda me diz que ele escapará para um quarto vazio na primeira oportunidade e destruirá tudo que estiver à vista. Seu temperamento é, e sempre foi, como um vazamento de gás. Traga uma pequena chama para perto dele e ele explode, aparentemente do nada.

Às vezes, me pergunto se ele realmente foi direito por nove anos, ou se foi um longo sonho febril da minha parte.

Gostaria de dizer que ele voltou para a *Cosa Nostra* e finalmente reivindicou seu papel de direito como capo do *Devil's Dip* porque caiu em si, mas na verdade foi porque ele perdeu a porra da cabeça.

Para encurtar a história, ele queria a noiva de 21 anos do tio Alberto e, quando não a entregou imediatamente em uma bandeja de prata, enfiou uma bala na cabeça do velho e começou uma guerra com seu filho mais velho e sucessor, Dante.

Sabia que Dante era um babaca no momento em que trapaceou em uma das minhas noites de pôquer, mas não sabia que também foi lobotomizado. Ele explodiu o porto *Devil's Dip*, do qual todos os três grupos Visconti, incluindo o dele, dirigem seus negócios.

Angelo e Rory começam uma partida de tênis de língua, e prefiro estourar os olhos a assistir à partida. Então, mudo meu olhar para Gabe, nosso irmão mais novo e recém-nomeado *consigliere* do grupo *Devil's Dip*. Está sentado em uma mesa de pôquer com três de seus *soldati* mais confiáveis. Como Angelo, tem uma aparência calma, mas seu olhar é iluminado como um fio elétrico.

Meu irmão é um mistério e, apesar de ter crescido como um ladrão, tudo o que sei sobre ele agora é que tem um tesão constante por violência e ódio por alfaiataria afiada. Provavelmente já o vi de terno duas vezes na vida: hoje, no

casamento de Angelo, e nove anos atrás, no funeral de nossos pais. Enquanto grunhe ordens para seus homens, torce a gravata-borboleta nos punhos, como se estivesse avaliando quem deveria estrangular com ela.

De repente, apunhala o mapa sobre a mesa com um dedo grosso e uma figura se encolhe na cabine atrás dele.

É a senhora que meu primo Benny pegou no casamento. Meus olhos deslizam sobre ela, em seguida, movem-se um centímetro para a direita, para o próprio idiota. Encontra meu olhar com um sorriso presunçoso, então levanta o copo para mim. *Saúde.*

Limpo minha mão em minha boca em uma tentativa pobre de esconder minha diversão. Parece que apenas alguns minutos atrás, Nico e eu estávamos vendo-o atirar com ela na pista de dança, apostando em quanto tempo levaria até que ela o chutasse nas bolas.

— Você me deve vinte mil.

Falando em Nico. Ele senta ao meu lado no bar e serve duas doses de *Don Julio '42*. Desliza um para mim com um movimento de seu pulso, não dando a mínima para o *African Blackwood*.

— Leia a sala, *cugino.* Agora não é hora de fazer apostas triviais.

Nico ri. — O dobro ou nada diz que ele a fode.

Um pulso pisca em minha mandíbula. — Fechado.

Como todos na família, Nico sabe que não *posso* recusar a oportunidade de jogar ou fazer uma aposta, mesmo que seja garantido que perderei. Meu autocontrole é rígido e galvanizado e, no entanto, o *clique-claque* de um dado ou o *degelo* de uma roleta girando é como crack para mim.

Toda a minha vida é um jogo, mas é previsível. Possuo metade dos hotéis e cassinos e recebo proteção dos que não possuo. Em um mundo de probabilidades fixas, todas empilhadas a meu favor, minha única emoção é jogar os dados no desconhecido.

Nico bate a dose e despeja outra. — Fodeu tudo.

— Sim?

Ele me dá um sorriso tímido. — Sim. Dormi com ela na despedida de solteiro, então já sei que ela é carne da máfia.

— Jesus — murmuro. — Você e Benny estão a um sábado à noite do incesto.

Ele ri baixinho, então pega uma pilha de copos com uma mão e enfia a garrafa de tequila debaixo do braço. Seu assobio jovial desliza pelo ar como óleo na água. Ao meu redor, vejo Griffin, o chefe da minha equipe de segurança pessoal, parar de andar pelas sombras para encará-lo enquanto passa.

— Idiota do caralho. — Resmunga, antes de retornar ao seu telefonema abafado.

Não concordo; na verdade, Nico é um dos poucos primos que não consideraria um idiota. Ele apenas cresceu com a guerra pairando sobre sua cabeça como uma nuvem de tempestade constante. Não é um idiota, apenas é imune a coisas como explosões e derramamento de sangue.

Deixado sozinho de novo, olho para a dose de tequila que Nico serviu para mim. Como regra geral, não bebo nenhuma bebida que seja clara, a menos que esteja tentando garantir negócios com mexicanos ou russos, mas foda-se.

Bato e espero.

Para minha leve decepção, queima minha garganta e escorre em meu peito, mas não faz nada para extinguir a chama de mal-estar que tremeluz ali.

Arrastando uma junta sobre minha mandíbula, me viro e descanso meus antebraços contra o bar. Principalmente para que Angelo não perceba a rachadura na minha fachada de indiferença. De todos os Visconti, sou o mais calmo. A voz da razão em uma fossa de ego e testosterona. Aquele que apaga seus incêndios com um balde gelado de realidade e um plano, mas devo admitir, estou lutando para aderir a essa reputação esta noite.

O porto do Devil's Dip está em chamas, e há uma sensação incômoda em meu peito de que, de alguma forma, sou o responsável.

Foi apenas uma coincidência.

Com um aceno de cabeça, rolo o copo de uísque na palma da mão e o pressiono contra o interior do meu pulso em uma tentativa de esfriar meu sangue. Claro, meu cérebro *sabe* que foi uma mera coincidência. Dante está escondido há mais de um mês; já era hora de tirar o dedo da bunda e retaliar. E que dia melhor para fazê-lo do que o casamento de Angelo?

A ruiva não teve nada a ver com isso.

Fecho meus olhos por um breve momento, de repente ciente de toda a tensão em minhas costas.

Ela não é o meu cartão de perdição.

Atrás de mim, Angelo pigarreia. — Homens, escritório de Cas em um minuto.

Rolo meu pescoço em meus ombros. Aliso a minha gravata borboleta e realinho minha compostura antes de me virar. Homens forçados atravessam uma porta nos fundos do clube em uma fileira de smokings e copos de cristal. Angelo

agarra o cabelo de Rory e dá um beijo raivoso em seu pescoço, antes que ela se junte à festa nupcial no canto. Alguns dos homens de Gabe formam uma barreira protetora ao redor deles, enquanto Angelo volta sua atenção para mim.

Ele olha para mim, silencioso, mas esperançoso. Abrindo um sorriso preguiçoso, seguro minha mão horizontalmente no espaço entre nós. Ambos os nossos olhos se voltam para ele e, como sempre, está mortalmente parado.

Meus irmãos e eu jogamos esse jogo desde que éramos crianças. Desde quebrar a porcelana fina de nossa mãe andando de patins na cozinha até perceber que há uma câmera de segurança do lado de fora da casa de nossa última vítima dos *Sinners Anonymous* - sempre que o perigo nos tocava, me procuravam para avaliar a gravidade. Acho que é porque vejo as coisas através de lentes lógicas ou porque não tomo decisões precipitadas.

A regra é e sempre foi que, se minha mão não treme, as mãos deles também não deveriam. Ele engole. Acena, mas quando seus olhos viajam de volta para os meus e se estreitam, posso dizer que não está convencido.

— É *Dante,* pelo amor de Deus.

Meu protesto não ilumina a escuridão em seu rosto, e olho de volta para minha mão para verificar se não há nem mesmo o menor tremor nela. Não acredito que estou duvidando de mim mesmo, mas tenho que admitir, a ruiva me deixou fora de sintonia.

Quando ela entrou no bar ontem à noite, eu a ouvi antes de vê-la.

Aquelas botas enlameadas desceram as escadas e subiram pela minha espinha, me forçando a ler a primeira linha de um e-mail duas vezes. Só isso me deixou de pé, e tudo antes mesmo de vê-la. E quando a vi, estaria mentindo

se dissesse que não olhei duas vezes. E então uma terceira vez, porque ela deslizou ao meu lado no bar e tirou o casaco como uma stripper de merda.

Claro, a primeira coisa que notei foi seu cabelo cor de cobre. Tão bagunçado e *tanto.* Não poderia dizer se ela tinha acabado de ser fodida sem sentido em lençóis de poliéster ou arrastada por um arbusto para trás. A segunda coisa que notei foi o vestido verde que mostrava muita pele para uma noite de quinta-feira. E a terceira? A etiqueta de segurança ainda estava presa na bainha.

Era um problema e meu instinto sabia disso antes mesmo de ela abrir sua boca espertinha.

Normalmente, acho fácil ser um cavalheiro. Eu tenho talento para rir na hora, contar uma piada bem colocada e, em seguida, sair graciosamente quando a conversa fiada fica tão seca que faz meus olhos coçarem. Pelo menos um membro desta família tem que ter boas maneiras, e suponho que essa tarefa caia sobre mim.

No entanto, Penelope me fez querer ser tudo, menos cavalheiresco.

Tenho medo de falar com mulheres nesta costa, a menos que esteja em um único encontro com elas. Não há nada menos atraente do que olhar para uma senhora e ver seu sobrenome brilhar em luzes atrás de seus olhos, mas os dela eram grandes e azuis e careciam de qualquer centelha de reconhecimento - a princípio, pelo menos. Em algum lugar entre sua proposta e eu recebendo um telefonema de meu irmão, ela descobriu, e eu estaria mentindo se dissesse que o sádico em mim não levantou sua cabeça feia quando a vi tentando subir as escadas correndo e fora das minhas garras.

A empolgação me fez jogar minha cautela e autocontrole no fogo, então não deveria ter ficado tão surpreso quando me

queimei. Ela não tinha trapaceado; ganhou meu *Breitling* de forma justa, e a maneira como fez isso só despertou meu interesse em quem ela era e o que diabos estava fazendo em *Devil's Cove* com uma mala e um vestido roubado. Enfiei meu relógio em seu bolso junto com um cartão dos *Sinners Anonymous* na esperança de encontrar seus segredos esperando por mim na caixa postal até o final do fim de semana.

Nunca pensei que a veria novamente. Então, quando avistei aquele cabelo ruivo ondulando ao vento do outro lado do lago, conversando com meu priminho, o desconforto rastejou sob meu colarinho, pegajoso e *quente.* Só piorou quando teve a coragem de tentar me enganar novamente. Falando sobre sorte, de todas as coisas.

E então a explosão aconteceu.

Meus molares rangem por instinto, mas quando sinto o olhar de Angelo ficando mais nítido, jogo os ombros para trás e o imobilizo com meu melhor olhar de indiferença. — Gostaria de ver se meu pau também treme, ou devemos descobrir o que fazer com nosso primo idiota?

Sem esperar por uma resposta, dou um tapa em seu ombro e entro no escritório de Cas. Tem pouco mais que uma mesa de um lado e uma longa mesa de reuniões do outro, onde os Visconti se reúnem como uma matilha de lobos. Angelo e eu ocupamos nossos lugares à frente.

Puxo uma ficha de pôquer do meu bolso. Rolo-a entre o polegar e o indicador. De repente, estou bem com o fato de não ter conseguido afogar minha inquietação na bebida, porque a adrenalina de sentar ao lado de meus irmãos na cabeceira desta mesa a supera de longe.

É aqui que pertenço e sempre soube disso. Não em Las Vegas, mas em *Devil's Dip* com meus irmãos. Apesar de todo o

meu sucesso na Strip, sempre houve um vazio negro no oco do meu peito, uma dor vazia com a necessidade de estar em casa. Esperei nove longos anos para Angelo voltar para *Coast.* No momento em que recebi a ligação de que ele estava voltando, estava no próximo jato, para grande consternação de meus investidores e seguranças.

Um silêncio elétrico envolve a sala. Três batidas pesadas se passam antes de Gabe quebrá-lo batendo o punho contra a mesa.

— Nunca gostei do filha da puta.

Os dois irmãos *Hollow* mais novos murmuram em concordância, mas Cas não. Em vez disso, se inclina com o lenço de bolso de seda na mão e esfrega o local que Gabe acabou de perfurar. — Esta família é a razão pela qual não posso ter coisas boas. — Murmura.

— Não. Não pode ter coisas boas para o caso de sua assustadora noiva russa jogá-las na sua cabeça — Benny brinca. Há uma onda de risadinhas ao redor da mesa.

— Chega.

A voz de Angelo é afiada, mas simples, cortando a sala como uma faca de carne. Afrouxa a gravata-borboleta e esfrega a palma da mão no queixo. Sua aliança de casamento brilha sob as luzes embutidas.

— É a minha noite de núpcias. Deveria estar em casa fodendo minha esposa e olhando o tempo para Fiji. Em vez disso, estou no subsolo de *Devil's Hollow* com seus bastardos réprobos. Quero um plano traçado nos próximos dez minutos para poder tirar Rory daqui. Gabe, o que está pensando?

Gabe se recosta na cadeira, tirando a gravata-borboleta como um chicote.

— Granadas ou uma ogiva de foguete.

Da porta, meu último recruta, Blake, invoca Jesus baixinho. Escondo meu sorriso atrás dos meus dedos, antes que Gabe se levante e quebre seu pescoço. Todos os meus homens são ex-Força Delta ou CIA, e estão presos às suas instruções mais apertadas do que os cadarços de suas botas de combate. São quietos, obedientes e ficam nas sombras até que os convoque para a luz. Na metade do tempo, esqueço que estão lá.

Estão muito longe dos *soldati* de *Gabe,* que parecem ter sobrevivido ao apocalipse. Griffin estava chateado e perplexo com a minha decisão de deixar meu brilhante condomínio fechado em Las Vegas e voltar para *Coast*, e agora que o porto foi explodido, tenho certeza de que serei atingido por um rude *eu te avisei* no momento em que me pegar sozinho.

No entanto, ele nunca me entenderá como esses homens ao redor desta mesa. Ser um Visconti é como um tipo de sangue, não pode escapar do que nasceu; também não gostaria.

A mandíbula de Angelo se contrai em pensamento. Ele sibila uma lufada de ar quente, antes de apontar o queixo para Cas e os outros irmãos Hollow. — E vocês?

Paro de sacudir minha ficha de pôquer e olho para Cas em antecipação.

Quando Angelo colocou uma bala na cabeça de Tio Al e começou uma guerra civil com *Devil's Cove*, o clã Hollow decidiu ficar de fora, apesar de seu território estar bem entre nós. *Pense em Hollow como sendo a Zona Desmilitarizada,* Cas havia dito na época. *Não escolheremos entre família.*

De todos na *Cosa Nostra*, ele é o que mais se parece comigo. Um homem de negócios primeiro, um *made man* depois. Agora, porém, posso ver o dilema mordendo as bordas de sua consciência. Eventualmente, junta suas mãos e

enrijece sua mandíbula com determinação. — O *Smugglers Club* é uma marca global. Exportamos mais de cinquenta por cento de nosso estoque através de seu porto, então a pequena façanha de Dante nos custou milhões. — Passa o polegar sobre o lábio inferior, imerso em pensamentos. — Ele precisa pagar.

— Sim, com uma granada — Gabe resmunga.

Cas dá de ombros. — Não é a pior ideia que teve, *cugino.*

— Rafe? O que acha?

Sentindo o peso dos olhos de todos na minha pele, viro-me para encontrar o olhar de Angelo. Giro a ficha de pôquer no ar e a pego, antes de colocá-la de volta no bolso.

— Acho que é chato.

Gabe bufa. — Acha que uma granada é chata?

Meu olhar se desloca preguiçosamente para ele. — Só as crianças se divertem com coisas que fazem *barulho,* irmão.

Angelo solta uma risada sardônica. Todo o clichê da máfia não me atrai, e agora que finalmente estou de volta com meus irmãos, recuso-me a ser amarrado a tradições arcaicas e atitudes de *dormir com os peixes.* Em seguida, usaremos cartolas.

Verifico a hora no meu relógio de pulso, então me levanto. — Cavalheiros, não tomaremos mais do seu tempo, estão livres para ir. — Levanto minha mão, cortando o início do protesto áspero de Gabe. — Vamos mantê-los informados.

A suspeita paira sobre as feições de Benny. — Livres para ir? Ainda não concordamos em como derrubar o filho da puta.

Eu o prendo com um sorriso tenso. — É um problema de Dip; nós cuidaremos disso. Enquanto isso, se precisar de

homens extras, fale com Griffin na saída. Ficarei feliz em lhe emprestar alguns membros da minha equipe de segurança pessoal.

— Mas...

— Ele disse que lidaremos com isso — diz Angelo, finalmente mordendo o tom.

Colunas enrijecem. O ar crepita com palavras que é melhor não dizer. Eventualmente, todos se levantam, exceto Angelo e Gabe, cujo brilho é quente o suficiente para abrir um buraco na parede oposta.

— Tudo bem, mas não precisamos de seus homens — Benny resmunga, roçando seu ombro contra o peito de Blake enquanto passa. — Este aqui parece que não saberia usar uma arma mesmo que viesse com um manual de instruções ilustrado.

— Não preciso de uma arma. Esses punhos funcionam muito bem. — Blake rosna de volta, entrando no caminho de Benny.

Aperto meus molares traseiros enquanto Cas agarra Benny pelo cangote e o arrasta para fora da sala. Estou começando a me perguntar por que Griffin pensou que Blake seria um bom recruta. Deveria saber que o Visconti mediano colocaria uma tampa em seu lobo temporal apenas para provar um ponto.

O problema dos meus homens seguirem para *Coast* é que só me conhecem como Raphael Visconti, o empresário. Eles veem as reuniões intermináveis, as cabines VIP. Recebem suas instruções de eliminação em envelopes pardos lacrados e realizam as batidas em estacionamentos tranquilos. Não veem o lado negro e violento ligado ao meu nome de família. Fiz bem em manter os dois separados, e qualquer coisa

tratada dentro dos limites da *Cosa Nostra*, mando Gabe e seus homens realizarem.

Eu os protegi por tanto tempo que estou preocupado que pessoas como Blake pensem que a *Cosa Nostra* é uma invenção da imaginação de Francis Ford Coppola.

A porta se fecha, mergulhando-nos no silêncio.

Aquela veia na têmpora de Angelo faz um sapateado. — Isso é um jogo para você, não é?

Não é bem uma pergunta, porque meus irmãos já sabem a resposta. Gabe soca a mesa novamente e, desta vez, há um *estalo alto* sob seu punho.

— Mama deveria ter colocado você no controle da raiva quando ameaçou que o faria — reflito.

— Quer desafiar Dante para um jogo amigável de *Tic, Tac, Toe?* — Os olhos de Gabe encontram os meus, furiosos e selvagens. *Desequilibrado.* — Ele explodiu nosso porto. Três mortos confirmados já, e foda-se sabe quantos mais virão. Faça um favor a todos nós e deixe o combate comigo e com meus homens, e volte a lavar seus ternos a seco.

Enquanto o estudo, rapidamente me ocorre que é o máximo que o ouvi falar desde *aquele* Natal. Pouco antes de nossos pais morrerem, ele voltou a *Coast* para as férias com um olhar assombrado e uma cicatriz recente que ia da sobrancelha ao queixo. Era um homem totalmente diferente. Não disse o que aconteceu com ele - não disse muito, na verdade, mas algo sobre planejar vingança o trouxe à vida, e quase não quero tirar isso dele.

E não quero, exceto que minhas ideias são sempre melhores.

— Largue os esteroides, irmão. — Vou até a mesa, dando um tapinha condescendente no ombro de Gabe enquanto

passo. — Eles deixam seu cérebro confuso e seu pau pequeno.

Afundo na poltrona atrás da mesa de Cas e arrasto seu tabuleiro de xadrez a minha frente. Com leve diversão, percebo que é o que comprei para ele no ano passado em seu aniversário. A julgar pela fina película de poeira cobrindo as peças e pelo fato de ele me dever doze mil, não tem praticado.

Gabe para atrás de mim, lançando uma sombra escura sobre o quadro.

— Deixe-me simplificar para o seu cérebro enfurecido. — Com um movimento do meu pulso, jogo todas as peças de xadrez, fazendo-as voar pela mesa. — Isso é o que quer fazer. Retaliação imediata; destruição total. Claro, Dante aluga suas células cerebrais e apenas em dias alternados da semana, mas até ele espera que retaliemos esta noite. No mínimo, seus homens estão guardando o perímetro de *Cove* enquanto falamos. — Lentamente, pego todas as peças, tomando meu tempo para colocá-las de volta em seus devidos quadrados. Atrás de mim, o bufo impaciente de Gabe desliza pelo colarinho da minha camisa. — Mas sabe o que ele não espera?

— Um coquetel Molotov? — Explode.

— Nenhuma reação nossa.

Angelo inclina a cabeça. Acaricia a barba por fazer em seu queixo. — Rafe está certo. Dante estará sentado atrás da mesa de Big Al, coçando as bolas e esperando por uma guerra. — Aponta o queixo para mim. — Qual é o plano?

Eu me recosto na poltrona. — Fazemo-nos de bobo e estendemos um ramo de oliveira. Dizemos a ele que *alguém* explodiu o porto e precisamos deixar nossas diferenças de lado para descobrir quem. Porque com certeza — acrescento

secamente — ninguém seria estúpido o suficiente para bombardear a porra do porto que *eles usam.*

— E então?

Com um sorriso, volto para o tabuleiro de xadrez. — E então, sua sorte começa a mudar. — Tiro um peão, depois outro. — Ataque cardíaco. Acidente de carro. Overdose de drogas. Todos os seus associados e *soldati* morrem em circunstâncias infelizes, mas insuspeitas. Um dia, ele olhará para cima e perceberá que não há mais ninguém para lutar com ele.

Todos nós olhamos para o tabuleiro, onde um rei preto está sozinho, em frente a um exército de peças de xadrez brancas.

Gabe estende a mão e pega a rainha da pilha de peças descartadas. Parece comicamente pequeno em sua mão quebrada. — Seu *consigliere,* Donatello, já se foi. A última vez que ouvi, ele está limpando cocô de cavalo em uma fazenda no Colorado com Amelia. Uma criança a caminho também.

Olho para cima e dou uma piscadela de conhecimento para Angelo. — Você faz coisas malucas quando está apaixonado, certo?

Ele franze a testa para mim, pega a torre e o cavalo e os coloca no bolso. — Os gêmeos, Vittoria e Leo, podemos deixar de lado. Mal têm dezesseis anos e provavelmente estão morrendo de medo.

Gabe estende a mão para o bispo, mas instintivamente, minha mão dispara e se enrola em torno de seu pulso. Olha para ele como se estivesse prestes a dar uma mordida na minha carne. Eu mesma pego o bispo e o giro entre o polegar e o indicador, antes de derrubar o rei preto e colocá-lo em seu lugar.

— Tor fica.

O gelo atravessando meu tom de voz é uma ocorrência rara, e atrás de mim sinto Gabe enrijecer.

— Não.

— Não estou perguntando a você. Estou lhe *dizendo.* Ele fica.

Torquato Visconti pode ser o irmão de Dante, o novo subchefe e o maior idiota de *Coast*, mas é meu melhor amigo e um dos meus melhores parceiros de negócios. Além de aparecer no casamento, está escondido desde que seu pai foi baleado, mas não tenho dúvidas de que ele aceitará.

— Sim, ele veio ao casamento — diz Angelo, pensativo, dedilhando os dedos na mesa. — Mas é engraçado que não estava em lugar nenhum depois da explosão.

— Ele saiu logo após a cerimônia.

— Isso é porque ele está envolvido nisso. — Gabe estala.

— Nah — atiro de volta.

A expressão de Angelo endurece. — Sei que está cinco centímetros acima do cu de Tor, mas Gabe tem razão. Não podemos assumir que ele não está apoiando seu irmão nisso. — Verifica o relógio, bate com os nós dos dedos na mesa e se endireita. — Tudo bem. Cas e eu entraremos em contato com Dante e marcaremos um encontro. Gabe, reagrupe seus homens e crie um plano de ação baseado na ideia de Rafe. E Rafe. — Seus olhos repousam diretamente nos meus. — Avise-me quando tiver notícias do Tor.

Sem outra palavra, contorna a mesa e se dirige para a porta. Para dentro de seu quadro. — A propósito — resmunga, olhando para mim por cima do ombro. — Seu novo bar foi destruído. Garanta outro local e rápido. Quero um tão

grandioso que faça toda a *Cove* parecer uma festa de aniversário infantil no *Chuckie Cheese*.

Um, sim. A construção do primeiro cassino e bar do *Devil's Dip* estava em andamento. Cortado no penhasco com vistas panorâmicas do Pacífico, teria mijado em toda a vida noturna de Cove, especialmente com o meu nome ligado a ele, mas ficava logo acima do porto e, bem, merdas acontecem, suponho.

— Agora isso, posso fazer — murmuro, tirando a ficha de pôquer do meu bolso e jogando-a no ar.

Gabe balança a cabeça. — Vamos para a guerra, e todos vocês, idiotas, se importam com a diversão.

O olhar de Angelo escurece. — Não. Quero mostrar ao filho da puta que uma pequena explosão de merda não é suficiente para derrubar os irmãos Dip.

A diversão puxa os cantos da minha boca à medida que gira e desaparece no bar principal, chamando o nome de Rory.

Agora sozinho, um silêncio intenso chia entre mim e meu irmão mais novo. Eu me viro e me deleito com o calor de seu olhar.

— Problema?

— Sim.

Olho para o meu relógio e lentamente me levanto. — Isso é uma vergonha. Diria para levar isso ao departamento de RH, mas não acho que a *Cosa Nostra* tenha um.

Seu olhar queima minhas costas enquanto caminho até a porta. — Que bom que voltou, irmão.

Nico está esperando por mim quando entro no clube principal. Ele me acompanha e abaixa o tom. — Sobre o dinheiro que me deve.

Reviro os olhos, dando-lhe um tapa no queixo sem diminuir o ritmo. — Foda-se com a conversa sobre dinheiro, certo? Você encontrará esse dinheiro nas rachaduras do sofá se cavar fundo o suficiente.

Quando não responde, olho para seu rosto. Usa uma expressão sombria em vez de seu sorriso preguiçoso característico, e o contraste me faz parar lentamente.

Meu olhar se estreita. — O quê?

Nico arrasta os dentes sobre o lábio inferior, seu olhar se deslocando por cima do meu ombro.

— Apagarei a dívida se me fizer um favor.

08

Penny

Bip. Bip. Bip.

O ritmo baixo e lento se infiltra em meu subconsciente, fazendo cócegas em um canto escuro do meu cérebro. Não é o som do meu alarme. Talvez seja o meu toque? Não tenho ideia de como isso soa; não apenas porque normalmente meu celular está vibrando, mas porque ninguém tem o número do meu telefone.

É irritante, seja o que for.

Resmungo e rolo para enterrar minha cabeça no espaço entre os travesseiros, mas algo puxando minha mão me impede. Apenas alguns segundos se passam antes que a dor comece. Queima de uma têmpora à outra e se encaixa na minha testa como um elástico.

O quê...?

Abro uma pálpebra e varro a sala. Tetos brancos, lençóis brancos. Clínico e *estéril.* Mesmo com os olhos embaçados e a cabeça latejando, sei que não estou no meu apartamento. Na verdade, não me lembro de ter chegado em casa.

Eu estava no porto. A memória abre as comportas em meu cérebro nebuloso, e tudo corre de volta para mim.

O céu laranja. A explosão ensurdecedora.

O *calor.*

O bipe fica mais rápido, e só tenho bom senso para perceber que é porque o clipe na ponta do meu dedo está monitorando minha frequência cardíaca.

Passos leves e rápidos se aproximam e então uma mulher aparece na porta. — Está tudo bem, você está bem. — Entra na sala com o andar de um passeio de domingo; para na ponta da cama e estuda meu prontuário, dando-me a chance de estudá-*la.* Cabelos brancos presos em um coque apertado, meia-idade e volumosa de uma forma que faz com que os botões da frente de seu uniforme fiquem em zigue-zague. É o tipo de mulher que os pais dizem aos filhos para procurar no parque se um homem assustador se aproximar deles.

Ela deve ser enfermeira, o que significa que estou no hospital.

— O que aconteceu? — Bem, isso é o que *tento* dizer. Sai em um gemido truncado e acende um rastro de fogo na minha garganta.

Seus olhos cinzentos se voltam para mim, divertidos. — Acalme-se, querida. Pegarei um pouco de água em um segundo. Sou Minnie, a enfermeira responsável aqui no *Devil's Hollow Hospital*. E você é... — olha para a prancheta e sua expressão se ilumina. — *Ooh*! Uma Jane Doe! Que legal.

Pisco. *É isso?*

Ela vai até a mesinha lateral e serve um copo de água de uma jarra. — Calma — diz, observando-me beber o líquido o mais rápido que posso na tentativa de apagar o fogo. — Toda aquela gritaria deixou sua garganta seca — diz. — Podiam ouvi-la no Canadá.

Meus olhos parecem que saltarão para fora da minha cabeça. *Gritando?* Por que diabos eu estaria *gritando?*

— Houve um pequeno acidente no porto, minha querida. Suas anotações dizem que foi atingida por uma pilha de caixas caindo e levou um golpe particularmente forte na cabeça.

Ela puxa uma lanterna do bolso da camisa e faz uma varredura rápida em meus olhos com ela. Puxa o soro e coloca um novo curativo nas costas da minha mão. — Não parece uma concussão, mas vamos monitorá-la por um tempo, tudo bem?

Não estou ouvindo porém, *não consigo.* Porque tudo que posso sentir é meu próprio apelo em meus lábios e tudo que posso ver é um calor alaranjado nebuloso distorcendo o céu negro e frio.

Pedi um sinal de que tinha perdido a sorte e recebi uma queima de fogos completa. Deixo cair minha cabeça contra o travesseiro, sentindo a mão gelada da realização pressionando minha traqueia.

Se eu não tiver sorte, o que tenho?

— Certo, docinho. Preciso fazer minhas rondas, mas daqui a pouco venho ver como está. Descanse, está bem? — Com um tapinha suave no meu ombro, se apressa para o corredor bem iluminado, um assobio caloroso flutuando atrás dela.

Apenas uma batida se passa antes que uma onda de culpa caia sobre mim. Tira o ar dos meus pulmões e eu caio, descansando minha cabeça latejante no travesseiro.

Logicamente, sei que pedir um sinal não causou a explosão, mas não consigo me livrar da sensação de que, de alguma forma, foi minha culpa. Meu cérebro forma uma imagem do trabalhador portuário. Em um minuto ele estava caminhando em minha direção em um halo de faróis, e no próximo, simplesmente se foi.

Trapaça e truque são uma coisa; incêndios criminosos e explosões são outro jogo totalmente diferente. Cristo, esses pecados estão se acumulando como amuletos em um colar, e não sei quanto tempo mais poderei carregar esse fardo em volta do meu pescoço antes de desmaiar com seu peso.

Sentar ereto faz minha cabeça girar, então agarro as barras laterais da cama e olho para o céu azul-gelo emoldurado pela janela, esperando que a tontura passe. À medida que as nuvens finas e os pássaros voando entram em foco, a emoção formiga em minha garganta, ameaçando encher meus olhos com uma nova onda de lágrimas.

— Sabia que duas mil carrancas equivalem a uma ruga?

Minha coluna enrijece ao som de uma voz doce vindo da porta. Eu me viro, estremecendo quando o aperto puxa meu pescoço, e encontro os olhos com a garota a quem ela pertence. Cabelo loiro sedoso e um bronzeado dourado que não faz sentido em um dezembro frio e intenso. Seus olhos são grandes e azuis, cheios do tipo de inocência que apenas uma garota neste litoral pode realmente reivindicar.

Wren Harlow.

Rangendo meus dentes para que meu gemido não seja audível, forço um sorriso de olhos mortos. De todas as pessoas que gostaria que entrassem por aquela porta enquanto estou tendo um colapso particular, Wren seria a última da lista. Não é porque não é legal - muito pelo contrário, na verdade. Ela é *muito* legal. Tão legal, que é conhecida em *Coast* como a boa samaritana. Nem uma única noite de sexta ou sábado passa em Cove onde não a encontraria vasculhando a pista e ajudando pessoas bêbadas. Distribui Band-aid e chinelos para meninas com pés doloridos. Chama táxis para bêbados e desordeiros. É tão doce que dói meus dentes olhar para ela.

Seu olhar vai do meu ferimento na cabeça até meus pés e vice-versa. Talvez sejam os analgésicos que estão me deixando maluca, mas não posso deixar de notar que o esmalte de sua unha é do tom exato de rosa do seu vestido de camisa.

Tenho a sensação de que ela fez isso de propósito.

Ela sopra uma bolha. Estoura. — Está pensando em algo ruim?

Franzindo a testa, reprimo o desejo de lhe dizer que não é da conta dela. Em parte porque não preciso de mais carma ruim e em parte porque Wren é o tipo de garota que provavelmente nunca experimentou nem mesmo um cachorro latindo para ela, muito menos uma ruiva desalinhada passando por uma crise existencial.

— Talvez.

— Quando tenho pensamentos ruins, tento me distrair.

Esfrego a ponta do meu nariz, tentando ao máximo manter minha boca fechada. A última coisa de que preciso agora é uma sessão de terapia improvisada de uma garota com um passe rápido para o céu.

— Como? Costurando seus versículos bíblicos favoritos? — Murmuro baixinho.

Ela afunda no pé da cama, esticando as pernas longas e apertadas sobre os ladrilhos do chão. — Não, lendo o alfabeto e pensando em um palavrão para cada letra. — Seu olhar azul encontra o meu enquanto sopra outra bolha. *Pop.* — Por exemplo, A é para *idiota*[14] — diz incisivamente, com um brilho escuro em seus olhos.

Apesar da dor lancinante na minha cabeça e dos pecados pesando no meu peito, não posso deixar de soltar uma risada áspera.

— *Touché.*

Ela sorri também, um lindo sorriso que suaviza os planos de seu rosto. Acena com a cabeça para o espaço acima da minha sobrancelha. — Parece desagradável.

— Porque é.

— Quer uma barra de chocolate?

Pisco. Antes que possa perguntar sobre o que ela está falando, pula, se abaixa no corredor e volta com um carrinho. — Tenho todos os clássicos, além de batatas fritas e latas de refrigerante. — Agacha-se e olha de soslaio para a prateleira de baixo. — Comi alguns sanduíches de presunto e queijo também, mas Billy no quarto oito pegou uns *quatro,* mesmo que estejam servindo o almoço em uma hora.

Ela volta à sua estatura total e olha para mim com expectativa. Quando não respondo, pega duas barras de Hershey do carrinho e joga uma no meu colo. Segurando a outra entre os dentes, arrasta a poltrona pelo quarto e a coloca ao lado da minha cama.

Olho para o chocolate preso entre minhas coxas. — Trabalha aqui?

— Não, apenas voluntariado.

Imaginei.

Ela se joga na cadeira e levanta as botas para apoiá-las na ponta da cama. — Trabalho no *The Rusty Anchor* - estou lá há cerca de um ano. O que tem feito, afinal? Faz um tempo que não a vejo em *Coast*.

Ignoro sua pergunta porque ainda estou presa em seu trabalho. — O bar *do porto?*

— *Uh-huh.* — Meu olhar instintivamente corta para o *bobble* rosa brilhante enrolado em seu rabo de cavalo alto e ela ri. — Não é tão ruim quanto pensa, realmente.

Mm. A última vez que pisei no *The Rusty Anchor*, saí com seis farpas e salmonela do hambúrguer de frango. Diria que se uma garota como Wren entrasse no *The Rusty Anchor*, entraria em combustão espontânea com os pecados que viviam dentro dele.

Ela joga o chiclete no lixo, abre a barra de chocolate e olha para o meu ferimento. — O que estava fazendo no porto, afinal? Tenho certeza de que te vi no casamento ontem à noite, ou bebi limonadas demais?

— Não, eu estava lá. — Meus dedos rastejam até meu pingente novamente. — Mas fui dar uma volta a caminho de casa.

— Caramba. Isso é azar. — *Está me dizendo.* — Bem, poderia ter sido muito pior. Trabalhar no *The Rusty Anchor* significa que conheço praticamente todos os feridos. — Sua garganta balança. — E aqueles que não conseguiram.

Minha própria garganta seca mais rápido que o Saara depois de uma tempestade. — Quantos morreram?

— Três. Até agora, pelo menos.

Jesus. — O que diabos aconteceu, um cano de gás estourado ou algo assim?

Mordendo um pedaço de chocolate, mastiga pensativa por um momento. — Ataque terrorista — ela murmura, toda doces e dentes.

— Eu... *o quê?*

— Não faço ideia de quem fez isso, no entanto. Todo mundo estava muito quieto ontem à noite.

Agora, estou começando a pensar que esses analgésicos estão me deixando louca. — Por que alguém iria querer explodir aquele pequeno porto?

— Porque os Visconti são os donos. — *Visconti.* O nome sai da boca cheia de chocolate de Wren e atinge meu peito como uma bala. Claro *que* os Visconti são os donos da porra do porto. — É muita coincidência que Angelo anuncie que está voltando para *Devil's Dip*, e depois o porto explode no dia de seu casamento.

Meus olhos deslizam para os dela. — Angelo está voltando?

— Claro. Rory não deixará *Coast*. — Suspira com outra boca cheia de chocolate. — Pobre Rory. Afinal, não parece que ela sairá em lua de mel.

Apesar do coquetel de agentes entorpecentes aliviar minha dor, o pavor lento que enche meu estômago parece muito real. Se Angelo voltou para *Coast*, o que isso significa para seus irmãos?

— Sozinho?

— O que quer dizer?

Nós travamos os olhos por um tempo muito longo, então um sorriso malicioso estica seus lábios rosados. — Oh, vejo.

— Vê *o quê?*

Ela afunda para trás em sua cadeira, aquele sorriso se alargando para um sorriso. — Se você está de olho em Rafe, então é melhor entrar na fila.

O calor sobe para minhas bochechas, fazendo minha pele formigar. — *Não* estou interessada em Raphael; só estava fazendo uma conversa educada...

— Ei, ei, ei, quem sou eu para julgar. — Ergue as mãos em sinal de rendição simulada. — Não o chamam de Príncipe Encantado à toa.

Minha risada é amarga. — Devo ter crescido assistindo a diferentes filmes da Disney.

— *Aw*, pare com isso. Rafe é adorável. — Sua mão toca seu peito e o pequeno sorriso que enfeita seus lábios sugere que sua mente foi para outro lugar. Em algum lugar Raphael Visconti não é um idiota furioso, presumivelmente. — Não é meu tipo, mas posso apreciar totalmente o apelo. É apenas... um *cavalheiro.* Sabe, o tipo de cara em filmes em preto e branco que coloca sua jaqueta sobre uma poça de lama para que seu encontro não estrague os seus sapatos? Ou, tipo, o tipo de cara que lhe envia uma dúzia de rosas, simplesmente porque é quarta-feira.

Não posso evitar. — Acredita seriamente nessa merda?

Sua risada tilintante flutua pela sala. — Parece que teve uma experiência diferente.

Mordo o interior da minha bochecha para me impedir de mencionar coisas como paus em portas e armas em copos.

Quando o silêncio demora muito, Wren solta outra risada e tira as botas da minha cama. — Caramba. F é para "fodê-lo", estou certa?

Apesar de sentir que todos os problemas do mundo estão me prendendo a esta cama, não posso deixar de rir.

Seu olhar encontra o meu, todo brilhante e inocente. — Se você estiver por aí por um tempo, deve passar pelo *The Rusty Anchor* algum dia. Sabe, uma vez que tenhamos limpado a bagunça da explosão, e uma vez que não se pareça com Frankenstein. — Cutuca o gotejamento intravenoso com

uma unha rosa. — Rory e Tayce aparecem todas as terças à noite, e sempre há espaço para mais uma no bar.

Sua oferta provavelmente é apenas de passagem, um doce gesto de uma doce menina. Não deveria fazer a parte de trás dos meus olhos queimar como faz. Talvez seja porque a morfina me deixa emocionada, ou talvez seja porque me sinto culpada por convencê-la de que é apenas a garota esquisita que faz boas ações.

Engulo o nó na minha garganta e aceno. — Gostaria disso. Obrigada pela barra de chocolate e, sabe — murmuro, minha garganta apertando — ser tão legal.

Sua risada flutua pela sala como uma brisa bem-vinda em um dia quente. — Legal é exatamente o que faço. Até mais!

E com isso, faz *click-clack* pelo corredor, levando seu carrinho com ela. Deixada sozinha, infecto a sala estéril com um gemido alto. Parece que saí de um incêndio que causei e entrei em outro que não causei. Como seguirei em frente quando estou cercada de problemas?

Nunca esperaria esse tipo de merda em *Devil's Dip*. É – *era* - a pacata cidade costeira. Aquela nas sombras das luzes piscantes, onde os moradores podem fechar os olhos à noite e não precisam se preocupar em ser pegos no meio do caos da *Cosa Nostra*.

Além disso, se minha sorte realmente está diminuindo...

Engulo o nó na garganta. Balanço levemente a cabeça na tentativa de me livrar do pensamento. *Sorte é acreditar que tem sorte.* Foi o que a mulher me disse no beco quando me deu seu colar. *Isso irá ajudá-la, mas não precisa confiar nisso.*

Com as pálpebras fechadas, me entrego à maciez do travesseiro sob minha cabeça por alguns momentos. *Estou com sorte. Estou.* Ainda assim, não posso deixar de pensar em

vender o relógio de Raphael, pagar qualquer conta médica exorbitante com a qual me esbofeteiem e depois pegar um ônibus na fronteira para o Canadá.

Com os olhos ainda fechados, estendo a mão para a mesa de cabeceira para pegar minha bolsa e percebo que não está lá. *Merda.* A última vez que me lembro de tê-la - lembre-se de qualquer coisa, na verdade - foi no porto. Gemendo, luto fracamente com a cadeira de rodas dobrada ao lado da cama e deslizo meus membros pesados nela. Vou apenas dirigir-me pelo corredor até a sala das enfermeiras e perguntar.

Enquanto me arrasto para o corredor, paredes brancas e portas prateadas passam em uma névoa fria e movida a drogas. Um calafrio acaricia minhas costas e percebo que não estou usando nada além de uma fina bata de hospital, daquelas que amarram nas costas. Sem sutiã, e meu corpo está muito dormente e lento para avaliar se estou de calcinha. No momento em que viro no canto, meu olhar se cruza com outro e meu coração para por instinto.

Frio e marrom como uma pilha de lama lamacenta em uma manhã de inverno, os olhos do homem sobem dos meus dedos enlameados até o curativo na minha cabeça, antes de se estabelecerem em uma fina linha de suspeita.

O silêncio grita, mas o fantasma de sua voz rouca grita ainda mais alto em meu cérebro. *Um urso caga na floresta?*

É o homem que guardava o topo da escada do bar. Com o coração acelerado, minha atenção se volta para o grupo de ternos elegantes e rostos amargos que perambulam no corredor atrás dele. Sapatos brilhantes refletem luzes clínicas. Mãos gordas se enrolam em copos de isopor. E então uma voz familiar de caxemira sai do desconhecido e envolve meus pulmões com sua mão macia. Minhas rodas param lentamente.

— Obrigado, xerife. Nossa família realmente aprecia sua ajuda durante este período difícil.

Uma confusão de papéis, depois passos pesados ficam mais altos. — A qualquer hora, Sr. Visconti. Por favor, envie a seu irmão meus parabéns pelo casamento.

— Só se você contar para sua mãe que aqueles biscoitos de gengibre que ela mandou mudaram minha vida.

Há uma risada áspera, então sapatos pretos e um uniforme bege emergem da porta à direita. O xerife olha por cima do ombro e sorri. — Ela ficará feliz em saber. Tome cuidado agora, Sr. Visconti. E se precisar de alguma coisa, sabe que sempre pode me encontrar no meu celular pessoal.

Ele caminha pelo corredor na outra direção, tentando enfiar um envelope marrom muito grosso no bolso da calça. Aborrecimento formiga em meu peito, porque é claro que os Visconti têm a polícia sob seu controle.

Por alguns segundos, fico dividida entre voltar para o meu quarto ou continuar com minha missão de pegar meu telefone. A teimosia me faz decidir pelo último. Isso e minha necessidade urgente de ligar para minha linha direta e refletir sobre meus pensamentos de me mudar para o Canadá.

Encaro a estampa geométrica feia da minha bata de hospital e continuo empurrando minha cadeira, mas conforme me aproximo cada vez mais de passar pela porta à direita, a inquietação desliza sob minha pele como placas tectônicas. Espio para o quarto do hospital à minha direita e deixo meu olhar pousar no próprio homem.

Meu coração engata no meu peito.

Traje Preto. Camisa branca. Pino de colarinho dourado. Não sei por que me preocupo em verificar suas características

marcantes em uma lista mental, porque o contorno de Raphael Visconti é inconfundível.

O quarto é mais escuro que o meu, exceto pelo solitário raio de sol cortando uma linha diagonal em seu perfil. A cama está bem arrumada, e pilhas de notas estão enroladas em faixas e empilhadas na mesa de cabeceira. Mais subornos, sem dúvida.

Está inclinado em uma poltrona no canto, apoiando os cotovelos nos joelhos e sujeitando os ladrilhos sob seus *Oxfords* a um olhar inexpressivo. Gira algo entre os dedos em um ritmo lento e hipnótico, e leva quatro voltas para eu perceber que é uma ficha de pôquer de ouro.

Thawp. Thawp. Thawp. A ficha, as abotoaduras de diamante e seu anel de citrino piscam para mim.

Até que não piscam. Quando as mãos de Raphael param e seus ombros se contraem, as partículas de poeira flutuando dentro do raio de sol ficam estagnadas, como se estivessem prendendo a respiração por mim. As sombras mudam para acomodar os planos de seu rosto à medida que levanta a cabeça e encontra meu olhar.

Meu pulso bate violentamente; meus músculos doloridos se preparam para o impacto. Por três batidas de coração altas, estou presa em seu olhar.

Então, faz algo que eu não esperava. Ele ri.

É suave, sombrio. Tão gentil quanto um beijo na clavícula e nada de bom poderia vir de tal som.

— Está obcecada por mim, Penelope?

Seu tom é amortecido com diversão, mas há algo em torno de suas bordas que puxa meus nervos.

— Sim, é exatamente por isso que estou no hospital — respondo sarcasticamente.

Seu olhar brilha com confusão, antes de ficar alguns tons mais escuros. Abre um caminho preguiçoso no meu pescoço. Minha respiração se acalma conforme crepita sobre o tecido fino da bata hospitalar, e quando se acomoda como um peso pesado em meu colo, o calor em meu estômago ferve meio grau mais quente. É irritação - nada mais. Porque, embora esteja acostumada com os homens olhando para o meu corpo enquanto veste muito menos do que isso, há algo na maneira como ele me olha - clinicamente, *objetivamente* - que faz minha mandíbula endurecer.

— Você estava lá. — Pego o brilho de suas narinas antes que desapareçam atrás de seus dedos. Quando fala novamente, parece ser apenas para si mesmo. — Claro que estava lá.

— O quê, acha que bombardeei o porto, ou algo assim?

Seus olhos encontram os meus novamente. Uma melancolia estraga a diversão sempre presente por trás deles. — Ou algo assim.

Com um coquetel de frustração e aborrecimento queimando dentro de mim, solto um suspiro trêmulo e volto minha atenção para as duras luzes fluorescentes que revestem o teto do corredor. Obviamente ele sabe que não tive nada a ver com a explosão – não estaria sentado ao lado de uma pilha de dinheiro de suborno se soubesse – mas odeio como a suspeita em seu tom, mesmo que falsa, espelha a minha.

É patético, mas a ideia de que perdi minha sorte é mais assustadora para mim do que qualquer outra coisa neste mundo. Mais assustadora do que as ameaças dos donos dos

cassinos de *Atlantic City* e mais assustadora do que o medo de que meu maior pecado me alcance.

— Amuleto da sorte?

Uma voz salpicada de desprezo gelado corta o silêncio. Meus olhos deslizam para baixo do teto para encontrar Raphael olhando para o meu colar com desgosto. Não percebi que estava passando o trevo de quatro folhas para cima e para baixo na corrente.

— Não — minto. Então endireito minha coluna e deito um pouco mais. — Não preciso de um amuleto da sorte. Sou sortuda o suficiente.

Minha voz é rouca e soa patética, graças ao desespero tecido nela. É óbvio que estou apenas tentando me convencer.

— Assim disse. — Passa a língua lentamente sobre o lábio superior enquanto acena para o curativo na minha testa. — Você não parece tão sortuda para mim.

Engulo a cunha na minha garganta. — Tenho sorte de estar viva.

Seu olhar desliza para o meu, sombrio e ardente. — Por agora.

O silêncio consome o oxigênio entre nós. Não consigo parar de *olhar* para ele. Sua ameaça era sutil, elegante, entregue em uma almofada de veludo sobre uma bandeja de prata. Não tenho dúvidas de que seguiria com essa ameaça velada se fosse provocado. Então, por que diabos todos em *Coast* pensam que ele é um cavalheiro? Que é diferente do resto de sua família, de seus irmãos?

A maioria das pessoas tem um QI grande o suficiente para detectar um leão em pele de cordeiro, certo?

Minha mandíbula cerra quando percebo a verdade. É porque ele não age assim perto de outras pessoas.

De repente, clica. — Isso é sobre o seu relógio — anuncio, uma alegria silenciosa zumbindo em meus ossos doloridos. — É por isso que me odeia tanto. Seu frágil ego masculino não consegue lidar com uma mulher que está enganando-o.

Não recebo a reação que estou esperando. Apenas outra risada. — Legal, mas ainda assim, não.

Observo a ficha brilhar a cada revolução, me provocando. Quando o último de meu autocontrole se dissolve, empurro meu queixo em direção ao bando de idiotas vestidos de terno vadiando no corredor. — Posso escolher?

Ergue uma sobrancelha, ainda girando sua ficha.

— Qual dos seus lacaios me matarão, quero dizer? Porque será um deles, né? Sei que um cavalheiro como você nunca se arriscaria a sujar de sangue seu lindo terninho.

Ele não me dá nada além de um sorriso educado, e a escuridão em seus olhos sugere que sua mente está em outro lugar. Máquinas médicas apitam através de paredes brancas e em algum lugar no corredor, uma máquina de café estoura e estala.

Eventualmente, se inclina para frente no caminho do raio de sol e a calma silenciosa em seus olhos verdes brilha sob a luz. — Dizem que está procurando emprego em *Devil's Dip*.

Meu olhar se estreita. Que resposta de campo esquerdo. Só duas pessoas poderiam ter dito isso a ele: Rory ou Nico. Descarto Matt imediatamente, porque duvido que ele pudesse manter uma conversa com Raphael Visconti por tempo suficiente para lhe dizer isso sem gozar em suas calças.

— Sim, mas não com você ou sua família.

Diversão sombria puxa seus lábios. — Impossível.

Meus olhos coçam enquanto me esforço para não revirá-los. Por mais que sua presunção desça minha espinha, sei que ele está certo. Mesmo que os Visconti não sejam os donos diretos do negócio, com certeza terão seus dedos pegajosos da máfia no bolo de uma forma ou de outra.

— Está me oferecendo um emprego, ou algo assim?

— Ou algo assim.

O quê? A mudança de tom é suficiente para me dar uma chicotada. Olho para ele, tentando descobrir o que está jogando. Talvez seja porque meu cérebro foi danificado pelo golpe, mas não sei dizer se está brincando ou não.

— Por que sinto que estou prestes a ser traficada para sexo?

Raphael solta um breve suspiro. — Estou ofendido. Todos os meus negócios são perfeitamente legítimos; obrigado.

Abro minha boca e a fecho novamente, prendendo meu insulto atrás de meus lábios. Estou muito difícil agora, então não arruinarei minha chance de encontrar um emprego se - e é um grande se - isso não for uma piada.

— Qual é o truque?

Agora, algo no olhar de Raphael ganha vida. — Pensei que nunca perguntaria. — Passa dois dedos sobre o lábio inferior, mas pouco ajudou a esconder seu sorriso suave. — Jogue um jogo comigo.

Apesar dos meus ossos doloridos e coração cansado, o simples comando atiça as brasas na boca do meu estômago. Um jogo? Antes que possa perguntar sobre regras e apostas, ele se levanta e fecha a distância entre nós em dois passos largos.

Meu batimento cardíaco derrapa até parar. Está tão perto que estou totalmente engolfada em sua sombra fria. Tão perto que o tecido macio de sua calça quase roça meus joelhos nus, lembrando-me de como esta estúpida bata hospitalar é fina e que não tenho quase nada por baixo dela.

Instintivamente, agarro as rodas da minha cadeira, mas quando as puxo para trás, não me movo. *O quê?* Olho para o sul e encontro a ponta de um sapato Oxford brilhante pressionando a base do pneu.

Olho para cima bem a tempo de ver Raphael enfiar a mão no bolso e pegar um baralho de cartas. Segura-o logo acima da linha dos meus olhos em um punho grande e bronzeado com um *golpe* de seu polegar estalando contra a base do baralho, e pego um lampejo de cor em sua manga.

Será que...

— Escolha uma carta.

A demanda tira todas as suspeitas de tinta escondida do meu cérebro. — O quê?

Ele abana o baralho. — Escolha uma carta.

— Bem, que carta? — Bufo. — Que jogo estamos jogando?

— Não gostará se eu tiver que perguntar de novo.

Sua voz é como manteiga, mas agora sei que não devo me deixar enganar por ela. Meus dentes da frente capturam meu lábio inferior e olho para as cartas como se tivessem feito algo para me irritar.

Pense, Penny.

Certo, bem. Há uma chance em cinquenta e duas de eu escolher a carta que ele quer que escolha. E se escolher essa

carta, não tenho ideia se é uma coisa boa ou ruim. Isso se houver *uma* carta que ele tenha em mente.

Foda-se.

Sem pensar duas vezes, bato em uma carta a três da extremidade direita do baralho. Raphael enrijece, então, como se estivesse em câmera lenta, desliza para fora. Com um movimento do pulso, ajeita o resto das cartas e a enfia no bolso.

Olho para o rosto dele e nossos olhares se chocam por cinco longos e insuportáveis segundos. Eventualmente, desvia os olhos dos meus e olha para a carta. Permanece inexpressivo, desinteressado.

Um tique de sua mandíbula. Um alargamento de suas narinas. Então faz algo que me surpreende ainda mais do que sua risada. Ele se inclina, agarra minha garganta e puxa todo o ar dos meus pulmões como se fosse dele.

Abro meus lábios para ofegar e, quando o faço, algo rígido desliza entre eles.

O gosto picante de tinta na minha língua. Bordas afiadas de papelão em meus lábios, mas estou muito distraída com o calor no lóbulo da minha orelha e a mandíbula áspera contra minha bochecha.

— Segunda-feira, seis da tarde no cais dos pescadores — sussurra em meu ouvido. Seu polegar roça a pulsação em meu pescoço, enviando um arrepio indesejável entre minhas coxas. — Traga seu currículo e não se atrase.

Uma brisa fria desliza sobre meu peito enquanto volta à sua altura total. Dá um passo para o lado da minha cadeira e caminha pelo corredor sem ao menos olhar para trás. Observo incrédula, meu coração batendo contra minha caixa torácica, enquanto seu comboio de ternos pretos segue atrás dele.

Quando passos pesados param e uma porta bate, deixo escapar um gemido sufocado. Com as mãos trêmulas, tiro a carta da boca e a encaro. Alguns segundos se passam antes que me permita uma risada pequena e trêmula. *Triunfo.* Zumbe em meu sangue, girando com um coquetel de adrenalina e alívio.

O Ás de Espadas.

A maldita carta mais sortuda do baralho.

Estou de volta, baby.

09

Penny

Segunda-feira à tarde, hora dourada.

A imponente face do penhasco de *Devil's Dip* paira sobre meus ombros, e a minha frente, o sol laranja está baixo no horizonte, seus raios alcançando o mar brilhante para tocar meu rosto.

Apesar do tempo gelado queimar as conchas das minhas orelhas e deixar meus cílios nítidos, sinto um calor de dentro para fora, porque hoje recomeçarei. De verdade desta vez.

Passei o fim de semana no hospital presa sob lençóis engomados sem nada para fazer a não ser olhar para o teto branco e comer barras de chocolate *Hershey's* de Wren. Isso me deu espaço mental para perceber que, quando voltei a *Devil's Coast* na última quinta-feira, pulei do ônibus com o pé esquerdo. Cometer um último golpe antes de recomeçar é como um viciado em crack dizendo que terá apenas um último golpe antes de ficar limpo. Eu me preparei para um começo falso.

Uma segunda chance veio na forma do Ás de Espadas e estou agarrando-a com ambas as mãos. Até prendi aquela carta de baralho na porta da geladeira e, toda vez que entro na cozinha em busca de um lanche, lembro-me de como sou sortuda.

Infelizmente, também me lembro do polegar de Raphael Visconti roçando o pulso em minha garganta.

Uma rajada de vento bate na minha nuca e causa um arrepio na espinha. Com os dedos congelados, tiro meu celular do bolso e olho para a hora na tela. 17h55.

Um leve pânico revira meu estômago. *Merda.* Tudo o que Raphael disse foi para trazer um currículo, estar no cais do pescador às seis da tarde e não me atrasar. Bem, não preciso verificar o Google Maps pela enésima vez para saber onde estou; o fedor de peixe podre e o sangue manchando os dois molhes instáveis que se projetam na água deixam isso bem claro, mas não há nenhum bar ou restaurante chique à vista, ou mesmo qualquer tipo de estabelecimento em que possa trabalhar. Para checar novamente, viro-me em um círculo lento, observando os restos carbonizados do porto principal à minha direita, as paredes escarpadas do penhasco atrás de mim, e então paro exatamente onde comecei - olhando para o Pacífico em confusão.

Fui enganada? Cristo, nem uma vez o pensamento passou pela minha cabeça. Aborrecimento e as sementes da humilhação crescem em minha barriga, e murmuro uma maldição baixinho.

Foda-se ele.

Odeio ser dependente de um homem. E de todos os homens, por que escolhi confiar naquele com o sorriso mais parecido com o de um tubarão?

Soltando um suspiro gelado, deslizo meu olhar para o único sinal de vida: um velho amarrando um barco enferrujado no final de um cais. Suponho que não há problema em perguntar se ele tem alguma ideia de onde devo estar. Enquanto balanço sobre pedras escorregadias e caminho sobre as ripas bambas em sua direção, faço uma nova promessa a mim mesma. Se Raphael Visconti me enganou, seguirei com meu plano fugaz: cortar minhas

perdas, vender o seu relógio e dar o fora na fronteira com o Canadá.

— Com licença? — Faço uma pausa para uma resposta. Nada. Limpo minha garganta e fecho meus punhos em minhas mangas. — Hum, pergunta aleatória, mas sabe se tem um bar ou algo do tipo por aqui do Raphael Visconti? Estou tentando...

— Perdeu o barco.

Sua voz é áspera e quase inaudível, graças ao vento forte.

— Desculpe?

Seus ombros caem em aborrecimento e sua corda fica frouxa. — Você perdeu o barco — resmunga novamente.

Franzo a testa na parte de trás de sua capa de chuva amarela. O que ele quer dizer com perdi o barco? Tipo, não cheguei cedo o suficiente para o gosto do Raphael e ele arrebatou a oportunidade de trabalho?

— Não entendo.

Outro grunhido. Desta vez, ele vira a cabeça para a esquerda. — O barco do pessoal partiu há cinco minutos.

Oh. Quer dizer literalmente, não metaforicamente, mas... barco? Sigo seu olhar, e quando vejo o que está olhando, fico ainda mais confusa.

Um iate. Um grande, branco brilhante, do tipo que vê em vídeos de rap e documentários sobre pessoas ricas vivendo no sul da França. É apenas um pontinho no horizonte azul, impossível de avistar do continente, graças à forma como a falésia se projeta para a esquerda, mas do final do cais, posso vê-lo em toda a sua glória cafona e desconcertante.

Lentamente, me dou conta de que nunca perguntei que trabalho Raphael tinha para mim. Por ser em *Devil's Dip*, presumi tolamente que seria algum tipo de serviço humilde, mas agora que estou olhando para um mega iate flutuando sobre o Pacífico, não tenho tanta certeza.

Sou um ensopado de barco?

— Como diabos eu deveria saber?

Pisco e olho para o pescador. Não tinha percebido que tinha dito isso em voz alta. Balançando a cabeça, olho para a tela do meu celular novamente e entro em pânico. — Existe alguma chance de me levar até lá?

O homem fica quieto. Gira a cabeça como a porra de uma coruja. Passa um olhar redondo sobre minha meia-calça e meu vestido e encontra meu olhar. Claramente, gosta do que vê, porque ergue uma sobrancelha espessa e pergunta — O que ganho em troca?

Abro minha boca, mas a fecho novamente, reprimindo a resposta sarcástica em minha língua. Não. Tive uma segunda chance de me tornar uma pessoa boa e normal, e isso também significa me livrar da minha boca espertinha. Por isso, em vez de dizer *que não chutá-lo para a água e rezar para que esqueça como nadar,* forço um sorriso e bato meus cílios. — Tem a alegria de ajudar uma mulher bonita em uma situação difícil. — Aperto os dedos e adiciono. — Por favor? Com uma cereja grande, gorda e suculenta por cima?

Seu olhar prende o meu por um instante antes de se levantar, um movimento que faz seus ossos estalarem. — Tudo bem, entre.

Homens. Pela primeira vez, estou feliz que sejam todos iguais.

Ele agarra meu antebraço com força para me firmar enquanto subo no barco. Deslizo para um banco frio e molhado conforme nos solta do cais e mexe no console. Alguns momentos depois, o motor gagueja sob minha bunda e estamos patinando sobre as ondas agitadas. Uma mistura de água gelada e vento atinge meu rosto e cabelo, e fecho meus olhos e me enrolo em torno de minha bolsa no meu colo, na tentativa de mantê-la seca, mas é infrutífero; no momento em que o ronronar do motor diminui para um ruído preguiçoso, estou encharcada. Fios de cabelo parecidos com lesmas grudam na minha nuca, e tenho certeza que até a porra da minha calcinha está molhada. Ah, e outra olhada no meu celular me diz que estou dez minutos atrasada.

Não foi um bom começo, Penny.

O barco para em um convés de natação na parte de trás do iate, e o pescador leva seu tempo doce para me içar na borda de seu barco para que possa alcançar a escada. Quando seus dedos ossudos avançam um pouco para baixo demais em meus quadris, grito um desagradável — foda-se. — Sua resposta é algo igualmente anticristão, e antes que consiga passar do primeiro degrau da escada, ele liga o motor de volta à marcha e dispara de volta na direção do cais.

Idiota.

Agarrando-me à escada escorregadia, com minha bolsa pendurada no ombro, uso toda a força de meus braços fracos para me erguer mais um degrau. Agora, quase posso ver além da borda da plataforma de natação, e meus olhos pousam em um par de pés pretos e justos. Corro meu olhar ainda mais, vendo pernas longas e esbeltas, uma saia ridiculamente curta e uma boca vermelha enrolada em um cigarro.

Olhos, familiares e felinos, vêm aos meus. É Anna, a garota por quem Matt é obcecado. Dá uma tragada lenta e final, antes de passar a ponta manchada de batom pela

minha orelha e cair no mar revolto atrás de mim. — Está atrasada. — Diz friamente, antes de girar descalça e passear por um conjunto de portas duplas.

Bem, então. Acho que ainda está chateada por eu interromper sua conversa com Raphael.

Soltando outro palavrão, rastejo para o convés e me levanto. Penso em seguir Anna pelas portas duplas, mas a poça de água salgada aos meus pés sugere que isso só me trará mais problemas. Em vez disso, ando sem rumo ao longo do convés lateral, espiando pelas vigias, procurando por alguém, *qualquer um,* que possa me dar a menor ideia de por que diabos estou em um iate em meados de dezembro.

Encontro uma garota mais adiante no convés, banhada pelo brilho da luz de segurança. Ela também está vomitando no corrimão.

Quando me aproximo, ela olha de soslaio e enxuga a boca com um lenço de papel na mão. — Por favor, não me diga que é a Penny.

Olho para a lama verde deslizando sobre a curva do barco. — É uma hora ruim?

Ela solta uma risada seca e abre uma garrafa de água, depois a termina em cinco goles gananciosos. — Desculpe, boneca. Sou Laurie, o braço direito de Raphael. Apertaria sua mão, mas acho que o movimento me deixará doente de novo. Tem seu currículo?

Pego da minha bolsa. Laurie é linda, mesmo quando está vomitando seu almoço. Uma garota negra de olhos castanhos, cílios longos e o rabo de cavalo mais elegante que já vi. Ela parece um pouco mais velha do que eu, mas definitivamente não tem mais do que vinte e poucos anos.

— Sobreviverei sem um aperto de mão — digo, divertida. Olho para sua mão grudada a grade. — Você está bem?

— Claro que não; estamos a 800 metros de terra firme e não sei nadar — murmura, afastando-se do mar e segurando a barriga. — Mas me acostumarei com isso. Preciso, porque graças à explosão no porto, estaremos trabalhando neste maldito iate no futuro previsível.

Meu olhar desliza pelo horizonte, observando os últimos raios do sol mergulharem atrás do horizonte cinza-tempestade, esfriando a paleta de cores do céu.

— Vamos?

— Venha, vou colocá-la a par.

Sigo o caminho vacilante que ela corta ao longo do convés lateral e paro na clareira aberta na frente do barco, onde ambos os conveses laterais se encontram em um ponto. Sem dúvida, há uma palavra mais sofisticada para isso, mas o único barco em que já pisei é uma balsa.

O vento parece mais cortante aqui em cima, chicoteando implacavelmente meu cabelo molhado e gelando meus ossos. Laurie corta seu uivo com um bater de palmas surdo. — Então, *Coastal Events*...

— O que são *Coastal Events*? — Interrompo.

Seu olhar se inclina. — Sério? Como diabos conseguiu esse emprego? — Balança a cabeça, como se não pudesse ouvir minha resposta. — A *Coastal Events* é a filial da *Devil's Coast* da agência de eventos Raphael. A outra filial é a *Vegas Events* e, bem, pode descobrir onde se baseia. De qualquer forma, na *Coastal*, fornecemos pessoal e entretenimento para a maioria das festas dos Visconti em toda *Coast*. Noites de pôquer em *Hollow*, festas de aniversário em *Cove*, casamentos em Dip... essa é a ideia. — Vira-se lentamente para ficar de

frente para o mar, e de repente percebo que a reconheço do casamento. Era a mulher com a prancheta e o fone de ouvido ladrando para os garçons por não se moverem rápido o suficiente. Seu dedo trêmulo sobe em direção à margem. Eu o sigo até a face irregular do penhasco, velada por um fino manto de fumaça subindo da escotilha abaixo dele. Na metade do caminho, há um buraco do tamanho de uma cratera, suas bordas carbonizadas pela fumaça. — Rafe queria criar um local mais permanente em seu território, e era para ser isso. Tinham acabado de encaixar todos os vidros quando a explosão aconteceu. Aparentemente, causou muitos danos estruturais e enfraqueceu as fundações, então levará muito tempo para reconstruir. — Nós duas olhamos para o buraco aberto por alguns instantes. Isso faz com que o penhasco pareça estar gritando em agonia. — Então, sim, o iate é a solução temporária.

— Cristo, quem é rico o suficiente para ter um iate disponível para usar como bar temporário?

Ela ri. — Rafe tem dois.

Balanço minha cabeça em descrença. Não posso deixar de pensar que deveria tê-lo enganado por muito mais do que um *Breitling* quando tive a chance, mas não, essa não é a mentalidade de uma garota que quer recomeçar.

— *Uh*, Penny? Eu me viro para ver Laurie olhando para a poça em volta dos meus pés. — Nadou aqui?

— A viagem foi um pouco instável — murmuro, torcendo a bainha da minha jaqueta de pele falsa. Gordas gotas de água espirram no convés. — Existe algum lugar onde possa me secar?

— Claro, há um vestiário inteiro para as meninas a bordo. — Pegando minha sobrancelha levantada, ela acrescenta —

Sim, o iate é enorme. Pegarei um uniforme para você, fique apresentável e depois faremos um tour.

Corre de volta para o convés lateral e desaparece por uma porta. Eu a sigo e me encontro em uma pequena lavanderia. Ela se vira e aponta um dedo para meus Doc Martens. — Sem sapatos no convés — brama. — Tire-os. Seu casaco também. Seco-o durante o seu turno. — Tiro as botas, o casaco dos ombros e entrego ambos para ela. Coloca as botas em uma prateleira sob o balcão e joga minha jaqueta em uma das secadoras. Ganha vida e, por alguns segundos, observa o tambor girar antes de apertar o estômago. — Tenho que ir — resmunga, passando por mim e voltando para o convés. — O uniforme está no balcão, o vestiário está na primeira porta do...

Suas instruções são interrompidas por um gorgolejo e, em seguida, sua cabeça mergulha entre as omoplatas enquanto alimenta os peixes na água abaixo.

Bem, então. Sentindo meu próprio estômago revirar ao som dos gemidos guturais de Laurie, dou uma olhada na fileira de sacolas no balcão, encontro uma etiquetada com o meu tamanho e saio pela porta interna para um corredor estreito. Tapete de pelúcia creme comprime sob os pés; uma parede de mogno brilhante arranha meu ombro molhado. Cristo, se os aposentos dos empregados são tão chiques, não consigo imaginar o quão chique é o resto do iate.

No meio do corredor, paro entre portas opostas. O almoço de Laurie decidiu aparecer antes que pudesse me dizer se o vestiário ficava à direita ou à esquerda, por isso acho que devo adivinhar. Vou para a direita, girando a maçaneta dourada e cruzando a soleira. Meus pés vestidos com meia-calça passam do carpete creme macio para o piso de madeira polida.

Pisco sob o brilho amarelo dos holofotes embutidos e imediatamente o peso de uma decisão errada aperta meu peito. Doze pares de olhos caem sobre mim, mas há apenas um que tem o poder de se estender sobre a mesa da sala de reuniões e aquecer minha pele congelada.

Seu olhar, verde e indiferente, começa nos dedos dos pés, desliza sobre a bainha do meu vestido molhado, depois se fixa no trevo de quatro folhas em volta do meu pescoço. Como se olhar nos meus olhos fosse um favor relutante para um amigo, desliza a caneta que está segurando entre os dentes e finalmente arrasta os olhos para os meus.

— Sim?

Uma palavra simples, mas saindo dos lábios de Raphael Visconti, parece uma gota de condensação escorrendo pela lateral de um copo gelado. O que diabos está fazendo aqui? De todos os estabelecimentos que este homem possui, por que tem que estar *neste?* Agora porém, me sinto uma idiota. Ele tem todo o direito de estar aqui; afinal, é a porra do seu iate. É minha própria culpa por assumir que ele não estaria e vim despreparada para ser agredida por aquele olhar firme.

Um mal-estar quente sobe à superfície da minha pele. Não é porque irrompi em uma reunião descalça e encharcada. Nem mesmo porque parece sério, a julgar pelo mar de rostos solenes e ternos esguios. Não, é porque a presença de Raphael é *eletrizante*. Mesmo quando está parado e silencioso, o som se derrama da cabeceira da mesa da sala de reuniões e crepita entre as quatro paredes revestidas de mogno. Uma força invisível, não duvido que sentiria sua estática mesmo se me enrolasse no canto mais escuro.

Não consigo tirar os olhos dele; acho que está acostumado com isso. Sua aparência, como sempre, é tão nítida quanto seu tom. Desvanecimento fresco, barbear fresco. Pele bronzeada esticada sobre maçãs do rosto salientes pontuadas

com um olhar preguiçoso que faz meu sangue queimar. Seu terno é uma assinatura - jaqueta preta, camisa branca, alfinete de colarinho dourado - e o usa como uma armadura.

Ele ergue uma sobrancelha. Eu balanço minha cabeça.

— Quarto errado — murmuro, dando um passo atrás e batendo minha cabeça contra a porta. O impacto não foi nada forte, mas a maneira como o *baque* ecoa no silêncio me faz estremecer e alguém na sala respira fundo.

A expressão apática de Raphael não se quebra. — Está perdida?

— Não. — *Sim.* Levanto a sacola com meu uniforme. — Só estou procurando um lugar para me trocar.

Apenas um homem com poder real pode deixar o silêncio marinar por tanto tempo. Seis gotas de água pingam da bainha do meu vestido e caem no assoalho de madeira antes que ele tire a caneta da boca e a use para apontar para uma porta por cima do ombro.

Onze pares de olhos seguem atrás de mim enquanto atravesso a sala de reuniões em direção à porta do lado oposto. Nenhum deles pertence a Raphael; está muito ocupado escrevendo algo em um caderno de capa de couro e fingindo que não existo, mas quando passo, pego seu olhar caindo para os meus pés enquanto um músculo contrai em sua mandíbula.

Deslizo pela porta e a fecho. Lá dentro, apoio as costas na madeira fria com a intenção de esperar que meu batimento cardíaco desacelere. Não tem chance, porque apenas alguns segundos depois, a voz profunda e sedosa de Raphael flutua pela fresta.

— Minhas desculpas pela interrupção, cavalheiros. Clive, por favor, continue.

Outra voz, esta velha e áspera. — Claro, senhor. Como estava dizendo, o grande desafio que enfrentamos no último trimestre foi o aumento dramático dos custos de insumos. Respondemos com ações de precificação, gerando um crescimento de preço subjacente de quatro vírgula nove por cento, o que, tenho certeza de que concordará, é bastante impressionante, considerando o clima atual.

Há uma onda de risadas estranhas. Não tenho dúvidas de que nenhuma veio de Raphael, e minha suspeita é confirmada quando ouço sua voz endurecer. — Não estava perguntando sobre o último trimestre, Clive. Estava perguntando sobre suas perspectivas para o próximo.

Um emaranhado de papéis ondula através do silêncio pesado. Alguém limpa a garganta. — S-sim, claro, senhor. Hum, Phillip, gostaria de assumir? Acho que está mais bem posicionado para isso…

Desculpas dolorosas e números arrancados do nada entram por um dos meus ouvidos e saem pelo outro; a única coisa que perdura no espaço entre eles é a calma acetinada do tom de voz de Raphael. Parece tão normal. Tão… *profissional.* Eu me pergunto se os homens do outro lado também podem ver a verdade, ou se acham que ele é o cavalheiro perfeito como todos os outros nesta maldita *Coast* pensam? Eu me pergunto se sabem que ele levou uma arma para o casamento de seu irmão. Pergunto-me se, enquanto está sentado lá, reclinado em sua grande cadeira de couro falando sobre negócios, aquela arma está enfiada no cós de sua calça sob medida?

Por alguma razão, o pensamento vibra em meu âmago da maneira mais inapropriada. Semicerro meus olhos fechados para me livrar dele, e quando os abro novamente, olho para o quarto escuro em busca de um interruptor de luz.

Meus dedos encontram um a apenas alguns centímetros da minha cabeça e, quando o viro, luzes amarelas suaves inundam o espaço e o que vejo me deixa confusa.

Há uma penteadeira de mármore preto com duas pias esculpidas nela. Um grande chuveiro abraça o canto e, no meio, há uma banheira independente - do tipo que imagino que alguém como Maria Antonieta tomaria banho.

Estou em um banheiro, não em um vestiário. Um *banheiro* privado. Entro no centro dele, cortando o ar úmido, pesado com o cheiro familiar de cedro.

O chuveiro atrás de mim pinga. Enquanto encaro meu reflexo distorcido no espelho embaçado, meu coração desacelera e uma leve luxúria se espalha entre minhas coxas. Além de ser um banheiro privativo, é do Raphael Visconti, e *acabou de tomar banho aqui.*

Cristo. O pensamento não deveria me deixar com água na boca do jeito que faz. Não deveria varrer uma emoção através de mim e apertar meus mamilos sob meu vestido molhado. Embora tenha sido convidada pelo próprio homem, parece perigoso estar aqui. Intimista demais. Como se tivesse deslizado para trás das linhas inimigas e tivesse acesso sem precedentes ao que acontece atrás.

E, claro, significa que não posso deixar de imaginar como se parece nu.

Em transe, deslizo meus dedos pela condensação na superfície da penteadeira de mármore. Enrolo o canto de uma toalha úmida em meu punho. Pego garrafas de aparência cara e passo os olhos pelos rótulos franceses presos a elas, embora deva admitir que o livro *French for Dummies* que li alguns meses atrás pouco me ajuda a decifrá-las. Tudo está arrumado e em seu lugar - nada como meu banheiro em casa.

Provavelmente ainda há uma toalha úmida no chão do meu banheiro em *Atlantic City*.

Quando encontro sua loção pós-barba, levo-a ao nariz e dou uma longa e profunda tragada pelo bocal. O cheiro me deixa tonta, afetando-me como uma dose de bebida com o estômago vazio. Bufo em descrença, me repreendendo mentalmente por ser tão patética.

Ele é apenas um *homem,* pelo amor de Deus. Nem mesmo um que goste. Além disso, todos os homens usam loção pós-barba e a maioria, exceto por algumas marcas de merda que vendem na loja do dólar, cheiram muito bem. Atrair mulheres é literalmente o que foram projetadas para fazer, e é seguro dizer que não sou imune a isso.

Eu me afasto do balcão, apenas para clarear a cabeça.

Certo, preciso parar de examinar o banheiro do Raphael como se fosse uma cena de crime e me preparar. Tiro meu vestido molhado e o jogo na pia. Graças a Deus esse trabalho tem uniforme, porque é o único vestido elegante que tenho.

Passo a meia-calça no secador de cabelo, abafando momentaneamente a conversa chata de negócios que entra pela porta, depois tiro meu novo uniforme da sacola e o visto.

É outro vestido. Short preto, com detalhe transpassado embaixo do busto. A *signora Fortuna* está bordada em seda prateada no peito, e só posso presumir que esse seja o nome do iate.

É um vestido fofo e parece caro na minha pele. Olhando para mim mesma no espelho, no entanto, percebo que meu cabelo e maquiagem estão muito desleixados para elogiá-lo. Meu cabelo será quase impossível de manter sem uma boa lavagem e secagem, então me contento com uma rápida passagem do secador de cabelo e, em seguida, prendo-o em um rabo de cavalo alto. Depois de enxugar o rímel escorrendo

pelo meu rosto, pesco minha bolsa de maquiagem e adiciono um batom vermelho e um par de argolas de prata que tinha esquecido que tinha.

Dou um passo para trás e admiro o trabalho. Um prazer familiar percorre minha espinha; sempre gostei do processo de me vestir. Suponho que seja porque sempre foi uma grande parte do meu ritual noturno. Tiraria os rolos do meu cabelo, tiraria meu roupão e colocaria meu mais novo vestido roubado. Depois, passaria um pouco de batom e borrifaria um pouco de perfume antes de deixar meu apartamento de merda e ir para um cassino elegante com a intenção de bater nos bolsos dos homens.

Suspiro. Aqueles eram os dias.

Depois de beijar um lenço para remover qualquer excesso de batom, faço uma pausa antes de jogá-lo no lixo. Algo malicioso faísca em mim e, em vez disso, deixo-o descansando na penteadeira. Não sei por que faço isso, mas sei que não vou removê-lo. Em *Psicologia Criminal para Dummies,* há um capítulo inteiro sobre como muitos assassinos em série, como Jack, o Estripador e o Assassino do Zodíaco, deixavam cartões de visita em suas cenas de crime para insultar a polícia. Bem, apesar de ele ter me dado um emprego, não resisto à vontade de irritar Raphael, mesmo que só um pouquinho. É inofensivo, apenas uma impressão de beijo vermelho em um lenço de papel, mas o pensamento de ele vindo aqui, vendo isso entre suas coisas perfeitas, então carrancudo envia uma onda de presunção estúpida e boba sobre mim.

Persigo a euforia procurando em volta outra coisa com a qual me intrometer. Meus olhos são atraídos para a névoa no espelho e com alegria silenciosa, arrasto meu dedo ao longo dele.

Ainda sorrindo para mim mesma, coloco minhas roupas molhadas na bolsa e caminho em direção à porta. Enquanto meus dedos passam pela maçaneta, a voz baixa e lenta de Raphael flutua pelas frestas e toca meu peito. Engulo em seco, não estou pronta para deixar o quarto úmido e o cheiro inebriante de homem que permanece dentro dele.

Meu olhar cai para o frasco de loção pós-barba no balcão. Sem pensar, o trago para o meu pescoço e borrifo seu conteúdo fresco ao longo da minha garganta. Em meus pulsos. Atrás das minhas orelhas. Chia contra a minha pele quente, fazendo-me sentir sem fôlego.

Por que quero levar uma lembrança desse homem comigo a noite toda, não tenho certeza. Talvez, como a estampa do beijo e a arte no espelho, seja apenas uma maneira mesquinha de superá-lo sem quebrar minha promessa de manter a cabeça baixa e ser boazinha. É outro entalhe silencioso de triunfo no meu cinturão, ou talvez a pancada na minha cabeça tenha me causado uma concussão tardia.

Enfiando meus pertences debaixo do braço, enrijeço minha coluna e entro na sala de reuniões novamente. Mantendo meus olhos treinados no chão brilhante e grudado na parede, passo pela mesa de ternos e ignoro o cara que fala monotonamente sobre as expectativas dos acionistas e a perda de lucro.

Um olhar queima minha nuca e sei que só pode pertencer a um homem. Quando chego à porta, ele interrompe o monólogo do terno sem pedir desculpas.

— Penelope.

Meu nome completo desliza pela mesa e arranha minhas costas. Isso me faz estremecer. Não apenas porque a única pessoa que me chamou pelo meu nome completo foi meu pai, muitas vezes em um tom choroso e desesperado quando

queria que eu fosse à loja de bebidas para roubar outra garrafa de *Jim Beam*, mas porque isso me lembra de hálito quente de *Sambuca* e ameaças sedosas e dedos macios roçando minha palma.

Por alguma razão patética, não consigo me virar, então, em vez disso, olho para o grão da porta de madeira. — Sim?

O clique de uma caneta. O gemido de uma cadeira de couro reclinando. — Meu escritório, dez minutos antes do início do serviço.

Por favor. A ausência da palavra ecoa pela câmara oca dentro da minha caixa torácica e forma um nó de irritação. Não posso deixar de pensar que deveria ter cuspido em seu sofisticado xampu francês, mas, no espírito de segundas chances e endireitando, simplesmente endireito meus ombros e forço um aceno de cabeça.

— Sim, *senhor.*

Enquanto caminho para o corredor, olho por cima do ombro através da fresta estreita da porta. Uma ruga em sua testa perfeita, um tique em sua mandíbula quadrada. Uma faísca em seu olhar negro como breu enquanto acaricia a parte de trás das minhas coxas.

Outra ruptura em sua fachada e outro ponto de vitória em meu cinturão.

10

Penny

O tema pelúcia cor de creme do piso e ricas paredes de mogno continuam por todo o iate e, entre eles, a riqueza obscena prospera como bactérias em uma placa de Petri. Sofás italianos cobertos com mantas de caxemira dominam o lounge. O cheiro de tabaco e segredos paira forte na sala de charutos, que está habilmente escondida atrás de uma estante falsa na biblioteca. O próprio bar, com suas superfícies de mármore e bancos de couro marrom, poderia ser confundido com o saguão de qualquer hotel cinco estrelas, se não fosse pelo vapor que subia da banheira de hidromassagem do outro lado das portas francesas de correr.

Abaixo do convés, uma rede de corredores estreitos e quartos de formas estranhas compõem os aposentos dos funcionários, e uma cozinha reluzente com espaço de despensa suficiente e queimadores de fogão para alimentar um pequeno país bate no centro dela.

Laurie me disse que existem dois tipos de funcionários: equipe de serviço e equipe fantasma. Somos o serviço, encarregadas de garantir que todos os que vêm a bordo se divirtam, enquanto a tripulação fantasma garante que o iate funcione sem problemas. São o capitão, os engenheiros e os marinheiros, e todos moram a bordo e, tirando o capitão, bem abaixo do convés.

— Muito impressionante, hein? — Laurie pergunta, abrindo uma porta e derramando luz sobre o que parece ser mais um terraço. Saímos. Agora, a noite está escura e gelada

e o litoral não passa de uma sombra escura salpicada de luzes cintilantes.

Sinceramente, não acho tão impressionante. Na verdade, acho nojento que, por mais de sete oitavos do ano, este barco provavelmente fique desocupado em algum porto europeu chamativo, enquanto milhões de pessoas não conseguem nem mesmo garantir um teto regular sobre suas cabeças. O pior é que esse idiota aparentemente tem *duas* dessas coisas, mas mordo minha língua e consigo um aceno de cabeça. — Sim, impressionante.

Sigo Laurie enquanto desvia de mesas e lâmpadas de aquecimento e segue em direção a uma escada nas sombras. Deixo escapar um pequeno gemido, porque como diabos ainda há outro deque acima de nós? Subimos as escadas até outro pátio, e Laurie tira uma chave do bolso para abrir as portas de correr que levam de volta para dentro.

— Parada final, prometo — diz, esfregando as costas da mão na boca. — Graças a *Deus,* porque meu estômago não aguenta mais andar por aí.

Calor e baixo jazz tocam meu rosto quando entramos. Enquanto examino a sala, uma sensação indesejável de nostalgia e familiaridade toma conta de mim. Cadeiras fundas ladeando mesas de veludo verde. Quadrados pretos e vermelhos e o ronronar sensual de uma roleta girando.

— Há um cassino a bordo — digo categoricamente, meus olhos deslizando até o bar meia-lua e o homem limpando os copos atrás dele.

— Claro que há; é Raphael Visconti — responde Laurie em um tom contundente, destinado a abafar qualquer outra pergunta. — Trabalharemos aqui esta noite.

Meu olhar desliza para ela, amplo e salpicado de pânico moderado. — No cassino?

— Não, nos banheiros do canto — diz sem expressão. — Claro que no cassino! Vou colocá-la atrás do bar porque acabei de olhar seu currículo e definitivamente tem mais experiência. Confundindo minha expressão com nervosismo, acrescenta — Não se preocupe. Esta noite serão apenas amigos e familiares, então pense nisso como um teste. A verdadeira noite de abertura não é até o Ano Novo, então há muito tempo para aprender as regras. Vamos, deixe-me apresentá-la a Freddie.

Converso com o barman, perguntando e respondendo perguntas mundanas que saem da minha boca e passam pela minha cabeça. Não consigo me concentrar em gentilezas, porque não consigo me livrar da sensação sinistra de pavor que paira sobre mim.

Meu recomeço está tomando a mesma forma da vida que deixei para trás e não gosto disso. Em breve, esta sala estará cheia de relógios enormes e carteiras estofadas, e a tentação, em toda a sua glória quente e irritante, pingará das paredes como condensação. Como parte do caminho certo, jurei nunca mais pisar em um cassino. Não porque não queira - *Cristo,* quero - mas porque o impulso de ser má é muito grande.

Engulo o caroço coagulando na minha garganta. Forço um sorriso quando Freddie faz alguma piada de merda sobre os Visconti beberem até secar o bar. Quando a conversa fiada finalmente termina, Laurie verifica o relógio e me leva de volta ao vestiário - a primeira porta à *esquerda* - para me preparar para o turno.

Ao entrarmos, perfumes caros e risos flutuam sobre os armários de madeira. Virando no canto e encontro um bando de garotas encostadas em uma fileira de pias de mármore. Reconheço algumas delas, incluindo Anna, do casamento, e outros dos verões da infância passados na praia de *Cove*.

— Sobre o que estamos fofocando, senhoras? — Laurie fala lentamente, tirando minha bolsa do meu ombro e enfiando-a em um armário com meu nome estampado na frente. Chique. — E não diga “nada”, porque o rosto de Katie está vermelho como um tomate.

Travo os olhos com uma linda loira e sorrio. Laurie está certa; ela descarregou algo podre.

Outra loira se empurra para fora da pia, pulando enquanto puxa um par de meias sobre sua cintura fina. — Estamos tendo um debate.

A diversão surge nos lábios de Laurie. — Por favor, diga.

— Não podemos concordar sobre o tipo de garota que Raphael gosta. Katie e eu achamos que ele tem tesão por loiras, mas Anna acha que só gosta de morenas.

Pronuncia Anna como *Uh-Nah* e, com base apenas nisso, paro de me sentir nem um pouco culpada por interromper sua conversa com Raphael.

Anna se inclina sobre a pia, reaplicando o batom vermelho-sangue no espelho. — Não acho; eu *sei.* Minha amiga trabalha há mais de ano como garota de *shots* em um de seus cassinos de Las Vegas e ela diz que ele sempre tem uma morena em seu braço.

— Bem, uma coisa é certa. Ele gosta de garotas com pelo menos meio cérebro, então isso exclui todas vocês, de qualquer maneira. — Murmura Laurie. Uma batida passa, depois se dobra, rangendo os dentes. — Ótimo, de volta ao banheiro eu vou. Encontre-me no saguão para as instruções de início de serviço em quinze minutos. Passos apressados batem nos ladrilhos, então uma porta se fecha ao longe.

— Pobre Laurie — diz Katie, antes de voltar sua atenção para Anna. — De qualquer forma, parece que você só tem um

caso ruim de pensamento positivo.

— É *um* pensamento desejoso — Anna retruca, muito rapidamente. — Estou de olho nele, então, quer ele prefira morenas, loiras ou... — seu olhar desliza para o meu no espelho com uma centelha de desgosto — ...mesmo ruivas, é melhor recuar, porque estou colocando minha reivindicação agora mesmo.

Risadas suaves ondulam entre as garotas. Minhas bochechas queimam e minha língua se contrai com um repugnante tapa. Lembrando-me do Ás de Espadas preso na porta da geladeira, me ocupo puxando minha bolsa de maquiagem para fora do armário e remexendo nela em busca do meu pó compacto. *Garotas legais* aceitam elogios indiretos com um grão de sal, ou reclamam com seus amigos sobre isso mais tarde. Não começam a puxar o cabelo.

— Acho que ele também está de olho em você — admite a outra loira, borrifando-se com perfume suficiente para disparar o alarme de incêndio. — Não que isso importe, porque esses rumores são definitivamente verdadeiros.

— O quê, que ele nunca sai com a mesma garota duas vezes? — Outra garota diz, virando apenas de sutiã e calcinha. — Concordo. Ele será solteiro até os oitenta anos.

— E mesmo assim, todos nós ainda vamos querer transar com ele.

Risadas femininas sobem como vapor de banho e, por algum motivo idiota, a irritação desce pela minha espinha. Não dou a mínima para a vida amorosa de Raphael Visconti, mas o fato de ele foder e chutar mulheres é apenas a cereja no topo de seu bolo desagradável. Isso faz com que todas as conversas suaves e sorrisos de tubarão pareçam ainda piores.

— Sabe o que penso? — Diz a garota de sutiã e calcinha. — Acho que ele está a fim da garota nova.

A risada para e o peso de cinco pares de olhos cai pesadamente nas minhas costas. Silêncio. A maldade crepita no ar como estática, e então uma réplica da garota de sutiã e calcinha flutua através dela.

— Sem chance, porra.

É baixo e parecido com xarope, mas atravessa o vestiário e endurece minha espinha. Suspirando, fecho meus olhos e descanso minha testa na moldura do meu armário.

Não estou acostumada a estar perto de mulheres maliciosas. Estar perto de mulheres, na verdade. Os bons momentos passados com minha mãe só existiam em bolsões de sobriedade. Fora deles, a única vez que falaria comigo seria para reclamar bêbada que minha existência havia arruinado seu corpo e seu relacionamento com meu pai.

No colégio, as garotas com quem almoçava agiam como se eu tivesse lepra depois que meus pais foram mortos. O único grupo de amigas que já tive foram as strippers com quem trabalhei por alguns meses. Eram gentis e edificantes e seriam as primeiras a vir em minha defesa com um estilete de vidro de 20 centímetros na mão quando um cliente ultrapassasse a linha, mas strippers, como vigaristas, seguem o dinheiro. Pulavam de bar em bar, até de cidade em cidade, e era muito fácil perder o contato.

É triste dizer em voz alta, mas é tudo que sempre quis. Talvez seja porque quando meus pais desmaiavam no sofá, exaustos de um dia de bebida forte e discussões barulhentas, eu sentava no tapete em frente à televisão e assistia *Quatro Amigas e Um Jeans Viajante* no mudo. Ansiava por ter amigas assim. Amigas para quem poderia reclamar dos meus pais e que me convidariam para dormir na noite de sábado, para que eu não tivesse que ouvi-los brigando do outro lado das paredes do meu quarto. Em vez disso, tudo que tinha era uma linha direta e, claro, Nico. Embora o ame, não é a

mesma coisa. Claro, sou eternamente grata a ele por me ensinar a abrir um fecho de coroa Rolex com os olhos fechados, mas também teria sido bom ter alguém me ensinando como fazer delineador alado ou como escolher um sutiã que encaixa.

Aprendi a inserir um tampão em um tutorial do YouTube e *ainda* não sei fazer tranças no cabelo.

Há um farfalhar ao meu lado, e abro uma pálpebra para ver Katie deslizando pelo banco e parando ao lado do meu armário. Olha para mim com um sorriso envergonhado. — Ignore-a; ela está menstruada.

Reviro os olhos e vou até o espelho acima da fileira de pias para retocar o corretivo no meu leve ferimento na cabeça.

Fico ao lado de Anna, fingindo que não consigo ver seu olhar percorrendo todo o meu corpo no espelho. Está pensando o que todas as outras garotas estão pensando. Posso ver em seus olhares de soslaio, mas ela é a única a ser tão descarada sobre isso. Não pareço com elas. Não tenho um metro e oitenta de altura e não tenho o tipo de corpo que apenas comendo folhas verdes e fazendo cem abdominais antes de dormir conseguirá, mas não dou a mínima, porque gosto da minha aparência. Bem, sou *imparcial* sobre isso, pelo menos. Preocupar-me com a gordurinha que fica pendurada no cós da minha calcinha nunca pagou minhas contas. Ficar obcecada com o fato de minhas coxas se esfregarem nunca me deu uma mão vencedora no *Blackjack*. E julgar o corpo de outras mulheres também nunca tornou o meu milagrosamente perfeito.

— Penelope, não é?

Cerrando os dentes, deslizo meus olhos para o reflexo de Anna e aceno com a cabeça. Por alguma razão, ela sorri e volta a se maquiar.

Com a pele ardendo por causa dos insultos velados, concentro-me em passar o pó sobre o nariz e remover um pedaço de rímel. É fácil fingir indiferença, até que a conversa fica ainda mais obscena e minhas bochechas ficam vermelhas.

— Por que acha que ele só fode por trás? — Musas de garotas de sutiã e calcinha.

— Estou supondo porque ele gosta de usar o cabelo como uma coleira. — Anna retruca, balançando suas próprias mechas longas sobre os ombros para um efeito dramático. — Ouvi dizer que fode *com força.* O que é tão sexy, considerando que ele é um cavalheiro.

Olhos de sutiã e calcinha encontram os meus no espelho. — E você, garota nova? O que acha?

Acho que sou grata por pouca iluminação e base de cobertura total. Fecho meu compacto e mantenho seu olhar. — Acho que perguntarei ao próprio homem.

— O quê?

— Uh-huh. Onde fica o seu escritório?

— Mas...

— Onde é o seu escritório? — Repito, calmamente.

O silêncio se estende dos armários às pias. A risada de Katie corta isso. — Atrás da ponte.

— Obrigada, Katie — digo, caminhando até meu armário, jogando minha bolsa de maquiagem dentro e fechando-a com mais força do que o necessário. Antes de sair pisando duro, dou um olhar furioso para Anna. — Não se preocupe, descobrirei se ele prefere loiras, morenas ou até *ruivas.* Sem esperar por sua resposta, mudo minha ira para garota de sutiã e calcinha. — E o que queria saber de novo? Se ele gosta

de puxar o cabelo? Perguntarei em seu nome, não se preocupe. — Finjo coçar a cabeça em pensamento, ignorando a maneira como seu queixo cai. — Oh, qual era a outra pergunta que tinha? Se ele gosta de asfixiar, certo?

— Não disse...

— Sim, foi isso. Sufocando e cuspindo na boca das meninas. Entendi. Relatarei de volta. Tchau!

Dou um aceno entusiasmado por cima do ombro enquanto caminho em direção à porta, ignorando o ofegante — Espere! — vindo de trás de mim.

No corredor, me inclino contra a parede e respiro fundo. Cristo, talvez haja um livro *For Dummies* sobre como lidar com garotas malvadas no local de trabalho sem ser demitida.

Uma coisa é certa; Não dividirei um par de Levi's com essas garotas durante um longo verão.

11

Penny

Enquanto passo por corredores estreitos e escadas em espiral com os pés descalços, é fácil colocar os comentários maliciosos das minhas novas colegas no fundo da minha mente, porque há uma questão muito mais urgente em mãos, e está esperando por mim na sala atrás da ponte do capitão.

Meu escritório, dez minutos antes do início do atendimento. Não disse por favor, o que sugeriria que eu estava com problemas, mas, novamente, nas poucas vezes que tive a infelicidade de encontrar Raphael Visconti, ele nunca usou gentilezas, de qualquer maneira.

Meus nervos vibram contra as paredes do meu estômago enquanto bato timidamente na porta de mogno. Quase imediatamente, sua voz profunda e aveludada flutua por baixo dela. — Entre.

Cerro meus punhos úmidos, lembro-me de manter minha boca espertinha fechada e entro.

Raphael está sentado na beira da mesa, antebraços nas coxas e uma ficha de pôquer girando entre os dedos grossos. Seu olhar vem do chão, traça um caminho semelhante a um laser pelas minhas pernas e sobre o meu peito, então se estreita no meu rosto.

A ficha de pôquer para de girar. — Esse é o uniforme que Laurie deu a você?

Com o coração disparado, só consigo fazer um aceno de cabeça.

Seus olhos caem pelo meu corpo novamente, escurecendo a cada centímetro quadrado que cobrem. Por que parece que está avaliando silenciosamente cada uma das minhas características em dez? E por que sinto que tive uma pontuação muito baixa?

E por que estou decepcionada com isso?

Com os olhos parando nas minhas coxas, dá um sorriso cerrado, depois se levanta da mesa e murmura algo que não entendo. Não posso ter certeza, mas parecia *Cristo.*

Um formigamento sobe pela minha nuca enquanto ele caminha para o outro lado da sala e fica de costas para mim, de frente para as grandes portas francesas que emolduram o mar sombrio. Enfia as mãos nos bolsos, os planos largos de seus ombros tensos.

Posso sentir um coquetel de constrangimento e aborrecimento manchando minhas bochechas, porque a cada segundo pesado que passa, fica mais e mais evidente o que está pensando. Ele contrata um tipo, e eu não me encaixo nisso. Agora está se perguntando o que diabos fazer sobre isso sem pegar um caso de discriminação.

Pouco antes da vontade de lhe dizer para ir se foder dominar meu desejo de manter este trabalho, ele se vira e me pega de surpresa com uma expressão muito mais suave e um comando de duas palavras.

— Venha aqui.

Meu instinto natural é fazer uma careta e balançar a cabeça, porque ainda estou envergonhada por sucumbir ao toque de seu dedo no casamento, mas, ao mesmo tempo, há algo tão fácil e encantador em seu tom que faz meu coração esquecer a próxima batida.

Ridículo. Eu me pergunto se este é o seu verdadeiro apelo. Não sua aparência ou sua inteligência fácil, mas o fato de ele ter talento para dar comandos grosseiros de uma maneira que faz você querer segui-los, em vez de dar um tapa na sua cara.

Venha aqui. Sente-se na minha cara. Geme meu nome mais alto, Penelope.

Meus pés se movem antes que meu cérebro concorde com isso. Paro na sua frente, perto o suficiente para sentir o calor saindo de seu corpo. Não sabia que calor poderia irradiar de um cubo de gelo.

Congelo quando ele estende a mão e gentilmente segura meu queixo. Minha cabeça se move à sua vontade, para cima e para a esquerda, por isso estou olhando diretamente para a lua brilhando contra o céu sem estrelas. A sua mão é grande e quente, exceto pelo anel gelado encostado na minha bochecha. *Cristo.* Um calor se espalha para a parte inferior do meu estômago e, apesar da minha tentativa de manter minha expressão neutra, sei que pode sentir meu pulso bater um pouco mais rápido na minha garganta; sinto minha respiração ficar mais densa à medida que desliza sobre as costas de sua mão.

— Como está a cabeça?

— Bem — mordo de volta, antes de me puxar para fora de seu alcance. Ele me deixa ir facilmente, com pouco mais do que um sorriso divertido. Estava definitivamente louca quando pensei que queria que ele me tratasse como trata outras mulheres. Não gosto desse seu lado. Inferno, não gosto *dele.* Ele me faz sentir confusa e mal-humorada, como se tivesse saído em uma manhã de fevereiro apenas para descobrir que há uma onda de calor escaldante.

— Sente-se.

— Prefiro ficar de pé.

Agindo como se não tivesse me ouvido, pega um pedaço de papel em sua mesa. Estuda-o.

— Penelope Price.

Com o coração pesado, percebo que está segurando meu currículo amassado. Aquele que derrubei nas primeiras horas sob as luzes brancas da lanchonete do *Devil's Dip*. É uma teia de mentiras impressa em um lado do A4, e meus dedos se contorcem para arrancá-lo de suas mãos.

Dá alguns passos vagarosos pela sala e inclina meu currículo em direção à lasca de luar que se derrama através do vidro.

Aqueles olhos verdes brilham enquanto examinam da esquerda para a direita. — Passou seis meses como garçonete no cassino *Hurricane* em *Atlantic City*?

Com o peito apertado, aceno. *Porra.* Colocar o cassino que queimei em *Atlantic City* em meu currículo parecia uma ideia genial às três da manhã, quando estava morrendo de vontade de tomar café com bolo de chocolate. Não existe mais, então não há ninguém lá para checá-lo. Quero dizer; não é a *maior* mentira do meu currículo, mas é a mais ousada. Tecnicamente, passei seis meses lá, no entanto, era do outro lado do bar, bebendo coquetéis tropicais de cascas de coco e enganando empresários com truques estúpidos de bar.

— Interessante — Raphael reflete, acariciando sua mandíbula. — O irmão do dono é um bom amigo. Diga-me, como foi trabalhar com Thomas? Ouvi dizer que ele é um tirano e tanto.

Olha para mim, os olhos sombreados com um desafio. Apesar do meu mal-estar, uma irritação aguda belisca minhas bordas, porque sei que ele está tentando me pegar.

— Não pode ser um amigo tão bom, porque o seu nome é Martin.

O pingente de prata frio em volta do meu pescoço chia contra a minha pele úmida. Por que sei disso? Porque ele rosnou contra o meu nariz no beco lateral do cassino, antes de bater minha cabeça contra a parede de tijolos.

Raphael olha para mim com diversão sombria, antes de voltar sua atenção para minhas mentiras em suas mãos. — E assim é.

Anda de um lado para o outro, continuando a ler. Odeio como estou hiperconsciente de cada passo lento e pesado. Como sinto cada *baque* como um batimento cardíaco sob minhas costelas. Os segundos parecem minutos e, quando a tensão fica insuportável, minha voz desesperada corta o silêncio.

— Do que se trata? — Deixo escapar. — Já estou com problemas?

Ele dá um sorriso tenso e, levando todo o tempo do mundo, afunda em sua cadeira de couro e a gira para me encarar. Graças à lasca de luar cortando seu rosto, tenho o desprazer de vê-lo olhar para a bainha do meu vestido e passar a língua sobre os dentes.

Um desagrado com certeza, mas ainda assim, ser o objeto de sua atenção me deixa um pouco sem fôlego.

— Penelope, acho que começamos com o pé esquerdo. — Inclina-se para a frente, apoia os antebraços nas coxas e me olha com as pálpebras semicerradas. — Se você trabalhará para mim, então nosso relacionamento precisa ser mais... — morde o lábio inferior e passa o olhar pelas minhas coxas novamente. — Profissional.

Sinto-me corar com a forma como envolve aqueles lábios carnudos em torno da palavra *profissional.* Está cheio de insinuações, como se estivéssemos fodendo secretamente por três meses. O que, claro, nunca aconteceria em um milhão de anos. Em parte porque prefiro enfiar uma agulha de tricô no olho e em parte porque tenho certeza de que Raphael ficaria feliz em encontrar a agulha mais afiada possível para mim.

Além disso, se esse boato for verdade, e ele só transa com garotas uma vez...

Afasto o pensamento com um estremecimento ofegante. — Não entendo.

— Bem, temo ter lhe dado uma impressão errada de mim.

— E o que seria isso?

— Que não sou um cavalheiro.

Meu bufo é feio, alto e carregado de descrença. Ele salta pelo escritório escuro e cai na cara de pôquer perfeita de Raphael. É tudo linhas nítidas e cílios grossos e se eu visse em uma mesa de veludo, não posso dizer com certeza que não desistiria, mesmo se tivesse um *Royal Flush*.

— Você não é um cavalheiro.

Seus olhos piscam com a menor chama de diversão. — Não?

— Possui dois iates.

— A Rainha da Inglaterra tem oitenta e três.

Pisco. — É um Visconti.

— Nico também, e parece gostar muito dele.

— Carrega uma arma!

Ele passa dois dedos sobre o lábio inferior, tentando, sem sucesso, esconder um sorriso malicioso. — A arma é falsa, Penelope.

— Minha bunda.

— O que tem?

Nossos olhares se chocam. O meu arde de aborrecimento, o dele ferve de satisfação. Arranco-me de sua armadilha magnética. Isso pode deixar meu sangue alguns graus mais quente, mas serei amaldiçoada se serei tão facilmente enganada por isso quanto as garotas no vestiário abaixo. Em vez disso, olho para a maçaneta dourada, desejando poder abri-la com o poder da minha mente.

— Penelope.

Cerro os dentes com a maneira como diz meu nome em uma maldita almofada de seda. *Odeio* como parece caxemira contra minhas orelhas, mas crepita e faísca como uma corrente elétrica entre minhas coxas.

Prefiro arrancar meus olhos do que trazê-los de volta para ele, mas faço isso de qualquer maneira. Estudando meu rosto, desliza as mãos para o espaço à sua frente. Primeiro, com a palma para baixo, depois com um movimento lento e sensual dos pulsos, as palmas voltadas para o teto.

Liso, bronzeado. Dedos grossos e longos e um anel que vale mais do que a porra da minha alma. Claro, odeio como diz meu nome, mas odeio ainda mais a visão de suas mãos. Cristo. Minha respiração fica superficial e, apesar de saber melhor, minha cabeça nada com o pensamento dos dedos de Raphael puxando meus fios. É sórdido, mas estou curiosa para saber se os rumores são verdadeiros sobre ele puxar cabelo quando trepa. Posso imaginar a parte de jantar e beber sem problemas - tenho certeza que pode usar o charme como

uma torneira, mas ele parece muito polido para foder tão rude.

— Vê sangue nestas mãos, Penelope? — Franzo a testa em resposta. Quando levanta uma sobrancelha com expectativa, forço um pequeno aceno de cabeça. — Nunca verá sangue nestas mãos. Sabe porquê? Porque sou um *cavalheiro.*

Aparentemente satisfeito, se recosta na cadeira e coloca os dedos sob o queixo. — Ficha limpa?

Sua presunção envolve minha pele como uma febre, e quero mergulhar em água gelada para me livrar dele. Neste ponto, direi qualquer coisa, *farei* qualquer coisa, para ir embora.

— Bem, ficha limpa. Escovada para debaixo do tapete. Linha na areia, tanto faz — digo.

Eu me movo para o lado da mesa, mas quando passo por Raphael, sua mão dispara e agarra meu pulso.

Jesus. Sentindo todo o sangue escorrer da minha cabeça, olho para onde me segura. Seu aperto não é forte como no casamento, mas tem o mesmo efeito de me colar no lugar. É firme. Seguro. Claro, poderia me esquivar com um aperto de mão, mas quando seu polegar desliza levemente sobre o pulso na parte interna do meu pulso e faz minha visão tremer, de alguma forma sei que não vou.

Agora, sua voz tem um tom áspero quando toca minha pele úmida. — Se eu for um cavalheiro, precisarei que seja uma dama.

Pisco. — Significa...?

— Ou seja, chega de vestidos roubados e de questionários idiotas.

Seu olhar abre um buraco na minha bochecha e o nó na minha garganta engrossa.

— É melhor me pagar mais, então.

Bem, juramento quebrado. Pelo menos mordi minha língua por mais tempo do que o normal, suponho. Minha insolência me lembra que nem sei quanto é o salário: poderia ser paga em *Reese's Pieces* e pronto! Por tudo que sei.

Seu aperto aumenta, confirmando o que já sabia. Nos últimos cinco minutos, esteve no personagem, interpretando o Raphael que quer que as pessoas vejam. Esse comportamento frio e calmo é uma fachada, e é tão bom em mantê-lo perto de mim quanto eu mantenho minha boca fechada perto dele.

— Nem todo homem que passar por este iate será tão legal quanto eu, Penelope.

— Tão legal quanto você? Está se esquecendo que veio até mim com um martelo?

— Poderia ter sido pior.

— Sim?

— Mhm — fala lentamente, o olhar piscando em preto. — Poderia ter batido na porra da sua cabeça.

Sem fôlego com o veneno inesperado em seu tom, demoro meio segundo a mais do que o normal para recuperar a compostura. Quando recupero, arranco meu pulso de seu aperto e agarro meu peito, fazendo beicinho como se estivesse superofendida por sua súbita idiotice. — *Ouch*. É tão grande e assustador que acho que acabei de mijar um pouco na calcinha.

— Roubou isso também?

— Provavelmente é melhor não falarmos sobre minha calcinha – não quero deixá-lo de pau duro no meio do seu dia de trabalho.

Seu olhar se estreita, mas a diversão agora suaviza suas arestas. — Fala muita merda para uma garota que precisa de um emprego.

Vacilo. Apesar das sementes de fúria jorrando em meu estômago, meu melhor julgamento me diz que deveria calar a boca. Afinal, ele ainda é meu chefe e, embora não esteja feliz com isso, preciso muito do dinheiro.

Tudo bem. Endireito minha coluna. Fixe-o com um sorriso dócil e finja que o triunfo por trás de sua expressão não me irrita.

— Está certo — digo tão docemente quanto posso reunir. — Perdoe minha insolência, cavalheiro. Vou começar do zero a partir de agora.

Pego um vislumbre do pequeno sorriso inclinando seus lábios antes de me virar em direção à porta. Estou girando a maçaneta quando suas palavras baixas e melosas escorrem pelas minhas terminações nervosas. Murmura-as nas sombras, mas as ouço como se ele as tivesse gritado em um megafone.

— Aposto que não dura a noite.

Meus ombros se contraem e um arrepio familiar percorre minha espinha. — Aposto vinte dólares que sim.

— Aposto cinquenta. Passo a língua pelos dentes, uma irritação quente e amarga crescendo dentro de mim. — Sim, *senhor.*

A atração da liberdade e um brilho laranja me envolvem quando abro a porta da ponte.

— Penelope.

Minhas pálpebras se fecham. *Tão perto.*

— É sim, *chefe.*

12

Rafe

Uísque bom, altas apostas, e o ocasional beijo da Sorte são as marcas de uma festa de Raphael Visconti, e esta noite não é diferente. Apesar dos rumores e da fanfarra que cercam qualquer evento em que coloco meu nome, é essa simples Santíssima Trindade que me acumulou uma fortuna na indústria da vida noturna. Todo o resto é apenas marketing elaborado e fofo.

É a primeira noite de julgamento. A multidão está unida, a atmosfera é elétrica e despreocupada. As bebidas fluem e as risadas flutuam. Nunca se saberia que os Visconti estavam à beira de uma guerra civil ou que, menos de uma hora atrás, tomei a decisão de liquidar minhas ações majoritárias na *Miller & Young*, a empresa de logística que tem sido minha terceira maior fonte de renda dos últimos cinco anos.

Suponho porém, que nós, Visconti, sempre tivemos o talento de enterrar nossos problemas debaixo de mesas de veludo enquanto desperdiçamos nossos ganhos ilícitos com apostas ridículas por cima delas.

Falando de apostas ridículas. Do outro lado da mesa, Benny e Gabe estão jogando *Vegas Rummy*. Quando éramos crianças, jogavam debaixo do banco de trás da igreja de nosso pai durante o culto de domingo, mas agora, as apostas são um pouco mais altas do que alguns dólares e um pacote de chiclete *Big Red*, e, bem, Gabe é um muito menos indulgente.

Se Gabe perder, Benny fica com sua Harley. Se Benny perder, Gabe consegue quebrar três dedos de Benny.

À sua escolha.

Normalmente, estaria totalmente investido em tal espetáculo, provavelmente jogando alguns tijolos meus no ringue por puro valor de entretenimento, mas não esta noite. Porque hoje à noite, uma certa pirralha de cabelo acobreado com dedos pegajosos e um problema de atitude continua roubando minha atenção.

Penelope Price.

Está trabalhando atrás do bar e é seguro dizer que é a primeira vez que está atrás, independentemente do que diga seu currículo. Está de plantão há pouco mais de uma hora e três copos de cristal já morreram no meu chão de mogno. *Três*. Cada vez que ouço um estrondo, outra centelha de aborrecimento desce pela minha espinha, e fica um pouco mais difícil manter uma compostura cavalheiresca.

Ela não acreditava, de qualquer maneira.

Toda vez que olho em sua direção, encontra minha carranca com a dela e me lembro de outra coisa que não gosto nela.

Não gosto do pau enorme que ela rabiscou no meu espelho; não gosto de ter rido alto quando o vi. Aquela impressão desagradável de batom que deixou em um lenço de papel no meu banheiro também, mas o que me irrita mais do que tudo é como fica em seu uniforme, e pior, como cada homem de sangue quente a bordo - com exceção do meu irmão mais velho, é claro - está claramente pensando a mesma coisa.

Nunca na minha vida vi esses homens *se levantarem e irem ao bar* pedir uma bebida, como plebeus em um pub local. São homens que nem precisam olhar para cima quando o uísque em seu copo cai abaixo de um certo nível, porque outro aparecerá magicamente em uma bandeja de prata, mas

agora, há dois Visconti e três dos meus ex-sócios formando uma fila no bar, esperando como simpatizantes que Penelope os sirva.

Diria que ela é carne fresca em *Coast*, mas como meu olhar, mais uma vez, desliza com relutância para ela, estaria mentindo se dissesse que não entendi o apelo.

Mais cedo no terraço, ouvi um dos meus homens comentar que ela se parece com Jessica Rabbit e, embora não o pague para perverter minhas garotas, ele está certo. Tem esses grandes olhos azuis que parecem enganar todo mundo, menos eu. Pele pálida que fica vermelha ao menor insulto. Sardas em um nariz de botão que se fundem em uma única massa toda vez que o esfrega. E aquele corpo - nem me fale. É como se tivesse saído de um pôster *pin-up* dos anos 1950. Em todas as garotas que circulam pela sala, o uniforme parece um *elegante vestido preto.* Então, por que isso a faz parecer uma stripper interpretando uma garçonete vadia em uma despedida de solteiro?

Não é apenas sua aparência contudo, é a maneira como a usa a seu favor. Como agora, por exemplo. Está descansando as palmas das mãos contra o bar e olhando para Marco com um sorriso nos lábios, como se houvesse um milhão de pensamentos sujos correndo por trás daquele olhar inocente. Claro, meu primo de segundo grau idiota está lambendo tudo, sem dúvida convencido de que entrará em sua calcinha esta noite, mas sei a verdade - ela não está interessada no que está sob o seu terno, está interessada no que está na carteira dele.

Como sei? Porque quando ela deslizou ao meu lado no bar na última quinta-feira à noite e tirou aquele casaco de pele como se não pudesse esperar para me mostrar cada centímetro de seu corpo, também quase caí em sua atuação. Não quase... cai. Dei a ela meu amado relógio, não dei?

Faz sentido, suponho. *Made man* são atraídos por problemas e essa garota simboliza isso.

Deslizo a ficha de pôquer do bolso e jogo entre o polegar e o indicador, como se isso fosse me salvar das garras da irritação cavando sob minha pele. Não fico irritado – pago pessoas para ficarem irritadas por mim, mas algo sobre a maneira como meu mais novo membro da equipe está olhando para meu primo idiota me incomoda.

Apesar de Nico pedir um favor tão gentilmente, não tinha planejado dar a ela um emprego. Nada sobre uma garota tagarela em um vestido roubado grita empregável, mas enquanto estava no serviço de controle de danos no hospital, ela rolou para o meu quarto com um corte feio na cabeça e meus pulmões apertaram.

Ela esteve lá, no porto, e de repente, a palavra *coincidência* perdeu seu tom calmante. Cada grama de lógica que me trouxe até aqui na vida me diz que toda a coisa do cartão do destino é besteira. Mesmo que não seja, não há nenhuma chance no inferno de que *Little-Miss-Hot-Mess-Express*[15] seja, mas a lógica só vai até certo ponto, então, sob o pretexto de mudar de ideia sobre meu favor a Nico, ofereci um emprego a ela. Foi uma decisão puramente egoísta. Sou um homem ocupado e preciso acabar com essa paranoia de que essa ruiva de um metro e meio me levará à ruína. Preciso de confirmação de que a perda do meu relógio e a explosão do porto foram apenas coincidências. Apesar de saber que estava sendo ridículo, não pude deixar de fazê-la tirar uma carta do meu baralho.

Besteira ou não, se ela tivesse desenhado a Rainha de Copas teria colocado uma bala entre seus olhos, mas não tirou. Ela tirou o Ás de Espadas, de todas as coisas. A carta mais sortuda do baralho. Estava em parte aliviado e em parte

chateado por ter apenas alimentado sua crença egoísta de que ela tinha *sorte.*

Com um olhar de soslaio para o trevo de quatro folhas em volta do seu pescoço, jogo os ombros para trás e tomo um gole de uísque. Sim, ela não é o meu cartão de perdição. Se fosse, meu mundo estaria pegando fogo agora. Claro, perdi *quinze G's*[16] esta noite porque perdi todas as mãos que joguei e, depois daquela reunião de merda na sala do conselho, estou cortando laços com um dos meus investimentos mais lucrativos, mas essas coisas acontecem.

— Merda.

Um silvo sombrio sai dos lábios de Benny sobre a mesa e sorrio para o meu copo de uísque. Gabe acabou de derrubar um Coringa, e agora, Benny está olhando para as costas de suas mãos tatuadas, como se estivesse pesando quais dedos poderia aguentar por duas a oito semanas. Claramente incapaz de decidir, balança a cabeça e pega as cartas espalhadas.

— Melhor de três.

— Custará caro. — Gabe retruca. Está fingindo tédio, mas sei que está ansioso para quebrar alguns ossos de Benny.

— Vai me custar o quê?

— Outro dedo.

Benny faz uma pausa, antes de grunhir um acordo monossilábico e distribuir outra rodada. Idiota. Já deve saber que Gabe não apenas quebra os dedos; os esmaga com seu martelo favorito.

Com o canto do olho, a porta do banheiro feminino se abre e Rory sai cambaleando. Para, pisca para a fila de cinco garotas esperando para fazer xixi e levanta a mão em um

pedido de desculpas desajeitado. Alguns segundos depois, Angelo sai atrás dela, ajeitando a gravata com uma das mãos e ajeitando o cabelo despenteado com a outra.

Dou um pequeno aceno de cabeça. Até mesmo Benny pode manter seu pau nas calças por mais tempo do que Vicious hoje em dia, e isso quer dizer alguma coisa. Ele é um tolo apaixonado, não um capo à beira da guerra.

Angelo chama minha atenção e me dá uma piscadela, antes de dar um tapa na bunda de sua esposa e passear pelas portas francesas, onde Cas fuma um cigarro sob uma lâmpada de calor. Rory alisa seu vestido vermelho e passa entre as mesas, indo direto para a cadeira ao meu lado.

— Oh, *swan* — murmura enquanto seu salto dobra sob ela. Antes que ela possa cair de cara na mesa, minha mão dispara para agarrar seu antebraço e gentilmente a coloco no assento. — São esses malditos sapatos. Hoje em dia, estou mais acostumada a correr com tênis do que com salto.

— Mais acostumada com suco de laranja do que *spritzers* de vinho branco, quer dizer?

Ela semicerra os olhos para mim como se estivesse olhando para o sol, um sorriso torto nos lábios. — *Spritzer* de vinho branco, disse?

Divertido, aceno para o garçom mais próximo e peço outra rodada, mais uma grande água. Rory se joga contra a cadeira, enrola um cacho no dedo e me estuda. Engulo os últimos restos do meu uísque em preparação. *Aqui vamos nós.*

— Então... está se sentindo com sorte esta noite, Rafe?

— Chega de *Blackjack*, Rory.

— Ah, vamos. Apenas uma rodada. — Seus olhos disparam para Angelo no convés, depois voltam para mim com uma faísca travessa. — Ou é uma galinha?

Meus lábios se inclinam. — Estou morrendo de medo, querida.

No mês passado, Rory começou a jogar *Visconti Blackjack* com os homens de Angelo. É semelhante ao *Blackjack* normal, mas joga contra um oponente, e não contra a casa. Acho que ela não ligou os pontos entre sua vitória em todas as rodadas e seus oponentes estarem na folha de pagamento do meu irmão, porque quando me pediu para jogar com ela, ficou chocada por ter perdido. Perdeu o próximo jogo, e todos os jogos depois disso. Agora, me deve trezentos mil dólares do dinheiro do marido e parece que não se cansa de tentar recuperá-lo.

Claro, nunca descontaria a dívida, mas tem sido divertido vê-la se contorcer com isso.

— Tudo bem — suspira. Lança um olhar curioso sobre o candelabro veneziano sobre nossas cabeças. — Bom iate. Isso conta como despesa comercial agora que o está usando como local de festa?

— Está trabalhando com os federais, Rory?

Ela solta uma risada fácil. — Não, só tentando conversar com meu novo cunhado.

— Cunhado? Deveria ser minha tia até alguns meses atrás.

Um garçom coloca dois drinques na sua frente e um uísque fresco na minha. Ela pega a taça de vinho, mas a empurro para longe e bato meu anel na garrafa de água. — Esta primeiro.

Ela torce o nariz, mas não protesta. Três goles depois, bate na mesa e me atrai novamente. — Bem?

— Não pode conhecer seu outro cunhado, em vez disso?

Ela avança e desajeitadamente dá um tapa no ombro de Gabe. Ele não vacila. — Eu e Gabe? Já somos grossos como ladrões.

— Sim? — Não consigo imaginar Gabe se relacionando com nada, exceto sua motocicleta ou uma nova arma, muito menos a esposa loira e amante de pássaros de Angelo.

— Sim. Ele me ajudou a construir o esconderijo do pássaro em seu jardim. Cavou o lago para mim também. Ela se inclina, com os olhos arregalados e sussurrando. — E na semana passada, me deixou atirar em seu...

— O que eu disse-lhe? — Gabe interrompe, olhando para cima de suas cartas com uma carranca.

Rory finge fechar os lábios com uma chave imaginária. — *Oops*, esqueci. Gabe diz que você é um delator.

Leves puxões de diversão em meus lábios; jogo meu braço sobre o encosto de sua cadeira e entro na conversa. — Ele disse agora?

— *Uh-huh*. — Engole seu vinho. — Diz que gritará com meu marido como um porquinho.

— Isso está certo?

— Sim. E não falamos com delatores.

Gabe acena com a cabeça em aprovação, joga o Valete de Ouros na mesa, então estende o punho para Rory bater. Ela o faz, mas imediatamente estremece e enfia a mão fechada no colo quando pensa que ninguém está olhando.

Tomo um gole do meu uísque e coloco na mesa com uma risada sombria. No entanto, logo se evapora no ar, porque uma gargalhada alta dispara pelo cassino e me dá um soco no queixo. Cerrando os dentes, lancei um olhar relutante para o bar e encontrei seu dono. Outra coisa a acrescentar à minha

lista de desgostos: o fato de a sua risada ser a coisa mais alta da sala. O que é tão engraçado, afinal? Ela só está falando com Nico. Ele mal diz três palavras ao mesmo tempo e não consegue contar uma piada, mesmo que a leia no verso de uma embalagem de *Laffy Taffy*.

Vejo-a através de lentes de leve desprezo. Fios de seu rabo de cavalo vermelho caem de seus ombros enquanto joga a cabeça para trás para rir novamente. Se não a tivesse contratado para satisfazer minha superstição, a garota estaria fora de si antes do final da noite, e não apenas porque apostei cinquenta dólares que ela estaria.

Deixarei passar, mas só até confirmar que ela não é a minha carta da perdição. Então pode rastejar de volta para qualquer buraco de onde escapou. Para manter a paz pelo pouco tempo que vai trabalhar aqui, eu a trouxe para o meu escritório na tentativa de estender um ramo de oliveira, mas no momento em que ela entrou e fez uma careta para mim - *naquele uniforme* - praticamente explodi esse ramo ao meio.

Ela é irritante, mas estaria mentindo se dissesse que ela não despertou meu interesse. Além de sua propensão para truques de bar antiquados e sua crença egoísta de que é sortuda, quase não sei nada sobre ela. Nico só me disse que seus pais trabalharam no *Visconti Grand* quando ele e Penny eram crianças, e ela deixou a cidade quando tinha dezoito anos.

Passo o polegar pelo lábio inferior e balanço levemente a cabeça. Dezoito, Cristo, isso foi apenas três anos atrás. Ela ainda é uma criança, por isso sabe por que estou olhando para o comprimento de sua saia, quanto mais imaginando o que está por baixo dela.

Mudo meu cérebro para um tópico menos pornográfico. Ninguém aparece em *Cove* com um vestido roubado e uma mala numa quarta-feira à noite. Ela está fugindo de alguma

coisa, e meu sangue está coçando para saber o quê. Coloquei um cartão dos *Sinners Anonymous* no bolso do casaco e outro entre as páginas da Bíblia em seu quarto de hospital, na chance de ela ser uma garota católica temente a Deus, o que duvido muito. Espero que, ao verificar o correio de voz no domingo, encontre um segredo perverso na caixa de entrada.

Como se de repente percebesse que estou olhando para ela, a risada de Penelope parou abruptamente. A pretensão de querida com olhos de corça se desfaz, e ela encontra meus olhos com aborrecimento.

Não sou o tipo de homem que desvia o olhar, mesmo que não goste do que vê.

Ela não vacila; também não recua. Normalmente não sou insolente, mas *Jesus,* é meio sexy. Nico está inclinado sobre o bar e falando merda em seu ouvido, mas ela não tira os olhos dos meus. Nós nos encaramos pelo que parecem minutos - mas certamente podem ser apenas segundos - antes que lentamente levante as mãos para o rabo de cavalo alto, divida-o ao meio e puxe.

Um pouco de ar escapa dos meus lábios. Porra. É um movimento bastante inocente. Já vi muitas garotas ajustando o rabo de cavalo apertado assim, mas por algum motivo, quando faz isso, sinto como se um raio incandescente na minha virilha. Ela poderia muito bem ter puxado a ponta do meu pau.

Cerro meus molares e olho para a parede de bebidas atrás de sua cabeça por uma fração de segundo. Quando olho para trás, ainda está olhando para mim, um sorriso presunçoso dançando em seus lábios, e irritação, coceira e calor, rasteja pela parte de trás do meu colarinho. Foi um jogo curto e silencioso, e ela apenas jogou sujo para ganhar.

A irritação é perseguida por uma emoção escura e elétrica.

Garota boba. Se ela soubesse que não apenas jogo; eu os crio. Mal posso esperar até que ela finalmente pegue o telefone e jogue meu jogo mais emocionante de todos. Faço uma anotação mental para colocar outro cartão de *Sinners Anonymous* em seu armário, depois volto para minha cunhada enquanto um garçom enche meu copo.

Voltar a ser um cavalheiro.

— Lamento que não esteja em Fiji agora, Rory.

— Eh — diz com um encolher de ombros. — Prefiro ficar em *Coast* e ver Dante explodir a cabeça.

Meu copo a meio caminho dos meus lábios, paro. Benny me lança um olhar *de eu te avisei.* Sei o que ele está pensando: os irmãos *Hollow* têm uma teoria de que a nova esposa de Vicious é uma psicopata secreta. Essa teoria só se fortaleceu algumas noites atrás em um jogo particular em *Whiskey Under the Rocks*, quando Castiel nos disse que ele e sua garota russa foram jantar na casa deles pouco antes do casamento. Cas fez um comentário sobre precisarem de um novo chef, porque a lasanha estava seca, e Rory a cozinhou sozinha.

Ela sorriu docemente e disse a ele que não havia necessidade de se desculpar, mas depois da sobremesa, Cas foi até sua Lambo para encontrar todos, exceto um corte cansado e um rostinho zangado arranhado na janela traseira. Quando mencionou isso para Angelo, ele ignorou com um movimento duro de seu dedo e uma ameaça fria. Disse a Cas que sua *querida esposa* nunca faria tal coisa, e se mencionasse isso novamente, teriam um problema.

Rory está bem em meus livros. Trouxe meu irmão de volta para *Coast*, odeia Dante tanto quanto eu, e se ela cortou os

pneus de Cas, isso é muito engraçado. É um fato bem conhecido que, embora os *made men* sejam atraídos por problemas, se casam com a mansidão. É revigorante sentar ao lado de uma esposa da *Cosa Nostra* que não fica olhando para o guardanapo no colo e fala apenas quando alguém fala com ela.

— Penny fez xixi em seus *Cheerios*?

Só quando a pergunta de Rory atinge minha orelha direita é que percebo que estou encarando Penelope novamente. Metade da sala está olhando para ela, porque está agitando uma coqueteleira com tanto vigor que seus seios estão ameaçando saltar para fora daquele vestido decotado. O calor instantaneamente corre para a minha virilha, e imagens dela saltando para cima e para baixo no meu pau com o mesmo entusiasmo piscam na frente dos meus olhos.

Cristo. Eu me inclino para trás na cadeira, seguro a ficha de pôquer com uma das mãos e arrasto as costas da outra sobre a boca na tentativa de esconder meu aborrecimento. Irrita-me mais do que deveria saber que meu pau é apenas um de uma dúzia nesta sala crescendo duro com sua pequena façanha.

Bebo o resto do meu copo e prendo Rory com um sorriso tenso. — Ah, conhece minha mais nova recruta.

— *Uh-huh*. Penny é muito legal. Costumava me fazer companhia durante meus turnos noturnos na lanchonete.

Ergo uma sobrancelha. — Turnos noturnos? Contratei uma vampira?

Em vez de rir, Rory olha para a mesa. Ela traça um dedo sobre os marcadores de grade brancos e engole. — Ela não dormiu muito depois que seus pais foram mortos.

Meus olhos se estreitam. — O quê?

— Sim, tínhamos cerca de quatorze anos quando aconteceu. Comecei a trabalhar na lanchonete aos dezesseis anos, e ela ainda vinha na maioria das noites. Esfrega a mão no braço, como se de repente sentisse frio. — Estava a mesma quando minha mãe faleceu, mas apenas por alguns meses. Acho que se não pode colocar uma linha do tempo no luto.

Nico não me disse isso.

Engulo essa nova informação com um gole de uísque, mas a bebida não torna nada mais fácil de engolir. Não cabe bem no meu peito. Pessoas só são mortas nesta costa se um Visconti puxar o gatilho, e nossa equipe só é morta se forem traidores ou ladrões.

Tenho certeza que a maçã não cai muito longe da árvore.

— Por que está olhando para ela, afinal?

Eu solto um suspiro. — Não estou olhando, Rory. É o seu primeiro turno; estou simplesmente observando-a para ter certeza de que não é... — *meu cartão de condenação* — ...ruim em seu trabalho.

Rory encolhe os ombros, um sorriso atrevido dividindo seu rosto. — Ela parece estar indo muito bem para mim.

Sigo seu olhar e observo enquanto Penelope derrama um líquido amarelo lamacento em um copo e o entrega a um de meus ex-sócios da *Miller & Young*. Solta uma risadinha infantil e coloca um guarda-chuva e um canudo encaracolado na bebida e, em troca, Clive lhe entrega um punhado de notas e um cartão de visita.

Meu estômago aperta. Cristo, estou de péssimo humor esta noite.

— Se você me der licença, irmã.

Antes que Rory possa implorar por outro jogo de Visconti *Blackjack*, estou de pé e caminhando em direção às portas francesas. Preciso de um cigarro em algum lugar escuro e frio para me recompor.

Em algum lugar, a risada de Penelope não esquenta meu sangue.

13

Rafe

Passo pela mesa de Clive assim que está afundando em uma cadeira com um sorriso desprezível no rosto. Não é minha intenção falar com ele, mas percebo que meus pés param lentamente de qualquer maneira.

Descanso meus dedos na mesa, abaixando-me até que meu corpo lance uma sombra negra sobre seu olhar cauteloso.

Ao seu lado, Phillip se desloca três centímetros para a esquerda.

— Uh, está tudo bem, Sr. Visconti?

O medo toma conta de sua voz porque, embora Clive exista no lado legítimo da minha vida, que é repleta de reuniões de diretoria, fitas vermelhas e cheques enormes, sabe muito bem o que acontece do outro lado. O lado mais sombrio e decadente, onde o sangue italiano quente corre profundo e impulsivo. Onde os homens apostam dedos quebrados, e alguém pode quebrar o pescoço por questões aparentemente triviais, como pedir coquetéis batidos a *barmaids* peitudas.

— O que está bebendo, Clive? — Pergunto calmamente, meu sorriso inabalável.

Uma gota de condensação escorrega do vidro e cai sobre a mesa com um barulho alto. — Margarita congelada.

Minha mandíbula estala e duas linhas de pensamento param na estação. A primeira é que nenhum barman com mais de um dia de experiência sonharia em colocar uma margarita em uma taça de vinho.

A segunda é que, em todos os anos que conheço Clive, nunca o vi beber nada além de vodca com soda. Certamente nunca o vi beber um coquetel - definitivamente não um que precise ser batido à mão.

Olhamos um para o outro por alguns instantes, e me pego reprimindo a vontade surpreendente de conectar meu punho ao seu queixo. É uma sensação fugaz, mas minha mão se contrai em concordância. Jesus. Não bati em ninguém com minhas próprias mãos desde que comprei meu primeiro cassino há quase dez anos. Entrei em uma reunião com um investidor em potencial e ele deu uma olhada nos meus dedos quebrados e se levantou. O que ele disse por cima do ombro antes de partir ficou comigo para o resto da vida.

Há apenas uma pequena diferença entre um bandido e um empresário, garoto. Um tem sangue nas mãos, enquanto o outro tem sangue nas mãos de outra pessoa.

Um mês depois, contratei Griffin. Nunca mais senti a satisfação de ossos estalando sob meu punho desde então.

Acima da cabeça careca de Clive, um par de olhos pousam pesadamente em mim. Deslizo meu olhar para cima e encontro Gabe olhando por cima de suas cartas. Ergue uma sobrancelha. É apenas uma contração de um músculo, mas vindo dele, é o suficiente para acabar com uma vida.

Eu paro. Mordo o interior da minha bochecha e considero sua oferta silenciosa. É certo que todos os figurões da *Miller & Young* conquistaram seu lugar no topo da minha lista de sucessos hoje. Na quinta-feira passada, o preço das ações começou a cair e não se recuperou durante toda a semana.

Levei o conselho de administração até *Coast* para descobrir o porquê. O CFO está sendo secretamente investigado por peculato, e nenhum dos idiotas foi corajoso o suficiente para pegar o telefone e me contar.

Cada um deles encontrará sua morte no devido tempo, mas no verdadeiro estilo Griffin, sairão com um sussurro, não com um estrondo. Um silenciador pressionado contra uma têmpora em um estacionamento vazio. Freios defeituosos em uma rodovia.

Não é porque estou acima de toda essa coisa de sádico. Realmente não estou. Apenas mantenho esse meu lado bem preparado e amarrado em uma coleira apertada. Eu o solto apenas uma semana por mês, quando meus irmãos e eu jogamos nosso jogo. Assim que acabar, coloco uma focinheira e volto a terceirizar meus problemas. Volto a eliminar com eficiência, em vez de matar com sinalizadores.

Dou a Gabe um relutante aceno de cabeça. Sem uma pausa em sua expressão, continua com seu jogo e eu volto minha atenção para Clive, um sorriso tão falso quanto uma nota de três dólares se estendendo em meus lábios.

— Aproveite.

O som do meu anel batendo contra a mesa o faz estremecer.

Lá fora, no terraço, mantenho-me nas sombras até chegar ao extremo mais afastado da zona de estar vazia, onde o som da diversão mal chega aos meus ouvidos.

O céu está escuro, o oceano mais escuro. Suas ondas são acidentadas, implacáveis, e cada vez que batem no casco, uma leve névoa se eleva e chia contra minha pele.

Eu me inclino contra o corrimão, acendo um cigarro e expiro sua fumaça no brilho laranja de uma luz de segurança.

Cada trago afrouxa outro nó entre meus ombros, e agora que coloquei distância entre mim e o... problema, posso ver o quão trivial é. Ridículo, até. Em todos os meus estabelecimentos, tenho uma equipe de mais de doze mil pessoas e nunca vi nenhum deles como nada além de um número em um formulário de despesas. E isso é tudo que Penelope é - uma despesa. Um número em uma planilha do Excel, assim como todas as outras garotas. Com outra tragada no meu cigarro, juro que, por muito pouco tempo, a pequena ruiva trabalhará para mim, ela me custará apenas um dólar, e não a porra da minha sanidade.

Mesmo que ela aperte o rabo de cavalo assim.

— Oh, pelo amor de Deus, não sou criança, Angelo!

A voz suave e tingida de vinho branco de Rory flutua pela noite e direciona minha atenção para as portas francesas do outro lado do terraço. Alguns momentos depois, passa por elas, meu irmão pairando sobre ela como uma sombra escura e protetora.

— Não há a menor chance de eu deixá-la assistir, *Magpie*. Você chorou três dias seguidos quando um pombo voou contra o para-brisa do meu carro. Lembra-se disso? Não pregou o olho porque ficou traumatizada com o som de seus ossos quebrando. Sabe o quanto os ossos humanos soam mais alto?

— Benny não é exatamente um passarinho inocente — responde. Ela tenta pisar forte em direção ao convés lateral, mas Angelo agarra seu pulso e a gira em seu peito.

— Mas *você é* um passarinho inocente — murmura, curvando-se para beijar sua testa. — Meu passarinho, e não quero que fique chateada.

— Está bem, tudo bem — Rory suspira, inclinando-se contra seu peito. Ficam assim por alguns momentos até que

Rory joga a cabeça para trás e aponta para o oceano. — Caramba, viu isso?

— Viu o quê? — Angelo brama, passando a mão nas costas da calça, onde sei que guarda a arma.

— Tenho certeza de que acabei de ver uma baleia jubarte.

— Realmente?

— *Uh-huh*, olhe.

Ela aponta para o corrimão e para o abismo escuro. Meu irmão se desvencilha dela e semicerra os olhos para o horizonte.

— Não vejo… pelo amor de Deus.

Ele percebeu tarde demais que Rory estava com os saltos na mão, correndo pelo convés lateral em direção à proa. O vento forte carrega sua réplica alegre e de despedida.

— Baleias jubarte em dezembro? Não seja idiota, baby.

Rio alto e, do outro lado do terraço, os olhos de Angelo encontram os meus e escurecem com aborrecimento. Estalo um chicote imaginário, o que só o irrita ainda mais. Ele murmura algo amargo baixinho, antes de me mostrar o dedo do meio e sair correndo pelo convés atrás de sua esposa.

Ainda sorrindo, me viro, jogo a guimba de cigarro no oceano e descanso meus antebraços no parapeito. Apenas algumas batidas de paz se passam antes que o estrondo de outro copo estale meus ombros em uma linha apertada e limpe o sorriso do meu rosto.

Espalmei minha mandíbula. *Quatro.*

À minha direita, a porta dos funcionários que liga o bar à área de estar externa se abre. Luz branca e irritação fluem dela.

— Apenas saia do meu caminho um pouco, certo? — Freddie sibila. Meu olhar desliza para o lado. Ele mantém a porta aberta e olha para Penelope enquanto ela passa por ele e sai para o terraço.

Ela olha ao redor, observando as mesas e cadeiras vazias com perplexidade, antes de se virar para encará-lo. — E fazer *o quê,* exatamente?

— Ah, não sei, Penny. Recolha os copos e esvazie os cinzeiros, talvez? Sabe, coisas que *barmaids* de *verdade* fazem?

Penelope dá um passo em sua direção, mas ele bate à porta na sua cara. Bate um pouco forte demais para o meu gosto, e uma estranha camada de irritação desliza sob minha pele, fria e rígida. Suponho que seja o cavalheiro em mim. Por natureza, não gosto de ver um homem - especialmente um na minha folha de pagamento - falar com uma mulher assim, mesmo que ela seja uma de quem não sou fã.

Minha própria hipocrisia não passou despercebida, porque diabos, apenas algumas horas atrás, disse à mesma garota que deveria ter batido na sua cabeça com um martelo. Assim como sacar minha *Glock* em um casamento, era muito estranho para mim. O autocontrole está no meu âmago, amarrando-me como uma âncora e, ainda assim, parece desafiar a gravidade no momento em que ela entra em minha visão. Uma possessividade inquieta se arrasta sobre mim e se instala em um laço em volta do meu pescoço. É quase como se ela fosse minha para ficar chateado. De mais ninguém. Definitivamente não é Freddie, a porra do barman.

Ela empurra a porta e passa por entre as mesas, pegando copos de cerveja e colocando-os na dobra do braço enquanto vai. Meu torso gira como se estivesse amarrado a ela, forçando-me a testemunhar sua bainha deslizar até suas

coxas e o tecido de seu decote se abrir para longe de seu peito toda vez que se inclina para pegar outro copo.

Irritação queima em meu peito a cada mergulho. Com cada vislumbre da coxa vestida de meia-calça e cada lampejo de sutiã preto. *Preto.* Claro que o seu sutiã é preto. Aposto que é renda também. Aposto que nunca combina com a calcinha e, por falar em calcinha, aposto que são obscenas. Coisas de fio dental que eu poderia rasgar com meus dentes, ou, pelo menos, do tipo que mal cobre sua boceta.

Porra, ela é irritante. Tenho a intenção de jogá-la ao mar com base apenas em minha suposição de suas preferências de roupas íntimas.

Pare com isso. Ela mal tem idade para beber. Estou queimando e prestes a acender outro cigarro na tentativa de causar um curto-circuito na semiformação em minhas calças quando ela para de recolher os copos de repente. Equilibrando-os precariamente em seus braços, cruza a área de estar até a grade e olha para a silhueta negra de *Coast*.

Seus olhos se fecham e ela inclina a cabeça para a lua. Não consigo tirar os olhos dela. Cílios grossos repousam sobre bochechas pálidas e redondas. Sopros rítmicos de condensação escapam dos lábios rechonchudos e entreabertos, antes de serem levados pelo mesmo vento que faz dançar seu longo rabo de cavalo ruivo.

Algo indesejado, desagradável, queima em meu peito, mas o bom senso o apaga como um golpe forte apagando uma vela. Ela não é a Rainha de Copas; é muito incivilizada para isso. Não, apenas uma pista falsa com um corpo matador. Perigosa, claro, mas apenas para idiotas obstinados como meus primos e seguranças, não para um homem como eu.

O convés geme sob meus pés quando saio das sombras e, imediatamente, Penelope fica imóvel. Seus olhos se abrem,

mas não vêm para mim. Em vez disso, olha para o mar e cerra a mandíbula, como se soubesse, apenas pelo som dos meus passos, que a silhueta que aparece ao seu lado sou eu.

Uma diversão mesquinha me preenche enquanto caminho em sua direção. Tenho toda a intenção de ignorá-la e voltar para dentro. Tratá-la como uma despesa em uma planilha e não como uma mulher cuja calcinha me intriga, mas, ao passar, cometo o erro de olhar furtivamente para o seu braço e noto que sua pele está áspera com arrepios.

E então ouço seus dentes batendo.

Porra.

Quando seu tremor patético não para, tiro meu paletó e o coloco sobre seus ombros. Apesar do tremor dramático, ela fica imóvel e silenciosa sob meu toque. Talvez seja porque ameacei tirar a sua vida mais de uma vez, ou talvez seja porque minhas mãos estão fechadas em punhos ao redor das lapelas da jaqueta, e meus dedos estão descansando levemente nas curvas suaves de seus seios.

Um fogo de artifício alimentado com aborrecimento e luxúria explode dentro da minha caixa torácica enquanto sinto o tecido texturizado por baixo de seu vestido fino contra as costas da minha mão.

Renda. Sabia que seria a porra de uma renda.

Estou mais quente do que uma fornalha e o calor de suas costas roçando meu peito apenas atiça o fogo. *Ela deu um passo para trás ou eu dei um para a frente?*

Não sei de quem é a culpa, mas agora posso sentir o seu batimento cardíaco batendo do outro lado da espinha, e não gosto da forma como o ritmo combina com o meu. Há uma voz na minha cabeça me dizendo para recuar. Dizendo que não sou melhor do que meus primos pervertidos, porque se

disfarçar de cavalheiro apenas para obter uma sensação é algo que Benny faria, mas não recuo. Em vez disso, observo a cabeça de Penelope enquanto seus lábios entreabertos pintam o céu noturno com respirações brancas e rasas. Um. Dois. Três. Cada um irregular e áspero, crepitando como estática ao longo do comprimento do meu pau.

Só posso imaginar como seriam aquelas respirações quentes contra minha garganta enquanto lhe arrancava sua insolência.

O pensamento faz meu aperto aumentar no tecido da minha jaqueta. Meus dedos pressionam com mais força contra seus seios e, de repente, as nuvens brancas contra o céu da noite param. O silêncio, pesado e tangível, nos envolve. Em algum lugar perto da proa, Benny grita e Rory ri. Nem consigo sorrir, mas o som faz Penelope se encolher contra o meu peito, e sua cabeça vira para a direita tão rápido, fios de seu rabo de cavalo batem contra meus lábios, me dando um gosto indesejável de seu xampu de morango.

— O que foi isso? — Sussurra.

Minha mandíbula se fecha. — Benny ficando com os dedos quebrados.

— Oh.

Uma batida passa, antes que lentamente se volte para o oceano. Quando faz isso, não posso deixar de abaixar minha boca até a base de seu rabo de cavalo para que seu cabelo roce em meus lábios novamente.

Cristo, sou mais simples do que Vicious.

Roubo outra bufada e, desta vez, algo diferente de morango e spray de cabelo ataca minhas narinas. Algo familiar. *Meu.* A realização tem garras e cavam sob minha pele; ela está usando minha loção pós-barba.

Deve ter borrifado em si mesma no meu banheiro, em algum momento entre desenhar paus e beijar lenços. Por alguma razão desconhecida, isso faz meu sangue ferver mais do que deveria. Talvez seja porque está passeando a noite toda, dando a cada homem no meu iate olhos arregalados enquanto usa meu perfume em sua pele. Talvez seja porque, agora, ela cheira como um caso de uma noite. As mulheres sempre fazem coisas estranhas assim na manhã seguinte. Usam meus produtos ou roubam um moletom, algo para manter a noite um pouco mais viva.

Por que diabos ela quer cheirar como eu?

Meus dedos se contorcem com o desejo de se enrolar em seu rabo de cavalo, puxar sua cabeça para trás e cheirá-la na fonte - a curva suave de seu pescoço, mas de repente a sua imagem puxando o próprio cabelo do outro lado do bar desliza em meus pensamentos turvos, seguida pelo olhar de triunfo que curvou seu arco de cupido quando desviei o olhar.

Ela não está usando minha loção pós-barba porque quer cheirar como eu. Não, ela está usando porque sabe que me irritará. Está jogando outro jogo silencioso e perigoso. Só que esse ela não ganhará.

A diversão em sua forma mais sombria me preenche, e lentamente coloco meus punhos na abertura da minha jaqueta, e os desenrolo para que minhas palmas fiquem planas logo abaixo dos seios dela.

Porra. Não posso fingir que esse não é o exercício máximo de autocontrole. Já a toquei muito mais do que deveria com qualquer funcionário, e sei que o fantasma de sua carne quente e macia sob minhas mãos me assombrará até altas horas da madrugada, mas quando seus pulmões se expandem sob minhas mãos e sua cabeça cai para trás contra meu peito com um pequeno *baque,* sei que a tenho. E agora, é

hora de ignorar o pulso enlouquecedor latejando em meu pau e balançar para um *home run*.

Concentro-me na silhueta escura de *Coast* à nossa frente e deslizo meus dedos para cima, roçando a faixa de seu sutiã, sentindo o peso de seus seios pesados no espaço entre meus polegares e indicadores. E então, tão gentilmente quanto meu impulsivo sangue Visconti permite, *aperto.*

É apenas uma contração, mas Penelope arfa, e alguns segundos depois, o som de quatro copos de cerveja batendo no convés inferior abaixo rasga o ar.

Oito.

Ela xinga asperamente, se desvencilha de mim e se inclina sobre o corrimão.

Sorrindo, fecho a distância entre nós novamente, enrolando meus punhos sobre o corrimão de cada lado dela, prendendo-a. Eu me inclino o suficiente para passar meus lábios sobre a concha macia de sua orelha e ver o rubor manchando seu pescoço. Luto contra o desejo de afundar meus dentes e, em vez disso, concentro minha energia em controlar minha voz conforme dou a ela uma palavra final de despedida.

— Até a forma como treme é irritante.

E com isso, empurro o corrimão e a deixo lá, enrolada na minha jaqueta.

Não preciso disso de qualquer maneira. Estou com tanto calor e excitado que, ao voltar para o cassino, fico tentado a tirar minhas abotoaduras de dados e arregaçar as mangas, mas *nunca* enrolo as mangas perto de parceiros de negócios.

Laurie passa apressada com uma prancheta, e minha mão dispara para agarrar seu pulso. Seus olhos encontram os

meus, arregalados e cautelosos. — Isso não pode ser bom — suspira.

— Troque o uniforme.

Ela franze a testa e olha para sua roupa. — Para quê?

Para algo que cubra as nádegas de Penelope.

Uma veia lateja na minha têmpora. — Não é apropriado para o inverno. Compre calças ou algo assim.

Ela dá de ombros. — Uh, tudo bem. Com o logotipo do barco e tudo, levarão cerca de quatro dias para conseguir, mas estarão aqui para a noite de estreia.

Eu a deixo com um breve aceno de cabeça, antes de ir direto para Gabe. Ele está encostado no final do bar, enfaixando a mão quebrada de Benny. Conforme me aproximo, seus olhos encontram os meus, cheios de diversão.

— Bom papo?

Porra do Gabe. Juro, às vezes acho que ele desapareceu por tanto tempo porque foi e colocou olhos cirurgicamente na parte de trás da cabeça. Nunca conheci ninguém que pode estar no negócio de todos, mas não dá a mínima para nada disso ao mesmo tempo. Ignoro sua pergunta, em vez disso pego seu uísque e termino seu conteúdo em dois grandes goles.

— Mudei de ideia, irmão.

Ele olha para o copo agora vazio, então muda seu olhar para Clive sorvendo sua margarita.

— Aposto que mudou. — Murmura. Então, com um sorriso discreto, volta a prender o dedo mindinho de Benny em seu dedo anelar.

14

Penny

— Está bem, Pen?

Laurie desliza pelo banco do vestiário e aparece, sua pergunta cortando a conversa feminina ao nosso redor.

— Nunca estive melhor.

— Ei. — Seu cotovelo fecha meu armário. — Não me venha com essa merda. O que está errado?

Ah, não sei, Laurie. Talvez seja porque o fantasma das mãos do nosso chefe apertando meus seios parece uma queimadura de terceiro grau?

Claro, não digo isso. Em parte porque não tenho ideia de como Laurie reagiria a uma afirmação tão ridícula e em parte porque não estou totalmente convencida de que não foi um sonho febril.

Ele saiu das sombras como uma pantera negra, enrijecendo minha coluna e prendendo minha respiração. Pelas adagas que atirou em mim a noite toda, esperava que ele me jogasse ao mar, ou pelo menos continuasse andando. Nunca esperei que ele parasse e colocasse sua jaqueta sobre meus ombros.

Não sei o que foi mais surpreendente: seu cavalheirismo ou o fato de suas mãos terem... *demorado*. Cristo, quem estou enganando? Fizeram muito mais do que demorar, e um suor frio cobre minha pele com a mera lembrança. Seus dedos roçando meus seios podem ter sido acidentais, com certeza.

Não que a possibilidade de ser inocente impedisse que meus mamilos endurecessem, mas quando aqueles grandes punhos deslizaram para um pouco abaixo do meu busto e *me agarraram ali,* quase enlouqueci. Suas grandes palmas queimavam como ferro quente contra minha caixa torácica, e foda-se, foi apenas um aperto, mas apenas por aquela pressão, sei, eu *sei,* que nenhuma garota poderia cair na cama daquele homem e sair viva.

Uma mão fria desliza sobre meu pulso. Olho para baixo e encontro o olhar preocupado de Laurie. — As garotas estão sendo vadias?

Ofego uma risada e tiro meu vestido pela cabeça. — Elas estão bem, mas não pense que Freddie gosta de mim.

— Não importa, Rafe acabou de demiti-lo.

Puxo o tecido em minha mão. — *O quê?* Por que?

Laurie dá de ombros, já distraída com algo atrás de mim. — Uma coisa que aprendi trabalhando para os Visconti é que fazem o que quiserem. Às vezes não há rima ou tem sentido; outras vezes, pode ser sobre algo supermesquinho. Ele provavelmente adicionou gelo a um uísque, e sabe que por aqui isso é praticamente um sacrilégio.

Eu me ocupo dobrando meu vestido, mas por dentro, meu coração está batendo forte. *Merda.* No momento em que Freddie me pediu para derrubar uma vodca martini e respondi com nada além de um olhar vazio, ele sabia que meu currículo era uma mentira. Ficava cada vez mais chateado com cada coquetel de que eu não tinha ouvido falar e com cada copo que escorregava por entre meus dedos, até que finalmente me rebaixou a tarefas de coleta de vidro. É um pouco idiota, claro, mas é bom no que faz e pegou minha folga a noite toda. Então, me pergunto por que Raphael o demitiu?

— Vem, Pen?

Olho para cima e percebo que Laurie e as outras garotas já vestiram suas roupas normais, com suas bolsas e casacos pendurados nos ombros.

— Para onde?

Ela aponta o queixo para o teto. — Tomaremos alguns drinques no *sky lounge* antes que o barco da equipe parta.

— Oh. — Olho para o meu sutiã e meia-calça. — Subirei em um minuto.

As garotas saem e, quando fico sozinha, fecho os olhos e coloco a testa na estrutura de metal frio do meu armário. Não faz nada para extinguir as chamas que lambem minha pele.

O que há de errado comigo? A raiva dá um nó no meu estômago, mas pelos motivos errados. Deveria estar com raiva que ele me apalpou sem permissão, e é uma loucura que não esteja, porque quando eu tinha dez anos, fiz uma promessa no beco atrás do cassino que se um homem me apalpasse novamente, morderia sua mão até que provasse sangue, mas não, estou com raiva porque gostei. Queria isso. Queria *mais.* Com raiva porque no momento em que seus dedos mindinhos deslizaram sob a faixa do meu sutiã, deixei cair os quatro copos de cerveja que segurava e minha parede revestida de ferro caiu com eles.

Suas mãos em meu corpo me deixaram vulnerável, e era isso que ele queria. Não se vangloriou, mas senti de qualquer maneira, escorrendo sobre meus ombros, quente e pegajoso como xarope e tão difícil de lavar minha pele. Suspiro no silêncio. Em algum lugar além das minhas pálpebras fechadas, um chuveiro pinga em ladrilhos de mármore e uma risada abafada flutua do teto.

Caramba, a ideia de conversar com Anna e Claudia - a cadela sem *chance* - tomando um refrigerante de vodca sem colocar pelo menos uma delas em uma chave de braço parece

quase impossível. Demorarei o máximo que puder para me arrumar e torcerei para que ninguém desça para me encontrar.

Empurro o armário, vou até a pia e jogo água gelada no rosto. Algumas das meninas deixaram seus artigos de toalete perto do espelho, então vasculho a bolsa de maquiagem brilhante de Anna e encontro um limpador que parece ser mais caro do que meu aluguel. Esguicho seis jatos em minha mão, outras dez pelo ralo, e esfrego minha maquiagem. Enquanto enxugo o rosto com uma toalha, passos pesados cortam o som da água corrente, fazendo os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

Sem sapatos no convés.

A menos que seja um convidado, ou, sabe, o homem que faz as regras.

Tensiono. Arrasto meu olhar até o espelho bem a tempo de ver uma silhueta escura emergir por trás da fileira de armários. Camisa branca. Pino de colarinho dourado. Características esculpidas em pedra.

Raphael Visconti vira no canto, olhando para o celular. Dá três passos em direção às pias, antes de seus olhos mudarem para meus pés apertados e parar no meio do caminho.

Clique. O som de seu celular travando. O desprazer paira sobre suas feições perfeitas, mas quando desliza o telefone no bolso e levanta o olhar para o meu, é entorpecido com aquela diversão onisciente e onisciente. Olhamos um para o outro por três segundos inquietos, e os fantasmas de suas mãos surgem abaixo do meu busto como uma erupção feia.

— Este é o vestiário feminino.

— Tenho olhos, Penelope.

— Bem, não é muito cavalheiresco invadir o vestiário feminino, não é?

Seu olhar escurece para uma sombra mais tempestuosa, e lentamente seus olhos esculpem uma trilha elétrica na minha garganta, na minha clavícula, e pousa no pingente em volta do meu pescoço. Descem no meu decote por meio segundo sem fôlego, antes de voltarem para o trevo de quatro folhas. Se eu tivesse piscado, teria perdido.

Cristo, desta vez gostaria de ter piscado.

— Garotas sortudas não deixam cair oito copos no primeiro turno.

Bem, então. Suponho que apenas ignoraremos o fato de que estou quase nua. Estou com nada além de sutiã, calcinha e meia-calça preta, mas a expressão de Raphael sugere que pode estar esperando a porra de um ônibus. Bem, dois podem jogar apáticos, mesmo que apenas um de nós realmente sinta isso.

Apesar do meu corpo vibrar com a antecipação, dou uma revirada de olhos bem praticada, pego o hidratante de Anna e passo em todo o meu rosto. — Você se perdeu? — Pergunto, o tom pingando de tédio.

Ele se inclina contra o armário atrás de mim e dá uma olhada preguiçosa em seu relógio. — Estava procurando por outra pessoa.

Alguém. O aborrecimento rala meu peito como uma lixa, e passo creme na área, como se fosse ajudar a aliviar a queimadura. — Ela não está aqui — estalo.

Seus olhos brilham. — Quem não está?

Silêncio. Mordo minha língua para me impedir de expor a fenda em minha armadura de indiferença, porque odiaria que

ele visse o monstro verde furioso por baixo. Nem deveria estar lá, de qualquer maneira.

Claro, só posso presumir que está aqui para encontrar Anna, e a ideia de ele entrar no vestiário na esperança de encontrá-*la* de sutiã, calcinha e meia-calça torna a ideia de dar uma chave de braço nela ainda mais atraente.

Os segundos se passam, cada um *pingando, gotejando, escorrendo* na minha pele como uma tortura chinesa com água. É quase impossível fingir indiferença quando há um homem de um metro e oitenta com mãos grandes e quentes parado a menos de um metro de distância de mim.

Irrita-me o quão polido sempre parece. É quase meia-noite; bebeu nove uísques - contei - e seu paletó está atualmente enfiado no fundo de um freezer da cozinha. Eu sei, porque coloquei lá. Mesmo assim, parece tão fresco quanto uma manhã de inverno. A dobra na frente de sua calça é nítida o suficiente para cortar minha pele e, mesmo com uma lupa, duvido que encontraria uma ruga em sua camisa branca brilhante. Aposto que passa os lençóis da cama. Bem, um de seus serviçais faz isso por ele, de qualquer maneira.

Eu bombeio ainda mais creme em minhas mãos, desesperada por algo para fazer. Assim que estou prestes a evocar um comentário espertinho, simplesmente para abrir um buraco na forte tensão que pesa sobre minha cabeça, uma sombra escura se move sobre a pia. A autopreservação entra em ação. Raphael é rápido, mas sou mais rápida, porque a sua lembrança me prendendo contra a grade por trás é tão crua quanto uma ferida aberta, e me recuso a me colocar em uma posição tão vulnerável novamente. Viro e pressiono minhas costas contra o balcão, assim que suas mãos tocam em ambos os meus lados. Nossos olhares se chocam. Sua boca se curva. Meus pulmões apertam.

Esta foi uma má ideia.

Inspiro uma respiração instável e um sorriso satisfeito aprofunda suas covinhas. Seu olhar divertido procura o meu. — Como foi seu primeiro turno?

Recuo com o tom educado e profissional que faz cócegas em meu nariz; está em desacordo com o calor vertiginoso de seu corpo roçando meu peito. Não posso dizer que já estive tão perto de um homem enquanto estava seminua e fiz com que fizesse *gentilezas.* Especialmente quando meus seios roçam os botões frios de sua camisa toda vez que respiro.

Porra. De todos os dias sem sutiã com enchimento.

— Foi bom.

— Bom?

Engulo e enrijeço minha mandíbula, tentando - e falhando - ignorar o crepitar estático contra meus mamilos. — Foi o que disse.

Ele lambe os lábios, balançando a cabeça lentamente. Então, com um olhar fixo para o teto, abaixa a cabeça e olha para o meu peito.

Finalmente. A palavra surge na minha cabeça, indesejada e patética, e cerro os dentes na tentativa de me livrar dela. Desde quando era o tipo de garota que ansiava pela atenção dos homens por qualquer motivo que não fosse para ganhar dinheiro com eles? No entanto, nenhuma quantidade de raciocínio pode impedir minha cabeça de girar.

Eu tento diminuir minha respiração enquanto ele corre um olhar objetivo sobre meus seios, desde a bainha do meu sutiã de renda até o dinheiro da gorjeta saindo dele. Quando solta um pequeno suspiro de diversão, sinto seu calor fluir entre meu decote e se acomodar como um peso entre minhas coxas.

— Meus clientes parecem gostar de você, pelo menos — diz suavemente, arrastando seu olhar dos rostos de *Hamilton e Jackson* espiando por baixo do meu sutiã para o meu. Endurece com algo ilegível. — Quero saber porque.

Aborrecimento queima contra as paredes do meu estômago. *Que idiota.* Prefiro que apenas me chame de vadia do que insinuar isso daquele jeito de veludo e unhas. Ele se endireita em toda a sua altura e dá um passo atrás, mas não antes de virar a palma da mão para dentro e acariciá-la sobre a curva do meu quadril conforme empurra para fora do balcão.

É apenas um toque, mas arrebata minha próxima respiração e pressiono minhas costas com mais força no balcão para me impedir de balançar. Ele diz alguma coisa, mas não ouço - estou muito distraída com a forma como o fantasma de sua palma *queima.*

— O quê?

Ele ergue uma sobrancelha. Olho para baixo para ver que ele está segurando uma nota de cinquenta dólares no espaço entre nós.

— Para que é isso?

— Durou a noite toda. — Seu olhar encontra o meu, entediado. — Contra todas as probabilidades.

Jesus, e foi o que fiz. É muito comum eu esquecer uma aposta, especialmente uma que tinha certeza de que não ganharia. Deveria me sentir muito presunçosa sobre roubar dinheiro de Raphael Visconti, mas o triunfo não tem um gosto tão doce na minha língua esta noite. Estou muito distraída, muito febril.

Eu me inclino contra o balcão em uma tentativa de refrescar minha pele escaldante. — Disse que tive sorte.

Aí está aquele desagrado de novo. Raphael limpa o lábio inferior com um movimento do polegar e empurra a nota com o outro. — Pegue — diz bruscamente.

Uma batida de silêncio tenso se passa. Engolindo em seco, levanto minhas palmas de cada lado. Estão revestidas com o caro creme facial de Anna.

As sobrancelhas de Raphael se juntam em sua confusão enquanto seu foco vai de uma mão para a outra, antes de se fixar no dinheiro em meu sutiã. Então a compreensão se instala nos planos de seu rosto como uma espessa manta de poeira.

Sua mandíbula cerra. Ele passa a mão pelo cabelo e solta um bufo. Eu, por outro lado, não ouso respirar. *Não consigo.* Estou muito estupefata sob o peso de e *se,* e *talvez sim.* Meus mamilos formigam em antecipação, e de repente há uma nova pulsação em meu clitóris, sua pulsação rápida e *enlouquecedora,* mas então ele dá um leve aceno de cabeça. Desliza seu olhar para cima para encontrar o meu. É sombrio e perigoso, sem qualquer luz ou humor.

Duvido que algum bem possa sobreviver lá.

— Isso não seria muito cavalheiresco da minha parte, Penelope.

— Você não é um cavalheiro. — Sussurro de volta.

A tensão crepita como estática. É tão pesado que poderia colocar minha língua para fora e prová-lo.

Raphael mordeu o lábio inferior, intensificando o olhar. — Parece estar obcecada com a ideia de eu não ser um cavalheiro. — Dá um passo lento para frente, ainda segurando a nota entre nós. — Seria sensato da sua parte tirar essa ideia da cabeça.

O sotaque amanteigado não me engana; Sei que é mais uma ameaça do que uma sugestão.

Ainda assim, isso escapa de meus lábios antes que possa considerar as consequências. — Tudo bem, é um cavalheiro então. — Meus olhos se estreitam. — Para todos, menos para mim.

Ele para. Sua mão livre se fecha em punho pouco antes de ele colocá-la no bolso da calça.

— Quer que eu seja um cavalheiro com você, Penelope?

Meu coração pula sua próxima batida. Não consigo me concentrar, mal consigo enxergar. O ar está muito denso e meu pulso está muito alto. Eu me sinto bêbada e chapada ao mesmo tempo, como se estivesse perdendo o controle. Talvez seja por isso que sou estúpida o suficiente para balançar a cabeça.

Um silvo escapa dos lábios entreabertos de Raphael. É baixo e lento, e não gosto do jeito que chia na minha pele, mas então ele engole. Olha para o teto e solta uma risada amarga. Chove como uma névoa gelada, borrifando-me com desapontamento e humilhação.

Joga a nota no balcão ao meu lado, e meu coração para com ele.

Afasta-se, olhando-se no espelho atrás de mim. — A propósito, belo pau.

Pisco, saindo do transe induzido pela luxúria. — O quê?

— No meu espelho — diz com um sorriso seco e austero. — Era fiel ao tamanho.

Minha garganta coagula. — Era mesmo?

Não olhe, não olhe, não olhe. Meu olhar cai para sua calça.

Porra.

Sua risada me lava, mas não há nada suave sobre isso. Isso me irrita em lugares que não deveria, e sei que quando estiver olhando para o teto escuro do meu quarto às cinco da manhã, ainda estarei pensando nisso.

Com um sorriso tenso, ele se vira e caminha em direção à porta. Odeio a sensação de que ganhou esta rodada, assim como a última, e em uma tentativa de nivelar o campo de jogo, o sarcasmo sai da minha boca antes que possa detê-lo.

— Isso é tudo, *chefe?*

Ele desacelera até parar. Estala os nós dos dedos.

Triunfo, mas só tem um gosto bom por um segundo, antes de sua voz calma e suave atravessar o vestiário e me atacar.

— Cuidado ao me chamar de chefe quando está seminua, Penelope. — Fala lentamente. — Talvez eu tenha uma ideia errada.

A porta bate mais alta do que o normal, e seu eco reverbera em torno da cavidade oca em meu peito.

Esqueça a risada. *É nisso* que estarei pensando às cinco da manhã.

15

Penny

O restaurante Devil's dip fica aberto 24 horas por dia, sete dias por semana, um refúgio de hambúrgueres e café amargo para quem não dorme à noite. Já se passaram três dias desde meu primeiro turno no iate, e todas as noites desde então, me sento em uma cabine pegajosa sob luzes implacáveis com uma cópia de *Real Estate for Dummies* na minha frente.

Reli a primeira linha do primeiro capítulo mais vezes do que posso contar. Não posso entrar no assunto - não só porque sei que nunca serei o tipo de mulher que usa terno para trabalhar e tem o rosto colado no banco de um ponto de ônibus, mas também porque, como previ, as palavras de despedida de Raphael estão tocando em um loop no meu cérebro.

Não me chame de chefe quando estiver seminua, Penelope. Talvez eu tenha uma ideia errada.

A curva de seu punho. O conjunto de seus ombros. A linha afiada de sua mandíbula quando olhou para mim. A imagem é tão visceral que, se eu olhar para o lençol de escuridão pela janela por tempo suficiente, posso ver sua silhueta contra ele.

Eu o irritei por um breve momento, mas nem de longe tão profundamente quanto ele me irritou. Patético, realmente. Sou tão imatura e sedenta de sexo que um aperto em meus seios, um toque de fricção e uma ameaça moderada são tudo o que preciso para o frio na barriga sacudir a poeira de suas asas?

Um garçom enche minha xícara de café e tomo um gole antes de deixá-lo esfriar, na esperança de que a queimação me distraia da energia nervosa zumbindo em meu peito.

Não.

Atrás de mim, o sino acima da porta toca, o vento gelado roça minhas costas e o riso caloroso o persegue. Eu me viro para ver um grupo de garotas chegando. Têm mais ou menos a minha idade e, a julgar pelos gorros de Papai Noel e pelo barulho inusitado dos saltos altos no chão de linóleo, acabaram de chegar de uma festa de Natal.

A do vestido brilhante bate as palmas das mãos contra o balcão. — Dê-me tudo o que tem!

Risos percorrem o restaurante, inclinando os lábios dos garçons e dos três clientes solitários que ocupam as outras cabines do canto.

— Mas sério. — Uma garota de saia vermelha geme, vindo atrás de sua amiga e envolvendo seus braços em volta da cintura. — Começamos a trabalhar em três horas, e as únicas coisas que absorverão a vodca são hambúrgueres e batatas fritas.

Sentindo-me como uma órfã espiando a sala de estar de uma família na manhã de Natal, observo a conversa por cima do assento da cabine, até meu sorriso desaparecer e o vazio atrás do meu esterno ficar mais denso. É como se os tivesse visto abrindo seus presentes na frente do fogo e gradualmente percebido que o calor e a felicidade dentro deles não me alcançariam através do vidro. A realidade é que fico do lado de fora no frio sem nada.

Aposto que compartilham jeans e confessam suas estranhas obsessões por homens que as odeiam.

Respirando fundo para me ancorar, volto para a parede da lanchonete. Ignorando um sorriso lamentável de um velho na mesa do canto oposto, estudo as camisas de futebol autografadas atrás do *Plexiglas* e fotografias granuladas de celebridades da lista Z apertando as mãos do proprietário.

— Espere... aumente isso!

Olho para trás, bem a tempo de ver a garota de saia vermelha pular sobre o balcão e pegar um controle remoto. Meu olhar segue para onde está apontando e pousa na enorme televisão montada na parede.

Últimas notícias. As palavras piscam em vermelho e branco abaixo de uma mulher de aparência sombria. Está enrolada em um cachecol de caxemira e está parada na frente de um prédio carbonizado com um microfone acolchoado roçando seus lábios.

A garota atrás de mim aperta o botão de volume.

— Estou do lado de fora do antigo cassino e bar *Hurricane* esta noite, logo após a notícia de que o proprietário pediu ao Corpo de Bombeiros de *Atlantic City* para encerrar a investigação sobre o incêndio. — A repórter olha para o papel em sua mão. Estamos aqui com o próprio proprietário, Martin O'Hare. A câmera faz uma panorâmica para revelar um homem parado ao seu lado. — Martin, poderia nos dizer por que decidiu cancelar a investigação?

Uma consciência gelada se espalha sobre minha pele, esfriando tudo o que está por baixo. Parece instintivo levantar e correr, mas estou congelada na cabine de plástico. Só consigo encarar olhos familiares e ouvir uma voz familiar, enquanto o pânico sobe pela minha garganta.

— Em primeiro lugar, gostaríamos de estender nossa maior gratidão aos homens e mulheres do Corpo de Bombeiros de *Atlantic City*; trabalharam incansavelmente

nesta investigação nos últimos dias. No entanto, conscientes de que os serviços públicos estão sobrecarregados e os fundos estão sobrecarregados, decidimos buscar outros métodos de justiça que não onerem o contribuinte.

— Está dizendo que fará justiça com as próprias mãos?

Martin solta uma risada rouca. — Você nos faz parecer bandidos, Claire.

— Bem... parece um pouco sinistro; não acha? Por que não deixar a polícia lidar com o problema? Afinal, há um suspeito de ser incendiário à solta.

Ele sorri com força. — Como disse, não queremos mais desperdiçar o tempo dos inspetores e nem o dinheiro dos contribuintes. Temos a sorte de ter recursos para contratar investigadores particulares e, em respeito aos moradores desta grande cidade, é isso que faremos.

— E quando seu investigador particular o pegar?

Seu olhar muda para a câmera. Atinge a televisão e chamusca minha pele úmida.

— Quem disse que é *ele?*

Minha visão vacila como se tivesse pulso próprio, mas no fundo, o olhar onisciente de Martin O'Hare é tão afiado quanto uma faca. A notícia corta repentinamente para um inferno laranja iluminando o céu noturno. Chamas ferozes lambem tijolos vermelhos até que fiquem pretos. Aí está: a epítome da minha personalidade - impulsiva e amarga - em toda a sua glória resplandecente. E aqui estou *eu,* assistindo de uma lanchonete com uma xícara de café.

Cristo, o que diabos há de errado comigo? Estive aqui obcecada por um monstro embrulhado em cetim e sentindo pena de mim mesma porque não tenho amigos, como se *não estivesse fugindo.* Como se não tivesse enfiado minha vida em

uma mala e pulado no primeiro *Greyhound* indo na direção oposta da bagunça que fiz.

Martin O'Hare sabe. Sabe que eu incendiei o seu cassino, e tudo que posso esperar é que ele não saiba para onde fui depois que acendi o fósforo.

— Ei garota, está bem?

Lantejoulas, salto alto e vozes altas passam por cima de mim, e só quando bato uma nota de vinte no balcão e pego o olhar preocupado de um garçom é que percebo que estou de pé e indo em direção à saída.

— Nunca estive melhor — resmungo, antes de irromper na rua.

A noite é iluminada por decorações cafonas de Natal. Bastões de doces brilham em vermelho e branco nas vitrines das lojas, e Papais Noéis infláveis amarrados a postes de luz me acenam sob uma película de gelo. Enquanto minhas botas escorregam no chão gelado, desacelero até parar e suspiro uma faixa branca contra o céu.

Maldição. O último lugar onde quero estar é meu apartamento, porque os cômodos são muito pequenos e meu pânico é muito grande.

Seus pecados acabarão alcançando-a eventualmente. Sempre alcançam.

Acho que já sabia disso muito antes de riscar um fósforo, jogá-lo em uma garrafa de vodca e deixá-lo na porta do bar Hurricane.

Foi por isso que comecei minha Grande Missão em primeiro lugar. Não porque realmente quisesse uma carreira mais intelectual do que vigarista, mas porque sabia que era como uma droga de entrada. Uma vez que fosse fisgada, apenas mergulharia nas profundezas mais profundas e

sombrias do pecado. E olhe para mim agora; no espaço de três anos, passei de deixar as carteiras dos homens um pouco mais leves a incendiar prédios.

Nunca deveria ter me permitido ir tão fundo. Deveria ter me endireitado há muito tempo.

Um estalo de formigamento estático na minha pele e, quando olho para o céu, a primeira gota de chuva cai no meu lábio superior com um *plop pesado.* Outra cai, e depois outra. Em segundos, uma tempestade está caindo dos céus como se Deus tivesse derrubado sua coleção de mármore.

E então um raio ilumina o céu, me assustando.

Merda. Isso é tudo que preciso.

Prendendo a respiração, abraço o livro contra o peito, enfio o queixo na gola do casaco encharcado e saio correndo em direção ao abrigo mais próximo - a enorme cabine telefônica em frente à padaria. Deslizo para dentro e bato minhas costas contra a porta. O estrondo do trovão rola segundos depois, vibrando as paredes de vidro da cabine. Ofego em uma lufada de ar velho e úmido e desejo que minhas pernas não se dobrem debaixo de mim.

De todos os momentos para uma rara tempestade costeira, tem que ser *agora?*

À medida que flash de luz forte preenche a cabine, procuro desesperadamente por algo para me distrair. Torço meu cabelo e então, sob o brilho bruxuleante da lâmpada, inspeciono meu livro em busca de danos causados pela água. Felizmente, é coberto por plástico protetor porque é um livro de biblioteca. A ironia de me importar produz uma risada amarga que se derrete no próximo trovão.

Estou perdendo a porra da cabeça.

Fecho os olhos e encosto a cabeça na porta por alguns segundos.

Dentro da cabine, minha respiração irregular se transforma em dióxido de carbono e, além da caixa, lençóis de chuva distorcem as luzes vermelhas e brancas. Semicerro meus olhos para o próximo relâmpago. Quando passa, abro-os e meu olhar turvo pousa em algo preso na parede de trás do telefone público. Algo familiar. Pisco para aguçar minha visão, então me inclino para frente e o pego de seu percevejo.

Um cartão preto fosco, letras douradas em relevo e um número impresso em numerais pretos acetinados. Outra risada me escapa, só que esta não tem um gosto tão amargo.

Sinners Anonymous.

A noite em que encontrei meu primeiro cartão de *Sinners Anonymous* está gravada em minha memória. Eu tinha treze anos, me escondendo no banheiro do *Visconti Grand* porque Nico não tinha ido ao cassino naquela noite. O cartão estava enfiado no espelho trinta centímetros acima do meu reflexo. Não sei o que deu em mim para enfiá-lo no bolso, mas o fiz.

Naquela noite, enquanto olhava para o brilho dos faróis dos carros passando pelo teto do meu quarto, de repente me lembrei que o tinha. Então, desci as escadas e sentei-me na poltrona em frente ao meu pai desmaiado no sofá e liguei para o número.

A voz da mulher era robótica, mas ainda era a mais suave que já tinha ouvido. Não me cortou como minha mãe fez. Não gritou comigo como meu pai. Ela me fez querer me abrir, fez-me sentir como se finalmente tivesse alguém com quem conversar.

Durante os cinco anos seguintes, usei a linha direta como um diário. Era meu porto seguro anônimo, um espaço para reclamar sobre as brigas bêbadas de meus pais e discutir os

novos truques que aprendi com Nico. Sei que ela nem é real, mas me sinto meio culpada por deixá-la para trás quando fui para *Atlantic City*.

Esfrego meu polegar sobre o cabeçalho texturizado e prendo meu lábio inferior com os dentes. Este é o terceiro cartão que vejo desde que voltei para *Coast*. A primeira estava em meu apartamento e a segunda enfiada nas páginas da Bíblia em meu quarto de hospital.

Quando caiu nos meus lençóis engomados, tive um pensamento, e o mesmo voltou a surgir em minha cabeça agora.

Pessoas religiosas confessam seus pecados, certo? Talvez se eu fizesse o mesmo, não os sentiria puxando meus tornozelos, tentando me arrastar para os poços de fogo do inferno abaixo. Talvez se usar a linha direta para o propósito pretendido, não ouvirei o rugido de fogo ecoando em meu cérebro entre cada batida do coração, ou talvez não sinta o cheiro de fumaça toda vez que virar a cabeça muito rapidamente, mas não acredito em Deus. Onde estava quando minha mãe levou um tiro na cabeça? Quando meu pai gritava por Ele no canto da cozinha?

Deus não os salvou naquela noite e também não me salvou. A sorte sim. Senti isso no amuleto quente e pesado em volta do meu pescoço. Meu corpo inteiro zumbia com estrelas cadentes e ferraduras e o número sete, não com a voz do grande homem no céu.

No entanto, isso não me impede de alcançar o receptor ou apertá-lo contra a minha orelha enquanto me encolho sob outro raio. Antes que perceba, estou olhando para o teclado, digitando um número familiar. Prendo a respiração pelos três toques.

Click.

— Ligou para os *Sinners Anonymous* — diz meu velho amigo. — Por favor, deixe seu pecado após o sinal.

Paro. Expiro pesadamente pelo bocal e passo a mão pelo meu cabelo encharcado. Meu pecado está *bem ali,* preso no fundo da minha garganta, muito grosso e prejudicial para ir mais longe. Fica maior, mais denso, e minha respiração fica difícil na tentativa de contorná-lo.

Por que sinto que me julgará? Ela nem é real, pelo amor de Deus.

Meus olhos caem para o livro na minha mão. Na etiqueta colada na lombada: *Propriedade da Biblioteca Pública de Atlantic City.*

Sufoco uma risada trêmula e levanto meu olhar para a chuva martelando no telhado.

— Peguei emprestados três livros da biblioteca e nunca conseguirei devolvê-los.

16

Rafe

— Já se apaixonou?

Olhando para a chuva caindo no meu para-brisa, reprimo um suspiro. Esta mulher tem me feito perguntas estúpidas a noite toda.

O que você escolheria como sua última refeição se estivesse no corredor da morte?

Se você fosse uma cobertura de pizza, o que seria?

Prefere ser um morango com pensamentos humanos ou um humano com pensamentos de morango?

No momento, prefiro ser um humano que está em qualquer lugar, menos em meu próprio carro, mas é claro, ofereço um pequeno sorriso e balanço a cabeça. — Receio que não, Cleo.

Eu pego a faísca de excitação em seus olhos antes de voltar minha atenção para a estrada. *Resposta errada.*

O brilho de seu celular reflete em seu rosto, e o som de sua digitação frenética corta logo acima do zumbido da música de Natal dos anos 80 no rádio. Sem dúvida está atualizando o bate-papo em grupo com o último capítulo sobre nosso encontro.

Às vezes me pergunto se não seria mais fácil fazer o que todos os outros homens da minha família fazem - foder e chutar sem piedade, mas a ideia de enfiar meu pau em uma mulher cujo sobrenome não consigo lembrar parece...

incivilizado. É algo que animais de zoológico e meus primos fazem, não homens de verdade.

Não, prefiro me torturar bebendo e jantando com uma mulher antes de levá-la para a cama, embora, na maioria das vezes, não dê a mínima para a conversa flutuando sobre a mesa de jantar.

Angelo acha que, ao prolongar a preparação para molhar meu pau, estou dando às mulheres falsas esperanças de que isso se transforme em algo mais. Não concordo; Nunca me casarei e sou *muito* transparente sobre minhas intenções desde o início.

Toda mulher que saio recebe o mesmo aviso justo. Terão uma noite à luz de velas, onde interpretarei seu príncipe encantado e sofrerei com seus monólogos enfadonhos com um sorriso intrigado. Então, depois de suarem em meus lençóis de seda e reclamarem de más intenções em meu ouvido, nunca mais ouvirão falar de mim. Uma noite nunca se transforma em duas. Nem em um milhão de anos. Ainda assim, essa regra rígida parece mais um desafio do que um limite para a maioria das mulheres - incluindo esta no banco do passageiro.

Reduzo a velocidade do carro até parar do lado de fora da loja de Cleo na *Main Street* e desligo o motor. No silêncio, o trovão rolando no teto do meu carro soa ainda mais alto.

— Obrigado por uma noite deliciosa — digo secamente.

A antecipação crepita e sai do vestido Little Black de minha acompanhante. Meu olhar desliza para baixo para suas mãos enroladas em torno da sua bainha. Sufoco outro suspiro.

Normalmente, é aqui que inclino meu antebraço contra o encosto de sua cabeça. Deslizo minha mão até sua coxa enquanto murmuro algo sobre ser convidado para um café

contra seus lábios, mas, por alguma estranha razão, a ideia de fazer isso esta noite me enche de pavor. Talvez seja porque fui eliminado de uma semana de negócios ruins, ou talvez seja porque realmente não me importo com o que ela está fazendo por baixo daquele vestido.

Sob seus olhos arregalados e atentos, arrasto a palma da mão sobre a boca e deixo cair a cabeça contra o assento. Talvez só precise mudar o tipo de mulher com quem saio. Por nove anos, tenho procurado morenas perfeitas que provavelmente não conseguiria identificar em uma fila policial nem se apontasse uma arma para minha cabeça, mas as escolho porque não *são* meu tipo. São fáceis de foder e esquecer. Se eu realmente escolhesse meu tipo, bem... isso seria perigoso.

O próximo raio traz um lampejo de cabelo ruivo e lingerie de renda com ele.

Jesus. De repente, sentindo um calor sob a gola, abro a porta e saio para a chuva. Enquanto dou a volta no carro, Blake chama minha atenção pelo para-brisa do sedã blindado estacionado atrás de mim. Pisca, então cria um buraco com uma mão e desliza o dedo para dentro e para fora dele. Ah, o sinal universal para transar.

Eu riria se viesse de Griffin ou de um dos meus outros homens, mas esse pau já está em gelo fino depois de todo o fiasco de Benny. Abro a porta do passageiro para o meu encontro, e sua respiração para quando me inclino sobre ela, mas finjo não perceber.

Estou apenas pegando um guarda-chuva.

Estendo minha mão e forço outro sorriso. — Permita-me.

Protegidos da tempestade, damos os cinco passos até a porta da frente em silêncio.

— Bem — sussurra, olhando-me como um cervo ansioso nos faróis. — Esta sou eu. A menos que, uh... sabe, queira subir para tomar um café, ou algo assim?

Já são três da manhã - sério, essa mulher *não pararia* com as perguntas idiotas - e eu estaria mentindo se dissesse que a ideia de pendurá-la no estilo cachorrinho em seus lençóis de poliéster enquanto olhava para a parede floral atrás de sua cabeceira me excitou.

Eu mudo meu foco sobre a sua cabeça e do outro lado da estrada. Irritantemente, sei o verdadeiro motivo pelo qual não quero subir, e não tem nada a ver com negócios ou estar entediado com morenas, mas *esse* motivo é tão ridículo que quase quero entrar para provar a mim mesmo que não é real.

Outro relâmpago ilumina a *Main Street*. Reflete em superfícies brilhantes, como as poças na estrada, vitrines e o vidro da grande cabine telefônica em frente. Um lampejo de vermelho - real desta vez - chama minha atenção, e meu olhar se estreita nele.

Certamente não.

— Rafe?

Minha atenção se volta para Claire. Clara? Qualquer que seja. Quando não consigo lembrar seus nomes, apenas chamo-as de querida. — Sinto muito, querida, mas tenho que começar muito cedo amanhã.

Seu sorriso esperançoso desaparece. — Não vai subir?

Não, renunciarei que chupem meu pau em favor de atravessar a rua e ter certeza de que não estou alucinando. — Acredite em mim, querida, estou mais chateado com isso do que você. — Outro relâmpago, outro vislumbre de cabelo ruivo e olhos azuis brilhantes. Estou culpando a distração de

uma fração de segundo por dizer algo além de estúpido. — Faremos isso de novo algum dia.

Eu me arrependo no momento em que escapa dos meus lábios, ainda mais quando seus olhos se iluminam como a faixa de Las Vegas. Rapidamente peço desculpas, espero até que esteja segura atrás da porta da frente, então atravesso a rua.

Quando me aproximo da cabine telefônica, meu olhar se cruza com outro através do vidro manchado pela chuva. Por alguma razão, a irritação surge em meu peito. O que é que dizem mesmo? Algo sobre se pensar no diabo, ele aparecerá? Bem, esta noite o diabo está pingando e segurando um livro amarelo contra o peito.

Fechando o guarda-chuva, alcanço a maçaneta. Do outro lado do vidro, vejo também Penelope alcançá-la. Sua tentativa de manter a porta fechada é patética, e mal encontro qualquer resistência quando a abro. Abrindo a porta com o pé, inclino meus braços contra a estrutura de metal superior e deixo meus olhos escalarem seu corpo. Está encharcada. Seu casaco peludo parece um cachorro vadio de um daqueles anúncios da *ASPCA*, e seu cabelo está tão molhado que passou do cobre para a ferrugem.

— O que está fazendo fora tão tarde? Trabalhando na esquina quando foi pega pela chuva, não é?

Silêncio.

Meu olhar se estreita no pânico esculpido em seu rosto. — O que está errado? — Novamente, nenhuma resposta. Olho para a rua vazia, então entro, fechando a porta atrás de mim. Agarro seu queixo. — Não perguntarei duas vezes, Penelope.

Um suspiro escapa de seus lábios quando um raio inunda o espaço com luz. Sua mandíbula se flexiona contra o meu

polegar, e a compreensão lava meu desconforto como um balde de água fria.

Deixo meus dedos escorregarem de seu rosto e rio. — Medo de um pequeno raio? Por favor, as chances de ser atingida são de uma em um milhão.

É a sua vez de rir. É alto e amargo e, quando ricocheteia nas paredes, de repente percebo como é pequeno aqui.

— Vou acompanhá-la até em casa.

— Não quero andar.

— Vou levá-la para casa então. Estamos a trinta segundos do seu apartamento, preguiçosa.

— Vá embora.

Limpando a diversão do meu rosto com as costas da minha mão, me inclino contra a porta e a estudo. Quando um raio ilumina a cabine, seus ombros tensionam em antecipação e seus dedos se fecham em punhos ao seu lado. Seus lábios se abrem para contar em sussurros ofegantes, e quando chega ao sete, um trovão rola sobre seus ombros curvados.

Seu tremor faz a prata em seu pescoço brilhar.

Gemo. — Não está falando sério.

Ela abre um olho e me encara através dele. — O quê?

Aceno para o seu colar. — Acha que é uma em um milhão. — Nem me preocupo em tentar esconder meu revirar de olhos. — Quão egocêntrica tem que ser para acreditar…

— *Não* sou egocêntrica. — Seus dedos trêmulos voam para o colar em defesa. — Tenho sorte.

— Sim, porque ser atingida por um raio é muita sorte.

Ela balança a cabeça, passando o trevo de quatro folhas para cima e para baixo na corrente. — Sorte não é apenas sobre coisas boas acontecendo com você, é sobre ter as probabilidades do seu lado. Todo dado tem um seis, certo? Qualquer um pode acertar nele, mas os sortudos têm mais chances de acertar do que a maioria.

— E com essa lógica, pessoas de sorte são mais propensas a serem atingidas por um raio — respondo secamente.

Ela acena com a cabeça e solto um suspiro sardônico. — Não existe sorte, Penelope. Boa, ruim ou não. Não tenho certeza de quantas vezes tenho que provar isso a você.

Agora, seu outro olho se abre, e me trata com um olhar incrédulo. — Você é o rei dos cassinos. Como *não* acredita em sorte?

— Porque sou uma pessoa lógica. — *Mentira.* — Acredito na ciência comprovada de probabilidade e estatística. Cada pessoa no planeta tem as mesmas chances de rolar um seis. É *matemática.* Jesus, aposto que também combina o seu esmalte com o seu horóscopo e não sai de casa quando Mercúrio está retrógrado.

Ela franze a testa. — Engraçado. — Seus olhos deslizam para o guarda-chuva ao meu lado e algo malicioso dança atrás deles. — Abra, então.

— O quê?

— Se você realmente não acredita em sorte, *boa, ruim ou não* — escarnece, com uma voz rouca que presumo que seja para imitar a minha — Então abra o guarda-chuva.

Passo a língua pelos dentes. Olho para a chuva martelando no telhado. Porra, ela me pegou lá. Prefiro jogar roleta russa contra minha própria têmpora do que abrir um

guarda-chuva lá dentro. Nem tenho certeza se uma cabine telefônica conta como interior, mas não descobrirei.

O próximo raio não poderia ter vindo em melhor hora. Muito distraída com conversas sobre superstições, Penelope se esqueceu de contar até o próximo trovão e isso a pega desprevenida. Ela grita. Bate a mão no meu peito para se firmar. Meus músculos tensionam sob o peso de sua palma quente. Talvez seja porque já passa das três da manhã, ou talvez só esteja louco, mas deslizo minha mão sobre a dela.

— Shh — murmuro, curvando meus dedos sobre a palma da mão. — Vai parar logo.

De olhos arregalados, desliza sua atenção para baixo da minha camisa para onde minha mão agarra a dela. Sua respiração pesada preenche todas as quatro paredes da cabine telefônica. O vapor sobe de nossos corpos e rasteja pelo vidro, e agora não consigo ver o que há do outro lado deles. É apenas Penelope aqui comigo, cautelosa e molhada, tremendo perto de mim para me confortar.

Um leve veneno redemoinha sob minha pele, coceira e calor.

O que estava pensando? Entrei nesta cabine telefônica como se fosse dar um passeio de domingo. Como se não estivesse me prendendo em uma caixa de oito por quatro com uma garota cujo corpo seminu pensava pelo menos uma vez por hora durante três dias seguidos.

Agora, o que está entre mim e esse sutiã de renda? Algumas camadas de roupas molhadas poderia tirar de seu corpo em menos de dez segundos. Menos de cinco anos, se estivesse me sentindo... *imprudente.*

A luxúria crepita e estala como uma corrente elétrica descendo até a ponta do meu pau. Foda-se toda essa bobagem de Rainha de Copas. Mesmo que não seja minha

carta da perdição, ela é ruim para mim. Ruim para meu autocontrole e minha imagem. Apenas a centelha de desafio em seus grandes olhos azuis me faz querer arrancar minha máscara de cavalheiro e devorá-la inteira.

Limpo minha garganta e solto a sua mão, em parte porque esta camisa é Tom Ford, e em parte porque a suavidade de sua palma contra o meu peito está me dando uma semi.

— Se você acha que tem tanta sorte, vamos jogar um jogo.

Seus olhos se estreitam, cautela guerreando com interesse. — Que jogo?

Engolindo minha diversão com sua incapacidade de esconder sua excitação, puxo um dado do bolso da minha calça. Jogo-o para o alto, pego-o e viro a palma da mão para cima com os dedos fechados. — Adivinhe o número. Se estiver certa, admito que tem sorte.

Ela levanta uma sobrancelha sarcástica. — Isso é tudo que precisa para acreditar em mim?

Claro que não, mas outro relâmpago acaba de iluminar a vidraça ao lado de sua cabeça, e ela não vacilou.

— Claro.

— E o que eu ganho?

— Direito de se gabar.

Ela revira os olhos. — E?

Rio. — Cem dólares.

Outro estrondo e ela nem percebe. — Quatro.

— Tem certeza que não quer pensar sobre isso?

— Não preciso pensar; eu *sei.*

De repente me ocorre o que torna essa garota tão atraente. Fisicamente sendo a definição do dicionário do meu tipo à parte, é a sua confiança que se agarra sob a minha pele. Ela é quase arrogante, o que representa um desafio em si. Parece que desejo pela satisfação de tirar isso dela de qualquer jeito possível.

Desenrolo meus dedos.

Nossos olhos se chocam, os dela dançando de alegria, os meus tingidos de descrença.

Deve estar me sacaneando. Com um sorriso malicioso que quero apagar, talvez com minha própria boca, ela estende a mão entre nós. Bato a nota na palma da sua mão com mais força do que o necessário. Felizmente, o coloca no bolso e não no sutiã.

O ar está espesso com sua excitação. Ela se recosta contra o vidro, expondo a curva suave de sua garganta, depois me olha através de cílios grossos. — Melhor de três?

Rio. — Está abusando, garota.

— Ah, vamos. Pode se dar ao luxo de perder mais algumas notas. É um bilionário com dois iates e uma ilha inteira no Caribe. — Sinaliza com a cabeça em direção à rua. — Provavelmente tem um grande troco apenas no console central do seu carro.

Meus olhos se inclinam. — Está me pesquisando no Google ou algo assim?

O ar muda ao som de sua risada ofegante. Não gosto do sabor; como se sente em minhas calças.

— Ou algo assim. — Sussurra.

Porra.

Ela segura meu olhar por mais tempo do que deveria. Seu sorriso malicioso escorrega lentamente de seus lábios, até que não haja mais nenhum traço de humor em seu lindo rosto.

Ela me pesquisou? Por que isso envia uma onda escura de prazer através de mim? Acho que porque significa que está pensando em mim. Duvido que tenha pensado em mim da mesma forma que pensei nela.

Seminua e coberta com aquele creme.

A imagem pisca atrás das minhas pálpebras pela milionésima vez hoje. Antes que possa me conter, fecho a distância entre nós, descansando minha palma contra a parede acima de sua cabeça.

Ela tensiona quando me aproximo. Então, quando outro estrondo de trovão balança a cabine, solta uma respiração quente e trêmula contra a base da minha garganta. Sinto-a como um peso de chumbo em minhas bolas e empurro minha mão com um pouco mais de força contra a parede.

Olhando para os cartões telefônicos amassados de motoristas de táxi e prostitutas baratas, faço a ela uma pergunta que sei que não deveria.

— Já se apaixonou, Penelope?

Não sei por que pergunto isso. Uma mistura de ser uma das últimas perguntas que meu encontro me fez, e uma leve curiosidade, acho. Às vezes, quando uma garota volta para sua pequena cidade natal, é porque teve o coração partido - de acordo com a maioria dos filmes de merda da *Hallmark* que minha mãe costumava assistir nessa época do ano, de qualquer maneira.

Os olhos de Penelope deslizam até os meus, procurando-os com uma expressão cautelosa. — É outro jogo?

Balanço minha cabeça.

— Então, não.

Um pequeno lampejo de alívio dança como uma vela na escuridão do meu peito. Ridículo. Não deveria dar a mínima se essa garota está apaixonada ou não. Não me importo.

— Por que não?

Acho que sei a resposta. Vinte e um anos não é idade para se apaixonar, mas, para minha surpresa, ela inclina o queixo, me encara bem nos olhos e me diz algo que não esperava.

— As mulheres não se apaixonam; caem em armadilhas.

Deixando escapar um suspiro, me afasto da parede em uma tentativa de fugir do cheiro inebriante de seu xampu de morango. Longe do calor úmido de seu casaco roçando meu peito, mas mesmo quando me encosto na porta de vidro fria, é impossível me afastar *dela.* Ela pode ter um metro e meio, mas preenche cada centímetro desse espaço, tornando o ar tão denso e doce que pode estourar pelas costuras.

Eu me pergunto quem a machucou? Um menino da sua idade. Algum garoto irregular em seu porão, sem dúvida. Resumidamente, estupidamente, me pergunto se eu também deveria machucá-la.

— Essa é uma visão muito desgastada do amor, Penelope.

— E você? — Meu olhar cai do telhado manchado de chuva ao som da voz de Penelope. — Algum vez já se apaixonou?

Rio. Eu não posso dizer a ela a verdade. Não posso contar a verdade a ninguém, nem mesmo aos meus próprios irmãos. Porque, se contasse, teria de admitir outra coisa, algo maior.

Escolhi o Rei de Ouros, não o Rei de Copas.

É mais fácil seguir com a mesma resposta que dei a Callie, ou foi Cora?

— Receio que não, Penelope.

Ela solta um suspiro baixo e lento que rasteja sob minhas costelas e preenche a cavidade oca ali. Sua expressão é indiferente, ilegível, mas seus olhos brilham com algo mais ardente. Quando se prendem aos meus, meu coração bate forte contra minhas costelas.

A chuva cai de seu cabelo em meus mocassins em altos e pegajosos *plops*. Do lado de fora, os carros deslizam sobre as pedras molhadas da *Main Street*, seus pneus criando um silvo sem fricção e seus faróis lavando vidros encharcados de chuva. Mudam um brilho amarelo fragmentado sobre os planos do rosto de Penelope.

Meu olhar rasteja até seus lábios carnudos e entreabertos, depois para baixo na curva de sua garganta enquanto balança.

— A tempestade parou. — Sussurra.

— Cinco minutos atrás.

Ela dá um passo em minha direção, enfiando o livro debaixo do braço. — Devo ir.

Minha mandíbula cerra ao mesmo tempo que seu peito roça o meu. Quando ela percebe que não me mexi, tensiona e me olha com cautela.

Um sentimento familiar gira em minhas veias. É sombrio e perigoso e não tem lugar no meu sangue em uma noite qualquer de quinta-feira. Os pensamentos sádicos saindo das sombras do meu cérebro também não deveriam estar lá. Inclino minha cabeça para o lado. Deslizo minhas mãos nos bolsos e fecho-as em punhos.

— E se eu não deixá-la ir?

É uma pergunta, não uma ameaça. Talvez.

Seja o que for, não deveria estar deixando meus lábios.

Sua carranca faz pouco para esconder o medo que passa por seus olhos de corça em uma onda. Inclina o queixo e diz — Lutarei com você.

Meu polegar deslizando pela minha boca escondendo minha diversão sombria. De onde essa garota tira sua confiança? O topo de sua cabeça mal chega ao terceiro botão da minha camisa, pelo amor de Deus. Se eu quisesse... *ter o que quero* com ela, não há nada que possa fazer para impedir.

Tanto a excitação quanto o mal-estar vibram sob minha pele. — E como faria isso?

Que porra está fazendo, Rafe? Parece que toda interação que tenho com essa garota se transforma em um jogo. Esta parece vingança. Por usar minha loção pós-barba. Por balançar a cabeça quando perguntei se queria que eu fosse um cavalheiro. Quero deixá-la tão desconfortável quanto ela me deixa. Só que este jogo parece mais arriscado do que um lançamento de dados ou uma aposta sem entusiasmo.

E não posso dizer com certeza que serei eu quem vencerá.

Foda-se isso.

Não estou no negócio de assustar as mulheres para minha própria diversão, de qualquer maneira. Assim não. Só estou cansado e com tesão e provavelmente delirando com a falta de oxigênio aqui. Estou prestes a me afastar com uma risada fácil quando os olhos de Penelope disparam abaixo do meu cinto.

Meu sangue esquenta. Garota boba. A primeira regra de qualquer jogo é nunca deixar seu oponente ver seu próximo

movimento. Darei a ela - é rápida. Sou mais rápido. Quando o seu joelho sobe para encontrar minha virilha, meu joelho também sobe. Deslizo entre suas pernas e a prendo na parede do fundo com ele.

Coração batendo com a adrenalina que vem com uma vitória, pressiono meu corpo contra o dela, uma risada triunfante cantarolando no fundo da minha garganta. — Muito lenta, Penelope. E agora?

Ela não responde, e a cada segundo pesado que passa, uma consciência quente e espinhosa se arrasta por mim. A nitidez de suas unhas cavando em meu bíceps. Sua respiração vaporosa contra meu pomo de Adão. O calor do monte de sua boceta contra a minha coxa, e o pulso rápido e oscilante que bate no meio dela.

Porra.

Olhando fixamente para uma gota de chuva enquanto desce pelo vidro, respiro lenta e profundamente. Faz pouco para esfriar a luxúria queimando em minhas veias.

Não faça isso, Rafe.

Não vou. Não empurrarei minha coxa mais fundo entre as suas pernas na esperança de que gema com a fricção. Não vou agarrá-la pela nuca, inclinar seus lábios nos meus e explorar o gosto de sua boca espertinha.

Seria muito fácil, com certeza. Um coquetel inebriante de calor corporal, chuva e escuridão nos protege do mundo exterior. Poderia ter essa garota em um piscar de olhos, sem necessidade de beber e jantar, e ninguém além de mim, ela e minha própria consciência saberiam disso.

De repente, os quadris de Penelope se inclinam para frente, sua boceta deslizando meio centímetro para baixo da minha coxa.

Meu estômago revira. — Não.

É um aviso agudo, entregue pelo espaço entre meus dentes cerrados. Ela muda novamente, mais deliberadamente desta vez. Seu cabelo molhado faz cócegas na minha garganta enquanto inclina o queixo.

— Ou o quê?

É apenas um sussurro, mas é carregado com uma insolência que quero arrancar de suas cordas vocais. O que esse tom faz com meu pau deveria ser ilegal. Sangue latejando em minhas têmporas e meu pau, minha mente nada com pensamentos ruins e minha língua está amarga com o gosto de más decisões.

Deveria me afastar dessa garota. Nada de bom poderia vir dela, cartão de destruição ou não, mas se o fizer, perco o jogo que comecei.

E *não* gosto de perder.

Não. Ela é uma criança e eu sou o seu chefe. Reunindo todo o autocontrole que tenho, me afasto dela e saio para a rua.

Olhando para um Papai Noel murcho balançando preguiçosamente contra um poste de luz, reajusto minhas calças e aliso minha camisa. Respiro fundo o ar úmido de dezembro. Com a chuva caindo do céu me refrescando, minha cabeça clareia e meu bom senso rasteja de volta para mim.

Jesus, definitivamente passei dos limites. Acho que a proximidade forçada e o comportamento malcriado farão isso até com o homem mais sensato. Ainda assim, devo me desculpar; isso não era maneira de me comportar com uma dama, mesmo esta.

Atrás de mim, a porta da cabine telefônica se fecha e passos pesados vêm na outra direção. Deslizando minhas

mãos nos bolsos, sigo o passo de Penelope enquanto avança na direção de seu apartamento.

— Penelope.

Ela me ignora e fica olhando para as poças abaixo de nós.

— Não tem que me acompanhar até em casa, sabe.

— São três da manhã.

— Não sou seu encontro. — Para, virando-se para me encarar. Procuro em seus olhos qualquer tipo de medo, mas, surpreendentemente, nada disso gira por trás daquelas grandes íris azuis. — O que aconteceu, afinal? Não foi convidado para um café?

Apesar de meu pau latejar em minhas calças, a diversão me enche. — É isso que as damas fazem? Convidar homens para um café em seu apartamento?

Ela engole. Estreitando seu aperto no livro, seus olhos rastejam pela frente da minha camisa, passam pelo meu cinto e pousam no meu pau. O calor de seu olhar faz meu punho fechar mais forte em torno da ficha de pôquer em meu bolso. *Deus me ajude.*

— Não sei — sussurra, parando do lado de fora de uma porta verde. — Não sou uma dama.

E então, sem se despedir, desaparece atrás da porta e a fecha atrás de si.

Eu a encaro incrédulo por alguns momentos, então viro minha cabeça para o céu e solto uma risada sem humor.

Essa garota não pode ser real.

Viro-me e caminho de volta pela *Main Street*, a boceta quente de Penelope ainda marcando minha coxa, sua insolência ainda dançando em meus ouvidos.

Quando passo pela cabine telefônica, algo lento e instintivo se arrasta por baixo do meu colarinho, me fazendo parar.

Certamente não?

Antes que possa colocar peso nisso, deslizo de volta para dentro da cabine telefônica e pego o receptor do telefone. Toco a tecla da estrela, seguida do seis e do nove.

E quando uma voz familiar de minha própria criação flutua pela linha, minha risada preenche o espaço mais do que os sussurros ofegantes de Penelope jamais poderiam.

Que comecem os jogos, garota boba.

17

Penny

À medida que a porta do meu apartamento se fecha atrás de mim, um par de tênis surrados sai para o insignificante tapete de boas-vindas do outro lado do corredor. Meu olhar desliza para cima para encontrar o sorriso torto de Matt.

— Aí está você. — Puxa um gorro. — Pensei que talvez estivesse farta de seus tapetes pegajosos e da música rock do 8B e fugido da cidade novamente. Como tem estado?

Não diria que tenho evitado Matt, mas estaria mentindo se dissesse que não prendi a respiração e desliguei a televisão quando bateu na minha porta algumas vezes.

No momento em que descobriu que eu estava no hospital, ele se transformou em *Florence Nightingale*[17]. Sente-se culpado porque não sabia que eu havia saído do casamento, embora a culpa seja minha porque não contei a ele. Embora esteja de volta ao meu estado normal e meu ferimento seja pouco mais que uma marca, ainda está me checando e me trazendo o jantar. Definitivamente, não estou reclamando de comida de graça.

Decido tirar o assunto da minha cabeça pela primeira vez. — O que há com 8B, afinal?

Ainda bem que não durmo, porque o vizinho espremido entre o apartamento de Matt e o meu toca música de merda o tempo todo.

Seus olhos se iluminam enquanto descemos a escada. — Quer saber uma coisa maluca?

— Sempre.

— Moro aqui há quase cinco anos e não tenho absolutamente nenhuma ideia de quem mora lá.

Saímos para as pedras geladas sob o céu ensolarado. Desacelero até parar e olho para ele. — Sério?

Matt enfia um par de Ray Ban no nariz. — Uh-huh. Nunca os vi no corredor e nunca vi nenhuma carta ou pacote sendo entregue em sua caixa de correio. — Olha para o prédio e abaixa a voz. — Pegue isto. Uma vez, cheguei em casa depois de uma noite muito chapado, e a música estava me deixando louco. Então, peguei um copo e encostei o ouvido na parede. Conhece esse truque, certo? Torna tudo mais alto?

Aceno.

— Sim, bem por baixo da música estridente, podia ouvir a *perfuração.*

Mordo outra risada. — Não, não poderia.

— Estou falando sério, Penny. E isso foi às três da manhã. Que porra está perfurando às três da manhã?

Acertamos o passo, lutando contra o vento forte enquanto descemos a *Main Street*. O sol já está se pondo no horizonte, criando um forte brilho alaranjado sobre as pedras. — Acho que precisa parar com a erva.

— Acho que está certa. Enfim, como vai o trabalho? Anna já disse alguma coisa sobre mim?

Ainda não tive coragem de lhe dizer que ela é uma bela vadia. Especialmente quando está deixando bolsões de pizza na minha porta.

— Ah, pode fazer melhor do que Anna — digo alegremente. — Um cara como você poderia conseguir

Beyoncé, se quisesse.

Ele revira os olhos. — Sim, cruzarei os dedos para que ela venha a no Tinder.

Ainda estou rindo quando chegamos ao fim da estrada. Estamos prestes a nos separar, quando sua atenção cai para o meu pulso. — Ei, belo relógio!

Estico o braço e o *Breitling* pisca para mim, como se estivéssemos participando de uma piada particular.

Depois de um sono inquieto, acordei no final da tarde cheia das chamas quentes da vingança. Ontem à noite, Raphael me fez sentir um turbilhão de emoções. Fiquei irracionalmente chateada por ele estar com uma mulher, em conflito porque me acalmou durante a tempestade e depois *enlouquecida* quando deslizou sua coxa entre as minhas. A sua presença encheu a cabine telefônica e penetrou na minha pele, e odeio que isso não saia tão facilmente quanto a loção pós-barba.

Estou usando o seu relógio e sei que não é só para irritá-lo, mas também porque se estou dançando essa dança com Raphael, não estou pensando em Martin O'Hare e nele contando notícias nacionais que tomará o assunto em suas próprias mãos. Sou boa em empurrar coisas ruins até a boca do estômago, desde que tenha algo para me distrair.

Raphael Visconti é uma distração muito bem-vinda.

Graças ao meu relógio recém-adquirido, sou pontual hoje, por isso o elegante ônibus da equipe ainda está balançando no final do cais quando chego ao cais. Enquanto sou içada na nave por um dos lacaios induzidos por esteroides de Raphael, sou toda sorrisos radiantes e conversa fiada.

A carranca de Anna se transforma em um sorriso malicioso quando Claudia sussurra algo em seu ouvido, mas

então o motor ganha vida sob o banco e acho impossível dar a mínima. Fecho os olhos e me deleito com o ataque salgado, encontrando liberdade em cabelos emaranhados, bochechas molhadas e nariz dormente.

Há trajetos piores, suponho. Além disso, Martin O'Hare não me encontrará no meio do Pacífico, vai?

O rugido do motor se reduz a uma marcha lenta trêmula e, quando abro os olhos, me deparo com um olhar mais penetrante do que uma agulha e tão capaz de estourar meu coração cheio de hélio.

Raphael está na plataforma de natação, um contraste de linhas pretas nítidas e detalhes dourados brilhando sob o sol de inverno. É largo e alto e, mesmo com quinze metros e uma forte corrente entre nós, sua presença toca minha alma como uma chama Zippo dançando muito perto de um derramamento de óleo.

O barco bate contra um para-choque, o capitão de terno protege a linha de atracação e Raphael dá um passo suave à frente. Abotoaduras de dados piscam e uma ficha de pôquer de ouro desaparece no bolso de sua calça.

— Boa tarde, senhoras — diz suavemente, um sorriso de cetim esculpido em suas covinhas.

Um coro risonho flutua ao meu redor. Viro as costas e suspiro contra o vento, desejando que me leve de volta à praia. Talvez até na fronteira com o Canadá.

— Permita-me.

Um tom sedoso e minha própria curiosidade viram minha cabeça apenas o suficiente para ver Raphael levantar a calça e estender a mão grande para Katie. Ele a puxa para o convés com facilidade e ri quando ela cai contra seu peito.

— Tenho certeza de que há algo no manual do pessoal sobre beber antes de um turno, Katie — brinca. — Deixarei passar desta vez, tudo bem?

Ele pisca, ela cora, e me pergunto se o afogamento *é realmente* tão ruim quanto todo mundo pensa.

Claudia abre caminho para a frente com o cotovelo e estende a mão. — Meu Deus, quem é o sortudo? — Raphael fala lentamente, passando o polegar sobre o seu anel de diamante.

— Esse não é meu dedo anelar, Sr. Visconti. — Ela ri e acena com a outra mão no ar. — *Este* é o meu dedo anelar. E como pode ver, está *muito* vazio.

Raphael a alfineta com um sorriso preguiçoso. — Ufa. Achei que estava prestes a partir meu coração, Claudia.

Com uma coceira no sangue, olho para o mar e tento o meu melhor para ignorar as gentilezas plastificadas e as tentativas vergonhosas de flerte. Deixando Laurie de lado - ela simplesmente deu um tapinha no ombro dele e correu para o banheiro mais próximo - essas garotas devem ter três células cerebrais entre si se forem crédulas o suficiente para cair no ato de Raphael Visconti.

Seu charme é como sua loção pós-barba – inebriante, mas quando chega muito perto da fonte, como fiz ontem à noite, pode ver o que realmente é: um espesso véu de cetim escondendo o perigo que está por baixo.

— Penelope.

Sua voz é mais fria quando toca minha nuca, fazendo minhas pálpebras se fecharem. Uma energia nervosa zumbe sob a superfície da minha pele agora. Pensei que era uma ideia genial colocar o seu relógio quando passei pela minha

mala esta manhã, mas agora, com seu antigo dono apenas alguns metros atrás de mim, sou um pouco menos corajosa.

Enrijeço minha coluna e me viro. Infelizmente, sou a única garota que resta no barco e, a menos que goste de nadar de volta à praia, só há uma saída.

Raphael olha por cima do ombro ao som da porta atrás dele se fechando. Quando seu olhar volta para o meu, está cinco tons mais escuro.

— Não tenho o dia todo.

— E eu não tenho uma perna quebrada. Não preciso de sua ajuda, obrigada.

Ele me encara por um tempo longo demais, então muda sua atenção para algo acima da minha cabeça e estende a mão. Pode fingir apatia o quanto quiser, mas o tique em sua mandíbula sugere que prefere arrancar os dentes do que eu agarrá-lo.

— Não seria muito *cavalheiresco* da minha parte não ajudá-la. — Diz secamente.

Como se ele de repente se lembrasse de outra coisa que o deixou chateado, corre um olho para o lado da minha coxa, solta um silvo quente e volta a olhar acima da minha cabeça. — E não seria muito *elegante* da sua parte sair do barco com a bunda para fora.

— Não é como se já não tivesse visto — retruco. Meu coração palpita com a lembrança dele me olhando no vestiário.

— Sim, mas meus homens não — diz friamente. — E vamos manter assim.

Só agora percebo que ele não está olhando para longe apenas para evitar olhar para mim, mas sim, está olhando

para alguma coisa. Alguém. Eu me viro e pego o capitão olhando para a parte de trás das minhas coxas, como se estivesse perdido em pensamentos. Sentindo o peso de dois pares de olhos, olha para cima, se encolhe e rapidamente se vira.

Suspiro. *Homens.*

— Levante-se. Agora.

Caramba. Olho para a grande mão debaixo do meu nariz. Riachos azuis sob a pele cor de oliva e unhas lisas e sem corte. Uma respiração trêmula me escapa enquanto minha mente flutua para dois cenários:

Essa mão deslizando sobre a depressão do meu quadril. Apertando em volta da minha garganta. Suave. Com força, cada um, infelizmente, tão atraente quanto o outro.

Limpando a garganta em uma tentativa de recuperar algum tipo de controle, deslizo meu polegar e indicador em torno de seu pulso, entre a pulseira e o punho do relógio. Deslizo sua manga um centímetro e revelo o que já sabia que estaria lá.

Tinta, e muita.

Assim como seu charme e sua loção pós-barba e sorrisos de domingo de manhã, seus ternos sob medida são mais um véu, disfarçando a escuridão que vaza de dentro para fora. A segurança privada. Os iates. A autonomia sobre toda a porra de um litoral. É tão flagrante que Raphael é um homem mau, e me pergunto se todas as mulheres que olham para ele com o coração nos olhos simplesmente optam por não ver isso.

Como posso ser boa quando estou obcecada por algo tão ruim?

Com o coração batendo na garganta, passo o polegar sobre a escrita italiana. Acaricie o canto de uma carta do

Coringa. Uma mistura de curiosidade e luxúria floresce quente entre minhas coxas, em parte porque não me impede de arregaçar a manga um pouco mais, e em parte porque sofro para saber até onde vão suas tatuagens. Meia manga? Manga inteira? Ou cobrem cada centímetro de sua pele bronzeada e esculpida, como segredos pecaminosos sob um cobertor de *Brioni*?

Olho para cima para encontrá-lo me observando, sua própria curiosidade suavizando os planos de seu rosto.

— Você não me engana — murmuro.

Minha presunção dura pouco, varrida por um lampejo de verde e duas mãos fortes puxando a lançadeira. Escorregam por baixo dos meus braços e me carregam como uma boneca de pano pela plataforma de natação até a garagem de jet ski. Minhas costas batem contra algo duro e me preparo para o momento em que minha cabeça encontra o mesmo destino, mas o *estalo* não vem, porque a mão de Raphael desliza por trás da minha cabeça e amortece o golpe, conforme a outra mão bate na minha boca e absorve meu grito.

Oh Merda. Estou pressionada contra o canto mais escuro e silencioso do iate e, apesar de sua forma sofisticada, não tenho certeza se o animal que está me prendendo é domesticado.

Minha pulsação dispara em meus ouvidos, o som quase perdido no rugido da adrenalina que lambe meu corpo como fogo selvagem. Estou ofegante, e a diversão irônica girando no olhar de Raphael sugere que está gostando de como cada uma das minhas respirações irregulares umedecem sua palma.

— Deixe-me…

A incerteza aumenta por trás de seu comportamento frio e seu controle aperta em torno da minha mandíbula, terminando meu protesto com um ponto final. É apenas a

contração de um músculo, mas assim como o aperto de meus seios e a flexão de sua coxa contra minha boceta, a insinuação parece muito mais pesada.

Ele dá um passo vagaroso para mais perto, obstruindo minha visão da única saída.

— Não ouviu, Penelope? — Diz. — Os ruivos nunca devem falar primeiro quando pisam em um barco. É... — para. Joga os ombros para trás e corrige o sorriso. — Inapropriado.

Minha boceta aperta em torno da palavra *inapropriada.* Ele deve ter notado, porque pontua meu gemido contra a palma da mão com um puxão forte do meu cabelo. *Cristo.*

Com um sorriso preguiçoso, procura meu olhar semicerrado, como se estivesse admirando o frenesi que me colocou. Seus olhos viajam mais para o sul, passando pelo meu decote, antes de voltarem a encontrar os meus com um tom de aprovação.

— Por mais que me doa admitir, você fica bem gostosa quando está amordaçada.

Doce, santo inferno. Meu clitóris bate ao som de sua provocação irreverente; meus mamilos doem pela fricção de seu peito contra o meu. Uma palma quente contra minha boca, dedos grossos em meu cabelo, e o cheiro de cloro misturado com seu cheiro característico agredindo minhas narinas: estou caindo no abismo negro do purgatório sensorial, e Raphael Visconti está espiando por cima da borda, esperando pacientemente para eu bater no fundo. Parece que se não sair imediatamente, morrerei à mercê de suas mãos grandes e sorriso presunçoso.

Empurro sua mão atrás da minha cabeça, criando um milímetro de espaço entre minha boca e a palma da mão. Coloco minha língua para fora e *lambo.* Devagar.

Desleixadamente. O vapor sobe do meu sangue com cada centímetro de sua palma que cubro.

A compreensão rasteja sobre os planos duros do rosto de Raphael, e então o humor em seu olhar se apaga como um interruptor de luz, mergulhando-nos na era do gelo.

Minha respiração fica mais lenta. Minhas faíscas de triunfo.

Um sorriso curva seus lábios novamente, mas desta vez, é frio e calculado. Carregado de más intenções, cada uma delas destinadas a mim. Antes que possa torcer minha cabeça para fora de seu aperto, tira a mão da minha boca e a arrasta pelo lado da minha bochecha, *com força,* cobrindo minha pele pegajosa com minha própria saliva.

Que porra? É uma retaliação infantil, mas o peso úmido de sua palma deslizando sem atrito sobre o ângulo da minha bochecha envia um arrepio violento para as terminações nervosas do meu clitóris. Cristo, parece tão sórdido, tão *obsceno* - uma perversão suja que não sabia que gostava. Antes de sua palma deslizar do meu queixo, engancha o polegar sobre a curva do meu lábio inferior para mantê-lo lá.

Esqueço de respirar. Esqueço de *sentir.* Estou muito focada no fascínio escuro nublando seus olhos enquanto desliza o polegar de um lado do meu lábio para o outro. Posso ter a porra da minha própria saliva escorrendo pelo lado do meu rosto, mas uma chama desagradável de satisfação se espalha por trás do meu peito dolorido. Já estive diante de homens famintos suficientes para reconhecer aquele olhar. Tinta pecaminosa, iates e carteira gorda à parte, sou eu quem está em vantagem aqui.

Estou ganhando este jogo.

Provo isso a mim mesma apertando meus dentes em seu polegar conforme voltava para o meio do meu lábio. Uma

chama de aborrecimento, um assobio quente de respiração, e então o olhar de Raphael se encaixa no meu. Três batimentos cardíacos irregulares se passam antes que ele ganhe aparência suficiente para arrastar o polegar da minha boca e apoiá-lo levemente na reentrância do meu queixo.

— Aposto que morde quando fode — diz pensativo, como se estivesse falando consigo mesmo ao invés de mim.

Meu coração se contrai. — E aposto cem dólares que está duro agora — respondo.

Não sei por que digo isso. Bêbada de luxúria e desejos, talvez, mas algo em minhas palavras parece ser o antídoto que Raphael precisa para recuperar a compostura. Ele se desvencilha de mim e dá um passo para trás. Olha para a mão molhada com leve divertimento, arranca o lenço do bolso do paletó e o limpa entre os dedos grossos.

Com um último olhar demorado, Raphael aperta uma abotoadura e vira.

— É um cachorro, Penelope — diz alegremente por cima do ombro. — Deveria tentar colocá-la para baixo.

— Já tentaram.

Seus passos diminuem até parar e ele olha para mim. — E?

— Mordi o veterinário.

Silêncio. Então sua risada, sombria e perigosa, flutua e acaricia minha pele como um amante de longa data. O prazer disso ondula pelo meu centro e se acomoda como um peso na minha calcinha já encharcada.

Assim que Raphael sai da garagem e desaparece de vista, um baque leve atinge o convés. Com as pernas trêmulas, vou até lá e vejo o que ele deixou cair.

Agora é a minha vez de rir, embora tenha um tom mais nervoso do que o de Raphael.

Cinco notas de vinte dólares em um clipe prateado.

18

Rafe

Benny paira sobre o apoio do barco, os braços estendidos e as pernas na largura dos ombros. Um cigarro apagado pende de seus lábios, e seu brilho é quase quente o suficiente para aquecer este dia gelado de dezembro no mar.

— *Cazzo* — brama enquanto Griffin desliza uma mão musculosa pela costura interna de sua calça. — Se você queria tocar no meu pau, tudo o que tinha que fazer era pedir.

— Eu teria que encontrá-lo primeiro. — Griff resmunga de volta.

A diversão deixa meus lábios em um sopro de condensação, o que só torna a carranca de Benny mais sombria. — Não confia em mim, *cugino?*

— Protocolo padrão, Ben.

— Quer que eu me agache e tussa a seguir?

Eu sorrio. — Depende. Tem alguma coisa lá em cima que eu deva saber?

Griffin me dá um breve aceno e dá um passo para trás, liberando meu primo para embarcar no iate. Puxo-o para a plataforma de natação com uma mão e bato nas suas costas com a outra.

Ele alisa a frente da camisa e estala o pescoço. — Faz um tempo que não o vejo em terra firme. Mora a bordo?

Concordo. — É um pouco mais luxuoso do que qualquer hotel em Dip, não acha? Além disso, significa que não pode aparecer sem avisar, como sempre, com suas prostitutas e seu uísque.

Ele ri. — Infelizmente, a única coisa que trouxe hoje são más notícias.

Meu coração afunda três centímetros no meu peito. *Claro que é.* Parece que todas as notícias são más notícias hoje em dia. Cada vez que pego o telefone ou abro um e-mail, outro tijolo do meu império desmorona.

Benny entra no *lounge,* pega uma garrafa de *Smuggler's Club* atrás do bar e desaparece pela escada em espiral. Encontro-o no refeitório da tripulação, cutucando com a mão enfaixada as caixas de pizza e os sanduíches preparados para meus homens.

— Não pode me dizer que tem más notícias e depois continuar enchendo a cara. — Digo secamente, acenando para ele até a mesa do canto.

Mordendo uma fatia de pizza, ele se aproxima e deixa cair uma fina pasta de papel pardo na minha frente. Abro-o e passo um olhar cauteloso pela lista de nomes familiares. Metade deles está riscada com um golpe certeiro de uma caneta-tinteiro.

— O que é isso?

— Esta lista de convidados VIP para a noite de pôquer de quinta-feira. — Chuta uma cadeira e se joga nela. — Dez dos nossos maiores rebatedores desistiram.

Benny, Tor e eu realizamos uma noite de pôquer em *Hollow* na última quinta-feira de cada mês há anos. É uma parceria que sempre funcionou perfeitamente. Tor traz os grandes nomes de *Cove*, eu os trago de Las Vegas, e Benny

traz qualquer coisa que bilionários com muito dinheiro e pouca moral possam desejar. Desde que Tor desapareceu da face do planeta - *ainda* não ouvi falar daquele filho da puta - Benny e eu decidimos fazer isso sozinhos pela primeira vez em muito tempo.

Meus molares traseiros rangem, mas mantenho minha expressão indiferente. — Deixe-me adivinhar; todos pegaram aquela gripe desagradável por aí.

Ele sorri para o meu sarcasmo. — Não está muito longe, *cugino*. Dante sempre foi um maldito germe.

Meu olhar sai da lista para encontrar o dele. — O que ele fez?

— Aparentemente, está realizando uma noite de pôquer para rivalizar com a nossa em *Cove*. Mesma noite, mesma hora. Chamou todos os nossos grandes rebatedores e ofereceu-lhes *buy-ins*[18] pela metade do preço e o dobro dos ganhos. — Inclina-se para trás em sua cadeira, observando minha reação sobre sua fatia de pizza.

Dou um pequeno aceno de cabeça. — Nenhum desses homens aceitaria isso.

Posso dizer isso com total confiança. Nossos clientes não vêm às nossas noites de pôquer por *buy-ins* baratos, vêm porque eu estou lá. Esses homens vêm de todas as partes do mundo para ter a chance de sentar na mesma mesa de veludo que eu. Passo a maior parte da noite assinando fichas em vez de jogá-las.

— Tem esse direito. Obviamente, nenhum deles também vai à noite de pôquer de Dante, mas ele ligando para todos e implorando para que mudem seus planos, torna óbvio que há uma briga na família Visconti. Parece que todo mundo quer ficar longe, caso seja pego no meio disso.

Bato um dedo contra a fenda do meu queixo, olhando para as luzes acima da cabeça de Benny. — Onde ele está segurando?

— *Portafortuna.* É a sua nova espelunca no promontório norte.

— Sempre podemos explodi-lo.

É pouco mais que uma reflexão, saiu da minha boca antes que pudesse colocar peso nisso.

Benny solta um assobio baixo. — *Dio mio.* Com quem estou falando, Rafe ou Gabe? Inferno, estou surpreso que não tenha caminhado até Cove e forçado tanto Vicious quanto Dante a assinar um tratado de paz, apenas para suavizar as coisas.

— Isso é um pouco mais sério do que uma discussão bêbada no *Whiskey Under the Rocks*, Ben.

— Hum. Não entraria em *Cove* mesmo se quisesse, de qualquer maneira. Meus olhos e ouvidos me dizem que Dante colocou segurança tipo aeroporto nas fronteiras. Revistas completas, verificações de malas, tudo.

Eu me viro ao som de Benny engasgando. Ele tira algo da boca com os dedos enfaixados e joga na mesa. — Isso é a porra de um pedaço de *abacaxi?* — Exclama, olhando para o caroço amarelo com desgosto. — Na porra da *pizza?*

Eu sorrio nas costas da minha mão. — Não foi comprado para o seu consumo, seu gordo.

O telefone de Benny vibra e sobe as escadas de dois em dois para atender a ligação.

Mais uma vez, Penelope prova o velho ditado de que, se pensar no diabo, ele aparecerá. Pela porta do outro lado da área de estar, vejo-a entrar na cozinha e parar lentamente

quando se aproxima das pias. Seus olhos se inclinam para a montanha de pratos sujos.

— Isso tudo é de ontem à noite?

O chef Marco se aproxima e joga um avental para ela. — Sim. Geralmente é feito depois do turno.

— Então, por que ainda está aqui?

Ele dá de ombros. Tira um cigarro do maço e o enfia na boca. — Ordens do chefe.

Ela passa os dedos pelo rabo de cavalo. — Filho da puta. — Resmunga.

Inclino meus cotovelos sobre a mesa, uma satisfação quente preenchendo meu centro.

— Já matei homens por dizerem coisas boas sobre minha mãe, Penelope.

Seus ombros se encaixam em uma linha apertada, seu olhar vagando ao redor para encontrar o meu. A surpresa de me ver nas sombras da sala ao lado se transforma em ódio, que depois se cristaliza em algo mais travesso.

Ainda segurando meu olhar, abre a torneira quente, esguicha o líquido da louça na pia e dobra os cotovelos, fingindo arregaçar as mangas imaginárias. Meu olhar cai para o relógio deslizando em seu antebraço - *a porra do meu relógio* - e meu humor escurece.

— Tenho certeza que ela era uma *boneca absoluta* — diz docemente, antes de mergulhar as mãos na água com sabão.

Recostando-me na cabine, escondo minha diversão por trás dos nós dos dedos. Insisti que Laurie colocasse Penelope nas tarefas de limpeza, sob o pretexto de que todos os novatos deveriam aprender os truques de cada departamento, mas, na

verdade, é porque o uniforme novo e mais *modesto ainda demoraria alguns dias.* É menos uma punição por me fazer questionar minha moral ontem à noite, e mais uma coisa estúpida de autopreservação. Com tanta merda acontecendo com o meu negócio, não tenho certeza se tenho o controle de passar outra noite olhando para ela por cima da minha mão de pôquer enquanto prepara coquetéis para meus convidados.

Ainda assim, dar ao lavador de panelas regular uma noite de folga remunerada era uma jogada de xadrez mesquinha. E jogo limpo para ela, enfiar meu *Breitling* em uma tigela de espuma com um sorriso sexy é uma excelente retaliação, mas ela nunca ganhará a guerra contra mim. Não agora que sei que ela liga para *Sinners Anonymous*.

Bem na hora, passos de aço trovejam acima da minha cabeça e descem as escadas.

Meus homens parecem um bando de lobos famintos no refeitório da tripulação e vão direto para a pizza e os sanduíches colocados na mesa de jantar. Aceno educadamente enquanto uma série de agradecimentos vem em minha direção. Blake mastiga um grande pedaço de um submarino e grunhe com aprovação em minha direção.

— É seu aniversário ou algo assim, chefe?

Esse idiota é real? Comemorei meu trigésimo quarto aniversário há três meses em uma ilha particular nas Maldivas. Pálpebra contraída, consigo dar a ele um sorriso de boca fechada. — Apenas entrando no espírito natalino de doação.

Através do mar de ombros largos e ternos, observo Penelope esfregar os pratos da noite passada. Faz uma pausa a cada poucos minutos para tirar mechas de cabelo dos olhos e enxugar a testa no ombro.

Depois de discar para o último número chamado da cabine telefônica ontem à noite, não consegui voltar a bordo do meu iate rápido o suficiente. Pretendia me sentar atrás da minha mesa com um copo de uísque em uma mão e meu pau na outra e deixar os pecados de Penelope se desenrolarem através de meus alto-falantes Bose.

Não vieram. Acontece que Penelope tem usado a linha direta como a porra de um *diário*. Falar merda por falar merda. Boatos insípidos sobre seu dia, reflexões aleatórias sobre qualquer livro que esteja lendo ou recapitulações de conversas que teve recentemente com seu vizinho. Ironicamente, a única ligação que despertou um pouco meu interesse foi a que ela fez na cabine telefônica: *Tenho três livros da biblioteca e nunca conseguirei devolvê-los.*

As três respirações prolongadas que o precederam sugeriram que não era o que ela originalmente planejara confessar. Ainda assim, vasculhar o funcionamento interno mais chato de seu cérebro não foi completamente em vão. Um fato interessante que aprendi sobre Penelope é que ela detesta presunto e pizza de abacaxi, e sanduíches de atum a deixam engasgada.

Por isso comprei meus homens para o almoço.

— Onde quer que coloquemos os pratos, chefe?

Corro minha língua sobre meus dentes, divertido. — Basta jogá-los na pia.

Uma debandada de ternos e esteroides entra pela porta para jogar montes de pratos sujos na pia. Penelope olha incrédula enquanto cada prato rompe a superfície da água com um *plop* alto. Rios de espuma escorrem pelo gabinete e se acumulam no chão. Seus olhos a seguem, antes de disparar para a fileira de sapatos brilhantes voltando para a bagunça da equipe.

— Ei! Onde vai? — Seu grito recebe pouco mais do que alguns sorrisos e risadinhas. — Não lavarei sua merda! Volte e faça você mesmo!

À medida que a bagunça da tripulação é limpa, resta apenas um dos meus homens. Blake. Empurra o batente da porta e entra na cozinha, segurando o prato bem acima da água.

Penelope dá um passo à frente. — Não seja um idiota. — Outro passo. — Sério.

O prato cai, aterrissando na água com tanta força que respinga em seu vestido.

As paredes do meu estômago tensionam, mas não saio do meu canto. Os olhos de Penelope e os meus percorrem a frente de seu vestido e meia-calça. Ambos estão encharcados. Ela inspira uma respiração trêmula, fecha os punhos e se volta para o meu lacaio.

— Nasceu uma vadia ou foi transformado em uma pelos valentões da escola e por um pai que não a amava?

Meus lábios se inclinam, uma risada sombria enchendo meu peito. De onde essa garota tirou sua boca esperta?

Blake dá um passo à frente. — Sempre pode tirá-lo, *baby*.

Minha visão escurece em torno das bordas, mas leva cada músculo do meu corpo para ficar nesta porra de cabine. Passo dois dedos na boca e observo como Penelope lida com isso.

Ela pisca. — O quê?

— Seu vestido, querida. Tire se estiver molhado. Não me importarei.

Meus ouvidos zumbiam com todo o sangue correndo para minha cabeça. E por que diabos minha mão está roçando o punho da arma enfiada na minha cintura? Ridículo. *Este não sou eu.*

Apertando minha mandíbula cerrada, fecho minhas mãos em punhos e as coloco sobre a mesa. Meu olhar está tão quente no lado do rosto de Penelope que estou surpreso por ela não ter pegado fogo, muito menos sentido seu calor. Lambe os lábios, como se estivesse pensando em algo.

Eventualmente, engole e olha para ele através de cílios semicerrados. — Como disse que é seu nome mesmo?

— Blake. Eu lhe perguntaria o mesmo, mas todos os homens neste barco sabem quem é.

Penelope ri. *Ri.* Salta para fora da cozinha, atravessa a bagunça da equipe e me atinge no canto escuro como a porra de um bastão de gado. Cerro meus punhos com mais força, o peso da minha arma ficando mais pesado, como se estivesse me lembrando que está lá.

— Cale a boca, não, eles *não.*

Um grunhido sai dos meus lábios enquanto desliza de brincadeira em seu peito.

— Não, sério — fala lentamente, deslizando a mão sob o queixo dela e inclinando-o para ele. — Você é linda. Alguém já lhe disse isso?

Névoa vermelha rola pela bagunça da tripulação como uma tempestade de areia no deserto. *Foda-se isso.* Seria muito fácil enfiar uma bala na sua cabeça e jogá-lo ao mar com alguns tijolos amarrados nos tornozelos, mas quando estou quase me levantando, a mão de Penelope deslizando para o bolso da sua calça me faz parar no meio do caminho.

— Linda? Já ouvi isso algumas vezes — diz docemente, nunca tirando os olhos dele. Enquanto ele ri e diz algo sobre amar uma garota com confiança, ela tira a carteira dele entre o polegar e o indicador.

Ela o pressiona contra a parte inferior das costas e dá um passo para o seu lado. — Bem, é melhor eu ir me limpar! — Vira-se e se esgueira pela porta do outro lado da cozinha, ignorando a patética pergunta de Blake, *eu te vejo mais tarde?* seguindo atrás dela.

Esfregando a mão sobre o corte de cabelo curto, Blake solta uma risada desprezível e sai do refeitório da equipe e sobe as escadas.

Sozinho com o coração batendo forte no peito, não consigo decidir quem vou atrás primeiro.

19

Rafe

Nicotina e a brisa do mar não fazem nada para atenuar a irritação queimando minha nuca.

Não importa. Não estou fumando para me acalmar, estou fumando para procrastinar. Limpando a névoa da minha mandíbula, sugo uma lufada de produtos químicos não piores para mim do que uma ruiva gemendo na palma da minha mão, e expiro-os em direção ao horizonte.

Estou irritado por um milhão de razões, apenas metade delas racionais e apenas uma que precisa de minha atenção imediata.

Tiro a carteira barata de Blake do bolso de trás, abro-a e olho com desdém para a foto da carteira de motorista. Estava no fundo da escada em espiral, sem dúvida de onde Penelope a jogou. Não havia mais nada além de um cartão de crédito pré-pago e uma camisinha.

Enquanto jogo no mar, o pensamento impulsivo fervendo no fundo do meu cérebro ainda persiste: deveria jogá-lo com isso. É por isso que estou indo atrás de Penelope e não dele agora. O mais embaraçoso é que não posso dizer que não enfiaria minha *Glock* em sua boca nojenta se o fizesse.

Imagens de Penelope na ponta dos pés, olhando para o meu mais novo recruta como se estivesse no topo de sua lista de desejos, queimando atrás de minhas retinas. A maneira como minha mão se contorceu em direção à minha arma foi selvagem e, por um momento, tive um vislumbre de como

deve ser viver na cabeça de Angelo ou Gabe, onde a violência segue a impulsão e as consequências são um conceito estranho.

Já sabia que era uma pequena ladra suja, mas agora sei que é pior do que pensava — ela é *boa* nisso. Bem estabelecida. Se eu tivesse vinte e poucos anos e ainda perseguisse problemas, estaria enlouquecendo ao vê-la. E embora estivesse mentindo se dissesse que não estou nem um pouco impressionado, e mais do que um pouco excitado, estou administrando um negócio, não um centro de detenção juvenil.

Deixo cair minha cabeça contra a lateral do iate. Deslizo outro cigarro para fora da caixa e leve meu Zippo até a ponta. *Não.* Apago a chama com um movimento do meu pulso. Se eu fumar mais um cigarro, ela pode ter colocado o vestido de volta.

Abaixo do convés, o leve zumbido de um secador de cabelo se infiltra por baixo da porta do vestiário. Reforçando meu autocontrole, abro a porta e caminho pela fileira de armários em direção às pias.

Desacelero até parar. Arrasto minha mão sobre minha garganta. Hambúrgueres gordurosos, maconha, mentiras nas manhãs de domingo. Só porque desejo coisas que são ruins para mim, não significa que ceda a elas. Deveria ter aplicado a mesma regra rígida para ver Penelope de calcinha e meia-calça, porque isso é a epítome do que é ruim para mim. Quando desacelero para parar atrás dela, o peso de uma má decisão lateja dentro da minha calça.

Cristo. A última vez que a vi assim, sentei-me atrás de minha mesa com uma ereção sólida que me recusei a aliviar e quase consegui me convencer de que *simplesmente não era real.* Aqueles nove uísques romantizaram minha memória dela quase nua.

Infelizmente, enquanto passo um olhar pesado sobre a curva de sua bunda, a palidez de sua pele e o contorno de sua calcinha sombreada por sua meia-calça, percebo que era uma ilusão. Não vacila quando entro na sala e isso me excita e me irrita. Eu me pergunto; ela ainda estaria lá de calcinha com aquela indiferença esculpida em seu rosto se fosse um dos meus homens que tivesse entrado aqui?

Roubo outro olhar para sua bunda. Confirmado: usa tanga. Não confirmado: se são rendados como o seu sutiã. Se eu poderia arrancá-los com meus dentes.

O zumbido do secador de cabelo para. Levanto minha atenção para os holofotes no teto e passo um dedo sobre meu colarinho de alfinetes. Uma respiração lenta e profunda, e só então posso fingir indiferença suficiente para não parecer um pervertido.

Ela encontra meu olhar no espelho. — Sabe, em um local de trabalho convencional, um chefe seguindo sua funcionária até o vestiário seria considerado assédio sexual.

Minha risada seca não inclina meus lábios. — Caso não tenha notado, este não é um local de trabalho convencional.

Seus olhos brilham com diversão. — Paga impostos?

Olho para as notas que espreitam de seu sutiã. — Você?

Quando ela ri, um rubor delicado mancha seu pescoço e, apesar do fato de que tanto a visão quanto o som de seu zumbido como um fio elétrico percorrendo o comprimento do meu pau, não retribuo o sorriso.

Colocando o vestido no braço, sai da pia e caminha em direção aos cubículos atrás de mim. — *Touché*, chefe.

Impulsão. Violência. Seu atrevimento cai de um penhasco porque não consigo me impedir de esticar a mão e enfiar o

dedo no cós de sua meia-calça. Ela cambaleia até parar, e sua próxima respiração falha pela parte de sua boca.

Meu pau pulsa ao ritmo de um chuveiro pingando.

— O que eu disse sobre me chamar de chefe quando estiver seminua, Penelope?

Seu *engolir* atiça as chamas do meu aborrecimento. Só quando agi sobre isso, eu percebi que a sua visão estava me irritando. Curvando-se sobre o balcão, saltitando com um salto em seu passo. Sabia exatamente o que estava fazendo e tornou quase impossível falar sério com ela.

Sou um hipócrita sujo; sei. Fumei propositalmente um único cigarro para ter certeza de pegá-la seminua. Além disso, no fundo estou mais chateado comigo mesmo do que com ela, porque se me iludo com a forma como seu corpo se move e como soa sua risada, então não sou melhor que meu lacaio.

Apesar do calor de seu quadril macio queimando entre minha primeira e segunda juntas, recupero a compostura suficiente para olhar para ela. — Diga-me, onde aprendeu a ser uma ladrazinha tão suja?

Seus olhos se arregalam. — O quê?

— Vi o que fez com Blake. O que lhe disse, Penelope? Quer trabalhar aqui, tem que ser uma dama. Disse chega de truques, de vestidos roubados. Não teria acrescentado mais carteiras roubadas a essa lista se soubesse que gostava dessa merda. — Meu humor escurece um pouco. — O que você é, selvagem?

Ela olha para a minha mão, como se só agora percebesse que a fisguei como um peixe em um anzol, e não parou ao meu lado por vontade própria. Quando seus olhos azuis voltam para os meus, são grandes e suaves nas bordas.

Sou mais sádico do que pensava. Apenas o menor sinal de vulnerabilidade me lembra que ela tem um metro e meio e não iria além dos armários se eu decidisse que não. Assim como não teria saído da cabine telefônica se eu não tivesse me afastado.

Essa garota pode parecer adequada e meu negócio pode estar indo por água abaixo, mas ela nunca poderia ser minha Rainha de Copas. Sua boca rápida, mãos pegajosas e olhar duro são irritantes, mas não poderiam me deixar de joelhos. Eu acabaria com a sua vida antes de deixá-los.

Um dia, ela jogará seus jogos em um homem que não é tão... esportista quanto eu, e fará exatamente isso. O pensamento desliza um lençol de desconforto sob minha pele.

— Responda a minha pergunta. — Meu tom perdeu o tom. — Onde aprendeu a bater carteira assim?

Respirações quentes e rasas deixam seus lábios e arranham minha garganta. Fechando minha mão livre em um punho em torno de minha ficha de pôquer em minhas calças, desvio meu olhar dela em uma tentativa de diluir o ar. *Ela está nua demais para isso.*

Enquanto estou olhando para o armário de Laurie atrás da cabeça de Penelope, sua voz suave toca meus ouvidos, seu conteúdo é tão inesperado quanto seu tom.

— Estou tentando — sussurra.

Meus olhos deslizam para os dela e caramba, gostaria de não ter olhado, porque não encontrei o sarcasmo que esperava. Em vez disso, seu rosto está rosado e seu lábio inferior se projeta. Não deveria saber como é passar o polegar sobre ele. Também não deveria querer fazer isso de novo.

— Tentando?

— Parar com essa coisa toda de trapaça. Você deveria ser meu último…

Meus olhos se inclinam para os dela enquanto sua frase vai sumindo. Cerrando os dentes, digo friamente — Chame-me de marca, Penelope, e será a última palavra que sairá de sua boca.

Ela me dá um sorriso torto. — *Alvo,* então.

Estalo o cós de sua meia-calça, com força, na tentativa de chocá-la. Mais me engane - o gemido que escapa de seus lábios puxa a ponta do meu pau. Cavo meu dedo de volta, mais fundo desta vez, uma escuridão me preenche enquanto meu dedo roça a faixa de sua calcinha.

Pais mortos, comportamento malcriado. Essa é uma receita para uma pecadora, se já vi uma. O que eu faria para afundar meus dentes naquela pele pastosa e provar aqueles seus pecados. Para puxar seu rabo de cavalo vermelho e saborear cada confissão que faz contra o meu travesseiro enquanto s fodo por trás.

A luxúria rasteja sob minha pele como uma coceira que não consigo coçar. Limpo minha garganta, tentando - e falhando - ignorar o calor de seu olhar brilhando em mim.

Isto é ridículo. Foi o que pensei antes também, quando saí da garagem do jet ski cem dólares mais leve. Essa garota tem um jeito de me atrair para lugares tranquilos e me fazer girar tanto que esqueço onde fica a saída. Ser um idiota é a única maneira que conheço de ficar em pé perto dela.

— Tente mais — resmungo. Arrasto meu dedo para fora de sua meia-calça novamente, e o estalo satisfatório do elástico me lembra o estalo de um cinto. — Guarde seus dedos pegajosos para você, Penelope.

— Sim chefe…

Aperto sua mandíbula com mais força do que pretendo. Estou muito excitado, com muito *calor,* para sentir qualquer arrependimento. — Não banque a esperta comigo. Blake é um alvo fácil: burro como um saco de pedras. Você não escapará tão facilmente se tentar essa merda em alguém com meio cérebro e uma Glock na cintura.

Ela franze a testa, seu músculo da mandíbula flexionando contra o meu polegar em desafio. — Aposto que poderia.

Encaro aqueles lábios por um tempo longo demais. *Aposto que poderia.* Cristo, eu a conheço há uma semana e ela já sabe quais palavras-chaves cravarão suas unhas vermelhas sob minha pele. Anos de condicionamento tornam instintivo morder de volta com uma aposta, mas, no interesse de ser profissional, fecho minha boca e arrasto minha mão para longe de seu rosto.

Dou um passo para trás e flexiono o punho. Caminhe em direção à saída. Não pretendo parar até que esteja na escuridão do meu escritório, onde o calor de sua pele e o cheiro de seu xampu de morango não podem estragar minha contenção, mas sua voz vem em um tom baixo e sensual, meu nome envolvido dentro dele. Meu estômago aperta. Eu me viro e olho para o seu rosto. Seu rosto estúpido e bonito, pontuado por traços que leva os homens a fazerem coisas bobas, como segui-la até os vestiários sabendo que estará de meia-calça e renda.

— Se Blake é um alvo fácil, o que isso faz de você? — Puxa uma carteira sob o vestido.

Filha da puta.

Ela a segura como um troféu, e as iniciais *RV* brilham em ouro sob os holofotes. Meu próprio nome, me provocando com o quão complacente me tornei. Com um sorriso preguiçoso,

abre minha carteira e espia dentro. Pega uma nota de cem dólares e a enfia no sutiã.

— Isso é por ganhar a aposta. — Saca mais cem. — Mais IVA. — Ergue a cabeça pensativa, então puxa outra. — Gorjeta extra.

Observo com diversão sombria enquanto joga minha carteira no banco e me dá um sorriso doce e doentio. — Prazer em fazer negócios com você, *chefe*.

Ela se esgueira para um cubículo, deixando-me com uma emoção indesejada sob minha pele e a ameaça de tesão em minhas calças.

Dou uma risada.

Essa garota não é a Rainha de Copas, mas o Diabo disfarçado.

Infelizmente, não posso dizer com certeza que não a seguiria até o inferno.

20

Penny

The Rusty Anchor Bar e Grill.

A placa acima da porta está sem a maioria das vogais, e a forma como o "R" pisca violentamente está me dando uma enxaqueca. Franzindo a testa, pego meu celular e abro o *Tripadvisor*[19] novamente.

Não. Não é alucinação. Este *é realmente* o bar mais bem avaliado em *Devil's Dip*. Caramba, sei que não deve julgar um livro pela capa, mas tenho certeza de que me lembro de suas páginas também serem de má qualidade.

Wren realmente trabalha aqui? Simplesmente não faz sentido. Ela é toda luz do sol e sorrisos e este lugar é, bem...

Lancei um olhar cansado sobre o estacionamento, que é apenas uma estrada de cascalho com duas picapes Chevy estacionadas sob um poste quebrado.

...o cenário para um podcast sobre crimes reais.

Pare com isso, Penny. Não sei por que estou sendo tão esnobe quanto à estética. Meu apartamento em *Atlantic City* tinha uma família de aranhas vivendo embaixo da pia.

Meu olhar desliza para o céu negro. A verdade é que só estou usando isso como desculpa para não entrar. Porque a ideia de entrar por aquela porta e mostrar a melhor versão de mim mesma para fazer amigos parece... *triste.*

Ainda assim, que outra opção tenho? Preciso de amigas. Garotas normais têm amigas. Não posso fingir com pessoas

como Anna, e não posso passar todos os meus dias de folga olhando para as paredes totalmente brancas do meu apartamento. Cristo, ontem liguei para a linha direta quatro vezes, simples para ter alguém com quem conversar.

E Wren me convidou, certo? No hospital, ela disse que sempre havia um lugar para mim no bar nas noites de terça-feira, mas provavelmente estava apenas sendo legal...

Bem, Rory me convidou também, acho. Na noite do meu primeiro turno. Não tenho certeza se isso conta, porque ela ficou tão bêbada que teve que ser colocada na cama em uma das cabines. Talvez fosse apenas a bebida falando.

Ah, foda-se. Vou entrar.

À medida que entro, o calor me envolve como um abraço. Por um breve momento, minhas pálpebras se fecham, mas então as forço a abrir e examino meus arredores. Se este bar estivesse no coração de uma cidade grande, o interior seria descrito como *chique* ou *rústico,* mas duvido muito que o buraco no teto ou o balde de lata logo abaixo dele tenha sido uma escolha de design, ou a mancha suspeita no chão, aliás.

O *Rusty Anchor* ainda tem as mesmas páginas antigas; estão apenas cobertos de berrantes decorações de Natal.

Soltando um suspiro nervoso, passo pelo punhado de homens barrigudos caídos sobre cervejas pela metade e deslizo para um banquinho no bar. Não há nada atrás além de algumas garrafas de bebida, e ninguém na frente a não ser eu. Nada de Wren ou Rory, e definitivamente nenhuma outra garota com quem pudesse dividir jeans.

Dedilho meus dedos sobre o balcão de madeira. Mordo meu lábio inferior. Olhando em volta para qualquer sinal de vida com menos de setenta anos, meus olhos pousam na jarra de ponta e meu dedilhado para. Anos de condicionamento moralmente cinza fazem meus dedos se contorcerem para

pescar algumas notas, mas, em vez disso, coloco minha mão no colo e solto uma risada amarga.

Isto é ridículo.

Voltar para a lanchonete, comerei um hambúrguer e começarei a usar *HTML para Dummies...*

— Penny! — Meu nome em forma de guincho dispara atrás de mim e perfura minha jaqueta. Eu me viro quando Wren sai de uma sala dos fundos, uma caixa de copos equilibrando-se em seus antebraços. — Oh meu Deus, tão bom vê-la!

Alívio enche meu peito enquanto ela me enterra sob uma pilha de perguntas, como onde estive, como está minha cabeça e como estou reencontrando *Coast*. Uma vez que diminuem, deixa cair o caixote e acena para mim. — Venha, Rory e Tayce estão aqui.

Sigo seu brilho dourado até o canto mais distante do bar, onde Rory e uma garota que não reconheço estão sentadas em banquinhos do outro lado de uma árvore de Natal. Um baralho, uma tigela de doces e duas garrafas de cerveja estão entre elas.

— Penny! — Rory pula da cadeira e passa os braços em volta do meu pescoço. Mesmo com um coque bagunçado e vestindo moletom da Nike, está linda como sempre. — Muito bom vê-la. — Agarra meus ombros, me empurra para o comprimento dos braços e procura meus olhos. — Na segunda-feira passada, não fiz nada... *embaraçoso,* não é?

Quero dizer, eu a flagrei chupando o pau do marido no depósito, mas não há necessidade de trazer isso à tona. — De jeito nenhum.

Ela parece aliviada, então me leva até onde estão sentadas.

— Esta é Tayce — diz Wren. Quando me sento, encontro o olhar da garota de cabelos escuros. Está usando um gorro e uma jaqueta de couro e, na verdade, eu também a reconheço do iate.

— Tayce é tatuadora, mora em *Devil's Cove* e é... hum...

— Um mistério — Tayce termina para ela, piscando para mim. — E você, *Red*?

Sob o peso de três pares de olhos, meu cérebro gira em círculos, tentando e falhando, para pensar em algo bom. *Sou Penny, sou uma ladra, e ateei fogo a um cassino em Atlantic City porque seu dono me obrigou a sair do estado.*

Sim, isso pode ser apropriado se eu estiver tentando fazer amigos na prisão - o que pode ser o caso em breve, considerando que Martin O'Hare sabe que o incendiário era *ela.* Enterrei o pânico sob todos os meus órgãos e me recuso a ligar a televisão para que não tenha a chance de mostrar sua cara feia.

— Uh, sou Penny, tenho 21 anos e trabalho a bordo do *Signora Fortuna.*

Patética, sei.

— Ah, então está trabalhando com Rafe agora — diz Wren, o brilho em seus olhos insinuando que se lembra de nossa conversa no hospital. — Acha que ele é um cavalheiro?

Cavalheiro. Essa palavra é um gatilho emocional hoje em dia, me dando *flashbacks* de bocas abafadas, estalos de elástico e ameaças embrulhadas em seda. Estou ficando pegajosa sob a pele falsa, por isso tiro meu casaco e coloco-o sobre o encosto do banquinho.

Rory pega um punhado de M&Ms de amendoim, enfia um punhado na boca e desliza a tigela para mim. — Como é trabalhar para o meu cunhado?

Cerro os dentes. — Mal o vejo.

Ela ri através de triturações de coelho. — Realmente? Porque ele vê você.

Cinco palavras de pouca importância e, no entanto, arrancam minha próxima respiração de meus pulmões. O mais inteligente seria não dizer nada, eu sei, mas a coceira na minha garganta não deixa isso acontecer. — O que quer dizer?

— Na noite em que estive no iate, ele não conseguia tirar os olhos de você.

Minhas bochechas ardem, deixando uma marca na minha fachada indiferente. Felizmente, Wren avança, bate no braço de Rory e diz — Pare com isso! Ela está ficando vermelha.

— Uh-huh — diz Rory com um sorriso onisciente. — Tudo bem, mudança de assunto. Como é trabalhar com garotas malvadas?

Eu rio, grata pela mudança de assunto. — Laurie é legal, e Katie também, mas tem uma garota...

— Anna — Rory e Wren dizem em uníssono, revirando os olhos.

— Conhecem-na?

— Fomos para a escola com ela. — Franzo a testa. *Isso é estranho.* Acho que a reconheceria também, então. — Ela era horrível antes, horrível agora. — Rory se inclina, um segredo girando em seus olhos âmbar. — Quer saber uma coisa legal?

— Sempre.

— Os seus dois dentes da frente são falsos.

Eu pisco. — Jura??

— Estava reclamando de mim no banheiro de um clube, e Tayce ouviu. Socou-os para fora de sua boca.

Todas riem, e me viro para Tayce surpresa. Ela passa o polegar pela lateral do baralho e dá de ombros. — Fale merda, apanhe — diz, despreocupadamente.

Eu a encaro por muito tempo, algo entre diversão e curiosidade no meu estômago. Antes que possa colocar peso nisso, Wren fala.

— Cerveja, alguém?

Aceno, e seu olhar se estreita em mim. — Dirigiu até aqui?

— Não?

— Está bem, bom.

Ela caminha para a sala dos fundos, e Rory encontra meu olhar confuso com um sorriso malicioso. Ergue a sobrancelha para uma placa de papel acima da parede de bebidas, e semicerro os olhos para lê-la. Está amarelada, com cantos ondulados, mas consigo distinguir a mensagem fraca:

Mais de duas bebidas exigirão a entrega das chaves do carro a um membro da equipe. Sem "se", sem "mas", sem exceções.

A última linha está em negrito, sublinhada e seguida por uma linha de pontos de exclamação.

— Wren é uma boazinha. Não é nem o limite legal.

— Ei, ouvi isso! — Vem um grito da sala dos fundos. Alguns momentos depois, Wren surge com uma carranca fingida, segurando três cervejas entre os dedos. — Não há nada de errado em ser boa, Rory. Deveria tentar algum dia.

A risada de Rory é sombria, e gosto da sensação dela na minha pele.

— Tudo bem, tenho que fazer xixi.

Enquanto desliza para fora do banquinho, uma massa escura muda nas sombras além do brilho das luzes de Natal. Meu coração salta um centímetro pela minha garganta, e minha mão dispara para agarrar a borda da barra.

— *Pelo amor de Flamingo,* Gio. Posso usar o banheiro sem ter minha garganta cortada, sabe?

Um homem musculoso sai para a luz baixa, de terno e rosto impassível. — Ordens do chefe, receio.

Rory suspira. — Não se casem com um *made man* se gostam de fazer xixi em paz, senhoras. — Empurra a porta de vaivém, e tenho certeza que a vejo empurrá-la do outro lado para que vire para fora e atinja seu guarda na bunda quando ele para e se vira na sua frente.

O calor roça meus dedos e, quando olho para cima, percebo que Tayce está olhando para eles. Sigo seu olhar.

Minha mão ainda está segurando a borda do balcão, os nós dos dedos brancos.

Eu tiro e coloco no meu colo, mas já é tarde demais. Tayce se senta mais ereta, passa a língua sobre os dentes e ergue uma sobrancelha com micropigmentação. Instintivamente, meus olhos varrem o bar em busca de Wren, precisando desesperadamente de sua disposição ensolarada para quebrar a tensão, mas ela está do outro lado, servindo a um veterano.

— Está fugindo de alguma coisa.

Eu sabia que estava chegando. Podia provar sua espessura no ar antes de sair flutuando da boca de Tayce,

mas a premonição não impede meu coração de pular como uma pedra sobre um lago.

Tomo um gole de cerveja gelada. Coloque-o. — Não sei do que está falando.

Clink. Olho para baixo para ver o gargalo de sua garrafa de cerveja se conectar com a minha. — Um brinde a isso.

Confusão e calor rodopiam em minhas veias e, embora não consiga olhar para ela, sinto-me presa a ela por uma estranha sensação de camaradagem. Dissemos cerca de três palavras uma à outra, mas no silêncio denso, posso ouvir o não dito. Pecados, arrependimentos, passados sujos e nomes plastificados. A história em seus olhos castanhos reflete a minha.

A descarga distante de um vaso sanitário. O correr de uma torneira. Uma porta bate contra a parede atrás de mim e, em seguida, Rory desliza entre Tayce e eu.

— Por acaso não é uma mestre do *Blackjack*?

Sua pergunta me pega desprevenida. Limpo minha garganta e lanço um olhar desconfiado sobre o baralho de cartas nas mãos de Tayce, como se o Rei de Espadas de repente fosse abrir a boca e lhes contar todos os meus segredos. — Não, por que?

— Droga. Preciso vencer Rafe.

Algo desagradável queima em meu peito, e forço minha expressão para não refletir isso. — Por quê?

— Ele é o único que não me deixa vencê-lo.

Dou uma risada. — Por que alguém o *deixaria* vencê-lo?

Ela franze a testa, como se eu tivesse feito a pergunta mais estúpida possível. — Porque sou casada com Angelo

Visconti.

Meu olhar corta para a parede de músculos ainda aparecendo alguns metros atrás dela. *Justo.*

— Mas, obviamente, Rafe não tem medo do irmão e joga para vencer. Agora, devo a ele quase trezentos mil dólares.

— *Angelo* deve trezentos mil dólares a ele. — Corrige Tayce.

Rory estremece. — Sim, mas ele não sabe disso ainda. Esperava também não ter que lhe contar. Meu plano é ficar extremamente boa no *Blackjack* e ganhá-lo de volta antes que Rafe tente saldar a dívida. Seu olhar âmbar escurece, e vejo um lampejo de algo mais sinistro do que sua forma angelical retrata. — E além disso, o que eu daria para tirar aquele sorriso do rosto dele. Apenas *uma vez.*

Eu também.

Travessura rasteja pelas minhas costas. O impulso lateja em minhas têmporas, e minha boca funciona antes que meu cérebro possa dizer para não fazê-lo.

Deslizo o baralho das mãos de Tayce. Corto ao meio e embaralho. O *degelo* parece uma dose de heroína.

— Você é boa em matemática, Rory?

Seus olhos se estreitam em minhas mãos. — Sim, estou na escola de aviação.

— E quanto a guardar segredos?

Seus lábios se inclinam. — Como se não fosse acreditar.

— Bem, então. Vou ensiná-la como vencer todas as vezes.

21

Penny

Duas horas se passam em borrão de cervejas e apostas. Com cada movimento do meu pulso, Reis e Rainhas me dão as boas-vindas de volta ao lado sombrio com sorrisos insípidos. À medida que a noite escurece contra as janelas, refletem apenas nós, as coloridas luzes de Natal e a vida que deixei para trás.

Eu tenho que me lembrar que estou apenas visitando.

A porta se abre e uma figura de terno passa por ela. Traz algo mais frio que o vento de dezembro.

— Alerta de marido — Rory murmura baixinho, varrendo as cartas e cumprimentando-o com um sorriso encantador.

Angelo Visconti caminha por trás dela, envolve sua garganta com a mão e puxa sua cabeça para trás contra seu peito. Encaro seus dedos machucados e meus olhos coçam para desviar o olhar, porque parece muito íntimo para o meu prazer visual. Seus lábios caem em seu coque e sua atenção desliza para mim. — Fez uma amiga.

— Já éramos amigas, bobo. — Infelizmente, essa admissão faz a boca do meu estômago esquentar. — Esta é a Penny.

— Eu sei, nós nos conhecemos.

— Vocês se conhecem?

Conhecemos?

— Sim, ela pegou-a chupando meu pau no armário de armazenamento do iate de Rafe.

Ficando vermelha como uma beterraba, Rory tenta se livrar do aperto de Angelo e agarrar seu rosto. Angelo ri, prendendo facilmente os seus braços ao lado do corpo e dá um beijo gentil no topo de sua cabeça.

— Terá volta — Rory sussurra, reprimindo um sorriso envergonhado.

— Espero por isso.

Por que diabos estou sorrindo como uma idiota? Então minha diversão, porém, se transforma em algo parecido com ciúme e nem sei por quê. Ainda não sei o que meu "Feliz Para Sempre" implica, mas não envolverá um *homem,* imagine só. Ainda assim, não consigo impedir que uma única frase amarga passe por trás de minhas pálpebras. *Deve ser legal.*

Eu me levanto e coloco meu casaco, e quando olho para cima do tapete desbotado, Angelo ainda está me olhando, diversão seca espreitando em seu olhar escuro. Uma sensação incômoda de *déjà vu* crepita sob minha pele. Não porque já vivi esse momento antes, mas porque ele se parece muito com o irmão. Um esboço grosseiro do retrato meticulosamente desenhado de Raphael.

Angelo é tudo o que Raphael Visconti finge que não é.

Domínio e perigo vazam por todos os poros, mas, ao contrário de seu irmão, ele os abraça. Não tenta distraí-lo com uma língua de prata e abotoaduras de diamante.

Não. Ele é cru, áspero. Todo barba por fazer e colarinho aberto. Em teoria, sua versão de *made man* deveria ser mais assustadora, mas não é. Pelo menos não para mim, porque se Angelo quisesse me matar, colocaria uma bala na minha cabeça e seguiria em frente com seu dia.

Raphael transformaria isso em um jogo. Como um gato com um rato ferido, me jogava de pata em pata, antes de terceirizar minha morte para alguém em sua folha de pagamento quando se entediasse.

Apesar dos últimos apelos de meu pai a Deus assombrando minha memória, sei que prefiro morrer.

Angelo olha por cima do meu ombro. — Tayce, um de nossos homens irá levá-la para casa.

— Sim — sussurra, deslizando para fora do banco e jogando sua jaqueta de couro sobre o ombro. — Não há nada melhor do que um Visconti Uber. Janelas escurecidas, assentos reclináveis e aquelas minigarrafas de água no console central. Um sonho.

Rory franze a testa. — Não temos nenhuma minigarrafa de água em nosso carro?

— Porque encheu o console central com doces, baby — responde Angelo. Olhando para mim, acrescenta — Meus homens também vão levá-la para casa.

— Legal, mas não precisa. — Pego minha bolsa e a coloco sobre o ombro. Todos os olhos caem sobre mim. Algumas batidas de silêncio, então rompo sob o constrangimento. — Estou apenas a dez minutos de distância. Caminharei apenas.

O olhar de Angelo se dilui. — Não vai. Já passa da meia-noite.

Não posso deixar de rir. — Eu ficarei bem. Obrigada!

Rory reprime um sorriso, como se quisesse dizer algo, mas pensasse melhor. Sob o calor do olhar de Angelo, troco gentilezas e números com as três garotas e sigo em direção à porta no ritmo do meu passo. Em parte porque estou no auge de uma noite de sucesso fazendo amigos, e em parte porque

tenho a sensação de que um dos homens de Angelo sairá das sombras e me pegará a qualquer momento.

Há mais deles também no estacionamento. Ternos encostados em sedãs e soprando fumaça de cigarro para o céu noturno. Evitando seus olhares, enfio o queixo na gola do casaco e caminho até a estrada principal. Hoje à noite, as ruas estão geladas, e a ameaça iminente de chuva estala na minha espinha.

Apesar de não estar vestida para a chuva - meu casaco de pele sintética cheira a cachorro quando fica molhado - decido dar um passeio. Por que não? Sei que esta noite, de todas as noites, não será aquela em que experimentarei o milagre do sono, de qualquer maneira. Em vez de virar na direção da rua principal, viro à esquerda, subindo mais alto na face do penhasco.

Inclino minha cabeça em uma tentativa de parar o vento ardendo em meus olhos, em vez disso me concentro na calçada sob meus pés. Logo, se transforma em uma pista estreita e acidentada, e a névoa laranja dos postes de luz desaparece.

Então a chuva começa.

Não é a névoa romântica que esperava, mas agulhas frias e vítreas, descendo do céu sem piedade. O tipo que penetra em sua pele e esfria seus ossos, fazendo-a tremer com a lembrança de ter sido pega semanas depois. Enquanto outro pedaço de gelo desce pelo meu colarinho, mordo uma maldição e desacelero até parar.

A estrada à frente de alguma forma se transformou em um buraco negro desde a última vez que olhei para cima de meus *Doc Martens*. Não há um poste de luz, casa ou carro à vista, e continuar parece algo que apenas a vadia burra que morre no início de cada filme de terror faria.

Dou as costas ao vento e recuo. Talvez as quatro paredes rígidas do meu apartamento não sejam tão ruins, afinal. Estou a menos de três passos na descida quando um brilho branco cobre minhas costas e estende minha sombra. Ilumina as poças sob minhas botas e, quando o rugido do vento se choca com o ronco raivoso de um motor, sei que estou em apuros.

Um enorme sedan escuro passa ao redor do meu ombro; para repentinamente à minha frente, girando no último minuto para bloquear os dois lados da estrada.

Bem, isso não é bom. Relutantemente paro e engulo o pânico coagulando na minha garganta. Em *Autodefesa para Dummies,* há um capítulo inteiro sobre sequestros oportunistas. Uma das estatísticas que realmente me chamou a atenção é que, se um sequestrador consegue tirá-lo da rua e colocá-lo no seu carro, suas chances de sobrevivência caem para menos de três por cento.

Três malditos por cento.

Minha sorte não foi boa o suficiente recentemente para ficar feliz com essas probabilidades.

Com o coração batendo contra minhas costelas, procuro em minha bolsa algo, *qualquer coisa,* para me defender. De alguma forma, ainda tenho a aparência de me xingar por ser tão estúpida. Em *Atlantic City*, *sempre* tinha uma faca comigo. Nada extravagante, apenas um pequeno canivete que poderia acenar se o perigo chegasse muito perto, mas está abandonado na minha cômoda no meu antigo apartamento, e tudo o que tenho na minha bolsa são minhas chaves e um livro.

A porta do lado do motorista se abre e uma forma escura sai dela. Suspiro, sabendo que não tenho a coordenação olho-mão para garantir que enfiaria minha chave em qualquer

lugar perto de um órgão vital. Pego o *HTML for Dummies* e espero que seja pesado o suficiente para nocautear meu atacante se eu rachá-lo na sua cabeça.

Uma forma escura separa a chuva e vem em minha direção. Quando cruza o caminho dos faróis do carro, percebo que é Raphael.

Um suor frio me percorre. *É realmente ele?* Parece com ele, mas maior, mais assustador. Não apenas porque a luz de fundo das vigas realça sua estatura e escurece sua expressão trovejante, mas porque está vestindo apenas calça preta e camisa branca, com as mangas dobradas até os cotovelos.

Meus olhos caem no espaço entre as mangas e o relógio de pulso. As formas e a escrita mudam em seus antebraços enquanto cerra os punhos ao lado do corpo. A visão por si só faz uma emoção inebriante varrer meu núcleo. Não haverá nenhuma pretensão cavalheiresca esta noite.

Ele para a alguns metros de distância. Apunhala o polegar por cima do ombro. — Entre no carro.

O veneno em seu tom me gira de lado. — Seu carro? Sem chance. Acabarei em uma vala em algum lugar.

— Está andando por aí à meia-noite, Penelope. Parece que *quer* estar em uma vala em algum lugar.

— Não se preocupe comigo, vou ficar bem.

Ele dá um passo à frente; dou um atrás. — Entre no carro.

— Diga, *por favor.*

Estou tremendo de dentro para fora e meus dedos estão nadando dentro das minhas botas, mas, estou aqui, a definição do dicionário de uma garota cortando o nariz para irritar o rosto.

A cabeça de Raphael afunda entre seus ombros, e aperta a ponte de seu nariz. Então sua mão dispara e agarra minha garganta tão rápido que rouba minha próxima respiração.

— Penelope. Tem um metro e meio e provavelmente não pode dar um soco para salvar sua vida. Entre no meu carro antes que a jogue por cima do ombro e bata em sua bunda pela inconveniência de me molhar. — Um sorriso arrogante e zombeteiro brilha na chuva. — *Por favor.*

Ele me solta com um empurrão raivoso, então dá um passo para o lado para me deixar passar.

Bem, então.

Sangue tamborilando em meus ouvidos e um pouco atordoada, me movo em direção ao carro. Minha bunda mal toca o couro quando a porta se fecha atrás de mim. Enquanto Raphael se move em uma sombra borrada pelo para-brisa, o peso de uma má decisão pesa sobre meus ombros.

Posso identificar sua origem imediatamente. O perfume quente e masculino que permanece dentro das quatro paredes do *G-Wagon*. Depois de cometer o erro de borrifá-lo em mim mesma na segunda-feira passada, passei uma hora no chuveiro esfregando-o e *realmente* não quero ficar intoxicada por ele novamente. Cheira a perigo e não gosto do calor que espalha em certas partes minhas. Minha inquietação só aumenta quando Raphael desliza para o banco do motorista. Olha para a frente em silêncio, mas a raiva rolando de sua pele tatuada *ruge.* Eu me empurro contra a janela fria na tentativa de me afastar dela.

— Cinto de segurança.

É tudo o que ele diz antes de engatar a marcha do carro e arrancar na chuva.

Sabe, talvez devesse ter arriscado e fugido. Agora que estou sentada aqui com a mão pulsando em volta do meu pescoço, parece que teria sido a opção mais segura. Em vez disso, agarro o livro em meu colo e me concentro nos limpadores fazendo hora extra.

Uma canção de Natal estala no rádio, quase inaudível. Meu cabelo pinga no apoio de braço em *plops rítmicos.* Na minha visão periférica, vejo o olhar irritado de Raphael cair na pequena poça que criei.

— Estes assentos são de couro Nappa.

— E meu suéter é de algodão.

— O quê?

Dou de ombros. Encaro o brilho dos faróis fragmentados pelo para-brisa. — Pensei que estivéssemos nomeando tecidos para os quais ninguém dá a mínima.

Uma batida passa, depois ele bufa uma risada sombria e balança a cabeça. Mais algumas batidas do meu coração antes de sua voz tocar minha pele novamente. Desta vez, tem uma corrente mais calma.

— Sério, Penelope. Não ande pelas ruas sozinha à noite. Garotas bonitas nem sempre conseguem ver o dia seguinte.

Pisco, ignorando completamente sua mensagem de segurança em favor de ceder à leve emoção rastejando sob minha pele — Acabou de me chamar de bonita?

Sua mandíbula aperta. — Sabe que é bonita.

— Eu sei?

Ele tem toda a minha atenção agora. Olho para os nós dos dedos apertados no volante, e a maneira como seu aperto faz

o Rei de Ouros em seu antebraço flexionar aperta meus pulmões.

— Claro que sabe. Não estaria andando de calcinha tentando me provocar se não soubesse — murmura amargamente.

Apesar das infelizes circunstâncias em que me encontrei, não consigo impedir que o quente triunfo lamba as paredes do meu coração. Enrolo meus dedos em torno da borda de plástico do meu livro e finjo indiferença.

— Mal olhou.

— Porque sou um cavalheiro, Penelope.

Meu olhar cai em seu peito. Sua camisa está encharcada e posso ver as sombras escuras sob seu tecido caro. Uma fenda em sua armadura sob medida, e fico sem fôlego com a simples ideia do que está por baixo.

O carro diminui. Confusa, olho para cima e me vejo presa no olhar intenso de Raphael. — Gostaria que eu olhasse?

— Eu o quê?

Ele lambe os lábios, uma nova onda de escuridão em sua expressão. — Disse que mal olhei — diz em voz baixa. — Você gostaria que eu olhasse?

Um arrepio percorre meu corpo, retardando minha próxima respiração. O arrepio subindo na minha nuca não tem nada a ver com ser pego pela chuva e tudo a ver com a expectativa ardente e pesada girando dentro das quatro paredes do carro. Penetra em minha pele, permeando meus pulmões e tornando mais difícil fingir indiferença.

Eu me contento em mudar de assunto. Parece mais seguro. — Como sabia onde me encontrar?

Alguns segundos se passam, antes que o olhar de Raphael pare de queimar minha bochecha e o motor do carro ronrone sob minha bunda novamente.

— Meu irmão me disse que uma das minhas garotas estava à solta.

Minhas garotas.

Duas palavras que me agradam e me incomodam ao mesmo tempo. Não tenho certeza de como me sentiria se fosse singular.

Incapaz de afastar a consciência inquieta que vem com o perigo iminente, olho entre os assentos, como se esperasse que um lacaio de terno saísse do porta-malas. — Sem lacaios esta noite?

Raphael sorri e olha pelo espelho retrovisor. — Acha que não consigo me controlar, Penelope? — Olha para mim de lado, os olhos caindo para o meu peito e de volta para cima novamente. — Acha que não posso lidar com *você?*

Há uma vantagem inexpressiva em suas perguntas. Rola pelo meu sangue como óleo na água, deslizando e me fazendo contorcer. É ilegível, imprevisível e, pela primeira vez, gostaria que ele tivesse uma conversa educada comigo, como faz com todo mundo.

— Bem, sua arma é falsa, certo?

Ele ri grosseiramente. Abaixa a cabeça contra o encosto de cabeça. — Ah, sim. E assim é.

Ele gira o volante com a palma da mão e percebo que estamos entrando na *Main Street*. A decepção arde no meu peito. Realmente irônico, considerando minutos atrás, eu não queria entrar no seu carro.

De repente, o cinto de segurança corta minha clavícula quando sou jogada para frente. Suspiro, estendo a mão para o painel e me viro para Raphael.

— Se isso foi uma tentativa de me matar, foi patético.

Ele está muito ocupado porém, olhando pela minha janela para responder. Sua expressão é traiçoeira, nem um centímetro de cavalheiro permanece nos planos afiados de seu rosto.

— Por que a porta da frente do seu prédio está aberta?

Não é uma pergunta e não está esperando por uma resposta. Sussurrando algo ímpio baixinho, ele puxa sua arma *falsa* da cintura e avança para a porta do carro. Agarro seu antebraço e ele congela. Nós dois olhamos para os meus dedos; sua expressão endurece com irritação, e posso sentir o constrangimento queimando na minha.

Mexo-me sobre couro Nappa. — Relaxa, está sempre aberto.

Seu olhar desliza dos meus dedos para o relógio em meu pulso. Não sei por que ainda estou usando, mas estaria mentindo se dissesse que é porque esqueci de tirar. É quente e pesado e impossível não notar. — O que quer *dizer* com está sempre aberto?

— O que disse - está quebrada. — Ele olha para mim como se eu tivesse acabado de chamar sua mãe de prostituta. — Mas tudo bem, a porta do meu apartamento tem fechadura.

— A porta do seu apartamento tem fechadura — repete, em tom de deboche. — Cristo. — Pega seu celular no console central e a tela ilumina a fúria gravada em seu rosto. Meus dedos balançam sobre os tendões flexionados e contraídos em seu antebraço enquanto digita um texto e, de repente,

sentindo-me embriagada por saber que não deveria estar lá, arrasto minha mão.

Ele não percebe. Em vez disso, joga o celular no porta-copos e continua passando pelo meu apartamento. — Está sendo consertado.

Eu pisco. — O quê, agora?

Ele balança a cabeça, mal me ouvindo.

— Tudo bem, certo. Nenhum serralheiro sairá no meio da noite.

Um sorriso sardônico aprofunda suas covinhas. A maneira como morde o lábio inferior parece um sussurro ofegante contra o meu clitóris. — Uma das vantagens de ser imundo e fedorento de rico, Penelope.

Bem, aí está. Voltamos aos sorrisos presunçosos e respostas perspicazes e, embora revire os olhos, estou secretamente aliviada por ter um terreno mais seguro sob meus pés.

Descanso minha cabeça contra a janela. — Bem, obrigada, acho. Pode simplesmente me deixar na lanchonete e esperarei que seja consertado.

Ele olha para a hora no painel. É quase uma da manhã. — Está com fome?

Estou sempre com fome. — Um pouquinho.

Com um dar de ombros preguiçoso, segura o volante novamente, vira na rua e estaciona ao acaso na calçada do lado de fora da lanchonete.

— Tenho certeza que isso não é uma vaga de estacionamento — murmuro baixinho, trazendo um sorriso sombrio aos lábios de Raphael.

O brilho amarelo do restaurante se infiltra pela chuva no para-brisa, e a segurança na forma de batatas fritas salgadas e *milk-shakes* açucarados aguarda.

Abro a porta e, infelizmente, Raphael também abre a dele.

Meus ombros tensionam. — Vai entrar?

— Não, apenas sentarei aqui e brincarei com minhas bolas.

Sua porta se fecha atrás dele, e alguns segundos depois aparece na minha frente, vestindo seu blazer. Ele descansa as palmas das mãos no teto do carro e se inclina com impaciência semicerrada. — Não tenho a noite toda, Penelope.

Bem, então.

Na lanchonete, a campainha toca acima da minha cabeça e o calor roça meu rosto. De pé no tapete de boas-vindas, semicerro os olhos sob as luzes fortes - são um contraste acentuado com a escuridão que me envolvia do lado de fora.

Falando em escuridão, o peito molhado de Raphael pressiona contra a parte de trás da minha cabeça conforme dá um passo atrás de mim. Seus lábios roçam a concha da minha orelha e a preenchem com uma demanda quente. — *Mova-se.*

Suspiro para a lanchonete e me espremo pelos ladrilhos xadrez. Os olhos me seguem, mas apenas até certo ponto, então se voltam para o cavalheiro de um metro e oitenta que escurece a porta. Um olhar por cima do meu ombro confirma que ele nunca pisou neste restaurante em sua vida, ou qualquer lanchonete que sirva comida em uma bandeja de plástico, provavelmente. Fica parado no tapete de boas-vindas, com as mãos nos bolsos, observando seu novo ambiente com uma diversão mal disfarçada.

Uma garota loira desliza para trás do balcão e me encara com os olhos arregalados. — Olá! Sou Libby e serei sua garçonete por hoje. — Está falando comigo, mas o ângulo de seu corpo está amarrado ao cretino por cima do meu ombro. — Está comendo ou levando?

— Vamos comer...

A suave demanda de Raphael varre minha resposta. — Levar.

Minha mandíbula cerra em aborrecimento, e um pavor espesso cobre as paredes do meu peito. Comer em casa é... mais seguro. As luzes brilhantes, as pessoas e as câmeras tornam menos provável que coisas ruins aconteçam. O instinto e a autopreservação me dizem que não devo sumir no escuro com Raphael Visconti, mesmo que a excitação nervosa que lateja dentro de mim sugira o contrário.

— Viagem, então. — Resmungo.

Libby digita algumas teclas no computador. — E o que gostaria?

Descrevo o pedido que fiz quase todas as noites desde que voltei para *Coast*. Com um pequeno gole, a garçonete arrasta o olhar para cima e praticamente sussurra — E você, Sr. Visconti?

— Nada, obrigado...

— Ele vai querer a combinação de *cheeseburger* duplo. Bacon extra, queijo extra. — Mordo meu lábio em pensamento, varrendo o menu iluminado acima do balcão. — E um *milk-shake* de chocolate. Extra grande.

Um grunhido ofegante toca a minha nuca, me fazendo sorrir.

— Uh, está bem... — Mais batidas, depois me dá o total, e me viro para pressionar minhas costas contra o balcão. O olhar de Raphael percorre a abertura da minha jaqueta molhada, antes de voltar para o meu doce sorriso.

— Sim?

— Pague, *Sugar Daddy.*

Reprimindo a diversão, ele puxa a carteira. Seu braço roça no meu enquanto joga as notas no balcão.

— Mais IVA.

— Ah, não senhor. Já inclui IVA...

— Mais IVA — repito, sem tirar os olhos de Raphael.

Com um lento aceno de cabeça, ele bate mais vinte no balcão. — Gorjeta.

— Mas isso já é muito mais do que...

— Não se preocupe com isso, Libby — digo alegremente. — Sr. Visconti é *imundo e fedorento de rico.*

A satisfação se acumula em meu estômago, em parte porque desfruto até mesmo do menor triunfo contra Raphael, mas em parte porque a risada que escapa de seus lábios e flutua sobre o balcão é profunda e genuína.

Nossa comida chega em um saco de papel manchado de gordura, e Raphael o segura como se fosse um saco de cocô de um cachorro que não é dele.

Assim que a campainha toca acima de nossas cabeças, um abrupto — Espere! — Dispara pela lanchonete e vira minha cabeça.

Uma garçonete corre em minha direção. Coloca a jarra de café e põe a mão macia em meu braço. — Você está bem,

querida?

Pisco. — O quê? Oh, certo. Ele não me sequestrou, não...

Sua risada nervosa e olhar cauteloso para Raphael me cortaram. — Não, querida. Você esteve aqui algumas noites atrás e saiu tão de repente. Parecia que estava prestes a vomitar. Olha por cima do ombro e abaixa a voz. — Não a deixamos doente, deixamos?

A compreensão me atinge. Ela quer dizer quinta-feira, a noite com as garotas bêbadas, a reportagem e a percepção de que minha onda vingativa de isqueiro sobre uma garrafa de vodca foi o pior erro da minha vida.

O sorriso simpático da garçonete permanece em foco, mas atrás dela, cabines vermelhas e ladrilhos quadriculados giram. Sempre fiz isso. Pego as coisas ruins que acontecem na minha vida, como preocupações, medo e trauma, coloco-as em um pacote limpo e compacto e guardo-as em algum lugar tão profundo dentro de mim que esqueço que existem. Então levantam sua cabeça feia quando assisto ao noticiário, ou fico com meus pensamentos por muito tempo.

Uma mão forte agarra minha cintura e uma voz escura e sedosa toca meu ouvido. — Está bem, Penny?

Penny. Ficaria obcecada com o fato de Raphael me chamar de qualquer coisa menos Penelope naquele sotaque condescendente se o pânico não estivesse subindo pela minha garganta. Forço-o para baixo, obrigo um sorriso e uma mentira. — Estava um pouco indisposta, só isso.

O olhar estreito de Raphael queima minha bochecha enquanto segura a porta aberta para mim. Meu coração palpita com a ameaça de interrogatório em um carro encharcado de loção pós-barba, mas simplesmente desliza para o banco do motorista com ar desinteressado e joga o saco de comida no meu colo.

— Ei, cuidado com meu livro!

Ele olha para a lombada amarelo-canário e engata a marcha do carro. — *HTML para Dummies* — fala lentamente. — Ouvi dizer que é uma das melhores obras de Shakespeare.

Engulo uma réplica e olho pela janela embaçada, observando enquanto a segurança da *Main Street* desaparece. A placa quebrada do *Rusty Anchor* pisca à esquerda, e então estamos de volta à estrada onde Raphael me encontrou, escalando o abismo.

Um formigamento quente se move sob minha pele. — Onde vamos?

Seu olhar corta para mim, uma pitada de diversão jogando dentro dele. — Em algum lugar onde ninguém possa ouvi-la gritar.

Oh. Mesmo sabendo – tudo bem, presumindo - que é pouco mais que uma piada mórbida, minha garganta ainda se contrai. Ficamos sentados em silêncio tenso por alguns minutos. O cheiro de delícias fritas sobe do saco no meu colo. O rádio cantarola com uma daquelas canções festivas que sempre ficam grudadas na sua cabeça nessa época do ano, e os dedos grossos de Raphael dedilham contra sua coxa no mesmo ritmo.

Por fim, paramos em frente à velha igreja no penhasco. Está chovendo mais forte agora, e nada além do painel é visível. Raphael desliga o motor, e o súbito silêncio ressoa em meus ouvidos.

Limpo minha garganta. Deslizo pelo assento largo mais perto da porta. Com um rápido olhar para minhas pernas, Raphael tira o paletó, levanta o saco de papel do meu colo e o coloca sobre mim. Suas mãos quentes roçando minhas coxas parecem eletricidade estática e tornam minha próxima respiração superficial.

— Tire o casaco, está molhado.

Faço o que digo. Ele o joga de volta no assento, antes de ligar o motor e o aquecedor. Claramente, confunde meu desconforto por estar presa em um carro com ele por estar com frio. A verdade é que sou tudo menos isso. Apesar de estar encharcada até a calcinha, estou *queimando.* Meu sangue só fica mais quente quando Raphael solta o cinto de segurança e move seu corpo, sujeitando-me a toda a sua atenção. O fardo de seu olhar é pesado na minha bochecha. Em uma tentativa de evitar o peso disso, desembrulho meu hambúrguer e dou uma mordida. Um rio de ketchup escorre pelo meu queixo e cai com um *baque* na caixa.

Raphael solta uma risada suave. — Tem tudo em seu rosto. — Levanta o braço e por um momento sem fôlego - e totalmente ridículo - acho que se inclinará e limpará meu queixo.

É claro que não faz. Cristo, por que faria? Ele simplesmente apoia o cotovelo no apoio de braço e passa dois dedos nos lábios.

Embora fosse estúpido presumir que me tocaria, o fato de ele não ter me feito sentir um arrepio violento de decepção na espinha. Lido com isso da única maneira que sei: sendo uma idiota.

Eu me atrapalho com sua jaqueta no meu colo e tiro o quadrado de seda do bolso de cima e limpo na minha boca. — Obrigada.

O duro sorriso de escárnio que se instala em seus lábios põe o mundo em ordem novamente.

— Não está com fome?

Ele me olha como se eu o tivesse pedido para dançar na chuva, nu. — Parece que como essa merda?

Instintivamente, olho para o estômago rígido sob sua camisa semitransparente e empurro todos os pensamentos intrusivos para fora do meu cérebro com uma mordida extra grande no meu hambúrguer. *Nem em um milhão de anos.*

— O que come então? O sangue de quarenta virgens no café da manhã ou algo assim?

Ele sorri. — Ou algo assim.

— Sempre tive minhas suspeitas de que era um vampiro.

Varrendo um olhar inexpressivo sobre minhas pernas novamente, ele acrescenta algo que faz meu coração parar. — Tenho uma pergunta para você.

Paro de mastigar. Olho para a maçaneta da porta, mas com um *clique,* se fecha, como se Raphael pudesse ver meus pensamentos. Volta sua atenção para o para-brisa, se inclina para trás e passa a mão pela garganta. — Por que não dorme à noite?

Meu hambúrguer cai no meu colo com um baque lamentável. — Talvez eu também seja uma vampira.

— Penelope.

Sua voz envolve meu nome como um abraço, fazendo minhas pálpebras fecharem. Está carregado com a tempestade perfeita de impaciência e suavidade, e acho que é por isso que a verdade escapa dos meus lábios.

— Coisas ruins acontecem à noite — sussurro.

Sua mandíbula trava, mas ainda não olha para mim. — Como?

Como homens adultos me arrastando para um beco e levantando meu vestido. Eu me contento com outro exemplo, no entanto. Um que não dói tanto — Meus pais foram mortos

à noite. — Olho para o relógio no painel. — Três e quarenta da manhã, para ser exata. É hora de ficar acordada e alerta, não dormindo.

Ele balança a cabeça lentamente. Não consigo ler a expressão cortada em seu rosto, mesmo quando semicerro os olhos, mas definitivamente não está surpreso. Acho que provavelmente fez uma pesquisa antes de me dar um emprego e, além disso, homens como ele tratam a morte como parte da mobília: sempre presente e fácil de passar por cima. — Não pode ficar acordada e alerta em seu apartamento?

— Não.

Seu olhar faísca com irritação. — Não está imune a ser enfiada em um baú, Penelope.

Voltamos então a dizer meu nome assim, dessa maneira.

Feliz por ter mudado de assunto sobre meus pais, tomo meu *milk-shake* e dou de ombros. — Tenho sorte, lembra? Provei na cabine telefônica.

— Você não tem sorte — retruca.

Em vez de morder de volta, procuro nos bolsos de sua jaqueta e encontro uma moeda solta. Seguro-a entre nós, um sorriso lento deslizando em meu rosto. — Cara ou Coroa?

Ele suspira, encosta-se no apoio de braço e esconde o interesse por trás dos nós dos dedos. — Tudo bem. Qual é a aposta?

— Você ganha e recebe seu relógio de volta — aceno meu pulso em seu rosto, seu relógio deslizando para cima e para baixo. — Eu ganho; você come o hambúrguer.

— Cara.

Com um movimento do meu polegar, a moeda gira no ar e faz barulho no console central. Olho e rio. Jogue o saco de gordura no seu colo. — *Bom apetite.*

Ele franze a testa. Desembrulha o hambúrguer com a ponta dos dedos, mas então as piadas sobre mim, porque quando agarra o hambúrguer com ambas as mãos e olha para a porra da minha alma enquanto dá uma mordida ridiculamente grande, a luxúria quente e pungente afunda na boca do meu estômago e chia contra o meu clitóris.

Cristo. É apenas um hambúrguer, mas há algo sobre o quão pequeno parece em suas mãos; algo sobre a maneira como seus antebraços tatuados se flexionam e a maneira primitiva como seus dentes afundam no pão. Isso me faz pensar em outras coisas que come assim.

Com a cabeça girando, abro a janela, sutilmente viro a cabeça e respiro profundamente. Estou prestes a roubar outro, quando uma mão quente desliza sob a jaqueta e sobre minha coxa, apertando meus pulmões.

O que...

Meu olhar cai para o meu livro deslizando pelo console central. Raphael o abre, arranca uma página e a limpa na boca.

Fico boquiaberta com a borda irregular. — Eu...

— Sim?

— Isso é um *livro.*

— Cuidado, Penelope. — Amassa a página com a mão e a joga no saco de comida. Quando meu queixo não salta para o chão, oferece um encolher de ombros indiferente e desliza uma batata frita em sua boca, *inteira.*

— Não é como se fosse devolver, de qualquer maneira.

Meus olhos se inclinam. — Como sabe disso?

— Diz *Propriedade da Biblioteca Pública de Atlantic City* na lombada.

Oh, certo.

— Por que está lendo essa merda, afinal? Quer um emprego em TI?

— Acho que não.

— Acha que não?

Não sei por que escolho a verdade em vez de uma réplica sarcástica, porque os neandertais que tratam livros assim não merecem honestidade. — Eu jogo este... jogo.

Sua risada é rouca. — Claro que joga.

— Entro na biblioteca, fecho os olhos e escolho um livro aleatório *Para Dummies* — continuo, ignorando-o. — O que quer que eu escolha, digo a mim mesma que preciso ler.

— Por que?

— Porque, como disse a você, estou tentando recomeçar. — Digo, exasperação sombreando meu tom. Sob o calor de seu olhar curioso, aliso minha blusa e respiro fundo. — Estou tentando encontrar algo que me interesse. Algo com o qual possa fazer uma carreira. — Olho de soslaio para ele. — Não quero trabalhar para você pelo resto da minha vida, pois não?

A diversão fermenta sob sua língua; pressiona os lábios na tentativa de esmagá-lo. Quando dá outra mordida em seu hambúrguer. Sinto outro afrontamento.

— O que a faz pensar que encontrará sua carreira em um livro *Para Dummies?*

— É um desejo, principalmente — admito. — Já tentei outros trabalhos, mas nada parece dar certo.

— Como?

— Bom, já trabalhei em *drive-thru*, balconista de shopping, stripper, recepcionista...

Minhas palavras param quando o antebraço de Raphael tensionam contra o meu.

— Stripper.

Seu tom é calmo. Calmo demais para o conforto. Apenas uma palavra, duas sílabas, mas impregna minha pele e cristaliza meu sangue. É quase impossível fingir indiferença enquanto arrasto meu olhar para encontrar o dele, mas isso não me impede de tentar.

— Sim.

A escuridão que lambe as paredes de sua íris é enervante. — Era uma stripper.

Desta vez, só consigo fazer um aceno de cabeça.

Um pequeno lampejo de algo desesperador passa por seu olhar. Raspa os dentes no lábio inferior enquanto lança um olhar para o teto do carro.

Quando seus olhos caem nos meus, estão mais negros do que um derramamento de óleo e tão perigosos quanto.

— Era boa nisso? — Pergunta tenso.

Esboço minha mandíbula em desafio. — Sim.

Ele solta um suspiro sombrio. Inclinando-se para trás em seu assento enorme, acaricia o queixo e passa um olho lento e onisciente pelas minhas coxas e pelo meu peito. No momento em que repousa no meu rosto, todas as minhas terminações

nervosas estão pegando fogo, meus pulmões incapazes de acompanhar a respiração tensa.

— Então, me mostre.

22

Penny

Pestanejo. — O quê?

— Então, me *mostre.* — Repete, inexpressivo.

Um calafrio me percorre. Apesar dos planos de seu rosto serem completamente desprovidos de humor, não pode estar falando sério. Quer que eu *faça um strip* para ele?

Outro jogo. Assim como aquele em que me encurralou na cabine telefônica com sua forma semelhante a um eclipse e ameaças vestidas de seda, este jogo foi projetado para me fazer contorcer. Engolindo o nó na garganta, endireito minha coluna e o prendo com meu melhor olhar de indiferença.

— Está comendo.

Ele abre a janela e joga o hambúrguer noite adentro.

Engulo. — Aqui? — Concorda. — Não há espaço.

Sem dizer nada, se abaixa ao lado de seu assento e gira para trás, criando um grande espaço entre seus joelhos e o volante. Grande o suficiente para eu sacudir minha bunda. Deixei escapar uma respiração irregular, borboletas explodindo em meu estômago. Porra, gostaria que os homens dirigissem carros inteligentes ou MiniCoopers.

— Vai lhe custar.

Mais uma vez, não faz nada além de olhar para mim. Sua mão desliza no bolso de sua porta, e depois um bloco de notas cai entre minhas batatas fritas com um baque surdo. Olho

para baixo, para a cunha de notas de cem dólares, amarradas por um elástico. Cristo, há pelo menos mil dólares ali, muito mais do que jamais sonhei em ganhar em uma noite, quanto mais em uma dança, mas esta não seria uma dança qualquer, para qualquer homem.

Rangendo minha mandíbula, rolo meus ombros para trás e encontro seu olhar. — Está falando sério?

— Definitivamente.

O aquecedor zumbe. *Wham!* canta algo sobre o último Natal no rádio. Deslizo minhas mãos suadas sobre a parte de trás da jaqueta de Raphael e tento não desmaiar.

A chuva bate no vidro com mais força do que nunca, mas tenho certeza de que meu batimento cardíaco está mais alto. Cada baque dentro da minha caixa torácica ondula como um estrondo sônico através do meu sistema nervoso e cria uma pulsação no meu clitóris. Prefiro arrancar meus olhos do que perder um jogo para Raphael Visconti, então acho que não tenho escolha a não ser pagar o seu blefe.

— Tudo bem. — Minha admissão desliza da minha boca e floresce no ar entre nós. O *clique* da liberação do meu cinto de segurança me lembra que não há como voltar atrás agora, a menos que Raphael admita que estava brincando, mas algo sobre a tensão saindo de seu corpo me diz que isso não acontecerá. — Não toque.

Enquanto jogo minha comida e sua jaqueta no banco de trás e me levanto, avisto suas mãos grandes fechando-se em punhos em suas coxas. — Sei como funcionam as *laps dances*, Penelope.

Claro que sabe. Esta não será a sua primeira *lap dance*, mas isso não impede que o ciúme quente entrelace com os nós no meu estômago; também não me impede de pisar

acidentalmente em seu dedo do pé enquanto deslizo para a abertura na sua frente.

Ele solta um silvo, e o sinto crepitar na minha espinha. Mesmo bêbada com a ideia de tirar minhas roupas úmidas para Raphael tão perto, tenho o bom senso de encarar o para-brisa. Se eu tivesse que observar seu olhar percorrer meu corpo de perto, não tenho certeza se sobreviveria.

Segurando o volante com uma mão, giro o dial do rádio para cima com a outra. — Tem que ter algo para dançar — murmuro. Enquanto a música enche o ar, Raphael solta um suspiro de diversão. Sei porque; *Driving Home for Christmas* não é exatamente um sucesso em clubes de strip.

Sabendo que não posso atrasar mais, concentro-me no vapor que embaça o para-brisa e lentamente abaixo meu corpo até que a parte de trás das minhas coxas descanse no colo de Raphael. O jeans estala contra a lã cara conforme desloco minha bunda para frente, de joelhos, e arqueio minhas costas. Apesar das minhas mãos trêmulas, meu top desliza sobre minha cabeça como manteiga derretida. As coxas sob as minhas tensionam, e o silvo suave que vem da direção de Raphael faz meus mamilos apertarem sob o sutiã.

Estimulada pelo calor de um olhar impaciente nas minhas costas, levanto minha bunda do colo de Raphael em um movimento lento e sensual. Qualquer reserva que tinha sobre olhar para ele é varrida por um coquetel inebriante de luxúria e adrenalina e, de repente, *preciso* ver a expressão estampada em seu rosto.

Espio por cima do meu ombro e quando meu olhar se choca com o dele, esqueço de tomar minha próxima respiração. Sua mandíbula está tensa e seu corpo rígido, como se não confiasse em si mesmo para mover um músculo. O perigo dançando em seus olhos me emociona e me assusta

ao mesmo tempo; não existe um único traço de disposição cavalheiresca dentro dessas íris. Não mais.

Respirando fundo, não tiro os olhos dele enquanto deslizo meu jeans úmido sobre a curva do meu quadril. Seu olhar segue meus movimentos, até meus tornozelos, e então sobe pela parte de trás das minhas coxas, seguindo a tira da minha calcinha preta.

Chuto meus tênis e calça entre os pedais e me abaixo de volta em seu colo. Agora, a frente de suas coxas roça minha pele nua, e a sensação do tecido quente e macio roçando minhas áreas mais sensíveis me dá água na boca e um arrepio na parte inferior da barriga.

Segurando o volante, arqueio minhas costas e rolo minha bunda na direção da virilha de Raphael. O tom gutural de seu grunhido envia um choque de prazer até meu clitóris. É tão animalesco, tão *pouco cavalheiresco,* que estou desesperada para ouvi-lo novamente. Por isso, deslizo ainda mais para trás, até que a ponta de seu pau inchado escove entre as bochechas da minha bunda.

Porra. Ele está duro. Realmente duro pra *caralho.* A realização envia uma emoção elétrica através do meu núcleo e um calor quente e úmido no reforço da minha calcinha. *Estou ficando louca.* Com o coração acelerando, deslizo para frente e para trás novamente, deslizando mais alto na ereção de Raphael a cada giro do meu quadril. Poderia me afogar no som de sua respiração irregular; enroscar-me contra a dureza de seus músculos.

Um dedo áspero desliza sob minha calcinha. O estalo e a picada do elástico encontrando a pele provocam um gemido meu. — Sabia que sua calcinha seria ridícula — ele resmunga.

Ofegante, inclino minha cabeça para o teto e deixo minhas pálpebras se fecharem. — Pensei que já tivesse lap dance antes? Deveria saber que é multado por tocar.

Uma brisa fresca assobia perto do meu ouvido e, quando abro os olhos, vejo outro tijolo de notas bater no para-brisa e deslizar pelo painel.

Músculos se movem embaixo de mim, então uma respiração quente e irregular arranha minha garganta. — Vire-se, Penelope.

Muito sem fôlego para pensar em uma resposta espirituosa, me levanto com as pernas trêmulas e me viro para encará-lo. Desta vez, não estou preparada para a maneira como me olha. Seu olhar é tão intenso que é quase violento. Queima conforme sobe pela costura da minha coxa e sobre a parte inferior do meu estômago.

— Linda — murmura. É mais para ele do que para mim, mas ainda assim, estremeço sob o peso disso.

Raphael Visconti me acha bonita. Tonta com uma nova onda de confiança, agarro a parte de trás de seu encosto de cabeça e lentamente me abaixo em seu colo. Porém, não é planejado; meu pé rola sobre meu tênis rebelde e caio para trás contra o volante. Solto um gritinho quando a buzina soa, mas Raphael se inclina para a frente, me segurando antes que eu caia de novo. Mãos grandes com um toque quente e ganancioso deslizam atrás das minhas costas para me firmar. Cabelo preto faz cócegas na minha garganta, e uma risada desce pelo meu decote, fazendo meus mamilos doerem. A piada seca de Raphael vibra contra a minha clavícula, acendendo cada terminação nervosa do meu corpo em chamas. — Estou começando a achar que paguei demais.

— Sem reembolso. — Sussurro de volta, um sorriso contraindo meus lábios enquanto rolo meu clitóris contra seu

pau latejante. Cristo, ele é tão gostoso e duro que sei que poderia gozar com muito menos.

A parte mais suja do meu cérebro corre com as possibilidades, mas os dedos deslizando por baixo da faixa de trás do meu sutiã me trazem de volta à terra.

Raphael olha para mim através de cílios escuros. — Tire-o.

— Custo extra.

O *estalido* enquanto arrasta o polegar para fora da faixa faz minhas costas arquearem de prazer. Mandíbula cerrada, seus olhos percorrem o comprimento da minha garganta e voltam para os meus lábios entreabertos. — Vou tirá-lo.

— Isso custa ainda mais.

Há aquele gemido animalesco de novo; minha boceta aperta ao seu redor, e *porra*, como gostaria que fosse tangível. Meus dedos cavam no encosto de cabeça e respirações ásperas fazem cócegas no meu peito. Lanço um olhar semicerrado para o telhado e sinto um peso repentino no meu colo.

Passo meus dentes sobre meu lábio inferior para suprimir um sorriso, familiarizada com o peso de seu dinheiro agora. — Não cortarei.

Outro baque, desta vez mais forte, atinge meu estômago. Balanço minha cabeça. — Nem mesmo perto…

Meu atrevimento se transforma em um suspiro quando os dedos grossos de Raphael encontram a base do meu cabelo e puxam minha cabeça para trás. Abro minha boca para protestar, então algo frio e suave desliza para dentro dela. A princípio, acho que é outra carta de baralho, mas, quando a pego, percebo que é um Amex preto.

Meus olhos se chocam com os de Raphael.

— Senha é quatro, oito, quatro, dois — diz calmamente. Trava os dedos atrás da cabeça e se inclina para trás contra o encosto de cabeça. Seu olhar pisca como um sinal de alerta. — Agora, *tire-o.*

Uma dormência se espalha pelo meu corpo. Eu me levanto apenas o suficiente para jogar seu cartão no banco do passageiro - como *diabos* esqueci o número da senha - e caio de volta em seu colo.

Ele olha para mim com expectativa. Três batimentos cardíacos gaguejantes se passam antes de eu reunir coragem para tirar meu sutiã. Jogo em seu rosto, e quando um copo de renda desliza de seu queixo, a respiração lenta escapa de seus lábios entreabertos. A tensão aperta a linha de seus ombros enquanto passa os olhos famintos sobre meus seios. Ficam mais pesados a cada centímetro que ele cobre; mais sensível com cada vibração de sua respiração quente.

Ele inclina a cabeça. Flexiona o bíceps enquanto reajusta as mãos atrás da cabeça. Acena. — Continue.

Boceta pulsando com consciência, me inclino para trás e agarro seus joelhos enquanto balanço meus quadris para frente novamente, iluminando um caminho de êxtase ao longo do plano rígido de sua coxa. É claro, nunca tinha *reclamado* de um patrono assim no clube de strip. Preferia ter pegado a praga do que passear em uma das salas VIP e entrar em qualquer uma das... atividades fora do menu.

Raphael, contudo, não é um patrono regular e eu não sou mais uma stripper. Seja o que for, não há como negar que temos uma coisa. Uma coisa altamente inflamável, e explodirá se acendermos um fósforo.

Outro movimento de quadril traz outro gemido de dentro de mim. Os olhos de Raphael se estreitam, sua mandíbula

estalando em compreensão. — Está molhada, Penelope?

Aturdida, aceno.

Seu olhar desliza até onde minha calcinha encontra sua calça. — Puxe sua calcinha para o lado. Deixe-me com algo para me lembrar disso.

Estou muito empolgada com o atrito para discutir. Para corar do molhado e do desejo. Deslizo minha calcinha para o lado e me aqueço sob o calor de seu olhar fascinado enquanto me aperto contra sua perna. A pressão entre minhas coxas aumenta e acumula a cada deslizamento cheio de fricção e a cada roçar da protuberância de Raphael contra o topo do meu clitóris.

— Foda-se — sussurra em meu ouvido enquanto deslizo minhas mãos entre seus cotovelos dobrados e travo meus dedos atrás de seu encosto de cabeça para conseguir uma posição melhor. — Você realmente gozará em mim?

Que porra de pergunta é essa? Talvez eu fosse capaz de decifrar o tom disso, se meu pulso não estivesse batendo tão alto em meus ouvidos; se meu corpo não estivesse gritando com a necessidade de liberação. Estou com calor, desesperada, cheia de energia e pensamentos depravados. Sem condições de responder a sua pergunta, com certeza, mas ele obtém sua resposta e tudo o que é preciso é uma flexão de sua coxa. Curvando-se sob o movimento inesperado sob meu clitóris, afundo meus dentes no bíceps de Raphael para cavalgar o orgasmo que lambe meu corpo como um incêndio florestal.

Depois de alguns momentos cheios de estrelas, minha euforia se assenta ao meu redor como poeira. Eu me derreto em seu peito - uma tempestade em sua calma, fogo em seu gelo - para recuperar o fôlego. Só quando meu semblante volta rastejando para mim é que percebo que ele não se

mexeu. Não respirou, porra. Com desconforto e as brasas de vergonha subindo pela minha garganta, o empurro e cautelosamente encontro seu olhar.

É inexpressivo. As cores não mudam, mesmo quando me entrega meu sutiã. Mesmo quando deixa cair meu top no meu colo. Eu o puxo, o coração batendo forte por um motivo completamente diferente agora. Com os nervos beliscando minha pele, deslizo dele e caio no banco do passageiro, desajeitadamente puxando meu jeans e tênis.

Ele me encara.

— O quê? — Sussurro. Gostaria que minha pergunta não me fizesse parecer tão vulnerável.

Sem dizer nada, ele desliza seu blazer de volta sobre minhas coxas e volta sua atenção para a chuva no para-brisa. O carro ganha vida, os faróis lançando um brilho amarelo além da água fragmentada, e uma nova e alegre canção de Natal enche o carro.

Com a garganta cada vez mais grossa, olho para o porta-luvas, incapaz de ignorar como o pavor puxa meu coração como uma âncora. Já estive em uma situação semelhante antes - duas vezes, na verdade. Só dormi com dois homens e ambos conseguiram me enganar. Riam quando eu os insultava, debruçavam-se sobre as mesas de jantar e fingiam interesse quando alguns copos de vinho soltavam minha língua e suavizavam minhas defesas. Nas duas vezes, deixei que me fodessem com força na parte de trás de seus carros e nunca mais ouvi falar de nenhum deles.

E agora aqui estou eu, sentada em silêncio, me contorcendo no banco do carona. Parece muito familiar, mas então uma mão firme e quente desliza sob o blazer e pousa na minha coxa. Olho para Raphael, mas ele está focado no

espaço entre os limpadores sibilantes, dirigindo o carro com a palma da outra mão.

— Dispa-se para outro homem novamente, e ele morrerá atravessando a estrada.

* * *

O calor roça um lado do meu rosto e, quando viro a cabeça para perseguir a escuridão, cheiro de couro e homem invadem minhas narinas.

Gelo e instinto correm em minhas veias e me levanto. Com os olhos turvos, pisco para o sol baixo através do para-brisa. Estamos estacionados fora do meu apartamento. É cedo; posso dizer pela geada cobrindo os Papais Noéis e os donos das lojas tremendo enquanto esperam que suas venezianas automáticas abram.

Dormi no carro do Raphael? Merda. Viro minha cabeça dolorida para encontrá-lo sentado no banco do motorista, respondendo a um e-mail em seu telefone. Ainda está usando as mesmas roupas da noite passada – calças e mangas de camisa. Na luz fria do dia, a tinta cobrindo seus braços parece muito real. *Sinistro.*

— Por que não me acordou? — Sussurro, alisando a mão sobre o meu cabelo.

Não tira os olhos do telefone. — Gostaria de ter feito isso, porque você ronca como um burro.

— Não, não ronco.

Ele ri facilmente, deixa cair o telefone no porta-copos e me alfineta com um sorriso suave. — Fica vermelha com tudo? — Antes que possa responder, ele estende a mão e passa o

polegar pela reentrância do meu queixo. — Relaxe. Você adormeceu e pensei que, se tivesse uma boa noite de sono, talvez não fosse tão ruim no seu trabalho.

Ele segura meu olhar por um momento, antes de se lançar sobre mim e abrir minha porta.

— Agora, saia antes que eu remova suas adenoides com minhas próprias mãos.

23

Rafe

Não importa quantos contratos encaro ou quantos uísques bebo, não consigo me livrar da ereção dura como pedra lutando contra minhas calças. Não consigo me livrar *dela.*

Não pensei que ela chamaria meu blefe, não quando exigia um strip-tease para mim.

E agora ela está em todo lugar, mas em lugar nenhum. A forma de seu corpo queimava atrás de minhas pálpebras; o calor úmido de sua boceta marcando minha coxa. Nem me fale sobre aquele brilho travesso em seus olhos - isso deixou meu pau em um estrangulamento.

Seu cheiro, sorriso, *atrevimento.* Rodopiam como uma tempestade que se aproxima, e a porta do meu escritório não pode me proteger disso. É patético, mas estou aliviado por ela não estar de plantão esta noite.

Mais ou menos.

Solto uma risada amarga e me recosto na cadeira. Acharia humor no ridículo de tudo isso, exceto que não há nada de engraçado nisso. Toda vez que Penelope cavou sob minha pele, foi minha própria culpa. Empurrei a porta do vestiário pela segunda vez, apesar de saber da primeira vez que o que me esperava era algo que não poderia controlar. Empurrei o banco do motorista para trás sabendo que se descobrisse que tom de rosa eram seus mamilos, não havia como voltar atrás.

Agora estou pagando o preço da minha impulsividade: ter que fazer todas as minhas reuniões do dia por telefone porque meu corpo reage como um menino de 12 anos vendo peitos na TV toda vez que penso nela.

Deveria... lidar com isso. O ódio fode meu punho na sequência atrás de mim, mas então, quer ela soubesse ou não, Penelope venceria novamente e, apesar de minha estranha obsessão por ela, prefiro me esfaquear no olho com um canivete enferrujado a deixá-la vencer.

Apesar de serem dez da manhã, sirvo outro uísque. Giro meus dados na dobra da minha palma. Meu escritório está frio e silencioso, exceto pelo ronco dos motores e o zumbido de um aspirador de pó sob minhas pontas das asas.

Poderia sempre fodê-la, mas sei que há um grande problema nisso. Pela minha própria regra, se eu quisesse usar as coxas grossas de Penelope como protetores de ouvido, teria que levá-la para um encontro.

Nunca acontecerá. Não poderia reunir charme suficiente no mundo para convencê-la a jantar comigo e, além disso, sobre o que conversaríamos? Ela é selvagem, pelo amor de Deus. Já vi como come, e com certeza deixarei o restaurante com um Rolex e dois carros mais leves. Já paguei pela *lap dance* mais cara da porra da minha vida.

Bufo uma risada sardônica no meu uísque, antes de beber de volta e sacudir o copo na minha mesa. A única vantagem é que ela acredita que o amor é uma armadilha. Não teria que me preocupar com ela esperando que fosse mais do que uma noite sórdida.

Não. Se eu fosse foder Penelope, teria que ser sem todos os ares e graças. Nunca tratei uma mulher assim, mas também nunca ameacei bater na sua cabeça com um martelo.

Ela parece ter o hábito de alcançar minha ofensa de charme e trazer à tona a escuridão em mim.

De repente, a porta do meu escritório se abre com tanta força que só posso presumir que alguém a arrombou. Minha mão vai até a Glock ao lado do meu MacBook, mas quando olho para cima, jogo-a de volta na mesa com um suspiro.

Bem, essa é uma maneira de causar um curto-circuito no tesão.

Gabe. Escurece a porta como um demônio do sono. Atrás dele, um par de pernas vestidas de terno estão no chão em um ângulo estranho.

— Seus homens não conseguiram proteger uma senha — resmunga.

Murmuro algo obscuro baixinho, mas tenho que admitir, ele tem razão. Vinte e três ex-guardiões de operações especiais e nenhum deles poderia impedir um homem de chegar até mim. Claro, esse homem é Gabriel Visconti e não acho que uma parede de ferro de três metros de espessura o teria impedido de passar por aquela porta, mas ainda assim.

Ele entra. Zomba dos porta-retratos na minha prateleira, mostrando-me cortando fitas vermelhas e segurando cheques enormes, e pega a garrafa de uísque.

— Quer um shake de proteína com isso?

— Já bebi três hoje. — Segura um copo e estreita seu olhar em mim. — Onde estava ontem à noite? Você geralmente é a bela do baile.

Respondendo e-mails no meu celular ao som do ronco de Penelope.

Finjo tédio. — Vejo vocês, idiotas, o tempo todo agora. Além disso, Benny tem poucos dedos, e estou ficando cansado

de vê-lo quebrando-os.

— Gostaria de poder dizer o mesmo de minha esposa. — Olho por cima do ombro de Gabe para Angelo no corredor. Com um leve olhar de desgosto, passa por cima das pernas do meu homem caído e chuta a porta para fechá-la com o calcanhar. — Gabe a transformou em uma sádica.

— Aquela garota sempre foi uma sádica. — Gabe diz, engolindo sua bebida.

Angelo olha para ele, e limpo meu sorriso com as costas da minha mão. — A que devo o prazer, irmãos?

Angelo ajeita as calças e se afunda na poltrona em frente. Seu olhar vem ao meu, faiscando com aborrecimento. — Esqueceu que tínhamos uma reunião hoje.

E foi o que fiz. Acho que estava distraído demais com a lembrança de Penelope cravando os dentes no meu bíceps ao gozar na minha perna. *Merda.* Estive tão concentrado em tudo Penelope que estou envergonhado de admitir que a guerra com o clã *Cove* mal passou pela minha cabeça. Para ser honesto, esqueci que Dante existia por um minuto. A última vez que ouvi, Angelo e Cas marcaram um encontro com Dante em *Hollow* alguns dias após a explosão. Ele foi até a casa de Cas com um anel de segurança e sentou-se na ponta da mesa de jantar, manso como um pássaro. Um verdadeiro Don de sangue quente teria confessado o ataque, mas não Dante.

Maldito idiota. Uma cama bem vestida é mais um *made man* do que ele.

— Eu? Nunca — digo lentamente, recostando-me na cadeira com um sorriso preguiçoso. Eu me viro para Gabe. — Como está indo o jogo de xadrez?

Seu olhar me diz tudo o que preciso saber. É escuro e perigoso e me pergunto quantos homens foram alvo disso e mijaram nas calças. Ele tira um isqueiro do bolso e, com um movimento do pulso, acende a chama.

— Agulhas no pescoço. Ataques cardíacos. Corte os freios.

Aceno lentamente, passando um olhar cauteloso sobre aquela chama enquanto dança sob seu queixo e muda as sombras sobre os planos duros de seu rosto. Não duvidaria que meu irmão incendiasse meu escritório, só para cagar e rir. — Parece produtivo.

A chama se extingue, mergulhando seu olhar derretido de volta na escuridão. Suas palmas batem contra minha mesa com tanta força que metade do meu uísque espirra para fora do copo. — É brincadeira de criança. Estou inquieto. Perdendo a porra da minha cabeça. Preciso de mais, preciso de algo... — bufa um suspiro sombrio. — Algo para silenciar tudo.

O quê?

Um pouco atordoado com sua explosão, lanço um olhar para Angelo, mas apenas revira os olhos, uma expressão entediada esculpida em seu rosto. Tenho a sensação de que ele já ouviu isso.

De alguma forma, acho mais seguro mudar de assunto. — Bem, ainda não tive notícias de Tor.

Agora, os olhos de Angelo voltam para os meus, brilhando escuros. — Sim. Dante também não.

Minha coluna se endireita por conta própria. — O que quer dizer?

— O que eu disse. Ele nunca mais voltou para Cove depois da explosão. Liguei para Donatello e também não ouviu falar dele.

Porra. Suas palavras se acomodam no meu peito e me empurram para trás na cadeira. Teria apostado que Tor não teria escolhido Dante em vez de nós, mas desaparecendo completamente? Isso... não sei. Parece pior.

Três batidas pesadas na porta cortaram meus pensamentos. A arma de Gabe sai voando de sua cintura, e o barulho é tão alto que até Angelo se contorce em direção a sua arma.

— Relaxe — suspiro. — Caso não tenha notado, estamos em um iate no meio do Pacífico. A única ameaça a bordo é a intoxicação alimentar. — Empurro meu queixo em direção à porta. — Entre.

Griffin irrompe em meu escritório e seu passo grita problemas. Ele é velho e careca e já viu tanta merda doentia neste mundo que quase *nada* o faz andar rápido. A visão belisca minha nuca, e me vejo levantando e também pegando minha arma.

Ele para atrás de Angelo. — Temos uma emergência.

A trava de segurança de Gabe é liberada. — Meu.

O olhar de Griffin desliza para o lado, tingido de desgosto. — Não é uma emergência em relação a você ou seus capangas. — Voltando sua atenção para mim, acrescenta — *Lucky Cat* foi atingido.

Meu coração dispara com a menção do meu cassino em Las Vegas. Respiro fundo com uísque, apoio as palmas das mãos na mesa e digo — Precisarei de mais informações do que isso.

— Bateram e correram. Uma van armada invadiu o saguão e destruiu todos os caixas eletrônicos em menos de dois minutos. Levaram pouco mais de seis milhões em dinheiro, pelo que parece.

— Sim? E onde estavam seus homens? — Gabe rosna.

Angelo solta um assobio baixo. — Quem seria esse idiota do caralho?

Griffin escolhe ignorar meu irmão mais insolente. — Ninguém na Costa Oeste. Tem que ser um trabalho externo de uma gangue que não conhecia melhor.

— Meu. — Gabe repete baixinho, dando um passo em direção a Griffin e estalando os nós dos dedos.

— De jeito nenhum — Griffin rosna de volta. — Você e seus bandidos correm para cima e para baixo em *Coast*, e tudo bem, mas Raphael é um empresário prolífico, e parte do meu trabalho é manter essa reputação. Nós resolveremos isso, e resolveremos isso *silenciosamente.* — Aponta um dedo em sua direção e Gabe olha para ele como se estivesse pensando em arrancá-lo com os dentes. — A propósito, vi o que fez com Clive. — Vira-se para me dizer — Ele deixou a cabeça no porta-malas do meu Sedan com um guarda-chuva na boca.

Mordo uma risada.

Griffin balança a cabeça, o maxilar estalando em aborrecimento. — Pensei que fosse mais *sofisticado* do que isso, chefe.

Sou. Geralmente. O estilo de *eliminação* de Griffin sempre funcionou perfeitamente para minha agenda. É tranquilo, elegante e nenhum corpo significa nenhuma pista a mim, mas um guarda-chuva de coquetel? Vamos. Não sou imune ao encanto da ironia, mesmo nos meus dias mais sombrios.

Enquanto o silêncio cobre o escritório, a revelação de Griffin cai sobre meus ombros, espessa e como lava. Estou queimando, então me viro em direção às portas francesas e abro uma delas. Além delas, o céu gelado se funde em águas

escuras e, através da pequena abertura, o som das ondas batendo contra o casco flutua com o vento.

Ignorando os três pares de olhos no meu pescoço, enfio as mãos nos bolsos e apoio a cabeça no vidro.

Lucky Cat. *Bastardos.* Dos quarenta e oito cassinos que possuo, tiveram que acertar aquele que deu início a tudo. Dez anos atrás, era apenas uma caixa com quatro rodas de roleta emprestadas, e não conseguia fazer os clientes passarem por aquela porta, mesmo que implorasse. Pagava a minha equipe com as notas colocadas na máquina caça-níqueis no canto. Foi um *mergulho,* mas adorei - ainda adoro. Foi o único dos meus cassinos em que minha mãe entrou. Estava acostumada com a vida de luxo, mas caramba, ela se sentou naquele bar em sua melhor roupa de domingo e bebeu seu martini com gotas de limão como se estivesse no Ritz.

A emoção enrola sua mão em volta da minha garganta e me flexiono contra ela. Minha respiração embaçada contra o vidro é a última coisa que vejo antes de fechar os olhos.

— Gabe.

Passos pesados saem do meu escritório.

Quando me viro, dois pares de olhos me tocam, ambos transmitindo diferentes expressões. O olhar de Griffin arde de fúria enquanto o de Angelo está tingido de diversão velada.

Volto para minha mesa. Descanso meus dedos contra ele. — Griff?

Ele me encara em resposta.

Aceno para o par de pernas no corredor. — Jogue-o ao mar antes que ele acorde.

Meu irmão ergue uma sobrancelha, mas não diz nada. O choque de Griffin desaparece atrás da parede de cristal

facetado enquanto bebo meu uísque em um gole. Seu conteúdo deixa um rastro quente na minha garganta e atiça as chamas em meu peito. Quando bate contra a mesa, Griffin se foi e Angelo está segurando um porta-retrato de nossa mãe.

Seus olhos suavizam nos cantos. Sem erguer os olhos, diz — Se Mama estivesse aqui, ela diria que está tendo um período de azar.

Suas palavras formigam contra minha pele mais nítidas do que imagina. — Sim, e Mama era louca por besteira.

Se eu sujasse minhas mãos e ele não fosse meu irmão, tiraria aquele sorriso malicioso de seus lábios com um rápido gancho de direita. Em vez disso, caio na minha poltrona e o encaro com um olhar gentil.

— Algo mais? Tenho merda para fazer.

Esfrega o queixo pensativo. — Quarenta G's perdidos na última segunda-feira. Perdeu *Miller e Young*, e seu melhor amigo desapareceu da face do planeta em circunstâncias suspeitas. Hum.

— O quê? — Estalo, ficando quente com a insinuação em seu tom. Cabelo ruivo e cartas de baralho piscam atrás de minhas pálpebras.

— Acho que tenho que concordar com a Mama sobre isso.

Pode ter todo o sucesso do mundo, mas a Rainha de Copas vai deixá-lo de joelhos.

No caso de Penelope *ser* a Rainha de Copas, provavelmente não deveria tê-la deixado comigo.

Coço minha mandíbula. Dou de ombros. — Merdas acontecem.

— Uh-huh.

— Vai se foder agora, por favor.

Com uma risada sombria, se levanta e lança uma sombra sobre minha mesa. — Olhe pelo lado positivo, irmão. É a sua época favorita do mês.

Franzo a testa. — É mesmo?

— Está me sacaneando?

Na batida do silêncio, a realização me atinge. *Claro que é.* Normalmente, escolhemos nossos candidatos *Sinners Anonymous* no último domingo de cada mês, mas este ano será o dia de Natal, então escolheremos este domingo.

Não acredito que esqueci. A linha direta dos *Sinners Anonymous* é meu bebê, uma carta de amor para o sádico que vive no fundo do meu peito. É o melhor jogo e, apenas uma vez por mês, meus irmãos e eu nos reunimos para reviver as melhores partes de nossa infância. Os tempos mais simples, sabe, antes de nosso pai matar nossa mãe e Angelo matá-lo em retaliação.

— Estou cuidando disso — digo, alisando meu alfinete de colarinho. Empurro meu queixo para cima quando me lembro do que tinha que perguntar a ele. — Está por perto amanhã?

— Depende.

— Tenho uma reunião com Kelly e gostaria que participasse.

Imediatamente, a expressão de Angelo azeda. — Sabe que odeio você trabalhando com os irlandeses.

— Você me odeia trabalhando com alguém que não tem uma *nonna* com uma receita secreta de molho Alfredo.

Quando se trata de parceiros de negócios, não discrimino. Se forem espertos e puderem adiantar dinheiro e conexões, ignorarei seus laços familiares. Kelly pode ser um O'Hare, mas está bem em meus livros. Temos três *joint ventures* em Las Vegas - um cassino, um bar e um hotel boutique - e nossa parceria funcionou perfeitamente nos últimos oito anos.

— O que ele quer e por que tenho que estar lá? — Angelo resmunga.

— Ele... tem o hábito de querer coisas que não são dele — digo com um sorriso tenso. — Só preciso que ele saiba que Dip não é um território não reclamado.

Ele concorda. — Tudo bem, mas não quero que reclame comigo se ele levar uma bala na cabeça.

Reviro os olhos. — Nada de choramingos.

Angelo me deixa em meu escritório com uma garrafa de bebida quase vazia e pensamentos violentos. Na extrema necessidade de algo mais forte para me distrair, decido que provavelmente devo escolher meus três principais pecados do mês para quando meus irmãos e eu nos encontrarmos na igreja no domingo.

Abro meu laptop, abro a caixa de correio de voz dos *Sinners Anonymous* e clico em *reprodução automática.*

Um por um, o som do pecado enche a sala.

Há sempre a merda de sempre quando ouço. Confissões trêmulas de colisões na beira de uma rodovia. Bêbado, calúnias ininteligíveis de pessoas cujos demônios só saem às três da manhã, mas, ocasionalmente, há um pecado que traz um sorriso pervertido aos meus lábios e varre uma emoção sob minha pele.

Hoje, porém, não estão coçando a coceira tão bem quanto costumam fazer. Então, estendo a mão e abro a subpasta de chamadas que removi da rede compartilhada.

Tiro um cigarro do maço e o enfio na curva da boca. Passo a chama de um Zippo embaixo dele.

Depois, me inclino para trás, fecho os olhos e deixo as divagações tolas de Penelope penetrarem em minha pele como uma pomada.

Se estou afundando, pelo menos a sua voz me fará companhia na descida.

24

Penny

— Há um monte de coisas que sinto falta em *Atlantic City*. — Coloco meu celular no balcão do banheiro e passo uma escova pelo meu cabelo com a mão trêmula. — Mas nada... grande, sabe? O bagel de salmão e *cream cheese* daquele pequeno café no píer. Os martinis de maracujá no bar do Ronnie. Hum... o que mais...

Pego meu telefone e o levo para o quarto, segurando-o na boca enquanto vasculho meu armário. Escolho um par de jeans e um suéter, em seguida, largo meu celular na cama para me trocar. Quando quica no colchão, dou uma espiada na hora da ligação e hesito. *Jesus.* Estou na linha com os *Sinners Anonymous* há quarenta e cinco minutos. Falando merda absoluta, simplesmente para preencher meu apartamento vazio com algo diferente da minha própria energia nervosa.

Cada osso do meu corpo vibra com as consequências da noite passada. O fantasma da lã texturizada ainda acaricia o espaço entre minhas coxas. Comandos suaves em tons estrangulados ainda beliscam minhas orelhas. E toda vez que olho para uma das minhas paredes totalmente brancas, a imagem da pele tatuada de Raphael pisca contra elas.

Meus nervos estão tingidos com algo... estranho. Algo que segue a linha entre desconforto e derrota. Chamei o blefe de Raphael e lhe dei uma *lap dance*, então por que não sinto que o venci em seu próprio jogo?

Levar-me ao orgasmo como a porra de um animal raivoso contra a dobra frontal de sua calça pode ter algo a ver com isso, ou, sabe, o fato de eu ter *adormecido* no banco do passageiro.

Minhas bochechas esquentam pela milionésima vez hoje. Por que não posso reprimir a noite passada como posso com todos os meus outros problemas? O medo de ser pega por Martin O'Hare mal aparece. Raphael Visconti, desde seu terno elegante até sua tinta escondida até seu estúpido alfinete de colarinho: preenche cada metro cúbico da minha consciência, a ponto de eu arrebentar pelas costuras.

Engolindo um ruído de frustração, atravesso a sala e espio pela janela, observando a rua vazia abaixo.

— Não fazer nada o dia todo era uma tortura. Não trabalharei esta noite também e não tenho planos — digo à linha direta. — Matt está treinando seu time de hóquei, Rory tem uma aula de voo, Tayce está trabalhando e Wren também. Bem, acho que posso descer e ver Wren no *Rusty Anchor*...

Mais cedo, quase contei à linha direta sobre Raphael, mas algo me impediu. Acho que crescer com a linha faz com que a mulher robótica do outro lado se sinta mais como uma amiga de infância. Não quero poluí-la com histórias sórdidas de danças eróticas e sexo a seco. Então, mantenho isso superficial.

Bip, Bip. Bip, Bip. Franzo a testa, olho para o meu celular e percebo que recebi uma ligação de Laurie.

Merda. Coração pulando uma batida, apunhalo o botão “trocar de linha”. — Sim?

Uma risada fácil flutua pela linha. — Relaxe, amor. Ainda não estou demitindo-a. Na verdade, estava ligando para saber

se pode vir hoje? Sei que é tarde, mas há uma reunião superintimista a bordo e...

— Sim! Sim, estou livre.

— Caramba, isso foi fácil. Normalmente, tenho que subornar as pessoas com pagamento em dobro antes de conseguir que concordem em vir nos dias de folga.

Droga. Estou prestes a recuar quando meu olhar se volta para a montanha de dinheiro na minha cômoda. É mais do que já vi na minha vida.

Ela me diz que o transporte do pessoal estará esperando por mim em uma hora e desliga.

* * *

Uma hora depois, sou içada do pequeno barco por um Blake de mão pesada. Pela piscadela que me dá enquanto seu aperto desliza para fora do meu quadril, não percebeu que eu roubei sua carteira ainda, ou que é uma possibilidade muito real de eu empurrá-lo para fora do barco se continuar a assobiar toda vez que me afasto dele.

Faço uma parada no vestiário para me livrar dos sapatos e do casaco, depois sigo as instruções anteriores de Laurie para ir até o bar no deque superior. Somos apenas eu e um outro barman hoje, então quase ninguém nesta reunião bebe, ou são superbaixa manutenção. De alguma forma, duvido muito que seja verdade.

Quando chego ao topo da escada, não consigo parar de revirar os olhos ao ver Blake. *De novo.* Cristo, todos os homens de Raphael são idiotas de uma forma, mas este é realmente o maior burro de todos eles. Por que está *em todo*

lugar? Está guardando o *sky lounge* junto com um lacaio careca que não fala muito, e quando passo sem nem mesmo um sorriso, sou presenteada com outro assobio.

Isso enrijece minhas costas e faz faíscas de calor branco em meu punho. — Não sou a porra de um cachorro — assobio.

— Aposto que fode como um, no entanto — murmura de volta.

O careca bufa.

Olhando para a maçaneta dourada, respiro fundo e espero que a névoa vermelha desapareça. *Continue. Continue. Continue.* Com a fúria arrefecendo em um ferver, rolo meus ombros para trás e entro na sala.

A porta é mais leve do que penso, por isso bate contra a parede do fundo e estremeço. Quando abro meus olhos, desacelero até parar.

Oh, merda.

Não sabia que estava acontecendo aqui; é uma sala menor fora do *sky lounge,* mas faz sentido, porque é composto apenas por três pessoas, um baralho e uma caixa do melhor de Cuba.

E um sotaque irlandês *muito* alto. Pertence a um homem de aparência de querubim com um corte de cabelo cinza e olhos azuis penetrantes, mas não há nada de angelical em sua voz: é desagradável e cada palavra que sai de sua boca é uma maldição. Os três pares de olhos vêm até mim, mas treino meu olhar nos dedos dos pés e corro ao longo da parede até alcançar a segurança do bar atrás de outro conjunto de portas. Abro este com muito mais cuidado *e* me viro para pegá-lo antes que se feche atrás de mim.

No espaço cada vez mais estreito, encontro o olhar divertido de Raphael.

Eu sorrio timidamente. Ele *pisca.*

Cristo. Girando fora de ordem, fecho a porta e coloco minha cabeça contra ela, esperando meu sangue ferver a uma temperatura mais apropriada. Estava com tanta vontade de sair do apartamento que optei por fazer hora extra sem pensar nas consequências: ver Raphael depois *disso.*

— Surpresa! — Um trinado feminino faz meus olhos se abrirem. Rory está sentada em um banco de bar sorrindo para mim. Está usando um terninho cáqui aberto até a cintura e uma camiseta branca por baixo.

Abro um sorriso. — O que está fazendo aqui?

— Angelo tem uma reunião com Rafe e um cara velho. Descobri que estava trabalhando, então decidi interromper minha aula de voo e lhe fazer companhia. — Estica o pescoço para espiar o depósito, depois sussurra teatralmente enquanto bate no baralho de cartas no bar. Acena com o bloco de notas. — Tenho praticado!

Nem percebi que Angelo estava aqui, estava tão distraída com um forte sotaque irlandês e o calor da piscadela de Raphael. Mordo uma risada, deslizando para trás do bar. — Espero que esteja praticando em particular.

— Ah, claro. Angelo acha que tenho uma obsessão repentina por jardinagem porque tenho me escondido no galpão. — Parte o baralho com um revirar de olhos. — O que cresce no inverno, sério? Ah, a propósito, o que fará no sábado à noite? Há uma noite de jogos em *Hollow*; deveria ir e me ver derrotar Rafe.

Antes que possa responder, um homem sai do depósito, o rosto escondido atrás da caixa de cerveja em seus braços. Ele

a coloca no chão, volta à sua altura total e me olha duas vezes.

— Jesus. Estou vendo um fantasma?

Levo alguns segundos para perceber quem é: Dan.

Tipo, *Dan, passe-me o martelo.*

— Estou muito viva. — Digo secamente. — O que está fazendo aqui?

— Bem, geralmente trabalho no *Rusty Anchor*, mas trabalho como barman pessoal de Rafe. — Levanta um ombro e sorri. — Ele chama, eu venho.

Eu tenho que cerrar os dentes para evitar um revirar de olhos. Ter um barman pessoal apenas solidifica seu status de idiota mais pretensioso do ano.

Dan começa a descarregar cervejas na geladeira, rindo sozinho. — Não posso acreditar que Rafe a perseguiu com um martelo.

O suspiro de Rory parece quente contra as conchas das minhas orelhas.

— Sim, e não posso acreditar que entregou a ele.

— Ei, o que o chefe quer, o chefe consegue.

— Muito bem, alguém tem que me informar — Rory diz, uma empolgação ofegante em seu tom. — Do que estão falando?

— Ela enganou Rafe, pegando seu relógio no *Blue's Den* em Devil's Cove. Foi *selvagem.*

Os olhos de Rory deslizam para os meus e para o relógio em meu pulso. Para ser honesta, parece ridículo em mim. É muito grande e mesmo no ponto mais apertado, o rosto

desliza constantemente ao redor do meu pulso. Não sei por que continuo tirando-o da cômoda e colocando-o todas as manhãs. Puxo meu braço do balcão e o coloco atrás de mim, me sentindo na defensiva.

— O que quer dizer com enganou? — Sussurra.

— Não *foi enganado.* Jogamos uma partida e ganhei o seu relógio.

— Ganhou o relógio dele — repete, a travessura onisciente preenchendo seu olhar. — E agora está usando-o.

— E agora estou usando-o. — Franzo a testa de volta.

Ela abre a boca e a fecha com a mesma rapidez. Volta a rabiscar em seu bloco de notas, um sorriso malicioso levantando seus lábios.

Click.

O som da porta se abrindo percorre minha espinha. A cabeça de Rory se ergue e, em pânico, pega as cartas de baralho e o bloco de notas no peito e desliza para fora do banquinho. — Tenho que dar um telefonema — murmura, antes de sair pelas portas do terraço.

O olhar confuso de Raphael a segue, antes de voltar para mim. Aliso meu vestido e dou o meu melhor para não parecer afobada. Dan, por outro lado, é tão fácil quanto uma manhã de domingo. — E aí, chefe? O que posso pegar para você?

Raphael continua a me encarar por mais um segundo, antes de deslizar até o bar e dar toda a atenção a Dan. — Dois uísques e uma água que parece uísque. — Passa a mão pelo queixo. — Acho que Kelly andou misturando a sua bebida com a de Benzo de novo.

— Cuidando disso, chefe.

Dan desaparece no depósito, deixando-me sozinha para suportar o peso da atenção de Raphael. É uma loucura que na escuridão de seu carro, no calor de seu calor, ansiasse por seu olhar, mas na luz sóbria do dia, isso me faz querer rastejar sob uma rocha.

Ele olha para o meu peito com uma pitada de desaprovação. — Ainda não tem uniforme novo?

— Laurie disse que chegará amanhã.

Dá um aceno apertado e olha para uma mensagem que aparece na tela de seu celular.

O silêncio nos envolve como uma tempestade, gozei em sua coxa e depois adormeci em seu carro por *mais de seis horas*. Pego um pano e me ocupo em limpar respingos imaginários no bar revestido de carvalho, tentando ignorar a repentina decepção que se aproxima de mim.

Não sei... À luz fria do sol que entra pelas janelas, Raphael exala perfeição corporativa. Barbeado, terno risca de giz, sapatos tão brilhantes que refletem minha expressão taciturna.

Ontem à noite, era um homem totalmente diferente. Encharcado na água da chuva, sua tinta brilhava através de sua camisa como se fossem suas cores verdadeiras. Estar perto *daquele* homem me deu um tipo diferente de emoção. Parecia que ele tinha me contado seu segredinho sujo, mas *esse* homem é o que transmite para todos no mundo. E por alguma razão, não gosto de ser confundida com todo mundo.

Seu telefone se fecha e me olha com as pálpebras semicerradas. — Dormiu bem noite passada?

Uma pergunta simples, mas uma onda de alívio passa por mim tão rápido que me sinto um pouco tonta. Pelo menos sei

que não foi um sonho febril. Claro, não deixo transparecer no meu rosto.

— Eh. Poderia ter sido melhor.

Seus lábios se inclinam. — Sim? Por quê?

— Sem travesseiro e o cobertor era apenas um blazer. Se o seu carro fosse um *AirBnb*, daria uma classificação de quatro estrelas. — Toco meu lábio em pensamento. — Não, três e meio.

— Por que tirou a meia-estrela?

— Ha via também um homem assustador me olhando a noite toda.

Ele dá uma risada linda e crua, e uma corrida me invade sabendo que sou a razão para isso. Quando as linhas de seu rosto voltam ao neutro, procuro sem vergonha. Seus olhos estão vermelhos e olheiras sombreiam a parte inferior deles.

— Grande reunião?

— Hum.

— Parece cansado. Não dormiu?

Ele se inclina sobre o bar, me aquecendo com o calor de seu corpo. Minha respiração é superficial. — Sim — diz suavemente. — Parece que eu estava muito ocupado sendo um homem assustador e encarando uma garota bonita a noite toda.

Meu constrangimento está escrito em todo o meu rosto em diferentes tons de vermelho. Ele solta uma risada e me dá outra piscadela. Cristo, ele é charmoso quando quer. Mesmo sabendo o que está por baixo, pude me ver sendo um pouco enganada.

Dan sai com uma bandeja de uísques e separa ligeiramente um do resto. Raphael bate com o nó do dedo no balcão e fica ereto. — Penelope, traga-os para mim.

E com isso, ele entra pela porta, deixando a ausência de *por favor* em seu rastro.

Dan não diz nada, apenas me observa com os lábios franzidos enquanto desajeitadamente levo a bandeja para a sala.

Lá dentro, o ar está mais denso do que quando entrei pela primeira vez, em parte devido à fumaça de charuto pendurada acima da mesa de centro e em parte por causa das cartas espalhadas em sua superfície.

Imediatamente, reconheço que a disposição é *Visconti Blackjack* que todos jogam aqui, e uma descarga condicionada de adrenalina crepita em meu núcleo. *Vida passada, Penelope. Vida passada.*

Minha vida atual envolve servir os que estão à mesa, em vez de sentar ao seu redor. Coloquei um copo ao lado de Angelo. Seu olhar desliza para o relógio em meu pulso e depois para mim, algo ilegível piscando em suas profundezas. Meu coração dá uma guinada, mas ele não diz nada.

Eu me movo para o lado de Raphael na mesa. Ele não me reconhece, mas ainda assim, meu braço estala quando roça a manga de seu terno. Então, sem uma pausa em sua expressão estoica, sua mão desliza pela parte de trás da minha coxa e chega à bainha da minha saia.

Ele *puxa* para baixo. Sufoco um suspiro. Angelo tira uma carta do sapato e joga na pilha.

Rainha de Copas.

Raphael dobra. Bufa e se acomoda em sua poltrona.

Trêmula com o aperto inesperado na saia, coloquei a bebida do irlandês na mesa um pouco forte demais. Ele estremece, em seguida, se vira para mim com olhos selvagens. Algo quente os inunda, e se mexe no assento para se aproximar.

— Bater ou ficar, Princesa?

Meu queixo treme com o apelido, mas não consigo evitar que meus olhos deslizem para a mesa de qualquer maneira. Apenas uma rápida varredura nas cartas distribuídas me diz que deveria ficar - há muitas cartas de baixo valor jogadas - mas fecho minha boca e esboço um sorriso. — Como saberia? Sou apenas uma princesinha boba.

Sua risada se dissolve em um silêncio denso. Mesmo com os olhos desfocados e um balanço imprudente em seus movimentos, há algo em seu olhar que faz o mal-estar escorrer pela minha espinha como xarope. Eu me movo para me afastar dele, mas ele é mais rápido do que parece. Sua mão dispara e agarra meu pulso.

Três pares de olhos, incluindo os meus, o encaram. Na minha visão periférica, Raphael se inclina para frente, apoiando os antebraços nos joelhos.

— Qual é o seu nome, querida?

Penny. Pense nas gorjetas. — Penny.

Mais uma vez, outra risada. Uma muito alta para uma reunião de três pessoas. — Esse é um nome de muita sorte. Como é aquele ditado mesmo? Encontre uma *moeda*[20] de um centavo, pegue-a, durante todo o dia terá boa sorte? Embora ruivas não tenham muita sorte em barcos, não é?

— Uh-huh — digo secamente, recuando silenciosamente com o velho ditado que assombrou minha infância. Afasto

meu braço, mas sua mão alcança meu colar. Acaricia o pingente de trevo de quatro folhas, com expressão curiosa.

— Kelly — diz Rafe, muito calmo para o conforto.

— Tem a sorte dos irlandeses — Kelly murmura, ignorando a forma como Raphael chama seu nome em um aviso vestido de seda. — Tem algo irlandês em você, querida?

— Não.

— *Gostaria* de ter o irlandês dentro de você?

Raphael está de pé, mas sou mais rápida, me inclinando e sibilando na cara de Kelly. — Se não tirar sua mão de mim agora, vou mordê-la.

Ele me encara por longos e estranhos segundos. Em algum lugar da sala, um relógio bate. O olhar de Raphael escalda minha bochecha. Angelo pigarreia. Eventualmente, com um sorriso comedor de merda rastejando em seus lábios finos, ele me solta, mas não sem uma palavra de despedida. Uma que sei que é destinada apenas aos meus ouvidos.

— Sabia que era você.

Pisco, e então o pavor me atinge. É preguiçoso, penetrando em minhas veias quente e pegajoso, amortecendo meus membros. Ele se acumula em meu peito e diminui minha frequência cardíaca; enche meus pulmões.

Sabia que era você.

Entorpecida, fico de pé em toda a minha altura e olho para Raphael. Ele está equilibrado, mas seus olhos estão em mim, fervendo com raiva não adulterada. Ainda reclinado em sua poltrona, Angelo diz algo em um italiano curto e, com um movimento lento de cabeça, Raphael afunda a contragosto em seu assento.

Caminho em direção ao bar, nadando em palavras cheias de arrogância e diversão. — Estava brincando — ouço atrás de mim. — Mas que tal aumentarmos um pouco essas apostas...

Bato a porta com o calcanhar do meu pé e pressiono minhas costas contra ela. Rory não está à vista, mas do outro lado do bar, Dan para de torcer um pano em um copo e ergue uma sobrancelha para mim. — Kelly é tão ruim assim?

Quando balanço minha cabeça, as palavras *sabia que era você* chocalham nela. Eu não o reconheço, mas mesmo em seu estado fodido, parecia que me reconheceu. A menos que eu tenha imaginado? Ele disse isso tão baixinho, tão *arrastado,* que poderia ter dito qualquer coisa, mas há uma observação mesquinha que torna suas palavras impossíveis de descartar.

Ele é irlandês. Martin O'Hare é irlandês.

Não. Seria *muito* azar da minha parte. Não é?

Com os nervos correndo pelo meu corpo como um trem de carga, aceno e concordo em todos os lugares certos enquanto Dan me mostra o coquetel exclusivo da semana - martini de maracujá - e divaga sobre os lanches no refeitório da tripulação: bagels salmão e creme de queijo.

Não dou a mínima para coquetéis ou comida, e minhas bochechas doem de segurar um sorriso de plástico.

Quando o telefone toca atrás do bar, salto assustada.

— Sim? — Respiro na linha.

A voz de Raphael vem suave e sombria. — Diga a Dan para trazer água, sem gelo. — Faz uma pausa. — Penelope? — Aperto o receptor com mais força, meus ombros se preparando para o impacto. — Dan. Você não.

Ele desliga.

— Aquele era o chefe? — Dan pergunta, tom muito animado para o meu estado exausto.

Concordo com a cabeça, lutando por um copo e enchendo-o com água. Por que Dan? Por que não eu? Cristo, estou com água na boca de suspense. Talvez eu o reconheça, e simplesmente não estava olhando para ele direito.

Só há uma maneira de descobrir.

Deslizo a água em uma bandeja e entro no *sky lounge*. Agora, o ar está pesado por causa de algo diferente de fumaça de charuto e competição despreocupada. Meu olhar varre a parte de trás da cabeça de Kelly para a expressão de pedra de Angelo, então trava em Raphael. Seus olhos fervem com uma fria fúria verde que sugere que estou na merda por desobedecer ao seu pedido, mas agora, não me importo. Coloco o copo ao lado de Kelly na mesa e olho para seu perfil.

Não, definitivamente não o reconheço.

Ele rola a cabeça no pescoço para me dar um sorriso bajulador. — Aceitaria, Princesa?

Pestanejo. Mudo meu olhar para as cartas na sua frente. Está jogando a última mão do jogo; há uma pilha de cartas descartadas na mesa e apenas uma carta no sapato.

Não sei por que sai da minha boca. Talvez seja porque quero mantê-lo me olhando por mais tempo, para que possa realmente estudar seu rosto e ver se o reconheço, ou talvez seja porque sou uma idiota de merda.

— Depende se está jogando o Ás como uma carta de valor alto ou baixo — sussurro.

Um segundo passa como a batida de um tambor.

Raphael esfrega a ponta do nariz. Angelo solta um suspiro lento. E a risada retumbante de Kelly reverbera no meu peito. — Combinado.

Olhando cautelosamente para Raphael, Angelo arranca a última carta do sapato e a joga sobre a mesa.

Ás de Espadas.

Está tão quieto que posso ouvir o tique-taque do *Breitling* de Raphael em meu pulso. O zumbido do liquidificador do outro lado da porta. Como Dan pode fazer martinis de maracujá em um momento como este?

Olho para Raphael em busca de uma resposta, o que é estúpido, porque nem sei a pergunta. Com a cabeça caída entre as omoplatas, arrasta lentamente o olhar para mim, e não gosto do que vejo nele. É suave. Em desacordo com a tensão sufocante pressionando contra as quatro paredes da sala. Quando cai no pingente em volta do meu pescoço, endurece com determinação.

— Penelope.

— Sim? — Sussurro de volta.

— Diga-me como está o tempo hoje.

Pisco. Não poderia cortar o ar aqui mesmo se tivesse uma faca obsidiana, e ele está preocupado com o tempo? — O quê?

Como se tentasse transmitir algo calmante com os olhos, acena para as portas francesas atrás de mim. — Olhe pela janela e me diga como está o tempo.

Depois de um segundo ofegante, faço o que ele disse. Meu andar é desajeitado enquanto me dirijo ao vidro e pressiono uma mão suada contra sua superfície fria.

Engulo. — Bem, uh. Está nublado, mas acho que não vai...

Minha previsão é cortada ao meio por um som que eu reconheceria em qualquer lugar. É um som que já ouvi antes, *duas vezes,* pois tirou a vida de ambos os pais falecidos.

Bang.

O tiro reverbera nas paredes e ecoa em meus ouvidos. Tudo para - minhas palavras, o tempo, meu pulso.

— Penelope? — Agarro-me à tranquilidade da voz de Raphael como uma tábua de salvação. — Não se vire. Basta abrir a porta e dar um passeio.

Sigo a voz calma. Abro a porta com os dedos trêmulos e saio.

Inspiro uma lufada de vento gelado e inclino minha cabeça para o céu.

Sabe, talvez chova hoje afinal.

25

Penny

O vento é tão cruel quanto frio, carregando minhas memórias mais dolorosas do litoral, sobre o Pacífico, e me esbofeteando com elas. As lembranças mais desagradáveis são sempre as mais viscerais. Aquelas que não apenas vê, mas também sente. O estrondo de garrafas de uísque quebrando e o fedor nocivo de bebida subindo dos ladrilhos sujos da cozinha. O sangue da minha mãe, vermelho e quente, cobrindo a parte de trás das minhas coxas. Os gritos do meu pai, tão *guturais,* enquanto clamava a um Deus que fechava os olhos. O assobio de uma câmara de tiro girando, aço contra minha têmpora, e a ausência do terceiro *estrondo* que nunca veio.

Quando saí do *sky lounge*, o pânico me perseguiu pelo convés lateral e minha caminhada se transformou em uma corrida. Corri até que o convés afunilou na água. Agora, sem ter para onde ir, estou segurando o corrimão da plataforma de natação, me perguntando se a corrente é tão perigosa quanto parece. Meus pulmões se apertam a cada respiração que não consigo respirar, e os pontos negros em minha visão dançam sob as nuvens cinzentas como pássaros voando baixo.

O calor roça minhas costas e as mãos pousam em cada lado das minhas, me prendendo.

— Respire.

Meu olhar cai do céu para as mãos. Olho da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, imaginando qual deles puxou o gatilho.

— Eu...

Lábios macios na minha nuca me cortaram. — Isso é falar, não respirar.

Inalo o ar gelado pelo nariz, estremecendo enquanto queima as paredes dos meus pulmões. Quando o libero, mancha o céu sombrio como uma pincelada trêmula.

— Boa menina — Raphael diz gentilmente. — De novo.

A calma em sua voz é enervante. Um forte contraste com o calor de seu peito e com o ato de violência que cometeu há menos de três minutos. Um corpo jaz morto no convés acima, e tudo o que ele pode fazer é me dizer para respirar?

Enquanto arfo com minha próxima respiração, sua mão escorrega do corrimão e fica espalmada contra meu estômago. É quente e estupidamente reconfortante, e quando desliza o polegar para cima e para baixo, acariciando o mesmo centímetro de tecido repetidamente, inspiro e expiro no mesmo ritmo.

— Você me disse que sua arma era falsa — resmungo amargamente.

— Eu menti.

— Pensei que fosse um cavalheiro. Mentiu sobre isso também?

Ele se aproxima, levando meu corpo com o dele, até que minha costela inferior pressiona contra o corrimão. Sem dizer uma palavra, pega todo o meu cabelo balançando ao vento e o enrola em um coque na base do meu pescoço. Usa-o como um *joystick*, puxando-o gentilmente até que minha cabeça encoste em seu peito.

— Só porque sou um cavalheiro, Penelope, nem sempre significa que sou um homem gentil.

Meu aperto aumenta no corrimão, meu coração gaguejando em uma batida fora de ordem. — Foi a primeira vez que…

Seu estômago se flexiona contra minha coluna. — Não.

— E vai…

— Suponho que sim.

Não consigo evitar que um suspiro estrangulado escape. — É um psicopata; sabe disso?

Sua risada sem humor toca o pulso em minha garganta. — O que te faz pensar isso?

Fecho meus olhos, aprimorando o som de seu batimento cardíaco. — Seu coração nem está batendo rápido.

— Sou um *made man*, Penelope. Acabamos por ser construídos dessa maneira. — Sua mão sai do corrimão e envolve ao meu redor, puxando-me mais fundo em seu calor. Devo estar realmente traumatizada para não afastá-lo. — É sempre horrível a primeira vez que se ouve um tiro.

Minha respiração sardônica é amarga e tingida com descrença. — Sim, mas não é a primeira vez. Nem mesmo a segunda.

— *Paintball* na adolescência não conta.

Sei que ele está tentando me distrair do zumbido em meus ouvidos, mas seu tom paternalista acende uma centelha de aborrecimento. Talvez seja por isso que o deixei entrar em minhas memórias, ou talvez o pânico embaçando minha visão também embaça meu julgamento. Olho para os nós dos meus dedos no corrimão, azuis por causa do frio e brancos pela força do meu aperto. Respiro fundo e deixo o vento levar minha história.

— Eu estava lá quando meus pais foram mortos. — Digo isso em uma voz apressada e murmurada. — Dois homens em *balaclavas*. Poderiam ser qualquer um. Meus pais eram alcoólatras e os alcoólatras têm tendência a irritar as pessoas. Entraram pela janela aberta da sala e mataram os dois a tiros. Minha se foi levemente; estava dormindo, desmaiada na mesa da cozinha depois de uma longa noite chorando ao som de baladas poderosas de *Whitney Houston*, então duvido que tenha sentido alguma coisa. Meu pai porém; teve um fim desagradável. Acordou do coma induzido pelo uísque apenas o tempo suficiente para ver o cano de uma arma e sair correndo pela porta do jardim.

Engulo o nó grosso em minha garganta e deslizo meus olhos para o céu. — Eu tinha ouvido o tiro que matou minha mãe, mas pensei que fosse parte de um sonho. Só acordei direito quando ouvi os gritos de meu pai flutuando escada acima. Uma risada amarga escapa dos meus lábios. — Gostaria de ter ficado no meu quarto, porque os homens de *balaclava* nem sabiam que eu existia até que apareci na porta da cozinha e comecei a gritar. Um arrastou meu pai para o jardim e atirou nele como se fosse um cão raivoso, e o outro me prendeu entre a geladeira e a máquina de lavar e me disse que haviam sido instruídos a não deixar nenhuma testemunha para trás.

Uma lágrima solitária esculpe uma trilha quente em minha bochecha. Não me mexo para enxugá-la, porque Raphael perceberia que estava lá. Em vez disso, pisco *com força* e rezo para que outra não caia. — Ele colocou a arma na minha têmpora e me disse para fechar os olhos e contar até dez. Quando eu era mais jovem, tive um médico que usava o mesmo truque para administrar vacinas, então eu sabia qual era o seu plano. Provavelmente me deixaria chegar a, tipo, quatro ou cinco, e puxar o gatilho para que eu não visse o que estava acontecendo. — Meus dedos deslizam para o meu

colar, e corro para cima e para baixo na corrente, assim como também fiz naquela noite. — Ele só me deixou chegar às oito. — Aperto meus olhos fechados, lembrando o *click* que se seguiu ao número saindo de meus lábios. — A arma emperrou. E sabe o que ele me disse? Que eu não sabia o quão sortuda era, que eu era...

— Uma em um milhão — Raphael murmura em meu cabelo, o corpo ficando rígido atrás de mim. — É por isso que não gosta de raios, porque ser atingido é outra possibilidade em um milhão.

Corro minha língua sobre meus dentes, dando um pequeno aceno de cabeça. — Sei que é irracional e egoísta, mas se pode acontecer uma vez, pode acontecer de novo.

Apesar do silêncio girando com o vento, minha respiração sai estável pela primeira vez desde que ouvi o tiro. Acho que falar sobre as coisas realmente ajuda. Mesmo se estiver falando com um assassino vestido de veludo. A sensação de seu peito quente se expandindo e se contraindo contra minhas costas me atrai para uma falsa sensação de segurança: não estou esperando isso quando sua mão desliza para cima do meu estômago, sobre meus seios e toca meu colar. — É por isso que acha que tem tanta sorte.

Meu coração bate duas vezes sob seu toque. — Uma das razões. — Sussurro de volta.

— Diga-me as outras.

Abro a boca, mas a fecho com a mesma rapidez. Enquanto o fantasma de mãos puxando meu vestido me agarra, decido ficar em silêncio. Em vez disso, tento escapar de seu alcance e opto por uma resposta que colocará o mundo em ordem novamente.

— Bem, venci você em absolutamente todos os jogos, por exemplo.

Sua mão desliza primeiro para fora do meu colar, então sua outra mão gentilmente desenrola meu cabelo. Sentindo-o cair em cascata pelas minhas costas, engulo e me atrevo a me virar e olhar para ele. Seu olhar procura o meu, piscando com diversão seca. Alívio tinge minha pele; se eu tivesse me virado e visto simpatia em seu olhar, teria que arrancar meus olhos.

Ele me encara por um tempo longo demais, antes que o ronco de um motor desvie nossa atenção para o Pacífico. Sob nuvens carregadas, uma elegante lancha preta corta a água em um ritmo ridículo. Há uma figura solitária atrás do volante, todas as linhas largas, grandes músculos e óculos de sol espelhados. Pouco antes de a proa tocar a plataforma de mergulho, dirige bruscamente, puxando a embarcação para o lado do iate no último segundo.

Raphael franze a testa. — Cuidado com a pintura, idiota.

Gabriel Visconti tira os óculos escuros, revelando um olhar de pedra e uma cicatriz tão feia que me dá um nó na garganta. Amarra a corda ao poste da plataforma em silêncio pesado. Meu olhar cai para sua camiseta preta justa - *em dezembro* - e toda a tinta que escorre por baixo dela.

Ele pula na plataforma e para ao lado de seu irmão. Vira-se para olhar para mim, então olha para o meu colar pelo que parece tão longo que meus dedos se contorcem para arrancá-lo e entregá-lo a ele.

— A pintura é a menor das suas preocupações, meu irmão.

O iate balança mais do que o normal quando sobe os degraus de dois em dois e desaparece de vista. Um arrepio percorre minha espinha. Se Angelo é o esboço tosco e Rafael é o retrato final e limpo, Gabriel é o demônio que vive nos pesadelos do artista.

Soltando um bufo, Raphael volta sua atenção para mim. Seus olhos se suavizam para algo mais caloroso enquanto procuram minhas feições. Eu me afasto de um arrepio por um motivo diferente quando sua mão segura meu queixo e seu polegar traça a curva da minha bochecha.

— Sem chorar.

Minha próxima respiração roça nas costas de sua mão, mais rasa que a anterior. Esta é a mesma mão que acabou de puxar um gatilho e acabar com uma vida. Então, por que é tão bom na minha pele?

Minha mandíbula se flexiona contra a palma da mão em uma tentativa de recuperar o equilíbrio. — Por que se importa se eu chorar?

Rasteja seu polegar enquanto desce, passando pelo meu lábio inferior e ao longo do meu queixo. Ele me agarra lá por um momento, arrependimento cobrindo suas feições.

— Porque ontem à noite, eu a vi rir.

26

Penny

O som de um tiro se apega ao meu corpo como uma aura nervosa enquanto observo Matt bater no topo da minha televisão antiga com o punho. *De novo.* Parece que a terceira vez é um charme, porque a imagem granulada entra em foco e a abertura musical de *Pitch Perfect*[21] estala nos alto-falantes.

Ele se senta ao meu lado no sofá e olha para o meu perfil. Enfio um punhado de pipoca na boca para abafar meu suspiro. *Aqui vamos nós.*

— Quantos banheiros têm?

— Não sei, Matt. Só fiz xixi em um.

— Sim, mas se tivesse que arriscar um palpite?

Meus olhos rolam sobre as rachaduras no meu teto enquanto Matt começa a contar os possíveis lavabos, banheiros e chuveiros que viriam com uma casa de dez quartos. Está falando sobre a mansão de Angelo e Rory, é claro. Não parou de perguntar sobre isso desde que eu lhe disse que passei a noite lá, jogando vinte-e-um, comendo doces e assistindo *Romy e Michelle*[22] com Rory. Pelo menos os banheiros são um tópico de conversa mais seguro do que o motivo de eu estar lá em primeiro lugar: porque tinha acabado de ouvir um homem cair no chão como um saco de batatas depois de ser baleado, e não estava em condições de terminar meu turno.

Matt é como um *Golden Retriever*, todo cabelo loiro desgrenhado e sorrisos felizes. Não quero entorpecer seu rabo

abanando com argumentos negativos, como assassinatos e o fato de Anna nem se lembrar do seu nome, muito menos querer sair com ele.

Viu algum dos carros na garagem?

Eles têm uma daquelas torneiras de água quente sofisticadas?

Que tal um quarto do pânico? Devem ter um quarto do pânico.

As perguntas de Matt ficam cada vez mais raras, até que olho para ele e percebo que está dormindo profundamente, a tigela de pipoca equilibrando-se precariamente em seu colo.

Com um zumbido inquieto no sangue, observo as luzes brilhantes piscando na televisão e iluminando as paredes do quarto escuro até os créditos rolarem. É quase uma da manhã quando desligo a televisão e, apesar do rock vibrando na parede atrás de mim, está estranhamente silenciosa. Silenciosa demais para uma mente maníaca.

Sabia que era você.

Bang.

Sabia que era você.

Bang.

Os eventos da tarde se repetem em meu cérebro, e cada vez que o tiro me atinge por dentro, fico cada vez mais tensa. Aquele homem sabia quem eu era e, embora agora esteja em um saco para cadáveres em algum lugar, tenho a terrível sensação de que meu segredo não morreu com ele.

Martin O'Hare pode estar a caminho de Coast *agora.*

Olhando para a parede, passo o pingente de trevo de quatro folhas para cima e para baixo em sua corrente, mas

isso pouco ajuda a acalmar meus nervos. Não sei dizer se de repente sou a garota mais azarada do mundo, porque meu passado me alcançou na terceira cidade mais tranquila dos Estados Unidos, ou a mais sortuda, porque Raphael matou o irmão de Martin a tiros por um motivo não relacionado.

Independentemente disso, deveria correr. Pegar todo o dinheiro que está na gaveta de cima da minha cômoda e atravessar a fronteira para o Canadá. Voltei a Coast para escapar dos meus pecados, mas estou começando a pensar que tudo o que fiz foi me rebaixar a um círculo inferior do inferno.

Quando fecho meus olhos, o fantasma das palavras calmantes de Raphael contra meu ouvido e sua mão quente contra meu estômago me fazem sentir um calafrio.

A pior parte? Acho que gosto daqui.

Uma luz laranja ilumina atrás das minhas pálpebras, e as abro confusa. Alguns segundos se passam antes que a sala se ilumine novamente com dois flashes em rápida sucessão.

Que porra?

Prendendo a respiração, deslizo do sofá e espio pela janela. Um familiar *G-Wagon* está estacionado ao acaso do outro lado da rua, seus faróis apontando para minha janela. No momento em que abro a cortina, piscam novamente.

Oh, inferno, não. O que Raphael está fazendo aqui?

Meu coração está batendo mais rápido quando me afasto da janela. De jeito nenhum entrarei no carro daquele homem, apesar do desejo profundo e sombrio de sentir suas mãos em meu corpo novamente. Ele acabou de matar um homem por perder um jogo de *blackjack*. Dirigir com ele noite adentro estaria entre as três coisas mais idiotas que já fiz. E fiz *um monte* de coisas estúpidas.

Meu celular vibra na mesa de centro, me fazendo pular. É uma mensagem de um número desconhecido.

Dez.

Olho para o texto em descrença. Outro passa.

Nove.

E depois outro.

Oito.

Não sou um homem paciente, Penelope.

As vibrações sacodem o vidro, e fico olhando, impotente, enquanto as mensagens de texto fazem a contagem regressiva como uma bomba-relógio.

Um.

Aperto meus olhos fechados. Silêncio.

E então a buzina mais alta que já ouvi atravessa o vidro e enche minha sala de estar.

— Foda-se — grito, batendo minhas mãos em meus ouvidos.

Matt se levanta rapidamente, espalhando pipoca no chão. — Que porra é essa?

Um idiota com delírios de grandeza. O barulho é implacável, e sei que Raphael é mesquinho o suficiente para continuar tocando a buzina até eu descer. Murmurando algo sobre estar de volta, corro pelo corredor, pegando minhas chaves e enfiando meus pés nos tênis enquanto caminho. No andar de baixo, saio para a rua gelada, escancaro a porta do lado do motorista e grito para a escuridão dentro do carro.

— Pare! Jesus Cristo, pare!

Raphael é a definição do dicionário de imperturbável. Toca a buzina com uma mão, a manga arregaçada até o cotovelo e percorre os e-mails em seu celular com a outra. Seus olhos se erguem da tela e me fixam com um olhar de indiferença.

— Diga por favor.

— Sobre meus mortos...

— Isso não soa como por favor.

Estimulada por uma mistura de frustração e teimosia, entro no carro e luto com seu antebraço tatuado. — Pelo amor de Deus, tenho vizinhos...

Meu discurso é cortado ao meio quando joga o celular no banco do passageiro, desliza o braço em volta das minhas coxas e me arrasta para seu colo em um movimento rápido. Vestindo apenas shorts, minha pele estala em antecipação enquanto desliza contra o tecido de lã macio de suas calças.

Seu braço se prende em volta da minha cintura como um cinto de segurança e o grito da buzina diminui, como se agora estivesse ouvindo debaixo d'água. Estou muito distraída com o peso duro e quente de seu peito contra minhas costas e o cheiro quente e masculino que me envolve. É uma combinação perigosa que faz com que as luzes da rua pelo para-brisa fiquem turvas.

Sua respiração desliza sobre a minha nuca. — Diga por favor, Penelope.

— Por favor — sussurro.

— Não consigo ouvi-la.

A irritação me traz de volta à realidade. Giro e engancho meus dedos sobre a corrente de seu colarinho.

— *Por favor* — bramo.

Nossos olhares se chocam. Enquanto sua mão desliza para fora da buzina e roça o lado da minha coxa, a diversão dançando em seus olhos se transforma em algo mais quente.

Seu sorriso desaparece de seu rosto e, de repente, o silêncio que estava implorando é muito alto.

— Veja — diz suavemente. — Não foi tão difícil, foi?

Com o coração martelando em sintonia com a pulsação recém-despertada em meu clitóris, luto para sair de seu colo e sentar no banco do passageiro.

— Deus, esse som era irritante — resmungo, olhando para meus vizinhos saindo de suas portas e esticando o pescoço rua abaixo.

— Engraçado, penso a mesma coisa toda vez que abre a boca.

— Você me arrastou até aqui só para me irritar?

Engatando a marcha e, com um giro completo do volante, estamos dirigindo na direção oposta pela *Main Street*.

— Não — diz alegremente. — De acordo com meus advogados, como seu chefe, tenho o dever de cuidar para garantir que não apresente sintomas de choque ou trauma.

— Merda.

— É verdade.

— E esses sintomas são?

O canto de seus lábios se inclina. — Irritabilidade. Perda de apetite.

— Estou irritada, com certeza.

Estende a mão para o assento atrás dele. Joga um saco de fast-food no meu colo. — E seu apetite?

Encaro o saco por alguns segundos, meus punhos cerrados ao meu lado. Quando finalmente o abro e vejo meu pedido regular da lanchonete, algo quente e indesejado se acumula na boca do estômago.

Ele lembrou.

Limpo minha garganta, ficando quente. — Está realmente verificando os sintomas ou isso é apenas uma desculpa para sair comigo?

— Sou eu tentando evitar um processo, querida.

Meu olhar o encontra. Está olhando para a frente, distraído. Por um momento, não tenho tanta certeza de que ele esteja mentindo.

— Bem, estaria aberta a um acordo fora do tribunal para uma compensação em dinheiro.

Sua risada floresce em meu peito, e quando olha para o relógio em meu pulso, algo suave passa por suas feições. — Aposto que faria.

Dirigimos em silêncio inquieto até chegarmos ao topo do penhasco. Raphael estaciona nas sombras da velha igreja e liga o aquecedor. Meus nervos só aumentam quando quatro conjuntos de faróis passam pela janela traseira.

— Estamos sendo seguidos — ofego, me virando para espiar entre os encostos de cabeça dos carros atrás de nós.

Uma mão quente desliza sobre minhas coxas nuas e todos os pensamentos coerentes se dissolvem. Cristo, por que não tive o bom senso de vestir uma roupa antes de sair voando do apartamento? — Relaxe, são apenas meus homens.

Seu aperto é inabalável. Voltando-me, concentro-me no que está acontecendo do outro lado do para-brisa. Galhos de árvores tremendo ao vento. Nuvens finas deslizando na frente

da lua. Qualquer coisa para me distrair do dedo mindinho muito perto da costura interna do meu short.

— Não estavam seguindo-a da última vez que me arrastou para dentro do carro.

O silêncio aumenta entre nós, então os dedos de Raphael passam pela curva da minha perna e param no console central. Quando fala, sua voz é inexpressiva. Quase dura. — Coma sua comida, Penelope.

Minha cabeça está girando rápido demais para fazer qualquer coisa além de ouvir. Sob intenso escrutínio, desembrulho o hambúrguer e dou uma mordida. O carro se enche com o som da minha mastigação e a energia nervosa zumbindo em meus ouvidos. Quando darei outra mordida, uma mão grande aperta meu pulso e me impede.

Meus olhos se erguem para Raphael. Sem interromper meu olhar, ele abaixa a cabeça e dá uma mordida grande e lenta no meu hambúrguer. *Cristo.* Meus dedos dos pés se enrolam em meus tênis e meu sangue queima alguns graus mais quente. Um pequeno silvo de ar escapa dos meus lábios, junto com uma pergunta que não sabia que precisava da resposta.

— O que apostou?

Ele lambe o sal do lábio inferior, os olhos escurecendo com algo que me dá nos nervos. — Algo que não queria desistir.

Minha respiração fica mais curta à medida que levanta meu *milk-shake* do porta-copos do console central. Toma um gole, então seu braço roça o meu enquanto inclina a bebida para mim. Engolindo em seco, me aproximo, fechando a distância entre nós, e coloco meus lábios onde os dele estavam.

Sua próxima respiração roça a ponta do meu nariz, e Cristo, *milk-shake* de chocolate nunca teve um sabor tão doce.

— Por que apostou então? — Sussurro. Minha voz está tão baixa, tão tensa, que se minha testa não estivesse quase tocando a dele, duvido que a ouviria com meu coração batendo forte.

Diversão amarga passa por suas feições. — Porque esperava não ser tão... *sentimental* sobre isso.

Seu olhar tem garras e cavam em minha pele. É muito intenso, muito pensativo, e a maneira como faz meus pulmões se contraírem vai contra tudo o que acredito sobre os homens. Quando me inclino para trás para inspirar o ar que não está contaminado por ele, há um lampejo de verde e uma mão forte agarra minha nuca, me mantendo no lugar.

— O quê...?

— Está nervosa.

Procuro sua expressão estoica em estado de choque. — N-não, não estou.

— É uma péssima mentirosa, Penelope.

Solto um suspiro trêmulo, reunindo toda a compostura que consigo. Tento mantê-la leve. — E você é um péssimo jogador de blackjack.

Seu olhar faísca preto. Os segundos passam, mas parecem minutos. Eventualmente, seus dedos deslizam do meu pescoço e coloca distância entre nós. Tirando uma ficha de pôquer do bolso, a joga entre o polegar e o indicador enquanto olha pelo para-brisa.

— Parece que sou ruim em tudo hoje em dia.

O ar mudou dentro das quatro paredes deste carro tão rápido que me deu uma chicotada. Passamos da tensão sexual e da partilha de comida para algo que me deixa arrepiada. Quando a voz sedosa de Raphael rompe a tensão, meus ombros se contraem.

— Kelly parecia saber quem você era. Já se encontraram antes?

Sinto-me doente. — Não.

— Estranho, porque seu irmão Martin é dono do bar e cassino Hurricane em que trabalhava.

Merda. Merda, merda, merda.

As palavras *sabia que era você* piscam contra o painel, e parece que alguém apertou um cinto em volta dos meus pulmões. É preciso toda a disciplina para impedir que meu rosto mostre meu pânico.

— Que coincidência.

— Quer saber o que mais é uma coincidência?

— Não — respiro.

Ele me diz de qualquer maneira. — Aquele cassino pegou fogo na quarta-feira e você apareceu em Coast com uma mala na quinta-feira.

Sabia que estava chegando, mas ainda recuo com o golpe. Sangue lateja em minhas têmporas e minha visão escurece nas bordas; está se tornando quase impossível manter minha cara de pôquer.

— Olhe para mim, Penelope. — Estupidamente, olho. Imediatamente gostaria de não ter feito isso, porque não há um pingo de cavalheiro suavizando suas feições. Nem afeta

seu tom quando faz sua próxima pergunta. — O. Que. Você. Fez?

Meus olhos costumam revelar meu próximo movimento, então, desta vez, não olho para a maçaneta da porta antes de puxá-la, sair e fugir correndo.

O pavimento escorregadio se transforma em folhas congeladas e o vento ruge em meus ouvidos. Estou correndo para a escuridão e não sei aonde leva. Parece ser isso que faço quando me deparo com as consequências de minhas ações impulsivas.

Fujo sem um plano.

A lua desaparece atrás dos galhos acima, e quando o silêncio entre os troncos das árvores ecoa mais alto do que meu coração batendo forte, desacelero até parar. Quando dou uma volta completa em uma clareira apertada, o peso de outra decisão idiota pesa sobre meus ombros.

Porra. Por que corri para a Devil's Preserve?

Está frio. Agora que parei de correr, o frio de dezembro belisca minhas pernas e braços e faz meus ossos estremecerem. Dou um passo na direção de onde acho que vim e meu pé fica preso em uma raiz, rolando meu tornozelo embaixo de mim.

— Foda-se — assobio para a escuridão. Quando me inclino para esfregá-lo, o silêncio é interrompido por algo que me arrepia os cabelos da nuca.

O *estalo* de um galho sob os pés.

A presença de Raphael rasteja pela minha espinha antes mesmo que pronuncie uma palavra. Antes de ele agarrar minha cintura e me empurrar contra uma árvore.

Dá um passo à frente, me bloqueando. — Incendiou o cassino de Martin O'Hare, Penelope?

Meu batimento cardíaco pisca como uma chama; parte de mim agradece por seu calor, e a outra parte sabe que será a última vez que o sentirei.

Não quero dizer a verdade a ele, e não apenas porque estou com medo do olhar em seus olhos. Ele já sabe demais; estalei como a porra de um ovo na plataforma de natação hoje, meu trauma de infância saindo de mim como uma gema. Parece que cada pedaço meu que dou a ele é outro pedaço que não posso recuperar. Uma peça atrás da qual não posso me esconder. O que farei: ficar aqui, crua, vulnerável e sentimental *pra* caralho *na* frente de um homem? Um homem que nem gosto? Quem não gosta de mim?

Minha resposta não vem rápido o suficiente, porque sua mão dispara e envolve minha garganta, me empurrando para trás até que meus ombros raspem a casca áspera atrás de mim. Engulo um silvo e cerro meus punhos congelados ao meu lado.

— Precisarei de uma resposta, Penelope — diz, parecendo entediado.

Os planos largos de seu corpo borram na escuridão atrás dele, fazendo-o parecer maior – mais assustador. Não deveria ficar sozinha com um homem como ele, e o vazio negro que existe atrás de sua íris me diz que ele concorda.

Com uma respiração impaciente, seu polegar pressiona mais forte contra o meu pulso. — Ateou fogo no cassino dele? — A possibilidade muito real de morrer pisca por trás das minhas pálpebras e me obriga a acenar com a cabeça.

Seu estômago tensiona contra o meu. — Por que?

Aqui vou eu, quebrando como aquele ovo de novo. Flexionando minha garganta em seu aperto forte, digo a ele.

— Quando um novo cassino foi inaugurado na cidade, não fazia ideia de que era administrado pela porra da *máfia irlandesa* — resmungo. — Nem sabia quem era Martin O'Hare; tudo o que eu estava pensando eram todos os alvos frescos. Bem, uma noite, ele me pegou…

Minhas palavras falham. — Roubando. — Raphael termina para mim, o olhar brilhando em preto.

Contagem de cartas, na verdade, mas tenho a sensação de que dizer ao dono do cassino mais prolífico de Las Vegas que contar cartas, estando sozinha na floresta com ele, seria uma ideia muito estúpida. Em vez disso, aceno. — Ele me disse para sair da cidade e nunca mais voltar.

Seu olhar se estreita. — Mas por que o fogo? Por que simplesmente não foi embora?

Olhamos um para o outro. — Porque quando Martin O'Hare me encurralou no beco do lado de fora do cassino, fez a mesma coisa que você está fazendo comigo agora.

Quando O'Hare colocou as mãos em volta da minha garganta, isso me lembrou de quando tinha dez anos, parada no beco de outro cassino, com outro homem segurando forte. Embora não tivesse o mesmo final horrível, estava *amarga.* Tão amargurada que tomei a decisão impulsiva de acender uma garrafa de vodca do lado de fora do cassino enquanto esperava o ônibus para fora da cidade do outro lado da rua.

Três batimentos cardíacos gaguejantes se passam. Nesse momento, a confusão varre como uma sombra a expressão de Raphael, então seu olhar cai para a mão em volta da minha garganta. Desliza até a minha clavícula e se fecha em um punho ao seu lado.

— É uma garota morta andando, Penelope.

Deixei escapar um suspiro trêmulo, um sussurro de desafio rolando por mim. Não porque acredite que tenho sorte o suficiente para escapar da morte duas vezes na vida - inferno, não tenho mais certeza se tenho mais sorte - mas porque a imagem de meu pai se enrolando em posição fetal antes de ser morto foi gravado em minhas retinas nos últimos sete anos.

Que maneira embaraçosa de ir. Desde então, jurei que, quando a morte me encontrasse, a cumprimentaria com a coluna ereta e um olhar fixo.

Inclino meu queixo para cima. — Não quero jogar esta noite. Se vai me matar, apenas faça isso.

Meus dentes batem. Galhos chicoteiam ao vento acima de nossas cabeças. Eventualmente, Raphael passa o polegar sobre o lábio e arrasta o olhar para o céu escurecido.

— Agora, onde estaria a diversão nisso?

O quê?

Antes que possa responder, ele se inclina e envolve um braço em volta da minha cintura. Meus pés saem do chão enquanto me joga por cima do ombro. O sangue corre para a minha cabeça e minhas coxas formigam em expectativa perversa sob o calor de sua palma logo abaixo da curva da minha bunda. Não poderia ter corrido muito, porque menos de um minuto se passa antes que o luar atravesse o solo lamacento e o carro esteja à vista.

Ele me deixa na porta do passageiro e a abre. — Entre.

Minha boca abre e fecha novamente. Pego o olhar de um de seus lacaios fumando contra um sedã do outro lado da estrada. Sopra fumaça contra o céu negro e dá de ombros.

— Onde estamos...

— Entre antes que eu mude de ideia sobre matá-la, Penelope.

Não tenho que ser perguntada duas vezes. O calor sai do painel e escalda meus membros enquanto deslizo para o banco do passageiro. A porta de Raphael bate com mais força do que o necessário, e estamos saindo do asfalto congelado antes mesmo que possa colocar o cinto de segurança.

Estou confusa, rastejando de constrangimento e estupefata até o âmago. Continuo olhando para Raphael, mas a expressão esculpida em seu rosto é tão ilegível que não sei dizer se é melhor pedir desculpas ou contar uma piada.

Eu me contento em me afogar no silêncio. Mexo no rádio.

Procuro batatas fritas descartadas na lateral do assento.

Quando começo a rabiscar na condensação na janela do lado do passageiro, o carro para abruptamente. Meu coração avança junto com meu corpo e, quando me viro para encarar Raphael, me agarra pela nuca e levanta minhas costas do assento. Quando me larga de novo, há algo macio sob minha cabeça.

Um travesseiro.

Inexpressivo, enfia a mão no banco de trás novamente e pega um cobertor. Ele o joga sobre minha cabeça e o motor volta a funcionar.

— Vá dormir.

— Mas...

— Mas nada, Penelope. Esqueça Martin O'Hare; ele agora é meu problema.

27

Rafe

Whiskey Under The Rocks, *Devil's Hollow*.

Meu jogo de pôquer mensal está em pleno andamento. Na superfície, o bar da caverna vibra com diversão, e a emoção do Natal chegando adiciona um toque elétrico à noite. Entre as árvores de Natal que se espalham por todas as alcovas, as bebidas correm pelos bares e os dados rolam pelas mesas. Por baixo, a tensão ferve como uma corrente perigosa.

Depois de alguns telefonemas, meus clientes VIP estavam de volta à noite, mas Tor não apareceu. Sabia que ele não apareceria, mas passar uma dessas noites sem ele parece um buraco do tamanho de uma bala no meu peito. E depois há a questão irritante de Angelo atirando adagas nos olhos da mesa de roleta. Ele nem joga roleta, mas ainda está chateado comigo por colocar um boné na cabeça de Kelly O'Hare ontem. Nem mesmo porque não quer que sua esposa sádica seja exposta a mais violência, mas porque agora dei a Gabe uma desculpa para se concentrar em algo mais emocionante do que amarrar os cigarros dos associados de Dante com cianeto: começar uma guerra com os irlandeses..

— Hum, está bem. Bater, acho? Sim, definitivamente acertado.

Falando da esposa sádica de Angelo, Rory se senta do outro lado de Gabe, resmungando baixinho. Estamos jogando *Visconti Blackjack*. Geralmente me recuso a jogar com ela, e não apenas porque vencê-la se tornou chato, mas porque

tenho certeza que faz algo estranho toda vez que perde. Como cuspir na minha bebida.

Se meu irmão quiser me ignorar porém, ficarei feliz em aceitar mais de seu dinheiro. Além disso, Rory é o único membro da família que não me deu merda a noite toda.

Minha mandíbula cerra quando uma mão enfaixada desce no meu ombro.

— Os rumores são verdadeiros, *cugino?* Realmente atirou com sua própria arma? *Dio mio,* para que servem seus guardas, então?

Mantendo meu sorriso apertado e agradável, olho para o espaço acima dos cachos de Rory e ignoro Benny. Infelizmente para ele, continua. — Como estava sua mira? Deve ter enferrujado depois de todos esses anos.

Tomo um gole preguiçoso de uísque, coloco o copo sobre a mesa e puxo meu cotovelo para trás para conectar sua virilha.

— Minha pontaria está ótima, Benny.

Ele resmunga alguns palavrões em italiano e sai mancando.

Apesar do sorriso levantando meus lábios, entendo porque minha recente explosão é o assunto da família. Não puxei um gatilho fora do nosso jogo *Sinners Anonymous* em anos. Griff está furioso. Gabe está se divertindo. Todo mundo acha que eu enlouqueci, e talvez tenha, porque de outra forma seria impulsivo o suficiente para colocar uma bala entre os olhos de Kelly O'Hare? Ele tem sido um excelente parceiro de negócios por anos.

Começou como sempre começa: comigo incapaz de dizer não a uma aposta. Só que desta vez, não estava pronto para perder o que ele me pediu.

Penelope.

Cristo, nunca tinha negociado com uma das minhas garotas antes. É bárbaro, algo que os russos fariam, mas a forma como continuou olhando para ela, *tocando-a,* arranhou sob minha pele e distorceu minha lógica.

Antes de ligar os pontos entre minha mais nova funcionária e o incêndio no cassino de seu irmão, a parte mais amarga de mim esperava que ele a tirasse de minhas mãos. Meu relógio favorito, a explosão da porta. Perdendo Miller e Young e o ataque em *Lucky Cat*. Carta de destruição ou não, não há como negar que meu império começou a desmoronar como um terno barato no momento em que ela desceu as escadas no *Blues Den* com aquelas botas enlameadas.

Então, a deslizei pela mesa de centro como uma ficha de pôquer, oferecendo minha moral com ela. Não achava que Kelly realmente ganharia - ele estava louco com uísque e benzo, pelo amor de Deus.

Mesmo antes do Ás de espadas bater na mesa, sabia que entregá-la nunca foi uma opção. Havia apenas dois: trapacear ou atirar nele.

E o dia em que eu trapacear é o dia em que minha mãe se revira em seu túmulo.

Ah, bem. Pelo menos minhas mãos ainda estão limpas. O dia em que eu fissurar os nós dos dedos é o dia em que saberei como é o fundo.

Inspirando uma lufada de ar festivo, me inclino para trás no meu assento e olho para a carta que Gabe, que está agindo como *dealer*, acabou de jogar na mesa. Nove de ouros. — Bato.

Gabe vira o quatro de paus.

Meus olhos se movem para Rory. Está franzindo a testa, dedilhando os dedos contra a mesa.

— Tudo bem, preciso de um minuto.

Volto minha atenção para a multidão, mas minha mente ainda está em Penelope.

É louco. Acabei de perder milhões de dólares e coloquei minha cabeça a prêmio, tudo com o apertar de um gatilho, e meu primeiro instinto foi verificar a garota que suspeitava ter começado essa confusão. E então, quando confirmei - na floresta sem testemunhas, de todos os lugares - não apertei meu gatilho novamente. Não, disse a ela que cuidaria disso para ela.

Terei que matar Martin antes que me mate agora, mas tenho uma suspeita mesquinha de que, mesmo que não fosse o caso, o caçaria de qualquer maneira. Quando levo meu uísque aos lábios, o copo facetado reflete algo vermelho do outro lado. Deslizo meu olhar sobre a borda e vejo o próprio diabo flutuando pela porta.

Meu peito aperta ao vê-la. Não só porque sua aparência é inesperada, mas porque é uma visão em cetim e renda. Cristo, a forma como o seu corpo é derramado naquele vestido vermelho; não pode ser real. Não quero que seja - acabou de entrar e metade dos homens na sala já está olhando para ela.

— Rory. Convidou Penelope?

— Sim, mas o seu nome é *Penny.* E Wren e Tayce.

Ah sim. Nem as vi atrás dela, e nem é o tipo de garota que sente falta.

— Por que?

— Uh, porque ela é minha amiga?

Finjo que não vejo Gabe sorrindo em seu copo de uísque.

Meus olhos acompanham os movimentos de Penelope enquanto ela abre caminho no meio da multidão, Wren e Tayce ao seu lado. Sentindo que a estou observando, ela ergue os olhos para mim e hesita, como se estivesse tão surpresa em me ver quanto eu a ela. Como se eu não possuísse trinta e três por cento do terreno que aqueles saltos ridículos estão perambulando.

Deslizo minha mão por baixo da mesa e a enrolo em torno de uma ficha de pôquer. Estou tentando – falhando – ignorar o inchaço na minha virilha. A inquietação no meu sangue. Cada parte do meu corpo está em desacordo com a outra, porque esta noite ela não parece uma delinquente que inicia incêndios em cassinos.

Ela parece a Rainha de Copas. Desvio o olhar.

— Estão lindas como sempre, senhoras. — Digo a Tayce e Wren. Levanto-me para puxar ambos os assentos ao meu lado, enquanto Penny se senta ao lado de Rory. Wren me dá um sorriso nervoso e olha para Gabe. Tayce dá um beijo na minha bochecha.

— A lisonja o levará a qualquer lugar, Rafe.

— Além do topo da sua lista de espera.

Tayce ri. — O próprio Deus não poderia estar no topo da minha lista de espera.

Fingindo revirar os olhos, sento-me ao seu lado. Não apenas mantenho Tayce doce porque é a melhor tatuadora do planeta, embora seja definitivamente parte do motivo, mas ela também é descontraída, espirituosa, e sempre gosto da sua companhia, quer esteja sentada em uma de minhas cadeiras ou eu na dela.

Enquanto descanso meu braço no encosto de seu assento, ela se inclina, tira meu broche e desabotoa os primeiros botões da minha camisa.

— Sabe; acho que deveria me levar para jantar primeiro.

Ela me ignora para espiar minha gola aberta. — Como está a cura da serpente?

— Lindamente.

Sentindo um olhar esquentar minha bochecha, deslizo meus olhos para Penelope. Rory está sussurrando em seu ouvido, mas não está ouvindo. Está muito ocupada olhando para a mão de Tayce no meu peito. Uma centelha de satisfação acende dentro de minha caixa torácica, porque claramente ela me faz querer ser tão mesquinho quanto um colegial de quatorze anos.

Mudo minha atenção de volta para Tayce. Prenda-a com um sorriso encantador. — Tayce, viu Tor?

Ela revira os olhos. — Não, o idiota não apareceu no compromisso na semana passada.

Desconforto se agita dentro de mim. Tor andava sobre carvão em brasa para marcar um encontro com Tayce.

— *Blackjack*!

O grito excitado de Rory atravessa a mesa e me pega de surpresa. Franzindo a testa, meus olhos caem para as cartas na sua frente, e com certeza, totalizam vinte e um.

— Devo estar vivendo em um universo alternativo — digo secamente, levantando minha bebida para ela. — Pelo menos pode riscar de me derrotar no *Blackjack* da sua lista de desejos.

Seu olhar brilha. — Vamos jogar de novo.

— Sentindo-se sortuda?

Ela sorri. — Não tem ideia.

Meus olhos deslizam para o trevo de quatro folhas em volta do pescoço de Penelope. Claramente, seu otimismo equivocado está passando para minha cunhada.

— Muito bem. Vamos pedir algumas bebidas para essas senhoras primeiro.

Chamo um garçom e ele anota os pedidos do outro lado da mesa. Enquanto Penelope se distrai com o cardápio, aproveito para sorvê-la.

Quem diabos é você, garota? Gostaria que ela apenas usasse a linha direta dos *Sinners Anonymous* para o propósito pretendido, em vez de uma caixa de ressonância para cada pensamento insípido que cruza seu cérebro, porque agora, sei merda sobre ela, gostaria de não saber. Como o que ela prefere em seu bagel e a cor que pintará os dedos dos pés na próxima sexta-feira. Suas divagações não me deram respostas, apenas mais perguntas.

Quero saber por que ela pode dormir no meu carro, mas não na sua cama. Por que ainda está usando meu relógio, em vez de vendê-lo. O que coloca no meu uísque para me fazer querer protegê-la, quando deveria colocar uma bala na sua cabeça.

Meu relógio desliza para cima de seu cotovelo enquanto entrega o menu de volta para o garçom. Embora tenha certeza de que está usando na esperança de me irritar, não posso ignorar a emoção doentia que passa por mim. Suponho que seja semelhante a como os homens se divertem ao ver as mulheres vestindo suas camisas. Não eu, no entanto. Sempre ficam com batom na gola e incorporam o cheiro de seu perfume no tecido.

— Quero uma limonada, por favor.

Wren tem estado tão quieta que esqueci que ela estava aqui até que o garçom anota seu pedido.

— Apenas uma limonada?

Ela olha para a mesa, as mãos segurando a bolsa no colo. — Sim, por favor.

— Não posso tentá-la com algo mais forte?

Ela balança a cabeça, oferecendo-lhe um sorriso educado. — Não bebo.

— Ah, vamos lá, é quase Natal...

A combinação da cadeira de Gabe arrastando para trás e o *estalo* de seu punho acertando a mesa varre um silêncio ensurdecedor pela caverna. Com o canto do olho, vejo Angelo se levantar.

— Ela *disse* que tomará uma limonada — Gabe sibila.

O garçom se atrapalha com o menu e sai correndo. Wren fica vermelha e murmura algo sobre usar o banheiro, e com um murmúrio sombrio baixinho, Tayce a segue no meio da multidão.

Confuso, meu olhar aquece o lado do rosto do meu irmão. Ele não levanta os olhos de embaralhar o baralho em suas mãos tatuadas.

— Demita-o — diz, apenas alto o suficiente para eu ouvir. — Ou arrancarei os olhos dele com meu canivete mais enferrujado.

Gemo no meu uísque. Com todos os problemas pesando sobre meus ombros, esta é a última coisa de que preciso.

— Certo, vamos começar.

Rory está visivelmente aliviada com minha sugestão, claramente querendo romper a tensão tanto quanto eu. Gabe bate nossas cartas com mais força do que o necessário, e Rory olha para ela por um tempo estúpido.

Tédio mordendo minhas bordas, aceno para os dois de copas que ela recebeu. — Eu lhe darei uma pista: dois está bem longe de vinte e um.

— Shh — sussurra, colocando os dedos nas têmporas. — Estou *pensando.* — Um momento se passa. — Tudo bem, bato.

Acertei também, acrescentando um sete de espadas ao meu quatro de ouros.

À medida que as cartas distribuídas crescem e o baralho na mão de Gabe diminui, uma consciência inquieta sobe pela minha espinha e aperta minha nuca. Talvez não tivesse notado se não estivesse tão hiperconsciente de cada movimento que Penelope faz. Se já não estivesse olhando para seus lábios carnudos quando sussurrou, *valor baixo,* ou se eu não estivesse admirando meu relógio em seu pulso quando apertou o braço de Rory.

Desloco minha atenção para Rory e começo a focar em outras coisas que atribuí a sua estranheza. E então percebo: o dedilhar de seus dedos contra a mesa não é um hábito nervoso; ela está *contando, porra.*

— *Blackjack*! — Grita novamente.

Desta vez, não a felicito. Em vez disso, arrasto meus olhos para encontrar os de Penelope e levanto minhas sobrancelhas.

Algo em minha expressão apaga o sorriso de seu rosto.

— Penelope.

Seus ombros enrijecem.

— Vou lhe dar uma vantagem de dez segundos.

No entanto, quando o aviso sai da minha boca, a pirralha já está de pé.

28

Penny

Poderia ser uma mentirosa e uma trapaceira, mas Raphael também é. Ele definitivamente não contou até dez antes de se levantar e cortar a multidão em minha direção.

Com o pânico zumbindo em minhas veias, disparo por uma porta sem identificação, sem nenhum senso de direção. Quando bate atrás de mim, o barulho da festa desaparece e o cheiro de terra úmida me assalta. Outra caverna - ótimo. Longe de olhares curiosos, minha caminhada rápida se transforma em uma corrida desajeitada enquanto viajo mais fundo na escuridão. Esta caverna se transforma em outra, e depois outra, e então, quando me viro novamente e não há luz à vista, percebo que sou uma idiota de merda. *Por que continuo correndo para os lugares sem saber aonde levam?*

Acho que porque o desconhecido à minha frente ainda é menos assustador do que o conhecido atrás de mim.

Engolindo a terrível escalada em minha garganta, continuo me movendo, me distraindo mentalmente revisando meu monólogo.

A contagem de cartas sem ajuda externa não é ilegal. Não existe nenhuma lei que diga que um jogador não pode atribuir a cada carta um valor alto ou baixo para estimar os valores das cartas ainda não compradas.

Tenho essa fala trancada em uma daquelas caixinhas de *quebre em caso de emergência* na minha cabeça, mas nunca

precisei usá-la. Tentei com Martin O'Hare, mas sua mão encontrou minha garganta antes que pudesse tirá-la.

Eu me pergunto onde as mãos de Raphael irão quando me pegar.

Na noite de quinta-feira, sua mão também voou para minha garganta. O que não esperava era que escapassem de mim quando confessei meu pior pecado, e então me enfiasse em seu carro e dissesse que cuidaria disso. Afinal, o que isso quer dizer? Devo ficar preocupada ou aliviada?

Um arrepio percorre minha espinha, e não apenas porque está congelando aqui. Está ainda mais escuro agora, e não consigo nem ver minhas nuvens irregulares de condensação pintando a escuridão.

Meus dedos roçam a parede escarpada, seguindo a curva para *outra* porra de túnel, onde bato em algo parecido com uma pedra. Algo com mãos quentes, batimentos cardíacos violentos e nenhuma preocupação com minha segurança quando me joga contra a parede.

Se um milhão de inimigos tivessem me seguido na rede de cavernas, ainda saberia que foi Raphael quem me encontrou. Porque Cristo, nenhum outro perfume poderia acender um fogo entre minhas coxas como o coquetel quente de colônia, menta e perigo que sai dos poros deste homem. Mesmo a brisa amarga do uísque deixando seus lábios e roçando minha garganta não me incomoda; estou muito chapada com o peso de seu corpo me prendendo.

Cavalheiro. Essa palavra não existe sob o manto dessa escuridão, e quando suas mãos começam a vagar, sei que não quero que isso aconteça. Agarrando a saia do meu vestido e arrastando-a pelas minhas coxas. Se a urgência em seus movimentos não tivesse me deixado tão tonta, diria a ele para

ter cuidado, porque deixei a etiqueta neste vestido na esperança de devolvê-lo amanhã.

— Belo vestido — sussurra, todo veneno vestido de seda contra o pulso oscilante em minha garganta. — Você roubou?

Suas mãos fazem contato com meus quadris nus, o tecido do meu vestido agora enrolado em seus antebraços. Cada centímetro do meu corpo canta com antecipação, o frio gelado assobiando no pequeno espaço entre nós me lembrando que não deveria sentir esse maldito calor em dezembro.

— Não este — resmungo, meus lábios contra seu peito. — Comprei com meu dinheiro de stripper...

Um tapa forte e quente se conecta com a minha bunda, e meu grito de surpresa absorve o tecido caro de sua camisa. — O que disse sobre tirar a roupa para outros homens, Penelope? — Diz, seu tom áspero em desacordo com os círculos lentos e suaves que sua palma agora faz na minha bunda dolorida.

— Não preciso me despir para outros homens. Tenho um cliente que paga a mais por *lap dances* em seu carro.

Outro tapa. Este é tão alto que o impacto ecoa no teto gotejante. Meu gemido sobe depois disso, como vapor em uma sauna quente. Antes que possa inspirar outra respiração, seus quadris me empurram ainda mais contra a parede, algo duro e latejante no meio delas.

Porra do inferno. Um vazio se abre na parte inferior do meu estômago e implora para ser preenchido com fricção. Não tenho que lhe dar a satisfação de me esfregar contra ele como fiz em seu carro, porque ambas as mãos deslizam para minha bunda e seguram minhas bochechas enquanto me puxa contra sua ereção.

Ele se aninha perfeitamente entre minhas coxas, e estou muito delirante com o seu peso para pensar em outra resposta sarcástica.

Seus lábios escovam o topo da minha cabeça. — Você disse que estava recomeçando. Martin não te ensinou nada?

— Estou. Quero dizer, tenho...

Outro tapa na minha bunda. Este é tão violento que me joga para frente, então meu clitóris formiga em sua protuberância.

Estou ficando louca. Tudo o que posso ouvir é um zumbido em meus ouvidos quando fala novamente. — Há apenas uma pirralha em *Coast* ensinaria Rory a contar cartas.

Faíscas correm do calor de seus dedos até minha boceta enquanto se arrastam ao longo da faixa fina da minha calcinha. Quando se conectam sob meu umbigo, paro de respirar. Se ele mergulhasse aqueles dedos grossos mais abaixo, perceberia que meu corpo não o odeia tanto quanto meu cérebro, mas não mergulha; apenas estala a faixa com um silvo irritado e agarra meu pulso. Ele me puxa para a escuridão e, quando me afasto, me aperta mais.

— Não conseguirá sair daqui sozinha, Penelope.

Sim, sem chance. Com a bunda doendo e o coração trovejando, o sigo cegamente pelos túneis. *Como diabos ele sabe para onde ir?*

Seus passos pesados ecoam nas paredes grossas e, à medida que o som da festa fica mais alto, meu corpo fica mais leve de alívio. Essa foi uma punição surpreendentemente fácil para o crime cometido. Assim como ontem, quando me perseguiu na floresta e confessei o motivo de estar realmente em *Coast*, ele me deixou escapar facilmente.

Entramos por uma porta e é como se nunca tivéssemos saído do clube. Aplausos se elevam da mesa de roleta, conversas bêbadas flutuam sobre coquetéis no bar. Voltamos a entrar por uma porta diferente e posso ver a parte de trás do cabelo cacheado de Rory do outro lado da sala. Dou um passo em sua direção, mas um puxão em meu pulso me puxa para uma cabine nas sombras.

Suspiro. Claramente, Raphael ainda não terminou de me torturar.

— Não se mova.

Ele desaparece, emergindo logo da direção do bar com dois drinques nas mãos. Segura o copo de uísque com a ponta dos dedos e bebe um martini de maracujá na minha frente.

Eu o encaro.

Como sabe que é minha bebida favorita?

Não há tempo para pensar nisso porém, não quando sua mão pesada roça a bainha do meu vestido e aperta meu joelho. Apesar de cada osso feminista em meu corpo, não posso deixar de me contorcer sob a possessividade por trás de sua palma.

Ele puxa um baralho de cartas do bolso. Vira a carta do topo.

— Mais alto ou mais baixo.

Meu olhar desliza para seu perfil. Está olhando para a frente, sua expressão neutra, exceto pelo tique revelador de sua mandíbula.

— Eu...

Ele aperta meu joelho. — Não estou com disposição, Penelope.

Respiro fundo para me firmar. Sei exatamente o que está fazendo, porque Nico fez comigo e eu fiz com Rory. É como se pratica a contagem de cartas como iniciante. Percorre o baralho, adivinhando se a próxima carta será um número alto ou baixo. Ao manter uma contagem contínua do que foi distribuído, as chances de adivinhar corretamente aumentam significativamente quanto mais perto chega do final do baralho.

Sou a melhor nesse jogo, mas pelo jeito Raphael está agarrando minha coxa, talvez eu não queira.

Olho para o três de paus. Estatisticamente falando, a resposta é óbvia. — Mais alto.

As paredes do meu estômago ficam tensas quando sua mão desliza alguns centímetros até minha coxa. Muito bem, não joguei *esta* versão antes. Olho para ele, mas ainda assim, sua expressão transmite que poderia estar esperando por um ônibus.

O *degelo* de outra carta batendo na mesa. Quatro de espadas.

Suspiro. Virei meu olhar para o teto rochoso. — Mais alto — sussurro.

Valete de espadas.

Meus dedos se curvam sobre a borda da cabine enquanto a fivela fria de seu relógio desliza para cima do lado de fora da minha coxa, e a ponta macia de seu polegar trilha o interior.

Coração gaguejando, olho ao redor da sala desesperadamente. O brilho festivo da festa não toca nosso canto da caverna, e não tenho dúvidas de que os festeiros

nem sabem que estamos aqui, muito menos o quão perto o polegar de Raphael está da costura da minha calcinha.

Valete de espadas, está bem. Porra. Logicamente, devo dizer mais baixo, mas a dor de antecipação em meu clitóris tem outras ideias.

— Mais alto.

Os olhos de Raphael deslizam para o lado, iluminando-se com algo grosseiro, e vira outra carta.

Rainha de Copas.

Ele solta um suspiro sarcástico. — Só pode estar me sacaneando.

Quando engancha o polegar sobre a costura da minha calcinha, nossos olhares se chocam. Pela escuridão que nubla sua íris, sei que pode sentir o que está se formando entre minhas coxas desde que suas mãos levantaram a bainha do meu vestido na caverna.

Seus dedos pressionam a minha maciez, então, agarrando minha coxa interna, estende o polegar para que deslize sob a renda e esculpe um caminho enlouquecedoramente lento entre minhas dobras. Para perigosamente perto do meu clitóris.

Olhamos um para o outro. Eu não conseguiria respirar mesmo se quisesse. O barulho da festa desaparece enquanto meus olhos transmitem o desespero que não consigo mais esconder. Suavizou com algo que levantou os arrepios ao longo dos meus braços.

Um lampejo de verde e citrino e então suspiro quando seu polegar pressiona contra meu clitóris, e sua mão livre encontra a base do meu cabelo. Puxa minha cabeça para trás, pressiona seus lábios em meu pescoço e sibila sua próxima pergunta contra minha garganta.

— Como aprendeu a contar cartas?

— Não aprendi. Já sabe disso, tenho sorte...

Meu protesto é interrompido por uma chama de prazer acendendo em meu núcleo. *Doce fricção. Santo toque.* O polegar de Raphael se move em círculos rápidos e implacáveis, e manchas brancas dançam atrás de minhas pálpebras.

— Você não tem sorte, Penelope. Não para mim. Desde que apareceu em *Coast*, tenho sido a pessoa mais azarada do mundo. Estou perdendo tudo pelo que trabalhei e é tudo por sua causa.

Choque superando minha luxúria, agarro seu cabelo e puxo sua cabeça para trás, até que seus lábios roçam os meus. Sorrio contra sua boca. — Então *acredita* em sorte. É por isso que me odeia?

Ele ri amargamente, e sorvo cada centímetro de respiração quente como se fosse uma tábua de salvação. — Sou tão supersticioso quanto o dia é longo, Penelope. Não costumava ser; também não queria ser. Porque ninguém confia em um CEO ou subchefe que evita passar embaixo de escadas ou bate com os nós dos dedos na superfície de madeira mais próxima quando qualquer pensamento mal-intencionado escapa de sua boca. É irônico, realmente. Construí toda a minha fortuna em jogos de azar e probabilidade estatística. Nunca tomei uma decisão com base na emoção, e então você aparece, e de repente estou matando parceiros de negócios porque olham para você de maneira errada. Sabe, estou começando a achar que aquela maldita cigana estava certa.

— Que cigana...?

Um dedo quente e grosso desliza em minha entrada e todos os pensamentos, inclusive os de superstições e ciganos,

saem da minha cabeça. Cristo. Empurra mais fundo, dentro e fora, dentro e fora, como se estivesse guardando as paredes da minha boceta na memória. Minha testa pressiona contra a dele, nossa respiração se entrelaçando. Seu olhar cai para os meus lábios e ele geme.

— O que quer, me beijar ou algo assim? — Digo, meu sarcasmo tingido de esperança.

— Ou algo assim — murmura de volta, sacudindo meu clitóris por minha insolência.

Minha coluna se curva sob o choque elétrico, e engancho meu dedo sobre seu colarinho para me manter perto dele.

— Então por que não?

Ele ri. — Eu nunca lhe daria essa satisfação, Penelope.

Orgulho queima em meu peito como uma erupção desagradável. — Sim, bem, eu também não te beijaria.

— Não?

— Não. Não gosto do sabor do uísque.

Solta meu cabelo, desliza a mão pelas minhas costas e me puxa para ele pela minha bunda, para que seus dedos possam chegar mais fundo dentro de mim. Grito, me contorcendo com a pressão crescente. Foda-se, isso é preliminar? Porque se for, como uma garota dura até a penetração?

— Aposto que me beijará primeiro.

Eu rio, o delírio embaçando minha visão. — Aposto um milhão de dólares que meus lábios *nunca* tocariam os seus primeiro.

Outro movimento no meu clitóris. Outro passo mais perto da borda. Quando mergulha de volta na minha entrada, é

com dois dedos desta vez. Meu túnel queima com minha satisfação sombria enquanto se estende para acomodá-lo. *Estou muito perto.*

— Não tem um milhão de dólares — diz, parecendo entediado.

— Não importa, porque não perderei.

Sua risada é tão suave contra minha boca que, em meu estado de descontrole, fico tentada a fazer um empréstimo bancário ali mesmo. Em vez disso, jogo minha cabeça para trás fora do caminho da tentação e monto seus dedos.

Faíscas crepitam e estouram em meu núcleo inferior, escurecendo minha visão e espalhando uma luxúria inebriante em minhas veias. Quando Raphael fala, mal o ouço por causa do zumbido em meus ouvidos.

— Você é uma garota má, Penelope.

— Sim — suspiro.

— E sabe o que acontece com as garotas más?

Estou tão perto de um orgasmo que posso prová-lo, mas então Raphael puxa-os, seus dedos deixando minha calcinha com um leve *estalo* de elástico.

Perplexa, meu olhar cai do teto para o dele, assim que sua mão úmida chega ao meu queixo. Acompanha seu movimento com fascinação sombria conforme espalha meus sucos sobre meu lábio inferior.

— Não podem gozar.

E então, como se tivéssemos nos sentado para uma reunião de negócios, ele se levanta. Alisa a calça e passa o polegar pelo broche do colarinho antes de se misturar à multidão. Ele me deixa com um clitóris acelerado, um coração

frustrado e um novo ódio por homens com mãos grandes e vozes sedosas.

29

Rafe

O sol desce acima do horizonte, o último de seus raios se estendendo sobre o Pacífico e aquecendo a Igreja *St Pius* com uma aura angelical.

É uma visão irônica, porque esta junta já viu pecados mais adequados para os poços de fogo do inferno.

Estaciono e sorrio maliciosamente ao ver o *Bugatti* de Angelo e a Harley de Gabe já alinhados na beira da estrada. Ambos estão mais adiantados do que eu. Suponho que há uma primeira vez para tudo.

Levanto o colarinho e saio para o cascalho congelado. O ar crepita com antecipação festiva, vento gelado e fogueiras de terra enquanto atravesso o cemitério em direção à igreja. Disse a mim mesmo que não pararia, mas meu autocontrole não é o que costumava ser, e desacelero na frente da lápide conjunta de nossos pais.

Em memória do diácono Alonso Visconti e sua devotada esposa, Maria.

Uma risada amarga deixa meus lábios em um sopro de condensação. Nove anos atrás, estava exatamente neste mesmo lugar e acreditava que o amor verdadeiro havia morrido com meus pais. Apenas alguns meses depois, quando comecei *Sinners Anonymous* e Angelo ligou para a linha direta com uma confissão própria, descobri que nunca existiu em primeiro lugar.

Nosso pai estava transando com outra pessoa o tempo todo, então mandou matar nossa mãe para tirá-la de cena. Ouvir o correio de voz de Angelo encher minha suíte na cobertura foi a primeira vez que tive certeza de ter tomado a decisão certa ao escolher o Rei de Ouros em vez do Rei de Copas.

Apertando minhas abotoaduras, cuspo no túmulo e entro na igreja.

Mama está enterrada no fundo do jardim de Angelo, de qualquer maneira.

Passear por essas portas de carvalho podre é sempre como voltar no tempo. Memórias da infância me perseguem pelo corredor. No topo, Gabe senta-se no banco da frente e Angelo fica em frente ao altar. Olha para cima de seu telefone e me alfineta com uma expressão entediada. — Nunca se atrasa.

Ah, então ele ainda está chateado com a coisa da Kelly.

— Estava lavando meu cabelo — respondo lentamente, a voz tão seca quanto um osso.

Não inteiramente uma mentira. Tenho certeza que meu cabelo ficou bem lavado enquanto permanecia no chuveiro por mais tempo do que o normal para foder meu punho. A memória dos gemidos ofegantes de Penelope contra a minha boca e sua boceta quente e molhada em volta dos meus dedos me provocou o dia todo. Se não cedesse a libertação, teria enlouquecido. Em uma tentativa de evitar uma ereção na igreja - tenho certeza de que há um décimo círculo do inferno para isso - mergulho direto nos negócios.

— Cavalheiros, antes de começarmos, tenho um favor a pedir a ambos. Seja qual for o Pecador que escolhermos esta noite, quero-os para mim.

Gabe permanece inexpressivo como sempre. — Fico com Martin O'Hare, então.

— Você não ganha nada, irmão.

Eu me deparo com olhares de pedra e silêncio fervente.

— Cristo — resmunga Angelo, passando a mão pelo cabelo. — Está deixando seu *golden retriever* solto em Martin, em vez de Gabe?

Ele quer dizer Griff, mas não respondo ao insulto. — Não, eu mesmo cuido de Martin.

Mais silêncio. Deixei escapar um suspiro. — Tem sido um mês caótico, certo? Só preciso de alguma liberação.

Tenho certeza de que meus irmãos pensam que quero Martin morto para que não tenha a chance de vingar o irmão, o que obviamente é em parte verdade, mas se isso fosse tudo, teria meus homens cuidando dele. A verdade é que ainda estou ressentido com o que Penelope me disse na *Preserve* enquanto minha mão estava em volta de seu pescoço.

Ele fez a mesma coisa comigo que está fazendo agora.

Suas palavras extinguiram minha raiva como um golpe forte em uma vela. No espírito de não ser capaz de pensar direito, o pensamento de outro homem colocando as mãos nela, justificado ou não, enviou um impulso violento através de mim. Agora, tenho quatro homens fazendo turnos fora do seu apartamento enquanto encontro tempo para chegar até Martin e acabar com ele como fiz com seu irmão.

— São muitas mortes em um mês, menino bonito — Gabe murmura, olhando para as grades de ferro sob suas botas. Seus olhos deslizam até os meus, diversão silenciosa dançando neles. — Está planejando sujar essas mãos?

Estendo minhas mãos na sua frente, virando-as da frente para trás e para trás novamente. Então olho para os nós dos dedos fissurados. — Quando me transformar em um animal, vou deixá-lo saber. Talvez encontre espaço para mim em sua jaula.

Angelo solta um suspiro irônico de diversão. — O dia em que Rafe der um soco será o dia em que um bebê olhará para você e não chorará, Gabe. — Lança um olhar impaciente para o relógio e pega o iPad do banco. — Vamos acabar logo com isso - tenho merda para fazer.

— Rory conseguiu que decorasse a árvore esta noite, ou algo assim?

Angelo me olha com irritação. — A árvore está em pé há semanas. Ela quer ir para o abrigo de adoção, só para dar um *oi* aos animais de rua.

— Vai administrar um zoológico pela manhã, irmão.

Ele suspira. — Sem chance. — Vira o iPad para que Gabe e eu possamos ver a planilha na tela. — Sabe o que fazer. Cada um de nós escolheu quatro interlocutores e cada um recebeu um número aleatório entre um e doze. — Acena para mim, e eu tiro os dados do meu bolso.

A adrenalina desce pela minha espinha como um raio. É a minha época favorita do mês, ainda melhor porque todos os melhores pecados acontecem perto do Natal. É como se as pessoas não quisessem trazer a roupa suja para o Ano Novo.

Com minha sorte recente, sei que é altamente improvável que os dados caiam em qualquer um dos meus jogadores, mas tenho fé que meus irmãos escolheram sabiamente. Com um movimento do meu pulso, solto o dado, deixando-o se espalhar e quicar sobre as tábuas do piso de madeira e as grades de ferro.

Silêncio. Então Angelo olha para baixo para inspecioná-los. — Quatro. — Olha para o iPad e faz uma careta. — Pelo amor de Deus.

— O quê? — Pergunto, uma sensação desconfortável escorrendo em minha corrente sanguínea. — O que é?

Ele passa a mão pela nuca, uma expressão que nunca o vi transmitir em seu rosto. Ele está... envergonhado.

— É um cara em Tacoma. Matou um gato com uma espingarda de chumbo.

Gabe desliza um olhar cauteloso para ele. — E depois?

— E depois nada. Esse é o seu pecado. — Nós dois olhamos para ele como se tivesse perdido a porra da trama. Esfrega a ponta do nariz e balança levemente a cabeça. — Deixei Rory escolher um pecado este mês, certo? Jesus — amaldiçoa. — Quais são as chances de acabarmos com isso?

Deixei escapar um suspiro sardônico. — Uma em doze, idiota. Matemática bem básica.

Meu peito incha com a ironia de tudo isso, e dou uma risada de descrença. Claro, o mês que eu realmente precisava para ficar sádico seria o mês em que uma vítima patética fosse escolhida. Matar gatos é ruim, mas estamos acostumados a lidar com serial killers e estupradores. Claro, poderia levar uma bala na cabeça, mas o que planejei para ele parece um exagero agora.

Lá fora, a escuridão varreu o penhasco, trazendo consigo uma chuva gelada lateral. Enfio o queixo no colarinho e me junto aos meus irmãos sob o salgueiro-chorão. Angelo acende um cigarro e solta a fumaça nos galhos trêmulos acima de nós, antes de entregá-lo a Gabe.

— Quantos homens até chegarmos a Dante?

Gabe dá uma tragada, a cereja do cigarro brilhando em um vermelho raivoso. — Muitos. Nesse ritmo, ele tocará no ano novo. — Quando me passa o cigarro, seu olhar perfura minha alma. — Da próxima vez, ogiva de foguete.

Solto uma risada seca, antes de encher meus pulmões com produtos químicos. Sentar à mesa de Cas em *Whiskey Under the Rocks* e tirar todas as peças de seu tabuleiro de xadrez parece uma eternidade. Cara, eu era tão paciente naquela época.

Passo o cigarro de volta para Angelo e me viro para Gabe. — Alguma atualização sobre os filhas da puta que detonaram *Lucky Cat*?

— Lidei com isso. Por mais que odeie admitir, seu lacaio estava certo. Foi um ataque aleatório. — Estala os dedos. — Quer saber como escolheram o seu cassino?

— Não — digo secamente.

Ele contudo, me diz de qualquer maneira. — Prendeu um mapa de Vegas na parede e atirou um dardo nele.

Através de uma névoa de fumaça, o olhar divertido de Angelo aquece meu rosto. — Que azar terrível.

Passo a mão no queixo, meus ombros enrijecendo. Inspirando uma respiração lenta e úmida, aumento a indiferença em meu tom. — Possuo a maioria dos cassinos em Las Vegas; as probabilidades sempre estariam contra mim.

Não acredito porém, em uma única sílaba saindo da minha boca, e também nem sei mais por que estou tentando me enganar.

Enquanto Gabe pega o cigarro de Angelo, ele para. Seus olhos deslizam sobre meu ombro, e algo parecido com lava varre sua expressão.

— Ela está sempre lá. Esperando.

O quê?

Olho para trás e vejo Wren parada sob o ponto de ônibus. Está enrolada em uma grande jaqueta, quatro sacolas plásticas caídas a seus pés.

— Ela nunca aceita carona.

Meu maxilar estala quando me lembro do som do punho de Gabe batendo na mesa na noite passada. Sua ameaça silenciosa sobre canivetes enferrujados. — Estava tentando colocá-la no banco do passageiro ou no porta-malas?

— Wren não aceita carona — diz Angelo bruscamente. — Não entra em carros. E você... — amassa o cigarro com a ponta da ponta do seus *wingtip* — ...deixará a garota em paz.

Gabe aperta os lábios e olha para Wren por mais alguns segundos, antes de virar as costas para nós e correr para sua Harley sem dizer mais nada. O motor ruge para a vida, os faróis varrem as lápides no cemitério e ele se foi.

Angelo murmura algo baixinho. — Acho que esperarei um pouco.

A insinuação escorre do final da frase. *Até Wren entrar no ônibus.*

Concordo com a cabeça com firmeza, antes de pegar as chaves do carro no bolso. — Diga a sua esposa que o Chef Marco está fazendo seu bolo favorito de lava de chocolate esta noite, por isso se ela ficar entediada de acariciar furões abandonados, deveriam passar por aqui...

Angelo me corta com a mão no meu braço. Meu olhar cai para seu aperto, depois para sua expressão suavizada. Estende a outra mão à sua frente e sinto um nó se formar na base da minha garganta.

Engulo. Segure o olho do meu irmão enquanto coloco minha mão ao lado da dele. Está imóvel. *Convincente.* Aparentemente satisfeito, Angelo acena com a cabeça e volta sua atenção para Wren.

— Estaremos a bordo esta noite. Rory e Tayce querem sair com Penny, de qualquer maneira.

Enquanto volto para o meu carro, meus olhos encontram as luzes cintilantes da *Signora Fortuna* sobre a água. Uma alegria sombria percorre minha espinha e chega à minha virilha.

Se eu tiver que esperar para descontar minhas frustrações em um homem, passarei o tempo brincando com uma certa ruiva.

30

Rafe

Enquanto o barco bate contra o para-lamas do iate, consigo distinguir a silhueta sombria de Laurie parada na plataforma de natação. Segura um guarda-chuva sobre a cabeça e uma pasta apertada contra o peito.

— Bem, isso não é uma saudação cinco estrelas — digo lentamente, pegando o guarda-chuva dela e segurando-o acima de nossas cabeças. — Quer um aumento ou algo assim?

Ela sorri para mim. — Quero dizer, não diria *não* a um aumento.

Eu rio e acompanho o seu passo enquanto descemos o convés lateral. — Como está o enjoo do mar?

— Reduzi a um biscoito[23] por turno, então é isso.

— Perfeito. Não está querendo voltar para Las Vegas, está?

Seu olhar desliza até a parte de baixo do guarda-chuva. — E sentir falta deste tempo lindo? Aqui. — Estende a pasta. — Preciso que assine o orçamento para a festa de Natal dos funcionários.

— Conhece a regra, Laurie. Não há orçamento para festas de funcionários.

— Bom, porque acabei de comprar um Audi novo como presente de Natal e coloquei no cartão da empresa.

— Droga. Então é melhor levar o que lhe comprei para o *showroom*.

Ela abre a boca e a fecha novamente, optando por um olhar de soslaio em vez de uma resposta espirituosa. Enquanto está brincando sobre o Audi, não tem certeza se eu estou. Um pensamento válido, considerando que no ano passado eu a levei para Nova York e a deixei escolher o que quisesse na Tiffany's.

Divertido, fecho o guarda-chuva e abro a porta do cassino para ela. — Algo mais?

Olha ao redor do cassino para os garçons limpando as mesas e reabastecendo o bar. — Uh, sim. Há uma... mancha marrom no carpete do *sky lounge*. Os faxineiros não podem tirá-lo com produtos domésticos. Precisa que eu chame um especialista?

Minha atenção é desviada para o seu ombro, onde Penelope seca taças de champanhe atrás do bar. Está olhando para o trapo como se sua vida dependesse disso, mas não perco as conchas de suas orelhas ficando vermelhas.

Porra de Gabe. Claramente ele não é um profissional com a escova de limpeza. Prendo Laurie com um sorriso educado e digo a ela — Eu cuido disso.

Ela acena com a cabeça, atravessa as portas duplas e aponta um dedo para mim. — Revestimento em couro branco, bancos aquecidos. Entendido?

Pisco-lhe e a observo desaparecer. É por isso que Laurie faz compras na Tiffany's e em carros de luxo. Ela não faz perguntas.

— Chefe? — Mudo meu olhar para encontrar Anna. Deixa cair uma caixa de enfeites de Natal e se aproxima. — Novos

uniformes estão na moda. O que acha? — Ela pontua sua pergunta com um giro.

Meus olhos caem distraidamente por seu corpo e depois para Penelope. Ela está de costas para mim agora, curvando-se para reabastecer o frigobar. Minha mandíbula aperta ao ver o contorno de sua tanga naquelas calças apertadas. Cristo. Como essa garota faz calças e camisas parecerem sexy? Talvez eu faça Laurie encomendar sacos de lixo de marca e fazer com que os funcionários os usem.

Ela ligou para *Sinners Anonymous* às quatro da manhã ontem à noite. Duas vezes. Nas duas vezes, seu silêncio ofegante estalou na linha, através dos alto-falantes do meu MacBook, e puxou meu pau. Tinha bebido muito para dirigir até a sua casa e piscar meus faróis contra sua janela, então me conformei em ficar sentado atrás da minha mesa esperando, os punhos cerrados de cada lado do meu copo de uísque. Tinha certeza que ela ligaria para reclamar sobre eu levá-la ao auge do orgasmo e depois arrebatá-lo no último minuto, mas sem chance. Por isso, novamente, ela nunca ligou para a linha direta para reclamar sobre qualquer coisa importante, de qualquer maneira. Apenas coisas triviais, como ficar sem condicionador ou como seu vizinho peidou em sua sala, mas está muito frio para abrir as janelas.

Faço gentilezas indiferentes com Anna, depois passo pelo bar no momento em que Penelope gira com um caixote vazio. Ela o deixa cair no balcão, me olha nos olhos e sorri.

Bem, essa não era a reação que eu esperava. Não depois que a peguei em flagrante ajudando Rory a contar as cartas e, posteriormente, limpei os sucos de sua boceta ao longo de sua boca. Ela lambe o lábio inferior, como se olhar para mim fizesse a memória ressurgir.

Porra. Terei que trancar a porta duas vezes quando entrar no meu escritório.

Ciente dos olhos de Anna e Claudia nas minhas costas, passo um dedo firme sobre o broche do colarinho e abro um sorriso agradável.

— Olá, Penelope.

— Olá, *chefe* — responde, combinando com meu tom plastificado.

Minha atenção cai para a sua mão, que agora está deslizando pelo bar. Quando chega ao saleiro, dá uma batida forte; caindo, grânulos de sal se espalhando pela superfície. — *Oops.*

Por instinto, a linha dos meus ombros estala. Passo a mão no queixo para esconder meu aborrecimento inicial, depois forço uma máscara de indiferença.

Como esqueci tão facilmente? Ontem à noite, contei a ela meu maior segredo: sou supersticioso. Suponho que a garota poderia ter arrancado qualquer coisa de mim quando estava com os nós dos dedos em sua boceta, e agora vou fazê-la pagar por isso.

Nossos olhos se chocam. O fervilhar de irritação borbulha em algo mais elétrico. Não me senti tão vivo o dia todo.

— Mandarei levar um *Smuggler's Club* para o seu escritório imediatamente, chefe — diz Dan, saindo do estoque e jogando um pano sobre o ombro.

Meus olhos nunca deixam os de Penelope.

— Faça uma vodca.

31

Penny

— Disse-me que estava se endireitando, Little P.

A voz de Nico toca minhas costas do outro lado do bar e suspiro na coqueteleira. Ontem à noite, enquanto corria pelo bar da caverna tentando aproveitar ao máximo a falsa vantagem de dez segundos de Raphael, chamei a atenção de Nico da mesa de pôquer. Olhou para mim, depois para seu primo e de volta, e pela centelha de irritação em seu olhar, sabia que essa conversa era iminente.

— Estou tão firme quanto uma régua hoje em dia.

— Não há nada direito em ensinar Rory a contar cartas.

Ouso olhar para seu reflexo no espelho atrás do bar, esperando que meu sorriso angelical suavize suas arestas.

Não.

— E é melhor ter mantido meu nome fora disso.

Essa *é* uma promessa que não quebrarei. — Vamos, Nico. Isso é um fato.

Ignorando o calor de seus olhos em mim, despejo rum, xarope de açúcar e hortelã sobre o gelo, olhando para a receita que escrevi no interior do meu pulso para ter certeza de não estragar tudo. Virando-me com a coqueteleira na mão, tento meu sorriso angelical em Nico novamente. Sabe; apenas no caso de ele não ter visto da primeira vez. — Gostaria de ser uma cobaia para o meu primeiro mojito? É por conta da casa.

Ele me encara. — Sou um Visconti. Tudo é por conta da casa.

— Cristo, como esse iate rende dinheiro, nunca...

— Ouça. — Nico me interrompe, apoiando os antebraços no balcão para diminuir a distância entre nós. — Rafe deu a você este trabalho como um favor a mim, e depois da façanha de ontem à noite, tem sorte de ainda estar empregada hoje. Sei que todas vocês, garotas, acham que Rafe é assim...

Ele dedilha os dedos tatuados no balcão, convocando a palavra.

Se ele disser cavalheiro, juro que...

— Cavalheiro.

Suspiro.

— Mas só porque é legal e sorri muito, não se engane. Ele ainda é... — Mais dedilhação. — Ainda é Raphael Visconti.

Não fui totalmente mentirosa. Na maior parte, fui correta. Tirando a carteira de Blake de lado, o único homem com quem joguei desde que voltei a *Coast* foi Raphael. Inferno, cada interação que temos é um jogo. Cada vez que está perto de mim, sinto que estou ao lado de uma roleta, olhos fechados, prestes a apostar toda a minha alma no preto.

Meus olhos se voltam para a porta do cassino, como têm feito a cada dois minutos na última hora. Acordei esta tarde em estado de delírio, chapada com as mãos de Raphael na minha calcinha e sua maldita confissão em meu ouvido.

Foda-se Martin O'Hare e seu irmão nojento; Raphael admitindo que é supersticioso é tudo em que consigo pensar. E não só é supersticioso, como também acha que dou azar. *Eu.* A garota com o colar e uma história de sobreviver a

mortes infalíveis. E foda-se, se não usarei isso a meu favor em todos os jogos daqui para frente.

Bem, esse era o meu plano, até que Raphael entrou pela porta do cassino, deu uma olhada no meu sorriso comedor de merda e pediu uma vodca. Agora, não estou me sentindo tão presunçosa.

Um sotaque pegajoso desvia minha atenção de beijos movidos a álcool e apostas de um milhão de dólares. — Se Rafe demiti-la, pode sempre vir a trabalhar para mim, baby.

Benny. Desliza para o lado de Nico e entrega sua linha desprezível ao meu peito.

Bato a coqueteleira e olho para ele. — Para que está oferecendo um emprego, Benny? Esquerda ou direita?

Seu olhar desliza até o meu, travessura acompanhada por um sorriso torto. — Dois pelo preço de um. O que diz?

Nico murmura algo baixinho e se vira para o celular.

— Sabe que cada bebida que me pedir esta noite será cuspida, não é? — Retruco.

Ele lambe os lábios, piscando. — Adiciona sabor.

Jesus.

Nunca gostei de Benny. Mesmo quando éramos crianças, sempre foi apenas o irmão mais velho idiota de Nico. Sempre brigando, sempre desaparecendo nos quartos do *Visconti Grand* com várias garotas. Duvido que tenha mais de três células cerebrais naquela cabeça. Provavelmente está cheio de peitos, brigas e apostas.

Pouco antes de ele abrir a boca para adicionar outra camada de sacanagem à conversa, uma mão bate em sua cabeça. Laurie se materializa atrás dele, com uma expressão

aborrecida no rosto. — Pare de assediar minha equipe, Benedicto.

— Foda-me de novo e pensarei sobre isso. — Seus olhos seguem sua bunda enquanto ela se move em direção ao almoxarifado.

— A última vez que o fodi, tive que mudar meu número porque não parava de explodir meu telefone — joga por cima do ombro.

Começo a rir e o olhar duro de Benny vem até mim. — Isso não é verdade — resmunga, deslizando para fora do banco do bar. — *Cazzo*...

Ele sai furioso atrás de Laurie e volto minha atenção para Nico. — Seu irmão é um idiota.

— Ele tem seus momentos. — Tira uma carteira do bolso. Imediatamente, sei que não é dele, porque as iniciais *BV* brilham em ouro sob as luzes embutidas. — Aqui. — Abre-a e tira um maço de notas. — Chame isso de compensação.

Resmungo, mas coloco o dinheiro no meu sutiã mesmo assim. — Você é uma má influência, Nico.

— Faça o que eu digo, mas não o que eu faço, *Little P* — retruca, com um brilho nos olhos cinza-tempestade. — Sério, no entanto. Sei que disse que não queria trabalhar em *Hollow,* mas se for demitida, tenho o emprego perfeito para você.

— Não mentirei para você. Sou *muito* ruim no trabalho de bar. — Mostro a ele a receita rabiscada em meu pulso com tinta borrada. — Viu?

— Posso dizer pela cor desse mojito. Não devem ser marrons, sabe? — Escorrega do banquinho e bate com o nó do dedo no balcão. — É algo que acho que achará muito mais interessante do que hospitalidade. — Olha para o celular em

sua mão. — Vejo-a na festa de Natal dos funcionários, certo? Podemos discutir mais então.

Com um aceno preguiçoso por cima do ombro, coloca o telefone no ouvido e desaparece na sala ao lado.

Digiro suas palavras. O que diabos poderia fazer em *Hollow* que não fosse hospitalidade? A cidade inteira é uma grande caverna cheia de jogos de pôquer e festas. A academia elegante também está lá, obviamente, mas nem mesmo terminei a escola, então duvido que pudesse trabalhar em uma.

Antes que possa colocar muito peso nisso, o telefone do bar toca. Distraidamente, levanto o fone e coloco-o entre a orelha e o ombro.

— Sim?

O sotaque aveludado de Raphael escorre pela linha e acaricia minha bochecha. — Ah, apenas a pequena incendiária que estava procurando.

Meu coração perde sua próxima batida, e agarro o receptor em uma tentativa de permanecer indiferente. — Mais uma vodca para o seu escritório, *chefe?* — Digo docemente. — Ou algum sábio para afastar os maus espíritos?

Um bufo de diversão estala na linha. — Não, Penelope. Apenas você.

Click. Com o estômago apertado, encaro o bocal, antes de colocá-lo de volta no gancho com um suspiro derrotado.

Raphael quer me ver em seu escritório? Isso não pode ser bom.

A tempestade implacável balança os corredores cor de creme e a chuva bate nas vigias como dedos desesperados por

minha atenção. Cada sala pela qual atravesso fica mais silenciosa em som e mais alta com expectativa nervosa.

Do lado de fora da porta do escritório de Raphael, respiro fundo e bato. Nenhuma resposta. Bato novamente com um pouco mais de força, mas o silêncio é inabalável. Ficando cada vez mais irritada, empurro meu ombro contra a porta e imediatamente me arrependo de minha pressa. O ar parece diferente aqui. Muito legal para o conforto; muito silencioso para a paz. De sua cadeira de couro atrás de sua mesa, a presença de Raphael vaza de seus poros perfeitos e envolve meu pescoço e pulsos como correntes revestidas de seda.

A autopreservação me faz agarrar a porta.

O *assobio* imaginário de uma mesa de roleta e o *clique-claque* dos dados me fazem chutá-la para fechá-la com o calcanhar do pé descalço.

— Queria me ver, chefe?

Iluminadas apenas pelo luar fragmentado abrindo caminho através do vidro manchado pela chuva, as linhas duras da forma de Raphael estão imóveis. Apenas seu olhar se move enquanto desliza da ficha de pôquer dourada em sua mão para o meu rosto. É tinta preta. Imoral. De repente, o silêncio tem um calor, digerindo o ar gelado e formando bolhas na minha pele.

Enrolo os dedos dos pés no carpete macio para evitar que me dobre.

— Gostaria de jogar comigo, Penelope?

Um jogo? — Que jogo?

— Cara ou Coroa. Os clássicos são sempre os melhores, não são?

Seus olhos brilham com diversão perversa, enquanto os meus lutam para transmitir indiferença.

Dou um passo à frente, fechando a distância entre mim e o perigo. — E a aposta?

Meu olhar rastreia sua mão enquanto alcança o copo de cristal sobre a mesa. Tanto o líquido claro quanto o mostrador de seu relógio de pulso brilham conforme toma um gole. — Você ganha, eu te beijo. Eu ganho, você me beija.

Minha mente não gosta da ideia com paixão. Com uma probabilidade de um em dois e um milhão de dólares de dinheiro inexistente em jogo, seria uma idiota se concordasse, não importa o quão quente o pingente em volta do meu pescoço chia.

Meu corpo, por outro lado...

O espaço entre minhas coxas pulsa com a ideia de ter seus lábios contra os meus. Minha boca saliva com a emoção de fazer uma aposta tão arriscada. Com uma névoa imprudente varrendo meus ossos e me estimulando, coloco minhas mãos em sua mesa e me inclino sobre ela.

— Qual é o truque?

Seu olhar é caloroso e sem remorso enquanto segue a curva da minha garganta e se acomoda no meu colar. — Sem pegadinhas.

— Então coroa nunca falha, baby.

Saiu da minha boca e vadeou pelo ar espesso entre nós antes que pudesse impedir. Ele continua a olhar para o meu colar, um sorriso lento e diabólico se estendendo em seus lábios. Essas covinhas se aprofundam com travessuras e algo grosseiro.

Meu coração bate acelerado enquanto tira uma moeda de sua calça. O sangue *jorra* em meus ouvidos conforme ele a equilibra na parte de trás do polegar.

Ele olha para mim rapidamente, e quando *se mexe,* sinto contra o meu clitóris. Tudo abranda, exceto meu pulso. *Uma volta. Duas voltas. Três.* Posso contar cada giro da moeda à medida que cai na mesa.

O barulho do cobre contra a madeira é ensurdecedor.

Cai entre o copo de vidro e um peso de papel. Prendendo a respiração, inclino-me e olho para ela. Raphael não se incomoda, apenas se recosta na cadeira, passa dois dedos nos lábios e me analisa para ver minha reação.

Coroa.

A mistura de excitação e alívio me invade tão violentamente que me dobra os joelhos e vibra na ponta dos meus dedos. Rindo loucamente, empurro a mesa e ando pelo escritório como se fosse meu. Não sei do que estou chapada; a ideia de se tornar um milionário cogumelo ou descobrir o gosto da língua de Raphael.

Inferno, quem estou enganando?

— Um *milhão de dólares.* Ufa. Talvez me compre um iate, ancore-o bem ali... — faço um gesto para o oceano escuro como breu além da janela — e aponte um feixe de laser para o seu escritório toda vez que estiver tentando trabalhar. — Minha mão desliza pela cortina de seda. — Ou compro todos os alfinetes de colarinho do mundo, então tem que voltar a usar gravatas velhas e chatas.

Eu me viro e encontro o olhar de Raphael. Está me observando com uma pitada de diversão, virando sua cadeira para me seguir enquanto ando em seu escritório mal iluminado.

— Onde quer me beijar, então? Acho que podemos fazer isso lá em cima, no cassino, para que todos saibam que é um grande perdedor. Ou... — Volto para as portas francesas e pressiono a mão contra o vidro manchado pela chuva. Solte um suspiro dramático. — Poderíamos fazer isso na chuva. Sabe, como a cena em *The Notebook*[24]*?*

— Nunca vi.

— Cristo, então nunca viveu. — Eu me viro novamente, a expectativa estampada em meu rosto. — Bem?

Ele finca o calcanhar no carpete e rola a cadeira alguns metros para longe da mesa. Sua mão bate duas vezes na borda. — Aqui em cima.

— O quê?

Ele inclina a cabeça, a piada brilhando atrás de seus olhos. — Pareço o tipo de homem que fica de joelhos, Penelope?

— E-eu não entendo.

Ele me olha por alguns instantes, como se estivesse bebendo da minha confusão para saciar seu próprio prazer. Então finge um olhar de surpresa.

— Não pensou que eu a beijaria na *boca,* não é? — Balança a cabeça enquanto desabotoa os punhos. — Ora, isso significaria que lhe devia um milhão de dólares.

Meus ouvidos zunem, então a percepção assenta como poeira em minha pele, esfriando o fogo sob ela. Meus membros ficam pesados e meu cérebro embaça.

— Você disse que me beijaria — sussurro, muito entorpecida para me importar com o quão choroso meu tom é.

— E vou.

— M-mas, disse que não havia pegadinha.

Ele franze a testa. — Não há. Eu disse, “se você ganhar, eu te beijo, e se eu ganhar, você me beija”. — Um brilho pecaminoso aquece seus olhos. — Não disse *onde.*

Com o coração palpitando, dou um passo para trás e pressiono minhas omoplatas contra o vidro. A condensação faz pouco para esfriar meu sangue ou trazer um argumento racional para o meu cérebro. Certamente, não quis dizer... *lá embaixo?* Meu olhar desliza para cima e se choca com o de Raphael, e entramos em uma nova batalha – uma de vontades.

Eu o encaro. Ele me encara.

Desde que pisei em *Coast* e desci aquelas escadas, Raphael e eu jogamos uma partida de xadrez. Ambos jogamos sujo e nenhum de nós gosta de perder. Agora, me encontrei sozinha no tabuleiro sem nem mesmo a porra de um peão para me proteger.

Que opções tenho? Ou vou até a sua mesa ou saio pela porta. E se eu escolher o último, não só a derrota me comerá de dentro para fora, mas esse idiota arrogante ganha duas vezes. Assim, dou os seis passos até a mesa de Raphael. Seus olhos escurecem para algo mais sinistro enquanto rastreiam meus movimentos. Eu me pergunto se pensou que eu escolheria a porta em vez de chamar seu blefe?

Enquanto minha bunda desliza sobre a borda de sua mesa, uma onda de nervos passa por mim, estabelecendo-se em um calor úmido entre minhas coxas. Minha respiração é mais alta do que a tempestade batendo nas janelas, e a cada segundo tenso que passa, ficam mais irregulares.

Raphael, por outro lado, é a definição do dicionário de frio. Inclina-se para trás, leva o copo de vodca aos lábios e avalia clinicamente a visão à sua frente por cima da borda.

Finalmente, coloca a bebida ao lado da minha coxa direita, o copo frio queimando minhas calças de trabalho.

Ele lambe os lábios. Encontra meu olhar desafiador. Então, com um suspiro que sugere que realizar essa aposta é tão emocionante quanto declarar seus impostos, se inclina para a frente.

Minha visão escurece quando passa as palmas das mãos na frente das minhas coxas e para em meus quadris. Engancha dois dedos indicadores na minha cintura, apertando minha calça e a faixa da minha calcinha. Pinta um sorriso digno de arrecadação de fundos de caridade que está em desacordo com o pecador que vive atrás de seus olhos.

— Posso?

Não é uma pergunta. Na verdade. Se fosse, ele teria esperado por uma resposta antes de puxar rudemente por minhas nádegas. Deslizam pelas minhas pernas como manteiga, mas apenas porque o choque me fez jogar as palmas das mãos para trás e arquear as costas.

Raphael leva seu tempo deslizando minhas calças sobre meus pés. Está parado e inexpressivo enquanto desembaraça minha calcinha do tecido e a segura entre o polegar e o indicador no espaço entre nós. Meu pulso pisca ao vê-lo *segurando* o pedaço de renda. Como se tivesse acabado de ter a inconveniência de encontrá-lo na lavanderia.

Ele passa os olhos pela calcinha. Engulo em seco. — Isso é altamente inadequado para o trabalho, Penelope.

A tensão em seu tom só faz minha pele queimar ainda mais. Em silêncio, ajeita minhas calças. Dobra-as ao meio no colo e ao meio novamente, depois as pendura na beirada da mesa ao meu lado. Depois, começa a fazer o mesmo com a minha calcinha. Cada movimento lento e suave que faz é mais um segundo de tortura suportada. É como se estivesse

evitando o inevitável, seja como um castigo para mim ou para si mesmo.

A antecipação está me deixando tonta e não aguento mais um segundo disso. Apoiando-me nos cotovelos, abro as coxas. Através de um olhar semicerrado, observo Raphael parar. Não tira os olhos da minha calça de trabalho, e o tecido delicado da minha calcinha desaparece dentro de seu punho.

Eventualmente, sem mover a cabeça, desliza o olhar entre as minhas pernas. Seus olhos escurecem e passa a mão pela garganta.

— Você é... — sua mandíbula cerra. — Natural.

Apesar da luxúria enlouquecedora crepitar em meu núcleo inferior, a irritação me preenche. Mantenho *bem conservado* lá, mas definitivamente não há calvície acontecendo. Não sei como não percebeu quando me dedilhou nas sombras do *Whiskey Under the Rocks.*

— Não exatamente. Problema?

Ele solta uma risada suave e amarga, como se pensasse que sou uma idiota.

— No sou um dos garotinhos que está acostumada a foder, Penelope.

Bem, só fodi dois garotos, nenhum dos quais fez *isso.* A lembrança de como é muito mais velho do que eu é intimidante, e minhas coxas se contorcem para se fecharem.

Ele pigarreia e rola a cadeira para ficar entre as minhas pernas. As mangas de seu paletó roçam minhas costuras internas, fazendo com que as paredes do meu estômago se contraiam. Estou queimando. Contorcendo-me sob a intensidade de seu olhar, sob o peso do silêncio. Volto minha atenção para o teto em uma tentativa de desacelerar minha respiração.

Quando Raphael fala, seu hálito quente fazendo cócegas no meu clitóris faz meus olhos quase rolarem para trás da minha cabeça. *Está tão perto.*

— Já está molhada — diz, tom sem emoção.

Jesus, o que há com todas essas declarações observacionais? Este é outro método de tortura do qual não ouvi falar?

Aperto meus molares e finjo tédio. — Tenho vinte e um anos; estou sempre molhada.

Um silvo tingido de vodca crepita contra meu clitóris. *Cristo.* — Molhada, para *quem,* Penelope?

Absorvo o aborrecimento em seu tom. Depois da tática suja que usou para me colocar nessa posição, deveria sentir pelo menos uma fração do meu desconforto. — Qualquer homem gostoso que pisar no barco.

Ele murmura algo em italiano baixinho, então agarra ambos os meus tornozelos e força meus pés para cima da mesa, depois meus calcanhares pressionam a parte de trás das minhas coxas. O movimento me atordoa, desliza minhas costas meio metro na superfície de madeira e joga papéis em cascata no chão.

Espero que tenham sido importantes.

Fechando meus punhos contra meus lados, aperto minhas omoplatas e tento enfrentar o rubor ardente que se espalha por cada centímetro da minha pele. No sul, uma brisa fresca combinada com uma respiração quente me lembra como estou exposta.

Sem aviso, sua boca aperta meu clitóris, sua língua achata sobre o feixe de nervos ali, e ele *chupa.*

Devagar. Desleixadamente. É um movimento tão contrário à sua imagem sedosa que a torna dez vezes mais sexy. Meu sangue queima tão quente que se transforma em vapor, chiando pelo meu corpo e contorcendo-o de uma forma que só a luxúria pode fazer. Minha coluna se dobra e meus quadris se inclinam. Minha garganta se abre para deixar escapar um suspiro estrangulado.

E então ele se afasta. É o instinto que me impulsiona a ficar de pé e agarrar seu cabelo para segurá-lo no lugar. Inclina o queixo, meus sucos brilhando na fenda, e encontra meu olhar enlouquecido.

Ele lambe os lábios. — Sim?

Olho para ele, mal conseguindo pensar sobre a batida na minha boceta. Sua respiração diminui a cada segundo silencioso e seus olhos ficam mais quentes com um desafio.

— Algo que queira dizer, Penelope? — Murmura.

Sim. Quero implorar para não parar. Quero implorar a ele que jogue aquela moeda novamente e espero ganhar outra rodada, mas nada disso sairá de meus lábios sem uma arma apontada para minha cabeça. Porque tudo isso requer *implorar.* Ele já está ganhando; estou nua da cintura para baixo em sua mesa, pelo amor de Deus.

Preciso nivelar o campo de jogo. Talvez seja a luxúria me deixando louca, ou talvez esteja amarga por ele ter me roubado dois orgasmos no espaço de vinte e quatro horas, por isso faço o que ele fez comigo.

Seu olhar rastreia minha mão enquanto a desenrolo de seu cabelo e a deslizo sobre meu osso púbico. Seguro minha boceta. A compreensão varre lentamente seu rosto, extinguindo todo o triunfo por trás de seus olhos. Quando enrolo dois dedos dentro de mim, um som embaraçoso *de*

esmagamento chamando a atenção para a minha umidade, ele agarra o interior da minha coxa e observa com fascínio.

— Penelope…

— É um homem mau, Raphael — digo, aprofundando meus dedos em minha entrada. — E sabe o que acontece com os homens maus?

Seus ombros enrijecem, e com uma respiração estável, relutantemente traz seus olhos para os meus. Reconhecendo suas próprias palavras da noite passada, um sorriso demoníaco rasteja em seus lábios.

Ele sabe o que está por vir.

Ele não me afasta quando coloco minha mão livre na base de seu pescoço. Não balança a cabeça quando puxo meus dois dedos da minha boceta e lentamente esfrego meus sucos sobre seu lábio inferior.

Seu gemido é gutural, esfriando meus dedos enquanto cubro sua boca com minha umidade. Cristo, nunca mais poderei me olhar no espelho e tentar me convencer de que sou uma dama. É tão animalesco. Tão depravado. Algo que apenas a luxúria e o rancor enlouquecedores poderiam levar alguém a fazer.

— Nunca ganham — sussurro.

Com um *flash* de seu anel de citrino, agarra meu pulso, interrompendo meus movimentos enquanto traço seu lábio inferior novamente. Ele me segura lá, depois com um olhar preguiçoso e semicerrado, me observa conforme desliza meus dedos em sua boca, sugando todos os meus sucos até ficarem limpos.

Em meu estado descuidado, solto um gemido ao vê-lo. Ele parece tão depravado quanto eu. Como se a alfaiataria sob medida e o ouro e o corte de cabelo perfeito não fossem mais

grossos o suficiente para esconder o monstro que mora dentro. Uma vez que lambe meus dedos limpos, captura seu lábio inferior em sua boca e alisa a frente de sua calça.

— Volte ao trabalho, Penelope.

Enquanto seu rosto é inexpressivo, seu tom soa quase derrotado. Acho que ganhei aquele jogo. Não? Ou talvez ambos sejamos apenas perdedores.

Independentemente disso, não protesto. Se não sair da escuridão deste escritório agora, temo que nunca mais verei a luz. Coração e clitóris pulsando em uma batida fora de ordem, deslizo para fora da mesa e pego minhas calças.

Meu olhar cai para o punho de Raphael cerrado contra sua coxa. A faixa da minha calcinha de renda espreita por cima.

— Posso…?

Seu aperto aumenta. — Não. — Lanço meu olhar para o dele. — Agora, é minha.

A intoxicação gira através de mim, varrendo todas as réplicas sarcásticas. Em vez disso, coloco minhas calças, sem minha calcinha, sabendo que a umidade entre minhas coxas ficará comigo pelo resto do meu turno.

Eu me movo para a porta com as pernas instáveis, desejando não olhar para trás, porque não tenho certeza se serei capaz de lidar com o que vejo sentado atrás da mesa.

Na luz da ponte, soltei um suspiro trêmulo.

Atrás de mim, a porta do escritório se tranca.

Duas vezes.

32

Rafe

Meu carro está camuflado por aquele tipo de quietude que só existe depois das três da manhã. Lá fora, os primeiros flocos de neve se depositam no capô e o gelo se espalha como veias de aranha ao longo do para-brisa, mas por dentro, o calor brota do corpo adormecido de Penelope e preenche o espaço com um calor sonolento.

Quando pisquei meus faróis contra a janela da sua sala à uma da manhã, foi como uma vingança. Passei a noite inteira com o pau latejando e só conseguia pensar no que havia começado em meu escritório e se havia espaço suficiente para terminar no banco de trás. Agora sei qual é o gosto da sua boceta, a vontade de prová-la de novo era enlouquecedora. Sua calcinha molhada em volta do meu pau não iria cortá-lo, porque aquela merda que disse sobre estar sempre molhada só me irritou. Tinha planejado puni-la por me fazer pensar nisso a noite toda, mas então ela saiu de seu prédio segurando duas xícaras de chocolate quente, seu pijama aparecendo por baixo de sua jaqueta. Deslizou para dentro do meu carro, me entregou um copo em silêncio, depois bebeu o dela enquanto olhava sonolenta para o painel.

A dor passou da minha virilha para o meu peito e preencheu o buraco negro ali. Estava cheio de uma satisfação perversa e, pela primeira vez, não vinha de ganhar uma aposta insignificante. Ela estava confortável aqui, no meu carro, ao meu lado, com o cabelo preso no alto da cabeça e o rosto sem maquiagem. Foi com uma doçura doentia que

percebi que ela procurava o calor do meu carro para fazer a coisa mais vulnerável que um ser humano pode fazer: dormir.

Minha satisfação foi misturada com desconforto, mas ainda assim, dirigi por *Devil's Dip* com o aquecedor no máximo até que ela roncava sob o cobertor que comprei para ela. Desci ao porto para verificar os esforços de reconstrução, antes de dirigir até Hollow para discutir os planos da véspera de Ano Novo com Cas e Benny. Agora, estou estacionado em frente à antiga igreja de meu pai, combatendo incêndios por e-mail. O brilho da tela do meu MacBook está reduzido ao máximo e estou tentando não bater nas teclas.

Eu riria sem acreditar se tivesse certeza de que isso não acordaria Penelope. Se meus parceiros de negócios pudessem me ver agora, dirigindo minha empresa multibilionária debruçado sobre o volante, pensariam que perdi o rumo.

Perdi.

Meu celular vibra no console central, interrompendo o silêncio. Com um olhar cauteloso na direção de Penelope, o pego para silenciá-lo, mas congelo quando vejo o nome na tela.

Gabe.

Meu irmão nunca me liga; também não me envia mensagens. Nosso histórico do *iMessage* é composto por caixas azuis e recibos de leitura. Envio uma mensagem, ele aparece, e sempre foi assim.

Apesar do meu coração disparar, diminuo meus movimentos para sair do carro. Fecho a porta atrás de mim com um *clique suave* e esmago a neve fresca para chegar à beira do penhasco.

— O que é que você fez?

— Por que está sussurrando?

Reviro os olhos para o Pacífico. — São quatro da manhã, irmão. As pessoas sussurram a esta hora da noite. O que tem?

A linha fica silenciosa por um momento. Eu me viro e, através do granizo, vejo Griffin saindo de seu Sedan blindado. Rasteja em minha direção e levanta o queixo, perguntando silenciosamente se há algum problema. Eu o dispenso com um aceno de cabeça.

— Do que precisa, Gabe? Atenção médica? Um advogado? Um ombro onde chorar? — Corro minha mão pelo meu cabelo. — Foda-se, por favor, não deixe que seja um ombro para chorar.

— Encontre-me onde penduramos o velho MacDonald.

A linha fica muda.

Olho para o meu celular até que se bloqueie devido à inatividade. *Ele está falando sério?* Crescendo, o velho MacDonald era nosso apelido para o zelador assustador da *Devil's Coast Academy*. Sempre pensamos que havia algo de errado com ele, mas foi confirmado quando, um domingo, entrou no confessionário de nosso pai e admitiu que havia tocado uma das meninas da escola debaixo das arquibancadas. Naturalmente, nós o escolhemos como nosso pecador do mês. Nós o penduramos em um velho carvalho em *Hollow*, mas só depois que Angelo quebrou seu pescoço.

Ele queria saber como era.

Olhando pelo para-brisa de Griffin, aponto um dedo na direção de Hollow. Ele acena com a cabeça e o motor de seu carro ganha vida.

Dirijo devagar, apenas tirando minha mão da coxa coberta de cobertor de Penelope quando chegamos à estrada *Grim Reaper*. Pouco mais do que uma faixa de asfalto cortada

na curva da falésia, é um percurso bastardo em óptimas condições, quanto mais durante a primeira neve da temporada. Xingo Gabe baixinho por me fazer descer no meio da noite com Penelope no carro. A estrada afunila em terreno rochoso e ravinas, e quando o carvalho aparece, desligo o motor e solto um assobio baixo.

Que porra está jogando, Gabe? Estou prestes a perguntar a ele por mensagem de texto quando uma sombra se movendo entre os arbustos grossos que revestem a estrada chama minha atenção. Gabe caminha sob o feixe de meus faróis, sem camisa e coberto de sangue.

A inquietação acelera minha pulsação, pego a Glock no bolso da porta lateral e pulo para fora do carro.

— *Dio mio, cazzo. Cosa è sucesso? — O que aconteceu?*

Seu olhar preguiçoso cai para a minha arma. — Não é meu — é tudo o que resmunga, antes de desaparecer de volta nos arbustos.

Minha respiração de aborrecimento sai em um sopro branco e se mistura com a neve que cai. Mantendo meus olhos fixos em Penelope dormindo do outro lado do para-brisa, volto para o meu carro. Deixei a porta aberta, porque sabia que se a fechasse, bateria. Eu me agacho no banco do motorista e a estudo.

Os fios ruivos escaparam de seu prendedor de cabelo e se espalharam sobre o travesseiro como uma auréola de cobre. Meu olhar percorre sua pele pálida - o rosa perfeito do calor de seu aquecedor - e então cai para seu biquinho rechonchudo, repartido em doce serenidade. Porra. Um cabo de guerra se desenrola dentro do meu peito, uma luta entre a lógica e a superstição.

A lógica me diz que um milhão de dólares não é nada.

A superstição me diz para chutá-la para o meio-fio e ir embora.

Eu me contento em limpar a mancha de chocolate quente de seu queixo com o polegar e ajeito o cobertor ao seu redor.

Levantando seu assento aquecido, fecho a porta silenciosamente e sigo para o carro atrás. A expressão nada divertida de Griff aparece quando abaixa o vidro.

— Estamos filmando o novo *Blair Witch Project*[25]*?*

Ignoro sua boca espertinha e jogo minhas chaves em seu colo. — Cuidado com o meu carro.

Ele me encara por alguns instantes. É o tipo de olhar que transmite que está cansado da minha merda e gostaria que eu voltasse para Las Vegas, onde as únicas coisas com as quais tinha que se preocupar eram os criminosos de colarinho branco e o ocasional idiota oportunista.

No entanto, é o porra no banco do passageiro que fala primeiro. — Cuidado com seu carro, ou com a sua garota?

Meus olhos deslizam para cima para encontrar o sorriso comedor de merda de Blake. Sabe o quê? O garoto está tocando no meu último nervo por muito tempo. Dou a volta no carro, abro a porta e agarro seu colarinho. Seu suspiro desliza sobre minha manga, e estaria mentindo se dissesse que não gostei do medo em seus olhos.

— Respire perto da garota e será a última respiração que dará — digo calmamente.

O olhar perplexo de Griffin queima minhas costas enquanto sigo meu irmão rebelde para os arbustos.

Está esperando em uma clareira, fumando um cigarro. Lanço um olhar de desgosto para seu torso, com músculos duros e tinta pintada de vermelho. Dou um passo para o lado,

não querendo colocar essa merda no meu novo casaco de lã. — Roupas realmente não lhe agradam, hein?

Ele não responde. Caminhamos sob a neve e o silêncio pesado, a luz do meu telefone e o ocasional aviso áspero de Gabe — Toco de árvore. Raiz. Vala — guiando-me. Quando as árvores diminuem na borda de uma ravina íngreme, meus *wingtips* param lentamente.

— Não descerei lá.

— Preocupado que estragará seu terno?

— Sim, de fato.

O olhar de Gabe pisca em preto. — Você descerá por ela, ou vou pendurá-lo no meu ombro e carregá-lo como uma cadela.

— Lembre-me de novo como somos parentes?

Ele resmunga divertido e, provavelmente sabendo que levaria um soco rápido nas bolas se tentasse fazer o bombeiro me carregar pela lateral da margem, começa a descer.

A alfaiataria italiana que se dane. Meus sapatos de couro afundam na lama gelada e meu casaco se desfaz ao se prender nos galhos na descida. No fundo, viramos à direita, seguindo a ravina congelada rio acima. Bem à nossa frente, a boca de uma caverna se alarga a cada passo até que seu vazio negro nos engole.

A escuridão vem com um novo frio úmido. Aumento o brilho da luz do meu telefone e sigo o som dos passos pesados de Gabe enquanto segue à minha frente. Nós nos abaixamos sob uma pequena depressão no teto e, quando me endireito do outro lado, um rock pesado flutua na escuridão e toca as conchas congeladas dos meus ouvidos.

— Se você decidiu entrar no espaço peculiar do entretenimento sem me consultar, ficarei chateado, irmão.

Uma virada no canto, depois um brilho quente lava a escuridão. Há um calor nele e uma cintilação sinistra enquanto dança contra as paredes da caverna. Ao entrarmos em um espaço cavernoso, percebo que vem de uma fogueira. Apesar do calor, meu sangue gela.

— Que porra é essa, Gabe?

Sem dizer nada, meu irmão caminha em volta da fogueira e se joga em um sofá surrado encostado em uma parede escarpada.

— É tecnicamente Dip. A entrada é apenas em *Hollow*.

Minhas pálpebras se fecham. O homem está louco se pensa que estou falando sobre limites de território e não sobre o cara amordaçado e amarrado a uma cadeira do outro lado do fogo.

Desabotoando minha jaqueta, varro a surpresa da minha mente e entro no modo de consertar. Sou bem versado em controle de danos, especialmente quando se trata de meus irmãos idiotas. Só no mês passado tive que voltar de Las Vegas para resolver a bagunça que Angelo fez quando explodiu o carro do tio Al.

Primeiro passo: avalie o dano. Passo um dedo no alfinete do meu colarinho e olho objetivamente para a caverna. O sofá de couro rachado em que meu irmão está sentado. O enorme armário de metal com fechadura e corrente prendendo as alças. O homem suado murchando em cordas.

Seu olhar encontra o meu, o desespero tingindo o medo dentro dele. Essa é a coisa sobre meus belos ternos e barba feita. Fazem exatamente o que devem: enganam as pessoas fazendo-as acreditar que sou um cavalheiro.

Desvio o olhar.

— É tarde demais para pagá-lo. Basta colocar uma bala na cabeça dele; os ursos terão seu corpo pela manhã.

Com um sorriso preguiçoso, Gabe se recosta e acende outro cigarro. — Não terminei com ele.

— Para que diabos precisa de mim, então? — Olhamos um para o outro, a música rock ricocheteando nas paredes e martelando em meus ouvidos. — Desligue essa merda — retruco. — Não consigo me ouvir pensar.

Gabe chuta o *subwoofer* a seus pés, e o barulho estala até parar. — Esse é o seu problema. Você *pensa.*

Ignoro sua zombaria habitual sobre eu ficar sentado atrás de uma mesa durante quarenta por cento do meu dia e passo a mão sobre a caverna. — Porque aqui?

Com um grunhido, Gabe enfia o cigarro na curva da boca e se move em direção ao seu prisioneiro. Não sei há quanto tempo está à mercê de meu irmão, mas, a julgar pela queda de sua cabeça e pela quantidade de sangue no torso de meu irmão, não demorará muito.

Ele se encolhe quando o corpo de Gabe lança uma sombra negra sobre seus ombros, mas não tem energia para fazer muito mais. Isso muda quando Gabe joga a cabeça para trás, tira o cigarro da boca e o enfia no olho do homem. De repente, reúne energia para encher a caverna com um grito ensurdecedor.

O olhar enlouquecido de meu irmão encontra o meu. — Gosto da acústica.

Cristo.

Nunca me perguntei de onde tira sua escuridão; corre por nós três como uma fita extra de DNA. Não, só me perguntei

por que escondo o sadismo. Angelo tentou fugir dele, mas Gabe decidiu há alguns anos que mergulharia de cabeça na dele, como se estivesse desesperado para descobrir o que há no fundo.

— Quem é ele?

— Um de nós.

Franzo a testa. — Um *made man*?

— Um Visconti. Um de nossos primos distantes da Sicília. Dante trouxe um barco cheio deles para ajudá-lo.

Corro minha língua sobre meus dentes, aborrecimento queimando dentro de mim. — Não está cumprindo o plano, Gabe. Dissemos *sutil.* Isso não parece um movimento de xadrez.

Seu rosto é inexpressivo enquanto olha para o fogo. — O xadrez me entedia, e coisas ruins acontecem quando estou entediado.

Deixei escapar um bufo sardônico. Com minha mente vagando para fora da caverna e até Penelope no carro, aliso a mão na minha camisa e vou direto ao ponto. — Pensei que precisava de ajuda. Você só me trouxe aqui para uma reunião de família?

— Não, para algum alívio.

— O quê?

Ele acena para a parte de trás da cabeça do homem. — Sua vida perfeita foi uma merda. Dê um jeito em si mesmo.

Olhamos um para o outro sobre chamas raivosas e uma testa encharcada de suor enquanto a compreensão me preenche.

— Está falando sério.

Ele apenas olha de volta.

Diversão e descrença inclinam os cantos dos meus lábios; limpo ambos com a palma da minha mão. — Você é louco, mas já sabia disso. — Quando não responde, ergo minhas mãos, exibindo meus dedos imaculados; a única parte da minha fachada que não consigo arrancar no final do dia. — Não é realmente minha coisa, irmão.

Ele concorda. — Não esqueci, menino bonito. — Seus passos ecoam no teto escarpado enquanto cruza até o baú, puxa uma chave do bolso de trás da calça jeans e a abre.

Dividido entre o desgosto e o fascínio mórbido, aproximo-me e avalio as fileiras de ferramentas. À primeira vista, parece um kit de tortura bastante comum, mas quando pego as coisas para sentir o seu peso na palma da mão, percebo... modificações. Machados com três lâminas. *Nunchucks* enrolados em fio elétrico. Com um pequeno aceno de cabeça, olho para o meu irmão. — Jura?

Ele não responde. Passo o dedo na lâmina do cutelo. Seu cabo foi removido e substituído pelo corpo de uma chave de fenda elétrica. Enquanto minha mente trabalha para juntar as peças da mecânica disso, algo amargo e venenoso sai de debaixo da descrença, subindo à superfície da minha pele e se estabelecendo lá.

Não posso mentir; seria revigorante sentir um grito torturado em meus ouvidos. E jogar um pouco de peso liberaria um pouco da tensão em minhas costas, tenho certeza. Além disso, nosso jogo de *Sinners Anonymous* não será tão satisfatório este mês, agora que Angelo envolveu sua esposa pregadora do *PETA*[26].

Lambendo meus lábios, recoloco a estranha engenhoca de açougueiro e pego algo mais atemporal - um martelo. Sempre foi minha arma de escolha. A alça não apenas cabe

confortavelmente na palma da minha mão, mas o seu comprimento tem uma ótima maneira de me separar de tudo o que está quebrando embaixo dela.

Deixo-o cair na bancada e tiro o alfinete do colarinho. Desabotoo minha camisa e dobro-a cuidadosamente sobre o braço do sofá.

— Melhor não contarmos a Vicious sobre isso.

Gabe se encosta na bancada de trabalho e acende outro cigarro. — Melhor não dizermos.

Metal raspa em metal quando pego o martelo e me viro para a fogueira. Calor, suor e gemidos preventivos dançam por cima dele. Suas chamas roçam meu bíceps enquanto o contorno e, antes que esses gemidos se transformem em gritos, *AC-DC* enche a caverna novamente.

O gosto musical de Gabe pode ser desagradável, mas com certeza é adequado.

* * *

O amanhecer está se infiltrando na boca da caverna no momento em que partimos. A luz fria luta por entre as árvores e os pássaros gorjeiam no alto. É desorientador e, de repente, entendo por que Gabe desaparece por semanas seguidas. Ossos quebrando e súplicas gorgolejantes parecem engolir horas inteiras.

O vento gelado esfria o suor sob minha camisa. Meus olhos caem para o torso nu do meu irmão ao meu lado, o sangue endurecendo agora um marrom enferrujado. Sua aparência parece ainda mais obscena à luz fria do dia, e não será um bom presságio para a estética da família se algum

morador local dirigindo seu trajeto matinal o vir em toda a sua glória violenta e nua.

— Parece o vilão de um filme de terror dos anos 90 — resmungo, endireitando meu colarinho. — Não me siga até a estrada.

Há um passeio fácil em seu passo, como se ele caminhasse por ravinas cobertas de neve durante o sono. — Não gostaria de arruinar sua reputação de cavalheiro — diz secamente.

— Um de nós tem que manter a aparência.

— Hum, mas qualquer pessoa com meio cérebro perceberia que, se você se deitar com cachorros, acordará com pulgas.

Eu solto uma risada. — Ainda bem que ninguém em *Coast* tem meio cérebro, então.

Ele reduz a velocidade para parar a poucos metros do mato que margeia a estrada e corre um olhar indiferente para os botões da minha camisa e a prega frontal afiada da minha calça.

— Se serve de consolo, não parece que acabou de abrir o cérebro de um homem com uma garra de martelo e depois o chutou para o fogo.

Devolvo um sorriso. — Acho que pode ser a coisa mais legal que já me disse, irmão. Talvez estejamos nos unindo.

— Talvez você tenha inalado fumaça. — Ele me observa por um momento. — Sente-se melhor?

Foda-se sim, sinto. Há um zumbido no meu sangue e uma leveza no meu peito. Apesar da dor entre minhas omoplatas e do fino véu de suor cobrindo minha pele, meu terno se ajusta

um pouco melhor agora. Como se o monstro embaixo tivesse perdido um pouco de volume e fosse mais fácil de esconder.

Claro, Gabe recebe uma resposta muito mais simples. — Sinta-se bem.

Seu olhar desliza por trás da minha cabeça e escurece. — O que tem no seu carro?

É uma pergunta simples, mas porque sei a resposta, isso deixa meus músculos tensos.

Penelope.

Eu me viro e o zumbido no meu sangue instantaneamente fica estagnado.

Violência, impulsão. Traços venenosos que pertencem aos ossos de meus irmãos e não aos meus piscam minha visão. Atravessei os arbustos em direção a Blake.

O filha da puta não me vê chegando. Está muito ocupado parado na janela do lado do passageiro, com as mãos cobrindo os olhos contra o vidro.

Raiva. Determinação. Um farfalhar do meu casaco e as pontas dos meus dedos estão roçando o punho da minha arma, mas não encontram apoio. Em vez disso, se enrolam na palma da minha mão e formam um punho que recua e corta o último fio da minha compostura.

Dor. Satisfação. Meu soco se conecta com sua bochecha e quando ele cai, cai em câmera lenta, dando àquela vozinha nas sombras do meu cérebro tempo para sussurrar, *um soco é o suficiente.* Posso me recuperar de um soco. São apenas seixos sob os pés se espalhando pela beira do penhasco; não há necessidade de jogar meu corpo sobre ele também, mas diga isso ao meu punho esquerdo. Encontra sua mandíbula no caminho para baixo, jogando seu pescoço para trás e me dando uma visão completa do pânico em seus olhos.

Gratificação. Delírio. A maneira como seu crânio quica na estrada gelada só me estimula. Eu o seguro pela gola de sua camisa de poliéster. Outro soco corta a pele dos meus dedos e, bem, sei que não há como voltar atrás agora. O próximo golpe causa um *estalo* que parece irreparável, e qualquer homem com um pingo de esportividade deixaria por isso mesmo - não é uma luta justa. Nunca foi, mas sob o céu sereno do amanhecer, não sou um homem. Sou um animal de terno muito bonito, protegendo o que é dele.

A defesa de Blake caiu quando o fez, e não são os rugidos de protesto de Griffin que me param, ou o coro de meus homens resmungando palavrões, mas o forte aperto de meu irmão em meu ombro.

— *Basta* — é tudo o que ele diz. *Basta.*

Deixo o corpo sem vida cair e olho para os nós dos meus dedos.

Irreversível. Sem remorsos.

Minha respiração irregular queima meus pulmões e inclino meu queixo para o céu cinza-pérola. Se Mama pudesse me ver agora, seu filho falastrão usando os punhos e não as palavras. E para quê?

Quando meu olhar cai, pousa em outro.

Azul. Insondável.

— Vá — diz meu irmão. — Terminarei isso.

Não tiro os olhos de Penelope. Não consigo. Não quando passo por cima de uma poça de sangue fresco, nem quando Griffin sussurra — o que você fez? — toca meus ouvidos enquanto puxo a porta do carro e a fecho atrás de mim.

Seis pares de olhos me encaram pelo para-brisa. Nenhum deles é dela, por isso nenhum deles importa. Coloco o carro

em marcha e não me preocupo em olhar por cima do ombro enquanto dou a ré.

Seu olhar arde em minhas mãos ensanguentadas ao redor do volante. — Que porra é essa, Rafe?

Rafe. É a primeira vez que ela me chama pelo apelido. Gosto da maneira que também diz isso. Com o choque marcado por uma borda ofegante. Isso faz com que minhas pálpebras fiquem fechadas por mais tempo do que o seguro ao dirigir a 130 quilômetros por hora em uma estrada rural.

Não respondo. Em vez disso, olho para a estrada à frente e penso no momento em que pensei pela primeira vez que a ruiva com o vestido roubado poderia ser a Rainha de Copas. Era a noite de núpcias do meu irmão, e a explosão no porto acabava de iluminar o céu noturno de laranja. Eu me perguntei, embora não seriamente, se este era o começo da minha queda, como seria lá embaixo. Acontece que está cheio da respiração pesada de Penelope, seu perfume cítrico e o som de *White Christmas* de *Bing Crosby.*

Tranquilidade. Aceitação. Uma calma toma conta de mim e expiro com facilidade. É reconfortante, suponho, saber que caí no fundo e não posso cair mais.

Os olhos de Penelope seguem o rio vermelho que escorre pelas costas da minha mão até desaparecer sob o punho da minha camisa.

— Onde vamos? — Murmura.

Minha mão desliza para fora do volante e encontra seu joelho.

— Casa, Queenie.

Continua...

Notas

[←1]

-Marca de relógio.

[←2]

- Cidade do pecado.

[←3]

- Conselheiro do Don da máfia italiana.

[←4]

-É um membro de patente alta na hierarquia. Está abaixo do subchefe, do Don, e do Consigliere. Na máfia americana são todos made man que lideram grupos de soldados e associados.

[←5]

-Leigos, iniciantes.

[←6]

-Empresa que desenvolve sistemas codificados de organizações de cores, também se envolve em consultorias de cor e cria tendências.

[←7]

-É um prêmio acumulado em máquinas de cassino ou em sorteios de loterias, onde o valor do prêmio aumenta sucessivamente com cada jogo efetuado e não contemplado com o prêmio máximo.

[←8]

-Imposto aplicado sobre consumo.

[←9]

-Expressão utilizada para o ato de enganar, roubar ou bater carteiras.

[←10]

-Personagem título do livro “O Grande Gatsby” de F. Scott Fitzgerald, publicado em 1925. Adaptado algumas vezes para a TV, sendo a última interpretado por Leonardo Di Caprio.

[←11]

-Raça de cachorro.

[←12]

-Ela compara a caxemira (tipo de lã macia, muito fina e felpuda), ao sotoque dele.

[←13]

-É um alimento japonês.

[←14]

-Idiota em inglês é “ass”.

[←15]

-Pequena entrega de bagunça sexy.

[←16]

-15 mil dólares.

[←17]

-Reformadora social inglesa e fundadora da enfermagem moderna.

[←18]

- “comprar” o processo de entrar em um torneio que exige pagamento adiantado, como o pôquer.

[←19]

-Site de turismo.

[←20]

-Ele faz um trocadilho com o apelido dela Penny, que em inglês que se refere a dinheiro, moeda, vintém, centavo.

[←21]

-Filme estadunidense de comédia musical de 2012, com Anna Kendrick, Rebel Wilson e Elisabeth Banks. No Brasil ficou conhecido como: “A Escolha Perfeita”.

[←22]

-Filme de comédia estadunidense de 1997, com Mira Sorvino e Lisa Kudrow.

[←23]

-Aqui ela faz um trocadilho com vômito e o biscoito.

[←24]

-Filme estadunidense de 2004, adaptado do livro de Nicolas Sparks, com Ryan Gosling, Rachel McAdams. No Brasil, “Diário de uma Paixão”.

[←25]

-Filme estadunidense de terror/lenda urbana de 1999. No Brasil, “A Bruxa de Blair”.

[←26]

- Sigla para People The Ethical Treatment Of Animals, organização não governamental estadunidense, dedicada aos direitos dos animais.